


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

VIVIAN CARNEIRO LEÃO SIMÕES

QVOD ERAT DEMONSTRANDVM
Os *Exempla* no discurso gramatical de Mário Vitorino e Élio Aftônio

ARARAQUARA – SP
2014

VIVIAN CARNEIRO LEÃO SIMÕES

QVOD ERAT DEMONSTRANDVM

Os *Exempla* no discurso gramatical de Mário Vitorino e Élio Aftônio

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre.

Linha de pesquisa: Teoria e crítica da poesia

Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado

Bolsa: Capes/CNPq

ARARAQUARA – SP
2014

Simões, Vivian Carneiro Leão

Quod erat demonstrandum : os exempla no discurso gramatical de
Mário Vitorino e Élio Aftônio / Vivian Carneiro Leão Simões – 2014
188 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e
Letras (Campus de Araraquara)

ORIENTADOR: JOÃO BATISTA TOLEDO PRADO

1. Língua latina -- Gramática. 2. Língua latina -- Métrica e ritmo.
3. Literatura latina. I. Título.

Vivian Carneiro Leão Simões

QVOD ERAT DEMONSTRANDVM

Os *Exempla* no discurso gramatical de Mário Vitorino e Élio Aftônio

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre.

Linha de pesquisa: Teoria e crítica da poesia
Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado
Bolsa: Capes/ CNPq

Data da Defesa: 22 de abril de 2013

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado
Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras,
Câmpus de Araraquara.

Membro Titular: Prof. Dr. Brunno Vinicius Gonçalves Vieira
Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras,
Câmpus de Araraquara.

Membro Titular: Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos
Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, São Paulo.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

VIVIAN CARNEIRO LEÃO SIMÕES

QVOD ERAT DEMONSTRANDVM

Os *Exempla* no discurso gramatical de Mário Vitorino e Élio Aftônio

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Mestre.

Linha de pesquisa: Teoria e crítica da poesia

Orientador: Prof. Dr. João Batista Toledo Prado

Bolsa: Capes/CNPq

ARARAQUARA – SP

2014

RESUMO

Caio Mário Vitorino, africano de origem, ensinou retórica em Roma no tempo do imperador Constantino; teria chegado ao apogeu de sua carreira como rétor de Roma entre os anos 350 e 355 d. C. Sua evidência materializou-se por meio de uma estátua junto às de grandes outros imperadores e funcionários do alto escalão no Fórum de Trajano. Sobre Élio Aftônio, contemporâneo a Mário Vitorino, pouco se sabe a respeito de sua biografia e poucos registros restaram de comentários às suas obras. É atribuída a ambos os gramáticos a autoria dos *Marii Vitorini Artis Grammaticae Libri IIII*, os “Quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical”, o manual técnico, acerca das modalidades técnicas métricas para a composição artística de poemas, sobre o qual este estudo se debruça.

Depois de pesquisa bibliográfica a respeito da fortuna crítica dos autores, a atenção do estudo recaiu sobre a análise do manual técnico, o *Ars Grammatica*, presente no volume VI dos *Grammatici Latini*, texto editado e compilado pelo filólogo alemão Heinrich Keil, em 1860, e, especialmente, dos *exempla*, ferramenta presente no discurso gramatical que, na obra, foi o suporte para que se discorresse sobre a flexibilidade da métrica na poesia latina, para a elaboração de poemas. Concluídas as considerações sobre os *exempla*, elaboraram-se notas explicativas para as lições poéticas, bem como uma introdução em que se apresentaram os autores e sua obra.

Palavras-chave: Gramática latina. Métrica latina. Tradição literária. *Marius Victorinus*. *Aelius Festus Aphthonius*.

RÉSUMÉ

Caius Marius Vitorinus, africain d'origine, a enseigné la rhétorique à Rome au temps de l'empereur Constantin ; il serait arrivé à l'apogée de sa carrière comme rhéteur à Rome entre les années 350 et 355 d. C. Son évidence s'est matérialisée par une statue auprès celles des grands empereurs et des fonctionnaires de plus haute poste sur le Forum de Trajan. Quant à Élio Aftônio, contemporain de Mário Vitorino, peu se peut savoir à propos de sa biographie et ceux d'enregistrements sont resté avec des commentaires sur ses œuvres. C'est attribuée à tout les deux grammairiens la création des *Marii Vitorini Artis Grammaticae Libri IIII*, les «Quatre livres de Mário Vitorino sur l'Art Grammatical », le manuel technique, auprès des modalités techniques métriques pour la composition artistique de poèmes, sur lequel se penche cette étude.

Après une recherche biographique auprès d'une fortune critique des auteurs, l'attention de l'étude centre sur l'analyse d'un manuel technique, l' *Ars Grammatica*, présent au volume VI des *Grammatici Latini*, texte réuni par le philologue allemand Heinrich Keil, en 1960 et, spécialement, sur les *exempla*, qui sont un outil présent au discours de la grammaire que, dans l'oeuvre, est le soutien pour que s'analyse la flexibilité de métrique dans la poésie latine, pour organiser les poèmes. Une fois conclues les considérations sur les *exempla*, se façonnent les notes explicatives pour les leçons poétiques, aussi comme une introduction qui présente les auteurs et son oeuvre.

Mots-clés: Grammaire latine; Métrique latine; Tradiction littéraire; *Marius Victorinu Aelius Festus Aphthonius*.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. João Batista Toledo Prado, orientador e amigo em todas as etapas deste trabalho.

À CAPES/ CNPq, por seu auxílio imprescindível.

Ao Prof. Dr. Brunno Vinícius Gonçalves Vieira, ao Prof. Dr. Marcos Martinho dos Santos, ao Prof. Dr. Márcio Thamos e ao Prof. Dr. Fábio da Silva Fortes, pela prestatividade e atenção.

Ao Prof. Dr. Henrique Fortuna Cairus e à Prof. Dr. Tatiana Ribeiro, por muito.

Aos professores Alceu Dias Lima, José Dejalma Dezotti, Márcio Thamos, também João Batista e Brunno, pelas primeiras letras em Latim.

A meus pais, Almir e Maria José por fornecerem o maior e o melhor de todos os exemplos.

À minha doce irmã, Bruna, que se fez presente em todos os momentos.

A Daniel, pelo carinho, pela confiança e motivação.

Aos amigos, Daniel Leone, Nikita Ramos e Aline Polachini pela força e pelo apoio ao longo desta jornada.

A todos esses, em especial, e a todos os outros que me tenham auxiliado em algum momento, meu sincero: Muito obrigada!

A UM POETA

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha e teima, e lima , e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço: e trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua
Rica mas sóbria, como um templo grego

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E natural, o efeito agrade
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.¹

¹ BILAC, Olavo. **Poesias**. Rio de Janeiro: Agir, 1972

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	11
LISTA DE FIGURAS	15
ESCLARECIMENTOS	16
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17

PARTE A – CAIO MÁRIO VITORINO

I. Testemunhos antigos: esboço biográfico	22
II. O embate entre cristãos e pagãos: a atmosfera espiritual de Roma no século IV	27

PARTE B – MARIII VICTORINI ARTIS GRAMMATICAE LIBRI IIII

III. A história do texto de Mário Vitorino: introdução de Keil	35
IV. A estrutura da <i>Ars Grammatica</i>	39
IV. 1 – A <i>Ars Grammatica</i> de M. Vitorino, as primeiras noções de prosódia e ortografia.	39
IV. 2 – A <i>Ars Grammatica</i> de E. Aftônio, o tratado de métrica	43
V. Os <i>exempla</i> no discurso gramatical	48
V. 1 – As várias tentativas de definição	50
V. 2 – Demarcação: A inserção do exemplo no discurso gramatical	52
V. 2. 1 – A marcação tipográfica	53
V. 2. 2 – A marcação robusta	56
V. 2. 3 – A ausência de demarcação: integracionismo	59
V. 3 – A questão da representação	60
V. 3. 1 – Representação em extensão	60
V. 3. 2 – Representação em compreensão	61
V. 4 – Os tipos de exemplos	64
V. 4. 1 – Listas fechadas vs não fechadas (ou abertas)	64
V. 4. 2 – Paradigmas: conjugação e declinação	64
V. 4. 3 – Exemplos forjados	65
V. 4. 4 – Citações	68
V. 4. 5 – Anti-exemplos	72
V. 4. 6 – Exemplo herdado	73

V. 5 – O discurso didático sobre o bom uso dos exemplos	76
V. 6 – As funções dos exemplos	77
VI. Conclusão	79
VII. Anexos	
VII. 1 – Apresentação	89
VII. 2 – Listagem: os <i>exempla</i> de Mário Vitorino	91
VII. 3 – Listagem: os <i>exempla</i> de Élio Aftônio	105
VII. 4 – Rol de autores e obras	173
VIII. Referências bibliográficas	
VIII. 1 – Texto do córpis	181
VIII. 2 – Textos clássicos	181
VIII. 3 – Referências do córpis ilustrativo da obra <i>Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII</i>	182
IX. 4 Textos modernos	184

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SEÇÕES DOS *MARII VICTORINI ARTIS GRAMMATICAE LIBRI IIII*

LI	Liber primus de Orthographia et de Metrica ratione
[LI D. Voc.]	De Voce
[LI D. Litt.]	De Litteris
[LI D. Orthog.]	De Orthographia
[LI D. Syll.]	De Syllabis
[LI D. Enunt. Littm.]	De enuntiatione Litterarum
[LI D. Syllm. Nat. et Conex.]	De Syllabarum natura et conexione
[LI Mens. Long. et Breu. Syllm.]	Mensura longarum et breuium syllabarum
[LI D. Ar. et Th.]	De Arsi et thesi
[LI D. Rhyt.]	De rhythmo
[LI D. Ped.]	De pedibus
[LI D. Met.]	De metris
[LI D. C. Metm.]	De colis metrorum
[LI D. Vers.]	De uersu
[LI D. Poe.]	De poetice
[LI D. Stro. et Antis. et Ep.]	De strophe et antistrophe et epodo
[LI D. Metm. Fine seu Clau.]	De metrorum fine seu clausula
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl.]	De epiploce id est metrorum amplexione
[LI D. Tom. Siu. Inc. Uersm.]	De tome siue incisione uersuum
[LI D. Con. e Coll. Uoca.]	De concursu et collicione uocalium
[LI D. Vit. Versm.]	De uitiis uersuum
LII	Liber secundus de prototypis speciebus nouem
[LII D. Dac. M.]	De dactylico metro
[LII D. Anap. M.]	De anapaestico metro
[LII Iam. M.]	Iambico metro
[LII D. M. Troc.]	De metro trochaico
[LII D. Chor. M.]	De choriambico metro
[LII D. M. Antis.]	De metro antispastico
[LII D. M. Ion. AM]	De metro ionico AΠO MEIZONOC
[LII D. M. Ion. AE]	De metro ionico AΠI EΛACCONOC
[LII D. Paeon. M.]	De paeonico metro
[LII D. M. Proc.]	De metro proceleumatico
LIII	Liber tertius de coniunctis inter se et mixtis metris pragmaticus
[LIII Des. Num. quae Metm. Mult. Red.]	[Desumma numeri quae metrorum multiplicatione redigitur]
[LIII Quot ex Dact. Her. Metm. Gen. Deriu.]	[Quot ex dactylico heroo metrorum genera deriuentur]

[LIII D. Gnb. Metm. quae a Pent. Prof.]	[De generibus metrorum quae a pentametro profluunt]	
[LIII D. Enunt. Penti. Eleg.]	[De enuntiatione pentametri elegiaci]	
[LIII D. Rec. Versib.]	[De reciprocis uersibus]	
[LIII D. Tetra. Vers.]	[De tetrametro uersu]	
[LIII D. Phal. M.]	[De phalaecio metro]	
[LIII D. Trim. Vers.]	[De trimetro uersu]	
[LIII D. Dim. Vers.]	[De dimetro uersu]	
[LIII D. Met. quae ex Penthm. et Hephtm. tome Proprag.]	[De metris quae ex penthemimere et hephthemimere tome propagantur]	
[LIII D. Anapi. Meti. Gnb. quae ex Her. Deru.]	[De anapaestici metri generibus quae ex heroo deriuantur]	
[LIII Chor. quod ex Pent. Her. Man.]	[De metro choriambico quod ex pentametro heroo manat]	
[LIII D. Duo. Ioni. a Dact. Hex. Gene.]	[De duobus ionicis a dactylico hexametro generatis]	
[LIII D. Gnb. Metm. quae a Iam Prof.]	[De generibus metrorum quae a iambico profluunt]	
[LIII D. Trim. Vers Iam.]	[De trimetro uersu iambico]	
[LIII D. Sat. Vers.]	[De saturnio uersu]	
LIV	Liber quartus de conexis inter se atque inconexis quae graeci ΑΣΥΝΑΡΤΗΤΑ uocanti pragmaticus	
[LIV D. Mets. H.]	De metris horatianis	
[LIV D. Num. Eor.]	De numero eorum	
[LIV A.F.Aph.]	[Aelii Festi Aphthonii V. P. de metris omnibus explicit liber IIII]	
	<i>AUTORES E OBRAS</i>	
Acc. <i>Trag</i>	L. Accius	Tragoediae
ACT. <i>Pal.</i>	Anonymi Comici et Tragici	Palliatae poetarum incertorum
	<i>Trag.</i>	Tragoediae poetarum incertorum
AEL. <i>Ser.</i>	Anonymi Epici et Lyrici	Serioris aetatis uersus.
	<i>Ver. R.</i>	Versus reciproci
	<i>Ver. C.</i>	Versus aevi Catullian
	<i>Ver. A.</i>	Versus aevi Augustei
Ann.	Annianus	Carmen
Archil.	Arquiloco	Fragmenta
Bass. <i>Carm.</i>	C. Caesius Bassus	Carmen
	<i>Metr.</i>	De metris, fragmenta
Frag. Bob.	Fragmenta Bobiensia	<i>De Versibus</i>
Caec. M.	Caecilius Metellus	Versus in Naevium
Catul. <i>Carm.</i>	C. Valerius Catullus	Carmina
	<i>Carm. fr.</i>	Carmina, fragmenta
Cn. Naev	Cn. Naevius	Bellum Punicum

Hom.	<i>Il.</i>	Homerus.	Ilfada
	<i>Od.</i>		Odisseia
Hor.	<i>Ars</i>	Q. Horatius Flaccus.	Ars Poetica
	<i>Carm.</i>		Carmina
	<i>Ep.</i>		Epistulae
	<i>Epod</i>		Epodi
	<i>S.</i>		Sermones
	<i>Saec.</i>		Carmen Saeculare
	<i>Ser.</i>		Sermones
L. Cin.	<i>Gram.</i>	L. Cincius	Grammatica
Luc.		M. Annaeus Lucanus	Bellum Ciuile
Lucil.		C. Lucilius	Saturae, fragmenta
Lucr.		T. Lucretius Carus.	De Rerum Natura
Mart. I.		M. Valerius Martialis	Epigrammata
Maur.		Terentianus Maurus	De litteris, De Syllabis, De
		Metris.	
Ovid.	<i>Amor.</i>	P. Ovidius Naso	Amores
	<i>Ars.</i>		Ars Amatoria
	<i>Epist.</i>		Epistulae
	<i>Met.</i>		Metamorphoses
	<i>Rem.</i>		Remedia Amoris
	<i>Trist.</i>		Tristia
Pac.	<i>Trag.</i>	M. Pacuius	Tragoediae
Petron.	<i>Sat.</i>	Petronius	Satyrica, fragmenta
Pom. S.	<i>Trag.</i>	P. Pomponius Secundus	Tragoediae
Plaut.		Plautus	Miles Gloriosus
Sal. C.	<i>B. Iug.</i>	C. Sallustius Crispus.	Bellum Iugurthinum,
Seren.		Q. Serenus	Liber Medicinalis.
Seru.	<i>A.</i>	Maurus Seruius Honoratus	Vergilium Commentarius
Sep. S.	<i>Carm.</i>	Septimius Serenus.	Carmen
Tib.		Albius Tibullus	Carmina Tibulliana
V. Ruf.	<i>Trag.</i>	L. Varius Rufus	Tragoediae
Varr.	<i>Carm.</i>	P. Terentius Varro Atacinus	Carmina
Verg.	<i>A.</i>	P. Vergilius Maro.	Aeneis
	<i>Ecl.</i>		Eclogae
	<i>G.</i>		Georgica

NOTAÇÕES

S. n. Sem nota.

Mod. Modificado

Cf. Conferir/Comparar

LISTA DE FIGURAS

As figuras constantes deste trabalho foram escolhidas de modo que representassem os temas aqui abordados, as *Artes Grammaticae* e os poetas latinos.

FIGURA I – <i>La Grammaire et son amphithéâtre d'élèves.</i> – X a. C.	20
FIGURA II – <i>Virgílio e as Musas, Museu do Bardo, Tunis, Tunísia.</i> – III a. C.	33
FIGURA III – <i>Horatius reads before Maecenas.</i> – 1863.	89

ESCLARECIMENTOS

1. Quando, no texto, aparecerem passagens em língua estrangeira, acompanhadas de equivalentes vernáculos sem qualquer menção a seu tradutor, tratar-se-ão de traduções livres da autora, preparadas para este trabalho;
2. Por vezes, durante a pesquisa, foi necessário consultar obras paralelas que não mantêm relação direta com os temas que este estudo propôs-se tratar, desse modo e por esse motivo, suas referências não se localizam na seção Referências Bibliográficas, mas, em vez disso, foram alocadas como notas de rodapé ao fim das páginas em que foram utilizadas como citações. Além disso, referências bibliográficas diluídas no corpo do trabalho aparecem de forma simplificada, i. e., apenas com o nome do autor, da obra e da página ou intervalo de páginas que compreende a(s) passagem(s) citada(s), e estando essas referências localizadas, sistematicamente, em nota de rodapé, uma vez que as completas podem ser encontradas na seção Referências Bibliográficas.
3. Por sugestão do Prof. Dr. Henrique Fortuna Cairus, docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nas mais diversas oportunidades (encontros, reuniões e congressos fundamentais para o embasamento e progresso deste estudo), a presente pesquisa, desde o seu projeto inicial, foi nomeada *QVOD ERAT DEMONSTRANDVM*, “Como queríamos demonstrar”, em tradução livre. O título coube convenientemente ao trabalho, uma vez que sua múltipla significação abarca dois aspectos do estudo: primeiramente, o *cópus* utilizado são os *exempla* que M. Vitorino e E. Aftônio utilizaram para demonstrar e ilustrar teoria poética em sua *Ars Grammaticae*, dessa forma, a expressão latina reitera neste estudo o objetivo dos rétores em aliar teoria e exemplo; em segundo lugar, a expressão também recupera seu vínculo com o contexto de sua utilização no campo da matemática, que reitera a acurácia da percepção de Vitorino no que tange à Literatura de sua época, ou seja, evoca a intenção do que Vitorino buscava com sua obra, como é também o objetivo final do presente trabalho.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse pela métrica e seu papel na produção do sentido poético, mormente nos poemas da tradição literária da Roma antiga, motivou este trabalho que pretende constituir uma modesta contribuição para a historiografia dos estudos de Poética e Métrica Clássicas na Poesia Latina, debruçando-se, para tanto, sobre os *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* (“Os quatro livros de M. Vitorino sobre a Arte Gramatical”). Escrita por volta de 340 a 355 d. C., a *Ars Grammatica* tem, como principal matéria, a descrição dos metros da lírica latina. Essa obra participa do conjunto de textos produzidos entre os séculos I e V d. C., intitulados *Artes grammaticae* que, segundo Bernard Colombat (2007, 71), surgiram como manuais didáticos descritivos da língua latina, e acabaram por constituir, por fim, a origem do que, posteriormente, se configuraria como preceitos da gramática.

O presente trabalho organiza-se em duas partes fundamentais. Numa primeira etapa, discorreu-se, brevemente, sobre a biografia e o contexto histórico de M. Vitorino em seus aspectos decisivos para a composição da *Ars Grammatica* e investigou-se ainda a respeito de Élio Aftônio que, como se pretende demonstrar, é o responsável por grande parte das teorias métricas de que é composta a *Ars*. Reuniu-se, para tanto, todo o material disponível para consulta elaborado principalmente por Pierre Hadot (1971), Italo Mariotti (1967), Albert Travis (1943) e Frederick Bruce (1946), alguns dos poucos estudiosos modernos que se dedicaram a investigar a vasta obra de M. Vitorino.

À segunda etapa propôs-se um exame detalhado da Arte Gramatical, no qual foram destacados a estrutura da obra e os tópicos que a constituem. A organização da *Ars Grammatica* de M. Vitorino e Élio Aftônio é fortemente motivada pela métrica, que se sobleva como fator preponderante. Com o objetivo final de compor um tratado métrico, no qual fossem expostos conceitos e teorias a respeito dos mais diversos metros da lírica latina, os autores compuseram um tratado rico em demonstrações e detalhes acerca do funcionamento do sistema linguístico latino, bem como uma grande amostra de versos e procedimentos métricos, carregados de juízos valorativos e eivados de comentários positivos ou depreciativos.

O discurso gramatical da *Ars Grammatica* foi escolhido para análise, justamente por ser um daqueles tratados que têm como assunto principal a métrica, tal como os tratados de

Máximo Vitorino, Césio Basso, Atílio Fortunaciano, Terenciano Mauro, Mário Plócio Sacerdote e Rufino, para citar aqueles que foram reunidos no volume VI da obra de Heinrich Keil, intitulado *Grammatici Latini (GL)*. Vol. VI: *Scriptores Artis Metricae*.

É necessário mencionar a existência do projeto “*Scripta Latina de Re Metrica - Tradução de fontes primárias*” – projeto do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, Campus de Araraquara, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq. Sob a orientação do Prof. Dr. João Batista Toledo Prado –, a partir do qual são desenvolvidos outros subprojetos, todos unidos pelo mesmo propósito: analisar a importância da métrica em textos de autores latinos, segundo os manuais contidos na obra citada de Keil.

Escolheu-se investigar a obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, pois esta pesquisadora participou do desenvolvimento da primeira fase do projeto, intitulada “*Scripta Latina de Re Metrica - Tradução de fontes primárias I*”, que se ocupou da tradução, ainda incompleta, da obra. Em outras etapas, o projeto buscou traduzir e investigar a obra de C. Basso, estudo que resultou na Dissertação de Mestrado “Os Fragmenta de Césio Basso: leitura crítica e tradução anotada” de Francisco Diniz Teixeira (TEIXEIRA, F. D., 2005) e, em etapa posterior em andamento, o projeto dedica-se à tradução e investigação da obra *Terentianus de littera, de syllaba, de pedibus*, por Mariana Peixoto Pizano, (PIZANO, M., 2012).

O discurso das *Artes Grammaticae* que têm como escopo a métrica latina é, como se pretende demonstrar ao longo do presente trabalho, bastante distinto das demais *Artes* cujo objetivo é investigar a matéria linguística do latim e que tiveram seu início com a obra de Palêmon, mestre de Quintiliano, no século I, conforme Baratin (1994, 142), e floresceram ao longo dos séculos III, IV e V com Donato, Carísio e Diomedes, entre outros.

As *Artes Grammaticae* abarcavam um conteúdo descritivo da língua latina, ao compreender desde o estudo dos sons e da formação de palavras até as partes do discurso, e as suas virtudes e seus vícios, de modo a orientar a correção da leitura e da escrita, também de acordo com Baratin (1994, 147). Esse modelo didático-pedagógico parte dos elementos mais rudimentares da língua e avança rumo aos mais complexos. No entanto, a diversidade de planos adotados pelos gramáticos deve-se principalmente à focalização de cada tratado. Um ‘detalhe’, como define Baratin (1994, 156), escolhido por cada gramático para tratar mais

especificamente poderá guiar a organização, a exposição das teorias linguísticas e o discurso adotado pelo autor, como é o caso da métrica dentro da *Ars Grammatica* de M. Vitorino.

O presente trabalho propõe, em sua segunda etapa, analisar os *exempla*, que se afiguram ferramenta metalinguística para demonstração e ilustração do discurso gramatical, e que, na obra de Vitorino, são o suporte para que se discorra sobre a flexibilidade da métrica na poesia latina. Jean-Luc Chevillard (2007, 5) assevera que “*Toutes les grammaires comportent des exemples. C’est là un ingrédient probablement nécessaire du discours grammairien, en tout cas dont on constate empiriquement la quasi universalité*”.

Estudiosos da gramática antiga como Jean-Marie Fournier (2007), Bernard Colombat (2007), Jean Lallot (2007), Jean-Luc Chevillard (2007) e Marc Baratin (2011), no entanto, atentam para a diversidade daquelas sequências, a que chamamos *exemplum*, seja por seu estatuto epistemológico, seja por sua forma, ou, enfim, por sua função. Por isso, buscou-se, aqui, discorrer a respeito da definição, da construção e da manipulação dos exemplos e de seus efeitos dentro do discurso gramatical da Antiguidade Clássica, mormente dentro dos *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*. Para tanto, investigou-se quais as formas e funções que eles podem assumir dentro dessa Arte, que trata, sobretudo, da métrica e de quais os critérios orientadores de M. Vitorino e Élio Aftônio na escolha de versos citados como exemplos de matrizes métricas, principalmente, no que tange à predileção por determinados autores que compõem o cânone da produção poética da literatura greco-latina.

Atente-se, contudo, ao critério fundamental deste estudo: de maneira alguma propõe-se avaliar o julgamento que os autores teceram sobre os poetas de que escolheram ocupar-se em sua obra, ou seja, a função não é aprová-los ou não como críticos de poesia, mas descrever e sistematizar os dados elencados por Vitorino e Aftônio, e apontar quais as possíveis motivações para suas escolhas e predileções por certos autores greco-latinos em detrimento de outros.



FIGURA I

La Grammaire et son amphithéâtre d'élèves

(Martianus Capella, *Noces de Philologie et de Mercure*, Xe siècle Paris, BnF, département des Manuscrits, Latin 7900 A, fol. 127)

PARTE A

CAIO MÁRIO VITORINO

I. Testemunhos antigos: esboço biográfico

A maioria das informações disponíveis a respeito da vida de M. Vitorino foi recolhida de testemunhos daqueles que o conheceram ou conservaram em textos escritos sua memória. Parte considerável dos dados biográficos provém das obras de Jerônimo e Agostinho, essas informações foram reunidas principalmente por Pierre Hadot (1971), Italo Mariotti (1967), Albert Travis (1943) e Frederick Bruce (1946).

O primeiro de vários registros sobre M. Vitorino na obra de Jerônimo está presente no livro *Chronicon*, escrito por volta de 380 d. C. Nele é mencionada a estátua de M. Vitorino, erigida em sua homenagem no Fórum de Trajano, em 354 d. C., dada a sua importância como rétor para a sociedade culta de Roma, “*Victorinus rhetor et Donatus grammaticus, praeceptor meus, Romae insignes habentur. E quibus Victorinus etiam statuam in foro Traiani meruit.*”² [O rétor Vitorino e o gramático Donato, meu mestre, são considerados ilustres em Roma. O mesmo Vitorino recebeu também uma estátua no Fórum de Trajano.]

O segundo registro data de 386 ou 387 d. C., corresponde ao comentário de Jerônimo sobre a Epístola aos Gálatas, em que o autor demonstra não apreciar os ensaios exegéticos do rétor convertido.

*Non quod ignorem Caium Marium Victorinum, qui Romae, me puero, rhetoricam docuit, edidisse Commentarios in Apostolum; sed quod occupatus ille eruditione saecularium litterarum, Scripturas omnino sanctas ignoraverit: et nemo possit, quamvis eloquens, de eo bene disputare, quod nesciat.*³

[Não é que eu desconheça que Caio Mário Vitorino, que ensinou retórica em Roma quando eu era criança, tenha escrito comentários sobre o Apóstolo (Paulo), mas sim que ele, enquanto esteve ocupado com o estudo da literatura profana, era ignorante das letras seculares, e ninguém, mesmo eloquente, poderia lidar de forma adequada com aquilo que desconhece.]

Jerônimo é quem formula para o autor o epíteto “*Victorinus (natione) Afer*” – pelo qual será reconhecido pelos pósteros –, sem deixar, no entanto, de criticar o estilo obscuro de sua obra.

² JÉRÔME, *Chronicon*: R. HELM, *Eusebius' Werke*, t. VII, C. G. S., T. XLVII, Berlin, 1956, p. 239. In: MARIOTTI, 1967, 4.

³ JÉRÔME, *In epistolam Pauli ad Galatas commentarium*, P. L., t. XXVI, col. 307, p. 308. Apud MARIOTTI, 1967, 4.

*Victorinus, natione Afer, Romae sub Constantio principe rhetoricam docuit et in extrema senectute Christi se tradens fidei scripsit adversus Arium libros more dialectico valde obscuros, qui nisi ad eruditis non intelleguntur et commentarios in Apostolum*⁴

[Vitorino, africano de origem, ensinou retórica em Roma, sob o imperador Constantino, e já na extrema velhice, entregando-se à fé de Cristo, escreveu livros contra Ário verdadeiramente obscuros e à maneira dos dialéticos, que são compreendidos somente pelos eruditos e escreveu comentários sobre o Apóstolo (Paulo)].

Agostinho, em suas *Confesiones*, escritas entre 397 e 401 d. C., narra a história que ouvira anos antes de Simpliciano e o encontro deste com M. Vitorino, ocorrido em 386 d. C., segundo Hadot (1971, 14). Agostinho tomara conhecimento de M. Vitorino por meio das traduções que o rétor de Roma, que ouvira dizer ter morrido cristão, teria feito de obras platônicas e, ao comentar sobre o assunto com Simpliciano, este lhe contou ter conhecido intimamente M. Vitorino, quando estava em Roma.

*Deinde, ut me exhortaretur ad humilitatem Christi sapientibus absconditam et revelatam parvulis, Victorinum ipsum recordatus est, quem Romae cum esset familiarissime noverat, deque illo mihi narravit quod non silebo. habet enim magnam laudem gratiae tuae confitendam tibi, quemadmodum ille doctissimus senex et omnium liberalium doctrinarum peritissimus quique philosophorum tam multa legerat et diiudicaverat, doctor tot nobilium senatorum, qui etiam ob insigne praeclari magisterii, quod cives huius mundi eximium putant, statuam Romano foro meruerat et acceperat, usque ad illam aetatem venerator idolorum sacrorumque sacrilegorum particeps, quibus tunc tota fere Romana nobilitas inflata spirabat, †popiliosiam†⁵ et omnigenum deum monstra et Anubem latratorem, quae aliquando contra Neptunum et Venerem contraque Minervam tela tenuerant et a se victis iam Roma supplicabat, quae iste senex Victorinus tot annos ore terricrepo defensitaverat, non erubuerit esse puer Christi tui et infans fontis tui, subiecto collo ad humilitatis iugum et edomita fronte ad crucis opprobrium*⁶.

[Em seguida, para me exortar à humildade de Cristo, “escondida aos sábios e revelada aos pequeninos”, recordou-se de Vitorino, a quem conhecera intimamente, quando estava em Roma. Não guardarei silêncio sobre o que me contou dele, porque encerra grande louvor, que só à tua⁷ graça se deve atribuir: ele, o tão célebre e doutíssimo ancião, o mais perito em todas as artes liberais, leitor e crítico de tantas obras filosóficas, preceptor de tantos senadores ilustres; ele, que, pelo seu insigne e notável magistério, merecera e aceitara uma estátua no Foro romano, coisa que os cidadãos deste mundo têm por mais excelsa; ele, até aquela idade, um adorador dos ídolos e um participante dos ritos sacrílegos, com que então quase toda a nobreza romana, arrogante, “de monstros de deuses de todo o gênero e até do

⁴ JÉRÔME, *De uiris illustribus*, éd. E. Richardson, *T. U.*, XVI, I, Leipsig, 1896, p. 57. In: MARIOTTI, 1967, p. 4.

⁵ *Popiliosiam*, relativo a *Popilius*, nome de uma *gens* romana: *Popilia*.

⁶ AGOSTINHO, *Confessiones*, 8, 2, 3 sqq. In: MARIOTTI, 1967, 5.

⁷ O pronome ‘tua’ refere-se à graça divina, como se pode depreender do texto.

ladrador Anúbis” — monstros que outrora “pegaram em armas contra Netuno, Vênus e Minerva” — a quem Roma fazia súplicas, depois de os ter vencido; ele, enfim, o velho Vitorino, que por tantos anos defendera esses deuses com aterradora eloquência, esse mesmo ancião Vitorino não teve vergonha de se fazer servo do teu Cristo e um bebê na tua fonte, sujeitando o pescoço ao jugo da humildade e dobrando a fronte sob o opróbrio da cruz.]

Com relação às datas de nascimento de M. Vitorino, os biógrafos dividem-se em dois grupos, segundo Hadot (1971, 23) aqueles que não mencionam o assunto ou admitem nada saber sobre ele e aqueles outros que afirmam, com base em conjecturas, M. Vitorino ter nascido por volta de 300 d. C.⁸. No entanto, Travis (1943, 83) aponta evidências suficientes para mostrar o silêncio ou o extremo cuidado dos primeiros serem desnecessários, mas também assinala que, embora aproximada, a data de 300 d. C. deve ser substancialmente alterada.

A expressão empregada por Jerônimo *in extrema senectute*⁹ para designar M. Vitorino na época de sua conversão, somada ao relato vívido que faz Agostinho a respeito da história da conversão de M. Vitorino deixam claro que este era um homem velho à época e trazia consigo uma longa e distinta carreira profissional. Travis (1943, 84) e Baltes (2002, 25) denotam que M. Vitorino não é apenas retratado como um homem de idade avançada, o texto coloca em maior destaque a sua erudição, *‘ille doctissimus senex’*¹⁰.

Travis (1943, 85) observou em obras do mesmo período¹¹ o emprego da expressão *‘extrema senectute’* e concluiu ser incomum aplicar essa expressão a pessoas abaixo dos 70 anos. O termo *senex*, de fato, seria indicado para esboçar uma idade que varia entre 70 e 90 anos, nunca menos, como é possível encontrar em Cícero, Tácito, São Jerônimo e Cornélio Nepos¹². Assim, seria possível considerar que a conversão de M. Vitorino deva ter acontecido quando ele atingia a uma idade entre 70 e 90 anos, para se justificar o emprego do *‘in extrema senectute’*.

A conversão de Vitorino é posterior à construção da sua estátua no Fórum de Trajano, isto é, posterior a 354 d.C., como sustenta Hadot (1971, 27); entretanto, é anterior à data de

⁸ “P. Monceaux, *Hist. litt. de l’Afrique chretienne III*, Paris, 1905, p. 374; P. de Labriolle, *Hist. de la litt. lat. chretienne*, Paris, 1924, p. 346.” (TRAVIS, 1943, 83)

⁹ JÉRÔME, *De uiris illustribus*, éd. E. Richardson, *T. U.*, XVI, I, Leipsig, 1896, p. 57. In: MARIOTTI, 1967, p. 4

¹⁰ AGOSTINHO, *Confesiones*, 8, 2, 3 sqq. In: MARIOTTI, 1967, 5.

¹¹ C.f. TRAVIS, 1943, 85.

¹² *Senex* equivale a “90 ans, CICÉRON, *Cato*, 22; 86 ans, TACITE, *Ann.*, V, I; 85 ans, JÉRÔME, *Epist.*, CXXX, 13; CICÉRON, *De republ.*, I, I; *Verrin.*, V, 180; 80 ans, TACITE, *Ann.*, IV, 8; 78 ans, TACITE, *Ann.*, IV, 58; 77 ans, CORNELIUS NEPOS, *Vita Att.*, XXI, I; TACITE, *Ann.*, IV, 29.” (HADOT, 1971, 24).

composição de uma de suas obras cristãs, o *Adversus Arium*, pouco antes da morte do imperador Constantino, em novembro de 361 d.C.

Hadot estabelece para a conversão de M. Vitorino o ano de 355 d. C., assim, considerando que Vitorino estivesse em idade avançada nessa data, subtraindo-se um mínimo de 70 anos, chegar-se-ia ao ano de 285 d. C., que é consideravelmente inferior ao ano sugerido pelos biógrafos, ou seja, o de 300 d. C. Travis (1943, 85) propõe a idade de 75 anos para M. Vitorino, dessa forma, a data do seu nascimento cairia para 280 d. C.

Se M. Vitorino era um homem na velhice em 355 d. C., não seria possível admitir que sua data de nascimento fosse anterior a 280 d. C., pois isso faria dele um homem extremamente velho em atividade, por essa razão Travis (1943, 87) apresenta 280 d. C. como uma aproximação mais correta da data de nascimento de Vitorino. Hadot (1971, 25) é menos exato e admite o intervalo de anos entre 281 e 291 d. C.

A respeito da provável data de sua morte, toma-se como referência o trecho da declaração de Agostinho, cujo relato anuncia que M. Vitorino teria abandonado a docência em 362 d. C; quando o edito de Juliano, o ‘Apóstata’, impôs condições severas para que os cristãos pudessem assumir a função de mestre. Seria preciso, dentre outras exigências, sobressair-se pelos costumes e submeter-se a uma avaliação da cúria municipal, cujo resultado deveria ser encaminhado ao próprio imperador.

Posteaquam vero et illud addidit, quod imperatoris Iuliani temporibus lege data prohibiti sunt Christiani docere litteraturam et oratoriam, quam legem ille amplexus loquacem scholam deserere maluit, quam uerbum tuum, quo linguas infantium facis disertas non mihi fortior quam felicius visus est, quia invenit occasionem vacandi tibi”¹³

[De fato, toda a sua narração tinha este mesmo fim em vista. Porém, quando depois acrescentou que, de acordo com uma lei, promulgada nos tempos do Imperador Juliano, os cristãos tinham sido proibidos de ensinarem literatura e oratória — lei que Vitorino abraçou, preferindo assim abandonar antes a escola dos paladores do que a tua Palavra, "com que tornais eloquentes as línguas das crianças" — a mim não pareceu que Vitorino era mais corajoso que feliz, por ter encontrado ocasião propícia para entregar-se a ti] (AGOSTINHO, 1980, 170).

¹³ AGOSTINHO, *Confesiones*, 8, 2, 5 sqq. Apud MARIOTTI, 1967, 5.

Para Travis (1943,88), M. Vitorino teria vivido pouco além de 362 d. C., tendo em vista a sua “*extrema senectute*”, fixada em torno de 355 d. C., e os seus trabalhos posteriores à sua conversão.

Agostinho, também no livro VIII de suas *Confesiones*, atribui a M. Vitorino o título *Rhetor urbis Romae*, o que significava que M. Vitorino era titular da cátedra de retórica instituída por Vespasiano. A narrativa de Simpliciano, tal como nos conta Agostinho, sustenta a impressão de M. Vitorino ter exercido durante longo período essa função, segundo Hadot (1971, 30), embora não seja possível estabelecer a possível data de sua nomeação.

Ainda de acordo com Hadot (1971, 34) e Mariotti (1967, 15), a notoriedade de M. Vitorino não teria sido ofuscada por seus contemporâneos, em especial por Donato. Agostinho nos diz que M. Vitorino fora mestre de muitos nobres senadores, afinal, toda carreira pública exigia uma formação retórica, princípio, portanto, condizente com as ideias do imperador Constantino, que dignificara a cultura literária, elevando-a ao patamar de primeira qualidade necessária a um homem (“*litteratura quae omnium virtutum maxima est*”¹⁴). Infelizmente, além do testemunho de Agostinho, não restou à posteridade nenhum registro dos nomes desses homens notáveis que foram alunos de M. Vitorino.

¹⁴ COD. THEOD.: *Theodosiani libri XVI*, éd. Th. Mommsen, I, i, Berlin, 1954 apud: HADOT, 1971, p. 34.

II. O embate entre cristãos e pagãos: a atmosfera espiritual de Roma no século IV

A reorganização do império sobre a base da religiosidade tradicional do culto aos deuses pagãos por Diocleciano, imperador romano de 284 a 305 d. C., não pôde extinguir o cristianismo (FUNARI, 2002, 140), mas conseguiu adiar o declínio de Roma e criou as bases para o império bizantino. Em 285 d. C., Diocleciano dividiu o império em dois, o do Oriente e do Ocidente; e em seguida, repartiu ainda mais o poder num sistema chamado Tetrarquia, nomeando como seus homens de confiança Maximiano, Constâncio Cloro e Galério. Quatro editos consecutivos nos anos de 303 e 304 d. C. impuseram aos cristãos a destruição das igrejas, o confisco dos bens, a entrega dos livros sagrados, a tortura até a morte para quem não propusesse sacrifícios em honra do imperador. Era preciso retornar às antigas leis e à tradicional disciplina romana: só o retorno à antiga fé de Roma poria fim às pressões dos pagãos fanáticos e reestabeleceria a precária situação econômica em que se encontrava o império (CARLAN, 2009, 28).

As perseguições violentas contra os cristãos só abrandaram quando, em 311 d. C., já no fim da sua vida, Galério, junto de seu *César* Licínio, emitiu um edito de descriminalização do Cristianismo; no documento declarava que perseguir os cristãos tornara-se inútil, e ainda pedia a estes orações pelo seu reestabelecimento (FUNARI, 2002, 140).

O edito de tolerância de Galério abriu caminho ao Editto de Milão de 313 d. C., com o que Constantino I legalizou e apoiou fortemente a cristandade, ao mesmo tempo em que admitia também culto pagão, assim, tornava lícita toda e qualquer prática religiosa no Império. A aplicação do edito acabou com toda a perseguição sancionada oficialmente e fez devolver os lugares de culto e as propriedades que tinham sido confiscadas dos cristãos. De acordo com Funari (2002, 142), a política religiosa encaminhava-se claramente na direção de uma aliança entre o Estado e a Igreja, na mesma proporção em que os cultos aos deuses pagãos perdiam sua importância.

Dessa maneira, de acordo com o historiador Pedro Paulo Funari,

O imperador Constantino concedeu aos cristãos, por meio do chamado Editto de Milão, em 313, liberdade de culto. Em seguida, esse mesmo imperador procurou tirar vantagem e interveio nas questões internas que dividiam os próprios cristãos e convocou um concílio, uma assembleia da qual participavam os principais padres cristãos (2002, 143).

Na tentativa de consolidar a totalidade do Império Romano sob o seu domínio, Licínio arma seu exército contra Constantino I, porém é derrotado e, em 324 d. C., Constantino reunifica o império. Durante todo o seu reinado, o imperador dedicou-se a promover profundas reformas, ao mesmo tempo em que zelava pela unidade religiosa. Constantino I quis resolver o problema da divisão da elite dirigente, propôs então uma modificação na composição do Senado, cujo conselho estava composto por seiscentos membros, aumentando esse número para dois mil. Tratava-se, pois, de uma hierarquia de *status*, sem poderes ou responsabilidades, e a formação de outra classe, a hierarquia burocrática, de altos funcionários dotados de amplos poderes civis, responsáveis por manter a ordem pública e as finanças (FUNARI, 2002, 141).

Após 326 d. C., os altos funcionários passam a pertencer à ordem senatorial, os *clarissimi*, que, sem quaisquer poderes políticos, não interferiam na escolha dos imperadores, os candidatos vinham da família do imperador ou eram membros do exército. Indivíduos não oriundos da aristocracia tradicional tornavam-se automaticamente senadores ao serem nomeados pelo imperador, para cargos da hierarquia senatorial, ou pelos próprios senadores, que podiam eleger novos membros para a sua classe. Este parece ter sido o caso de M. Vitorino. Sabe-se de seu título de “*vir clarissimus*” por meio da tradição manuscrita de suas obras cristãs, o *Adversus Arium* e o *Hymne*. É possível que o próprio imperador Constâncio II (337 - 361 d. C.) o tivesse nomeado “*vir clarissimus*”; é improvável, no entanto, que essa nomeação tenha sido feita por Constantino, antes de 337 d. C. (HADOT, 1971, 34), uma vez que não há registros desse título em obras anteriores à sua conversão.

Constantino I, antes de morrer, repartiu o poder entre seus três filhos: Constantino II, o mais velho, a quem couberam os domínios da Hispânia, Gália e Britânia, a parte ocidental do Império; Constâncio II, que foi agraciado com a parte oriental do Império: o Egito e as províncias asiáticas; e, por último, Constante, a quem, por causa da tenra idade, restou a menor fatia de terras: a Itália, a Ilíria e os domínios romanos na África. Constante, desgostoso da partilha, já nos primeiros anos de seu reinado, rebelou-se contra seu irmão mais velho, derrotando-o em Aquileia, em 340 d. C., e assumindo, assim, o controle de todo o Ocidente. Anos mais tarde, aliou-se a Constâncio II em uma luta na Gália contra Magno Magnêncio, no entanto, foi morto em batalha, em 350 d. C. Em 353 d. C, após o suicídio de Magno Magnêncio, Constâncio II emergiu como *Augustus* único.

Segundo Carlan (2009, 31), os problemas administrativos e a questão sucessória levaram Constâncio II a nomear seu primo, Constâncio Galo, como *César*, porém, este foi assassinado no ano seguinte, acusado de traição. Em 355 d. C., Constâncio II nomeia *César* da parte ocidental do Império o seu primo Juliano, que se destacou como estrategista, administrador e legislador após várias batalhas vitoriosas.

Depois de ordenar que suas tropas da Gália, comandadas por Juliano, fossem transferidas para o exército do leste, Constâncio II teve de enfrentar a insurreição provocada por sua decisão, e, dessa maneira, as tropas de Juliano proclamaram-no *Augustus* e novo imperador (FUNARI, 2007, 20). Porém, enquanto se deslocava para a Gália, ao encontro de Juliano, Constâncio II morreu de peste, não havendo, por isso, nenhuma luta. As próprias legiões de Constâncio II reconheceram Juliano como único imperador.

Juliano, segundo Funari (2007, 21) foi um anacronismo no seu tempo: último representante da família de Constantino, criado na educação cristã, recebeu a influência do neoplatônico Máximo de Éfeso, de modo que, sob a aparência de católico, abraçou o paganismo já no início de seu governo, o que lhe valeu o cognome *o Apóstata*. Quis promover a restauração cultural pagã transferindo os direitos conquistados pela Igreja aos templos pagãos (AMMIEN MARCELLIN, 1977, XVI, 6, 1-26). Em Junho de 362 d. C., Juliano publicou um abrangente edito sobre educação no qual impedia os cristãos de lecionar. Tal medida atingiu M. Vitorino que, sem forças para enfrentar o governo, teria desistido de lecionar, segundo depoimento de Agostinho.

Como Juliano não deixou herdeiros, soldados cristãos apressaram-se em aclamar como *augusto* um oficial da guarda imperial, general das tropas leais a Constâncio II. Ele teve, como principal ato, a adoção do cristianismo como religião oficial do Estado, como havia decretado pela primeira vez o grande imperador Constantino, e, por meio de um edito restituiu aos cristãos todos os privilégios retirados por Juliano (AMMIEN MARCELLIN, 1977, XVI, 6, 1-26).

A incerteza militar e política provocou uma perpétua atmosfera de desconfianças e suspeitas, definida por Hadot da seguinte maneira: “*Chaque triomphe est suivi de procès, de tortures, d’exécutions, de bannissements*” (HADOT, 1971, 36), corroborada pela visão de Mariotti (1967, 25) “*Quest’atmosfera, ancora così viva ala fine del secolo – e che sarà presente, soprattutto nella scuola, anche nel secolo successivo (...) – , spiega i dubbi e le*

incertezze”. No entanto, mais grave do que a crise político-econômica era a crise espiritual que se configurava àquela conjectura na qual, de acordo com Hadot,

L'Empire est à la recherche d'une nouvelle base spirituelle: le paganisme rejeté, persécuté, est encore puissant, comme le montrera la réaction de Julien ; le christianisme, apparemment triomphant, est lui-même déchiré par la terrible querelle arienne. (1971, 36).

Foi durante o reinado de Constâncio II (337-361 d.C.) que Constantinopla se consolidou como a nova capital do Império, a nova Roma, a Roma cristã. Para a antiga e verdadeira Roma, restava ser uma espécie de ‘encarnação viva da eterna Roma’, resplandecente em seus templos pagãos e monumentos magníficos como o Fórum de Trajano. Roma é “*le centre sacré et inviolable de l'univers. Sorte de sanctuaire ou de musée (...)*” (HADOT, 1971, 38).

Diante da Roma cristã, Constantinopla, que se edificava cada vez mais sólida, e dos imperadores que haviam abandonado os deuses tradicionais, ainda existia uma aristocracia romana, consciente do papel que devia desempenhar, defensora da Roma tradicional e do culto aos deuses pagãos. “*Il fallait ‘protéger les institutions des anciens, les prérogatives sacrés, les destinées éternelles de la patrie’*”¹⁵.

Naturalmente, o que sustentou a aristocracia romana tradicionalista foi o orgulho: fosse da grandeza do passado, fosse da riqueza do presente. De acordo com Hadot (1971, 40) e Mariotti (1967, 22), o conservadorismo e a romântica nostalgia do passado fizeram ressurgir, sob diversas formas, nomes que lembravam uma época feliz de Roma, tais como Nero e Trajano, sinônimos de justiça e grandiosidade; também os deuses, como Cibele – a mãe de todos os deuses –, Baco, Hércules – duas divindades populares da Roma Antiga –; e ainda uma galeria de homens importantes, como Horácio, Virgílio, Terêncio, Salústio, Apuleio, em geral, grandes escritores. A nostalgia aristocrática da Roma de outrora traz à luz um aspecto valioso: o amor pelas letras antigas.

Revela-se, então, toda a concepção de vida da sociedade em que viveu M. Vitorino. Um verdadeiro espírito de renascença literária que se estenderá por todo o século IV.

¹⁵ SYMMAQUE: *Q Aurelii Symmachi quae supersunt*, éd. O. Seeck, *Monumenta Germaniae Historica, Auctores Antiquissimi*, t. VI, I, Berlin, 1883. Apud HADOT, 1971, 39.

Alguns manuscritos, segundo HADOT (1971, 40) conservam ainda os traços dessa atividade literária que, não somente copiava os textos dos autores antigos, mas também os revisava. Tito-Lívio, Marcial, Quintiliano e Juvenal, estavam no rol dos autores que tiveram suas obras reeditadas durante esse período.

Tais trabalhos de revisão eram comumente conduzidos por rétores e gramáticos, “*D’une manière plus générale, nous autons à replacer l’activité littéraire de Victorinus, dans ce contexte de ‘renaissance’ du IV^e siècle. Ces aristocrates humanistes furent ou les contemporains ou les élèves de Victorinus*” (HADOT, 1971, 41); certamente M. Vitorino exerceu sua própria influência nesse movimento. Numa época que conheceu uma fecunda atividade de escoliastas e de comentadores, é possível presumir que tal tenha sido a centelha motivadora de M. Vitorino para a composição de sua *Ars Grammatica*.

Em paralelo às atividades literárias da aristocracia tradicionalista romana e o seu esforço por voltar às antigas crenças pagãs, sempre houve um governo que estava obstinado a instaurar o cristianismo como religião oficial do Império. No entanto, o paganismo, como afirma Hadot (1971, 42), não era estritamente literário, era também uma prática religiosa nos meios aristocráticos, assim, paganismo e cristianismo conviveram durante muito tempo. O mais precioso exemplo dessa extraordinária simbiose entre ambos é um calendário, copiado e ilustrado por *Philocalus* em 353, referente ao ano 354 d. C., em que, cada mês ilustra tanto as festas cristãs, quanto as pagãs (HADOT, 1971, 42).

M. Vitorino foi, durante quase toda a sua vida, um adepto da antiga mentalidade, segundo Hadot (1971, 47), para a qual o paganismo representava mais do que uma crença religiosa, significava também fidelidade às tradições históricas de Roma, dentre elas a valorização da língua e da literatura daquela sociedade.

Le perplessità che un’adesione pubblica al cristianesimo suscitava nel suo animo erano infatti anche di ordine pratico (...): l’acclamato maestro di tanti giovani e non più giovani membri della classe senatoria, il difensore della tradizione pagana la cui effigie era stata eretta nel foro col plauso di quei potenti amici valutava senza dubbio relazioni sociali (MARIOTTI, 1967, 25-6)

Dessa forma, é possível ver os reflexos dessa postura engajada na primeira fase de sua obra.

Como apontam Hadot (1971) e Mariotti (1967), o caminho que M. Vitorino percorreu até encontrar-se na fé cristã é demasiadamente longo e, por vezes, lacunar, desse modo, como seu percurso de conversão pouco influenciou na obra que é objeto de estudo da presente pesquisa, os *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, acredita-se que as pesquisas e a explanação realizadas sejam suficientes para demonstrar o contexto de produção da obra.



FIGURA II

Virgílio e as Musas, Museu do Bardo, Tunis, Tunísia.

(Mosaico supostamente representando o poeta Virgílio ladeado pelas Musas Clío e Melpômene).

PARTE B

MARII VICTORINI ARTIS GRAMMATICAE LIBRI IIII

III. A história do texto de M. Vitorino e Élio Aftônio: introdução de Keil

O filólogo alemão Heinrich Keil reuniu, em seu magnífico trabalho de coleta e edição de textos de gramáticos latinos (KEIL, 1961), no volume VI (*Scriptores Artis Metricae*) de sua obra, os textos de gramáticos antigos que desenvolveram reflexão, descrição, catalogação e prescrição de expedientes poéticos da métrica latina. Integram a compilação de Keil textos dos autores Mário Vitorino, Máximo Vitorino, Céssio Basso, Atílio Fortunaciano, Terenciano Mauro, Mário Plócio Sacerdote, Rufino e Málio Teodoro, além de haver dedicada uma seção aos Fragmentos e Excertos Métricos. Tais textos foram organizados e reunidos pelo autor que ainda elaborou um prefácio, escrito em latim, à sua obra. Nele Keil descreve, dentre outros expedientes, seu contato e trabalho de pesquisa com os manuscritos latinos para o estabelecimento dos textos na sua edição moderna.

Por meio do prefácio de Keil tem-se notícia de que a *Ars Grammatica* de M. Vitorino chegou à posteridade na forma de três manuscritos principais: os códices *Palatinus 1753*, *Parisinus 7539* e *Valentinianus M. 6. 10*; os três datam de meados do século IX (KEIL, 1961, vii). Chamam a atenção, na obra de Keil, o prefácio e a profusão de notas elaborados em latim, aquele reservado aos comentários sobre o trabalho de investigação nos códices antigos, e estas, em sua maioria, dedicadas a expor as diferentes grafias encontradas entre os códices, além das referências de alguns versos citados dentro da obra para as explanações sobre a teoria métrica.

Em sua obra *Scriptores Artis Metricae*, Keil produz um grande prefácio dedicado aos estudos relativos à *Ars Grammatica* de M. Vitorino, em especial, ao estado dos títulos e certas inscrições nos manuscritos que trazem à luz o problema da autenticidade da obra que chegou à posteridade em quatro volumes, sob o título *Ars Grammatica*.

O título inicial atribuído à obra de M. Vitorino é, no manuscrito *Palatinus 1753*: *(ar)s grammatica Marii Vict(orini)*; no *Parisinus 7539*: *Incipit ars grammatica Victorini Mari de orthografia et de metrica ratione*; e no *Valentinianus M. 6. 10*: *Incipit ars grammatica Marii Victorini*.

Nos três manuscritos, ao final do primeiro livro, *De orthographia et de metrica ratione*, lê-se *Marii Victorini de metricis didascalicis liber primus explicit*. O título do segundo livro, de acordo com Keil (1961, viii), é *Didascalicus prototyporum novem liber*

secundus e, segundo a tradição manuscrita, os títulos dos dois últimos livros são: *Liber tertius de coniunctis inter se et mixtis metris pragmaticus* e *Liber quartus de conexis inter se atque inconexis quae Graeci ἀσυνάπτητα vocant pragmaticus*. No entanto, o que mais desperta a atenção é que, ao final do quarto livro, lê-se, nos três manuscritos, *Aelii Festi Aphonii v(iri) p(erfectissimi) de metris omnibus expliciunt libri quatuor*, seguido de um estudo relativo aos metros do poeta Horácio, sem título e sem especificações. A menção a E. Aftônio permite inferir que, em algum momento, o texto desse gramático, composto por quatro livros, foi inserido no texto de M. Vitorino, sem quaisquer notas.

Afora os títulos e subtítulos, Hadot (1971, 63) atenta para uma lacuna existente no primeiro livro, em que o desenvolvimento de M. Vitorino sobre as sílabas é interrompido bruscamente¹⁶ e uma nova progressão de ideias é encaminhada sobre o mesmo assunto. A lacuna, na página 31, linha 13 na edição de Keil (1961), é indicada pelo filólogo alemão por meio de um asterisco e notas explicitando o tratado de E. Aftônio que se iniciaria a partir daquele ponto, dando continuidade ao capítulo sobre letras e sílabas. Dessa forma, Hadot (1971, 63) distingue quatro porções diferentes nesse conjunto de quatro volumes da *Ars Grammatica*.

A primeira parte, que corresponde na edição de Keil às páginas 3, 6 a 31, 12, traz o título *Ars Grammatica Marii Victorini*, compreende os seguintes capítulos: *de arte*, *de voce*, *de litteris*, *de orthographia* e *de syllabis*; a segunda parte corresponde às páginas 31, 13 a 173, 32 de Keil e aborda uma obra em quatro volumes, dois teóricos, introduzidos pelo termo *didascali*, e dois práticos, introduzidos por *pragmatici*; estes discorrem sobre os metros e são atribuídos, pelo termo *explicit*¹⁷, a Élio Festo Aftônio; a terceira parte estende-se da página 174, I à 183, 21 da edição de Keil, e trata-se de algumas páginas consagradas aos metros de Horácio, que não são introduzidas por *incipit*¹⁸ ou *explicit*, como seria conveniente, mas apresentam estreito vínculo com a obra precedente; por fim, a quarta parte corresponde às últimas páginas da edição de Keil, 182, 22 a 184, 14, que enumeram algumas definições de conceitos métricos como *ode*, *colon*, *comma* e *melos*.

¹⁶ A ruptura ocorre quando, à página 31, encerra-se um parágrafo que disserta sobre a letra ‘i’ intervocálica e imediatamente inicia-se outro parágrafo, *in media res*, tratando das cinco vogais existentes, assunto já abordado por M. Vitorino anteriormente (KEIL, 1961, 29)

¹⁷ Trad.: acaba aqui; fim da obra. “Usava-se pôr esta palavra no fim dos livros, nos tempos da baixa latinidade, para indicar que a obra acabava ali” EXPLICIT. In: SARAIVA, F. R. Novíssimo Dicionário Latino-Português. 12ª ed. Belo Horizonte: Garnier, 2006, p. 457.

¹⁸ Trad.: começar, dar princípio. INCIPIO. In: SARAIVA, F. R. Novíssimo Dicionário Latino-Português. 12ª ed. Belo Horizonte: Garnier, 2006, p. 590.

A diferença entre a obra de E. Aftônio e o tratado de M. Vitorino, seu precedente, é possível reconhecer de acordo com Hadot (1971, 63), pelas fontes¹⁹ que os autores utilizam e, certos critérios estilísticos confirmam-na²⁰. Keil (1961), Hadot (1971) e Mariotti (1967) levantam hipóteses que justificam a ligação entre os dois gramáticos antigos e mesmo a inserção do texto de E. Aftônio na *Ars Grammatica* de M. Vitorino: a primeira possibilidade seria a de o próprio M. Vitorino ter sido o responsável por tal junção dos tratados; a segunda hipótese admite a chance de a ligação ser uma simples consequência de um erro de copista.

Na primeira hipótese, levantada por Keil (1961, xiv - xviii), M. Vitorino, ao compor um breve tratado de gramática, cuja maior parte é consagrada à ortografia, vê-se impelido a completar a sua obra anexando-lhe o tratado de E. Aftônio. Ao final do tratado, assinalado por um *explicit* que se encontra em todos os manuscritos (*Aelii Festi Aphthonii de metris omnibus explicit*), M. Vitorino acrescenta uma breve listagem de metros de Horácio e mais algumas definições sobre *ode*, *colon*, *comma* e *melos*, por exemplo.

Para Keil (1961, xv), os argumentos apresentados em favor dessa primeira hipótese, tais como a presença de repetições inúteis de desenvolvimentos anteriores ou mesmo retomada de conteúdos, são suficientes para atribuir a M. Vitorino a ligação entre as duas obras. Para Mariotti (1967, 50), tais repetições de segmentos são traço comum à tradição na literatura didascálica e nenhum argumento apresentado por Keil é bastante consistente para confirmar a autoria da ligação.

De acordo com a segunda hipótese, a ligação entre a *Ars Grammatica* de M. Vitorino e o *De metris* de E. Aftônio seria produto de um mero acaso, somente as primeiras páginas seriam de M. Vitorino, o restante da obra seria de E. Aftônio. De acordo com Hadot (1961, 68) e Mariotti (1971, 50) essa possibilidade é mais verossímil: a confusão entre as duas obras seria proveniente do acaso que suprimiu da *Ars Grammatica* as suas últimas páginas e as

¹⁹ A evidente quebra sintática e semântica que existe dentro do capítulo sobre as sílabas, no primeiro livro da *Ars*, página 31, 17 da edição de Keil, proporciona um confronto entre o texto de M. Vitorino e a produção de E. Aftônio. Keil assinala, em notas, numerosos desenvolvimentos na obra de M. Vitorino que encontram eco em Carísio e Donato, enquanto o capítulo sobre as sílabas, atribuído a E. Aftônio, assemelha-se à obra de T. Mauro. Note-se que, é Keil quem, em nota ao texto da *Ars*, destaca tais afinidades entre os autores.

²⁰ Cf. HADOT 1971, 61-68; MARIOTTI, 1967, 10-23; Mariotti e Keil observam os diferentes empregos da palavra *igitur* por toda a *Ars*. No trecho que se acredita ter sido verdadeiramente escrito por M. Vitorino, todas as ocorrências de *igitur* aparecem como a primeira palavra da frase, tal como acontece também em suas obras cristãs. No entanto, nas ocorrências de *igitur*, bastante numerosas, dentro do trecho da *Ars* que fora atribuído a E. Aftônio, no primeiro livro, de 19 ocorrências de *igitur*, 13 encontram-se no início da frase e somente 6 como primeira palavra; no segundo livro, de um total de 14 *igitur*, 9 estão no início da frase, porém somente 5 vezes o termo está em posição inicial.

primeiras do tratado de E. Aftônio. Essa lacuna certamente remonta ao século IV, já que Rufino de Antioquia menciona como sendo de M. Vitorino um trecho da obra de E. Aftônio (HADOT, 1971, 68). O melhor dos manuscritos, o *Palatinus*, termina todo o conjunto da obra com um simples *explicit*, somente o *Parisinus* repete a inscrição *Ars grammatica Victorini Mari de orthographia et de metrica ratione*; dessa forma, é mesmo possível admitir que se trata da iniciativa de um copista.

O presente trabalho não pretende esquadrihar a questão da autoria do texto, apenas expor as teorias que puderam ser depreendidas dos levantamentos promovidos pela pesquisa; o expediente de confrontar posições de comentaristas foi necessário também porque suas teorias, em torno da questão da autoria, são fundamentais para compreender a composição estrutural da *Ars Grammatica*.

IV. A estrutura da *Ars Grammatica*

Da legítima *Ars Grammatica* de M. Vitorino restaram apenas algumas páginas, que correspondem exatamente às vinte e nove páginas iniciais, da edição de Keil (1961), e às onze páginas finais, de acordo com Mariotti (1967, 50). Para Mariotti, Keil teria cometido um grave engano ao propagar o texto de E. Aftônio ainda relacionado à obra de M. Vitorino: uma vez que o filólogo alemão responsável pela edição moderna havia reconhecido grande parte do conjunto de quatro volumes da *Ars* não pertencer ao autor que dá título à obra, o mais adequado teria sido desvincular os textos, publicando-os separadamente. Keil, porém, manteve os tratados unidos e a justificativa para tal escolha estaria no fato de o editor julgar que tal união teria sido feita pelo próprio M. Vitorino.

Acredita-se, no entanto, que os argumentos que refutam tal hipótese, como, principalmente, a identidade que se pode traçar entre as obras de Donato, Carísio e M. Vitorino e entre T. Mauro, A. Fortunaciano, C. Basso e E. Aftônio, como dito anteriormente, esteja mais fortemente amparada pelos dados do próprio texto, por isso este trabalho pretende endossar o ponto de vista de I. Mariotti, que atribui a um erro de um copista a junção entre a obra de M. Vitorino e E. Aftônio.

Pretende-se, no presente estudo, examinar a *Ars Grammatica* tal como os manuscritos originalmente a conservam, afinal, mesmo que sob fontes e formas diferentes ao longo dos quatro volumes, a *Arte Gramatical* constitui um conjunto inestimável de postulados das doutrinas métricas em circulação na antiguidade. Para que se faça uma análise justa da estrutura da *Ars*, propõe-se sondar-lhe os preceitos, obedecendo à questão da autoria do texto conforme se definiu há pouco.

IV. 1 – *Ars Grammatica* de M. Vitorino: as primeiras noções de prosódia e ortografia

Os capítulos *De arte*, *De uoce*, *De litteris*, *De orthographia* e *De syllabis* do *Liber Primvs de Orthographia et de metrica ratione* são atribuídos a M. Vitorino e, como define Keil (1961, 3- 31), guardam notável aproximação com a obra de Carísio; enquanto Mariotti (1967, 47-53) assinala estreita relação entre esse início da *Ars Grammatica* e a obra de Donato. Dessa maneira, submeteu-se à análise a obra de M. Vitorino e, quando foi possível, buscou-se estabelecer um diálogo entre o cópulo principal desse estudo e as obras de Donato e

Carísio, para que se pudesse traçar um perfil da estrutura que dá início aos estudos gramaticais, nas *Artes Grammaticae*.

As *Artes Grammaticae* consistem em uma descrição da língua latina, que compreende desde o estudo dos sons e da formação de palavras até as partes do discurso, as suas virtudes e os seus vícios, de modo a orientar a correção da leitura e da escrita. Baratin discorre do seguinte modo sobre a estrutura da descrição dos elementos constituintes da língua:

Pour pouvoir en traiter valablement, la grammaire doit d'abord procéder à une analyse qui dégage les éléments qui constituent la langue, et leurs variations formelles. D'où, comme plan: une première partie sur les éléments (lettres, syllabes, catégories de mots), et une deuxième sur la correction, c'est-à-dire sur les critères qui permettent de l'établir et, corollairement, sur les manquements dont elle peut faire l'objet, c'est-à-dire sur les fautes. (BARATIN, 1994, 147)

Esse modelo de descrição comporta uma progressão *uox, littera, syllaba*, que remonta a uma prática de ensino de leitura e de escrita da língua que parte da letra (vogal ou consoante), para, em seguida, passar à sílaba, e, depois, à palavra. Essa progressão é inerente ao ensino gramatical e isso já atestara Platão, como lembra Baratin (1994, 146), e, apesar dessa progressão ser prática recorrente entre os artífices, Law assevera que o ensino de língua independe da fixação de conceitos gramático-linguísticos como ‘letra’, ‘sílabas’ ou ‘palavra’:

Of course, one can teach someone to read without any grammatical concepts more sophisticated than ‘letter’, ‘sound’ and ‘word’: equivalent terms are found in all literate societies, and in most, if not all, preliterate societies. In other words, the ability to read and write – and by implication to devise a writing system – does not presuppose an extensive repertoire of linguistic concepts, still less a well-developed system of grammar or theoretical linguistics. (LAW, 2003, p. 52)

A progressão gramatical *uox, littera, syllaba* tem por referência a prática de ensino da língua latina e, por isso, tal sequência figura nas *Artes grammaticae*, uma vez que elas abrangem as matérias de caráter descritivo da língua de maneira didático-pedagógica:

Dans cette structure de description, la progression lettres, syllabes, catégories de mots remonte à la pratique de l'enseignement de la lecture et de l'écriture, où l'on part de la lettre pour passer ensuite à la syllabe, puis au mot. Cette progression est inhérente à cet enseignement, et elle est déjà attestée chez Platon (BARATIN, 1994, 145).

Assim, ao analisar o trecho que é originalmente atribuído a M. Vitorino, é possível identificar, logo de saída, que o autor conserva os tópicos da progressão gramatical, no entanto, procede, como única alteração do modelo, a inserção do capítulo *orthographia*, depois de haver dissertado sobre as *litterae*. M. Vitorino detém-se minuciosamente sobre os tópicos *uox*, *littera*, *orthographia* e *syllaba*, e chama a atenção o alto nível de complexidade das teorias e conceitos e a descrição primorosa do autor.

Existe um claro paralelo entre a obra de M. Vitorino e aquela de Donato, especialmente com a *Ars maior*, como já assinalara Mariotti (1967, 51). O tratado de Donato parece sobressair aos de sua época e aos posteriores devido ao grande esmero do autor quanto à organização de suas duas *Artes* (MARIOTTI, 1967, 51). É possível verificar que o texto de Donato descreve sistematicamente a língua latina utilizando-se, para tanto, do mesmo esquema progressivo de organização comum às *Artes Grammaticae*. Se o conteúdo a ser tratado é assunto comum entre as *Artes Grammaticae* e se a organização se fundamenta sobre o mesmo esquema progressivo, como afirma Baratin (1994), o que haveria na obra de Donato que teria faltado aos demais artífices?

O rigor da exposição teórica da obra de Donato é o que parece destacar as *Artes* de Donato das demais, de acordo com Baratin (1994, 142). O autor prima pela clareza e pela concisão, pela brevidade e pela perfeição formal ao descrever o sistema da língua latina, uma vez que tais atributos seriam capazes de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Essas características da composição donatiana estariam, segundo Dezotti (2011, 14), no cerne da discussão sobre a supremacia da *Ars minor* e da *Ars maior* de Donato no campo das *Artes Grammaticae*.

Tradicionalmente a *Ars Donati* é constituída de dois tratados, a *Ars minor* e a *Ars maior*, que consiste na reunião de três outros tratados menores. Para o presente estudo, interessa sobremaneira a *Ars maior*, organizada de acordo com a seguinte sequência: *Ars maior I: De uoce; De littera; De syllaba; De pedibus; De tonis; De posituris*.

Observa-se que Donato segue rigorosamente a estrutura base do estudo progressivo da gramática latina, *uox*, *littera*, *syllaba*, e que a essa progressão somam-se os estudos das partes da oração (*Ars maior II*), e os estudos sobre os vícios e virtudes (*Ars maior III*). Conforme já se disse, Donato objetiva escrever com exatidão e clareza, talvez por isso, tenha-lhe parecido melhor ater-se ao essencial, eliminando o acessório e as informações adicionais em prol de

um texto mais objetivo e didático, trazendo ao leitor uma abordagem simples, mas completa do sistema da língua latina, como sugere Baratin (1994, p. 142).

Já no tocante a Carísio, uma das características mais marcantes de sua *Ars Grammatica* é o caráter compilatório, reconhecido pelo autor no próprio prefácio da obra²¹. Esse manual de gramática descreve o sistema da língua latina de maneira breve e concisa, combinando em suas partes materiais distintos, extraídos com maior ou menor grau de fidelidade de diversas fontes. O caráter compilatório da *Ars* de Carísio faz dela um documento de sumo interesse para o estudo das múltiplas fontes que não apenas serviram para moldá-la, mas também indicam uma verdadeira concatenação de estudos gramaticais, da qual se podem extrair além de fragmentos de autores anteriores ao século IV, transmitidos unicamente por Carísio, também aspectos importantes da doutrina gramatical latina e traços característicos de autores de épocas mais distantes, como assegura Baratin (1994, 144).

Carísio tem a sua obra dividida em cinco livros, o primeiro, sobre o qual recai o olhar deste estudo, traz a teoria da *littera* através da progressão *grammatica*, *uox*, *littera* e *syllaba*. Os demais livros tratam: o segundo, as partes do discurso; o terceiro, alguns desdobramentos a respeito dos verbos; o quarto, os vícios e as virtudes do discurso; e, o quinto, algumas construções idiomáticas.

Há, assim, entre as *Artes Grammaticae* de M. Vitorino, Donato e de Carísio grande proximidade, isso porque, segundo Baratin (1994, 143), os modelos de descrições linguísticas, ou seja, as *Artes*, formavam um conjunto de textos com os mesmos princípios e objetivos: dar a conhecer a estrutura da língua latina por meio de expedientes didático-pedagógicos.

De acordo com Baratin, há uma gigantesca diversidade de planos adotados pelos gramáticos latinos, porém, antes de se distanciarem e cuidarem cada qual do enfoque que lhes é mais caro, todos partem de um início comum, os fundamentos da língua latina, a *uox*, a *littera* e a *syllaba*, e nisto são iguais:

En d'autres termes, je ne pense pas que la diversité des plans adoptés par les grammairiens latins tiennent à un quelconque souci de se démarquer les uns des autres, à l'amour de l'un pour les travaux de marqueterie ou au goût d'un autre pour les paquets de fiches, mais au fait que les grammairiens ne disposaient plus, au moins à partir du 3^e.s., des moyens de répéter la moindre cohérence dans le matériau à décrire. (BARATIN, 1994, 153)

²¹ Cf. a esse respeito VARELA, U. J. Consideraciones sobre el prefacio del Arte gramática de Carísio, *STVDIVM*. Revista de Humanidades, 12, 2006, 113-25.

IV. 2 – *Ars Grammatica* de E. Aftônio: o tratado de métrica

É possível perceber a diversidade de planos adotados a que se refere Baratin (1994) nas *Artes Grammaticae* que escolhem a métrica como enfoque principal. A métrica, nesse caso, é o que Baratin (1994, p. 153) denominou de ‘detalhe’, escolhido pelo gramático para ser estudado com maior profundidade. A definição do assunto principal a ser abordado no tratado é o que determinará a organização do trabalho, a exposição das teorias linguísticas e o discurso adotado pelo autor.

Baratin destaca ainda, no que tange à métrica, que existe uma dificuldade quando os estudos avançam o nível das sílabas: “*a éventuellement un accent, et, surtout, toujours une quantité, est susceptible de se combiner en mot, mais également en pied.*” (BARATIN, 1994, 149). Assim, Luque Moreno (2001, p. 22-23.) e Baratin (1994, 149) veem a assimilação dessa estrutura pelos metricistas num modelo de descrição organizado hierarquicamente da seguinte maneira:

pé > metro > poema

voz > fonema > sílaba >

palavra > enunciado > discurso.

Dessa forma, para Luque Moreno:

He aquí, pues, la progresión jerárquica de constituyentes a que me refería antes: de las letras a las sílabas, de las sílabas a las palabras, de las palabras a la oración.

Los metricólogos pasarán de las sílabas a los pies, la mínima unidade significativa en el flujo rítmico-métrico, equivalente en muchos sentidos a la palabra en la cadena hablada. Pies o ritmos denomina Dionísio a las palabras, identificando así los dos tipos de unidades, la lingüística y la rítmico-métrica (LUQUE MORENO, 2001, 23).

E, nas palavras de Baratin,

On a donc là une bifurcation, d'un côté vers les classes de mots, de l'autre vers les différents types de pieds, et éventuellement vers leur propre mode de combinaison, c'est-à-dire les mètres. Cette bifurcation, qui est à coup sûr très ancienne, pose dans le détail des problèmes délicats, parce que la morphologie (traitement des classes de mots), et la métrique (traitement des mètres), ne sont évidemment pas sur le même plan (1994, 149).

É também à luz das teorias expostas sobre a progressão gramatical que se pretende estudar o trecho da *Ars Grammatica* atribuído a M. Vitorino e destacar as correspondências existentes entre esse tratado e aquele de T. Mauro, que teria sido a principal fonte de M. Vitorino. A porção mais volumosa da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri III*, conforme foi abordado aqui, teria sido escrita por Élio Festo Aftônio (MARIOTTI, 1967, 47).

A ruptura do tratado de M. Vitorino que dá início ao texto de E. Aftônio está localizada na página 31, 13 da edição de Keil (1961). Keil assinala a quebra com um asterisco no corpo do texto acompanhado de nota de rodapé com a seguinte inscrição: “*lacuna quam indicavi exciderunt quaedam, a quibus initium novi tractatus de litteris et de syllabis*”. Keil não avalia o novo tratado que tem início a partir daquele ponto, a menção a E. Aftônio acontecerá somente na página 173, 33, em que se encontra a inscrição *Aelii Festi Aphthoni V. P. metris omnibus explicit liber III*, como observado anteriormente (Cf. Capítulo III. A história do texto de M. Vitorino: introdução de Keil).

Assim sendo, as noções de métrica que se estendem da página 31 à 173 corresponderiam, de acordo com Hadot (1971, 64) e Mariotti (1967, 47), ao tratado *De metris* de E. Aftônio. O trecho da *Ars* que é atribuído a E. Aftônio tem o seu início *in media res*, isto é, com o capítulo sobre as sílabas em pleno desenvolvimento. Deste ponto em diante, o que se segue é uma mudança radical quanto às fontes que orientaram a teoria e a estruturação da obra. Luque Moreno (2005) analisa as confluências entre as obras de T. Mauro, A. Fortunaciano e E. Aftônio.

Estruturas gramaticais e sintáticas²² de T. Mauro e A. Fortunaciano são apontadas no texto de E. Aftônio por Keil, em notas à sua edição²³. Chama a atenção não apenas a profusão de notas que denunciam a clara influência que aqueles autores exerceram na obra de E. Aftônio, mas também o rigoroso paralelo que se pode traçar entre elas.

O texto de T. Mauro “*De littera, de syllaba, de pedibus*” é dividido em três grandes partes, *de litteris*: p. 11, v. 85 a p. 23, v. 278, segundo a compilação de Keil (1961); *De syllabis (etiam metrica ratione)*: p. 25, v. 279 a p. 93, v. 1299 e *De arte metrica (cum poemate, compositione, structura, musica)*: p. 95, v. 1300 a p. 213, v. 2981.

²² Cf. MORENO, 2005.

²³ Deve-se observar que, em todos os textos de sua compilação, Keil (1961) investiga e anota todas as passagens que são comuns entre as *Artes* ou, que ressoam *Artes*, é a essas anotações às quais o presente trabalho recorre.

Chiara Cignolo (2002, xxxiii), na introdução da versão italiana do *Terentianus de littera, de syllabis, de pedibus*, demonstra a organização da obra de T. Mauro. Após uma breve apresentação da sua *Ars*, T. Mauro, no capítulo *De litteris*, estuda a sequência já conhecida, comum às *Artes Grammaticae*, iniciando pela descrição da articulação dos sons, vocálicos e consonantais e, já no início do terceiro capítulo, *De syllabis*, o autor apresenta letras, vogais, ditongos e consoantes e, por fim, a formação das sílabas.

Após o estudo das sílabas, sua formação e composição, T. Mauro dedica o último capítulo de sua obra ao estudo dos metros da lírica latina (CIGNOLO, 2002, xxxiv). Nesse ponto, dá início à explanação a respeito da formação e da natureza dos pés da lírica latina. Segue-se, então, um estudo detalhado dos metros, a começar pelo hexâmetro e daí uma sucessão deles: pentâmetro, arquiloqueu, anapesto, coriâmbico, arquebuleu, etc. Ao findar a sua obra, T. Mauro dedica algumas páginas aos metros mistos e a estrofes, como a estrofe alcaica e outros metros usados por Horácio.

A análise da sistematização dos dados na obra de T. Mauro permite entrever que também esse autor aplica à sua *Ars* a organização a que Baratin (1994) nomeou progressão gramatical. Note-se, entretanto, que T. Mauro não aparece na relação elaborada por Keil, às primeiras páginas da *Ars* de M. Vitorino, com justiça atribuída a ele; em seu lugar, Keil estabelece a analogia com Carísio e Donato. Todas essas *Artes*, as de T. Mauro, Carísio e Donato, adotam o mesmo modelo de organização estrutural, ao menos no que tange aos primeiros tópicos a serem abordados, *uox, littera, syllaba*; no entanto, M. Vitorino e E. Aftônio buscaram cada qual a sua referência, fator este que demonstra, conforme assinalado, o conjunto dos quatro livros da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* ter sido composto por dois autores diferentes (MARIOTII, 1967, 50).

O tratado técnico *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, cujas páginas iniciais são atribuídas a M. Vitorino e a volumosa porção central, que trata dos assuntos métricos, atribuída a E. Aftônio, dá prosseguimento à sequência de *Artes Grammaticae* que aplicam a progressão gramatical *uox, littera, syllaba*, no princípio dos estudos, como já se demonstrou, e têm sua continuidade, após o estudo das sílabas, na formação dos pés e metros da lírica latina, semelhante ao modelo empregado por T. Mauro e descrito por Baratin (1994) e Moreno (2001). Tal construção é incomum a Donato e Carísio, que, após o estudo das sílabas, dedicaram-se ao exame da formação de palavras, das estruturas sintáticas e à análise do

discurso; ela, porém, é encontrada frequentemente nas *Artes Grammaticae* cujo principal interesse está nos estudos métricos.

É possível notar, pela organização estrutural da *Ars* de T. Mauro, que o seu objetivo é compor um tratado que esgotasse o assunto ‘métrica’, e o mesmo se pode dizer a respeito do texto de E. Aftônio, inserido na *Ars* de M. Vitorino²⁴. Assim, o que se tem é uma série de obras voltadas para os estudos aprofundados da métrica em língua latina, isto é, sem quaisquer fins didático-pedagógicos, conforme afirma Cignolo:

Il trattato, poi, non ha certo le caratteristiche di un manuale di scuola e non può in nessun modo essere stato pensato per uso didattico, anzitutto per le difficoltà che lo renderebbero inaccessibile per degli studenti alle prime armi.(2002, xxix)

Cignolo refere-se especificamente ao tratado de T. Mauro, no entanto, pela semelhança que se denota entre os tratados de T. Mauro e E. Aftônio, é possível transferir e aplicar também a este as ponderações feita àquele por Cignolo.

Os textos de T. Mauro, portanto, justamente por causa da complexidade que atingem nos estudos métricos, não estão, segundo Cignolo (2002, xxix), destinados aos jovens aprendizes da língua de nível escolar, mas sim, àqueles que já dominavam a língua latina e estariam buscando aprofundar seus conhecimentos a respeito da métrica, ou mesmo aos pretensos novos poetas, o mesmo se pode dizer a respeito de E. Aftônio, dadas as semelhanças estilísticas encontradas em ambos os tratados.

Possiamo allora forse immaginare una figura di poeta erudito, in accordo con il modello comune dell’Africa del sec. III, buon conoscitore di metrica e grammatica, anche se non maestro di scuola, che scrive con l’obiettivo di teorizzare le competenze tecniche in campo prosodico e metrico acquisite in anni di pratica poetica, proponendosi come ideali dei colleghi, persone già competenti in materia, per cosè dire ‘aspiranti poeti’. (CIGNOLO, 2002, xxix)

É necessário ressaltar que Baratin associa a progressão gramatical como um modelo didático-pedagógico inerente ao processo de ensino-aprendizagem da língua (BARATIN, 1994, 145). Porém, não diferencia os níveis de dificuldades impostos ao aprendiz por uma *Ars Grammatica* que pretende analisar de maneira breve e sucinta o sistema linguístico latino, praticar análise do discurso e arrolar os vícios e virtudes do enunciado, como fazem os textos de Donato e Carísio, daqueles outros textos que, como os de T. Mauro, A. Fortunaciano e E.

²⁴ Também na obra *Fortunatiani Ars Metrica*, a Arte Gramatical de A. Fortunaciano (MARIOTTI, 1967, 52).

Aftônio, têm por pretensão aprofundar-se nos estudos métricos e proporcionar ao leitor uma análise completa dos metros da lírica latina.

V. Os *exempla* no discurso gramatical

Todas as gramáticas comportam exemplos. Esse parece ser um ingrediente indispensável ao discurso do gramático (CHEVILLARD, 2007, 6). Entretanto, o estatuto epistemológico, a forma e o funcionamento semiótico dessas sequências intituladas *exemplum* podem ser diferentes, segundo o *córpus* que se observa, quer se trate de tradições gramaticais distintas, quer se situem no interior de uma mesma tradição, em momentos históricos diferentes. Enquanto os discursos gramaticais já foram alvo de numerosos e exaustivos estudos sobre sua história, epistemologia e semiologia, é recente o interesse pelo estudo dos *exempla*, e alguns dos pesquisadores que se dedicaram a essa classe de estudos reúnem nomes como os de J.-C. Chevalier (2007), J.-L. Chevillard (2007), B. Colombat (2007), J. Lallot (2007), J.-M. Fournier (2007), J. P. Guillaume (2007) e M. Baratin (2009; 2011).

É necessário salientar que a fonte mais abundante em informações sobre o estudo dos *exempla* dentro do discurso gramatical encontrada por esta pesquisa é o volume 166, *L'exemple dans les traditions grammaticales*, da Revista *Langages*. O volume é consagrado ao exemplo em várias tradições gramaticais e apresenta um conjunto de reflexões sobre esse fato do discurso característico das gramáticas. A partir do confronto e da comparação dessas práticas em diferentes tradições, como as tradições grega, latina, árabe, tâmil e francesa, os artigos do volume descrevem as soluções imaginadas pelos gramáticos para a elaboração do discurso, para a manipulação do exemplo e para a construção de uma representação da língua objeto. Assim, por meio desses elementos, é possível traçar uma tipologia dos exemplos no discurso gramatical, como fizeram os autores que compõem o Volume 166 da Revista *Langages* e como pretende também fazer este estudo.

O que se seguirá é uma reflexão de ordem teórica, à luz dos conceitos expostos pelos pesquisadores há pouco citados, sobre as propriedades e a natureza desse fato do discurso que é característico aos gramáticos. É a partir do confronto e da comparação das abordagens que se tem hoje sobre os *exempla* que trataremos, neste capítulo, de lhes propor uma definição e de determinar as técnicas de inserção e de manipulação no discurso de que fazem parte, bem como a construção de uma representação da língua-objeto, a partir de alguns de seus elementos.

Ressalta-se, porém, que cada um daqueles modernos estudiosos dos exemplos e do discurso gramatical apresentados nos artigos reunidos da Revista *Langages*, volume 166,

expõe suas reflexões à medida que analisa um *córpus* selecionado. Chevillard (2007), por exemplo, escolhe como objeto de pesquisa algumas tradições gramaticais bastante distintas entre si como a tradição tâmil, o discurso gramatical da *Nouvelle Méthode latine* de Port-Royal e a obra de Apolônio Díscolo, também objeto dos estudos de Jean Lallot (2007). Bernard Colombat (2007) tomará como *córpus* os dois pilares da tradição latina, as *Ars maior* e *Ars minor* de Donato e as *Institutiones grammaticales* de Prisciano. Jean-Marie Fournier (2007) investiga os dados das gramáticas de tradição francesa e Jean Patrick Guillaume (2007), os de tradição árabe.

Além desses artigos publicados na Revista *Langages*, há ainda que se mencionar dois outros artigos ainda mais recentes, o de Baratin, intitulado “*La littérarité comme performance de textes techniques: les Artes grammaticae antiquae*”, apresentado ao XVIII Congresso Nacional de Estudos Clássicos, realizado no Rio de Janeiro em 2011 – ao qual essa pesquisadora teve acesso privilegiado, por gentileza do autor na data do evento – que aborda os exemplos literários inseridos no discurso gramatical; e o de Alessandro Garcea & Angelo Giavatto, denominado “*Les citations d’auteurs grecs chez Priscien: un premier état de la question*”, artigo publicado na Revista *Letras Clássicas* da FFLCH/USP, lançado em setembro de 2012, no qual os autores estudam a presença de citações literárias gregas na obra de Prisciano, traçando uma tipologia desses exemplos, analisando as formas que assumem e, especialmente, os principais autores citados.

Este trabalho não pretende adotar metodologia diferente. Neste capítulo acerca dos exemplos, intenta-se abordar os *exempla* da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, cotejando-os com os exemplos presentes nas *Artes* com as quais, conforme se demonstrou (Cf. Capítulo IV), têm estreita afinidade, quais sejam, as de Carísio, de Donato e de T. Mauro, e ainda outros autores presentes na edição compilatória de Keil (1961), tais como C. Basso e A. Fortunaciano, à medida que se julgar valorosa a contribuição desses autores para a presente pesquisa. Optou-se por discriminar neste trabalho aqueles exemplos presentes nas 29 primeiras páginas e nas páginas finais da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* que, de acordo com o exposto, foram estabelecidos por M. Vitorino, daqueles outros pertencentes à grande fatia da *Ars Grammatica* atribuída a E. Aftônio. Para tanto, o presente estudo, doravante, empregará ‘M. Vitorino’ para se referir aos exemplos presentes exclusivamente nas 29 páginas iniciais e nas 11 finais da obra *Marii Victorini Artis*

Grammaticae Libri IIII, e ‘E. Aftônio’ para aludir aos exemplos do grande volume do tratado *De metris* inserido na obra deste.

Há que se destacar, entretanto, que a recorrência de exemplos nas obras daqueles gramáticos que dissertaram sobre a métrica é muito maior quando comparada ao número de exemplos presentes nas obras de Carísio e de Donato, que tiveram por intenção descrever a matéria linguística do latim, de maneira sucinta, mas em sua totalidade. Dessa maneira, há uma quantidade consideravelmente menor de exemplos no segmento da *Ars Grammatica* atribuído a M. Vitorino se comparada à exorbitante quantia daqueles que se encontram no tratado *De metris* de E. Aftônio.

V. 1 – As várias tentativas de definição

A dificuldade de definir de maneira satisfatória o que seja um *exemplum* dentro do discurso gramatical advém da imensa variedade de formas e funções que ele pode assumir, assim é, de fato, ocioso insistir na complexidade de se colocar sob um único rótulo dados que podem parecer, e muitas vezes são, bastante diferentes.

Para que a definição consiga abarcar a maior parte dos dados de língua presentes no discurso gramatical, não seria possível fundamentá-la na natureza dos dados linguísticos representados pelo exemplo, uma vez que ela varia de acordo com a finalidade do discurso em que ele está inserido; também não seria possível estabelecer uma definição assentada na forma dos exemplos, pois é grande a diversidade de formas que eles podem assumir. A definição, de acordo com Bernard Colombat (2007, p. 72), deve apreender o conjunto de fenômenos através dos quais se manifestam, no discurso gramatical, os dados da língua-objeto.

Jean-Luc Chevillard, em artigo composto a várias mãos (CHEVILLARD et al., 2007, 5-6), chega à conclusão de que a melhor maneira de se definir o que seja um *exemplum* é por meio de seu funcionamento semiótico: “*tout objet linguistique, quelle que soit sa structure, issu de la langue objet: tout fragment de la langue objet inséré dans le discours grammatical*” (CHEVILLARD, et al., 2007, 5-6). Trata-se, pois, de uma sequência autônoma dentro do texto fonte. É possível concordar com Chevillard (2007, 6) que ainda é cedo para dizer se tal formulação atende aos critérios de exaustibilidade requeridos por uma boa definição; os *exempla*, tomados como objeto de considerações teóricas, têm sido objeto de

recente interesse dos investigadores, no entanto, já é possível avaliar alguns resultados do pensamento até agora elaborado acerca dos exemplos.

Admitindo-se como exemplo uma sequência autônoma dentro do discurso, é possível recolher dados à mancha, o que, se por um lado, é positivo, pois consegue superar a dificuldade de agrupar todas as variedades de exemplos em um único conjunto, por outro, permite que sejam recolhidas, além de frases completas, também as listas de morfemas e palavras, prefixos e marcas de flexão, e até mesmo simples letras. Malgrado a proporção que tomaram as listas de exemplos, como lembra Bernard Colombat (2007, 71), a definição apresentada por Chevillard (2007, 6) parece ser a mais profícua. Chevillard propõe a seguinte fórmula: *“un exemple n’est pas n’importe quel fragment de la langue, il correspond plutôt à un échantillon représentatif de cette dernière”* (2007, 6), i. e., o exemplo é a criação de uma representação da língua dentro do discurso gramatical.

Chevillard (2007, 7) destaca que podem existir gramáticas que dispensem o exemplo como recurso linguístico, isto é, uma gramática que descreva a língua somente por metalinguagem; embora seja possível, não se tem ainda notícia de qualquer caso que venha servir como referência. O extremo oposto, isto é, uma gramática inteiramente constituída por exemplos, assemelhar-se-ia, para o autor, muito mais a *“un exercice de style un peu gratuit”* (CHEVILLARD, 2007, 7) que a uma descrição séria da língua e, por sua vez, também não legou nenhum representante. C. Marchello-Nizia e G. Petiot (1977, 84) lembram, no entanto, que a maioria das obras situa-se bem aquém desses dois limites, admitindo a variação entre conter muitos exemplos e conter poucos exemplos.

Ao propor uma definição do que sejam os exemplos dentro do discurso gramatical, concorda-se com Chevillard, (2007, 27) qualquer definição de exemplo dificilmente poderá prescindir de uma análise de suas funções nos planos didático e epistemológico, e isso porque os tipos de exemplos são comandados pelo modelo de realidade empírica à qual corresponde a língua-objeto descrita pela gramática. As formas, o funcionamento e o tipo de exemplos escolhidos pelo autor dependem da orientação da obra, que pode ser didática, erudita, etc.

Quando coloca lado a lado diferentes tradições gramaticais, como as gramáticas latinas tardias, as gramáticas latinas produzidas na França durante o século XVI, textos gramaticais tâmil e textos da tradição árabe, Chevillard (2007, 8) observa que o estatuto epistemológico do exemplo manifesta-se de maneira diferente nessas tradições.

Certaines opèrent sur un corpus clos, achevé, de textes classiques (comme la tradition latine), d'autres sur un corpus non clos. La fonction (cognitive, sociale...) des outils linguistiques – grammaires et dictionnaires – (Auroux, 1993), n'est pas la même dans les deux cas: élucidation et conservation vs grammatisation, c'est-à-dire description et normalisation. (CHEVILLARD, 2007, 8)

A respeito das funções desempenhadas pelos exemplos dentro do discurso gramatical, de corpus fechado ou aberto, falaremos mais adiante, ainda neste capítulo; por ora, o que deverá estar claro é que todos os aspectos do exemplo, quais sejam, definição, demarcação, forma e função, não são aspectos singulares, ao contrário, concorrem todos para a criação de uma representação da língua-objeto dentro do discurso.

V. 2 – Demarcação: a inserção do exemplo no discurso gramatical

A inserção do exemplo dentro do discurso gramatical traz à baila a questão da heterogeneidade enunciativa que existe entre o discurso do exemplo e o discurso que o cita, ou seja, aquele do gramático. De acordo com Authiez-Revuz (1990, 29) “a heterogeneidade que constitui um fragmento mencionado, entre os elementos linguísticos de que faz uso, é acompanhada de uma ruptura sintática”. Esses fragmentos, como os denomina Authiez-Revuz, apresentam-se nitidamente delimitados na cadeia discursiva. A pluralidade de vozes que pode existir no discurso gramatical deve ser colocada em evidência, pois, segundo Chevillard “*C'est là une condition nécessaire (et suffisante) pour qu'un énoncé, une séquence linguistique quelconque, soit reconnue comme exemple, comme fragment de la langue objet*”(2007, 8).

No caso dos discursos gramaticais, reconhecer e dar a conhecer esse ‘outro’, como denomina Authiez-Revuz (1990), significa descentralizar-se e dar-se um ancoramento real, mas, fora de si próprio. Os exemplos, como se pretende demonstrar, compõem o corpus ilustrativo das gramáticas: eles são imprescindíveis para que a gramática exerça a sua função de descrição do conhecimento linguístico e constituem, pois, a aplicação da teoria do sistema linguístico na prática da língua, por meio da criação de um momento de representatividade da mesma língua (CHEVILLARD, 2007, 9).

Chevillard lembra que, no caso das gramáticas bilíngues, a distinção entre os discursos está já nos códigos linguísticos e, por isso, é mais visível. Nas gramáticas monolíngues, a diferença é menos perceptível, porém, mesmo assim, existem recursos que podem tornar mais evidentes a heterogeneidade discursiva e podem ser empregados em ambos os tipos de

gramática. Chevillard distingue dois tipos de marcação: a tipográfica e a robusta; Colombat (2007, 78) define ainda um terceiro tipo, aquele que busca ocultar tais marcações.

V. 2. 1 – A marcação tipográfica

Os exemplos, tanto nas gramáticas quanto nas obras linguísticas e literárias, são, muitas vezes, imediatamente observados, graças ao destaque que lhes atribuem os artifícios tipográficos destinados a distingui-los do discurso metalinguístico, segundo C. Marchello-Nizia e G. Petiot (1977, 84).

É preciso destacar que esse tipo de marcação não é encontrado nas tradições manuscritas e estará sempre submetido ao tratamento dado ao texto em suas prováveis diferentes edições. Segundo Chevillard (2007, 9), a tradição tipográfica repousa sobre um largo inventário de termos, signos e técnicas tipográficas instaurados pelas obras publicadas ao longo do tempo, e cuja escolha não depende somente dos gramáticos; diz respeito à, principalmente, limitação imposta aos textos pelas técnicas de impressão e de composição, i.e., a limitação dos meios reprográficos que introduziram notações específicas. Dentre as principais, Chevillard destaca o uso de:

- a) sinais de pontuação: traço, vírgula, ponto seguido ou não de maiúscula, dois pontos, ponto e vírgula;
- b) sinais tipográficos: parênteses, colchetes, chaves, aspas duplas, aspas simples, etc.;
- c) mudança de fonte: destaque com letras itálicas em oposição à fonte normal, pequenas capitais (modernamente chamadas *small caps*);
- d) mudança de linha e recuo.

Nos textos do volume VI, *Scriptores Artis Metricae*, da obra *Grammatici Latini*, edição e compilação de Keil (1961), os exemplos das *Artes Grammaticae* de todos os autores ali reunidos têm como principal marcação tipográfica o uso de aspas simples, quando o exemplo está inserido no corpo do texto teórico, ou aparecem em separado, ocupando uma linha isolada, alinhados ao meio da página, como no excerto a seguir, da obra de E. Aftônio.

[...] *Non amat autem, ut dictum est, per singulos pedes verba finire, sed immiscere syllabas. Nam qui per singulos pedes verba terminarit, erit indecens, sicut*

Pythie, Delie, te colo, prospice vota que firma.

*at si misceantur syllabae, erit decentissimus, ut
at regina gravi iamdudum saucia cura.*
(VICTORINUS, 1961, 71)

[...] Não é bom, porém, como já se disse, que palavras concluam pés inteiros, mas, ao contrário, que as sílabas [nele] se mesquem. Aquele [verso], pois, que separar as palavras em pés únicos, será considerado inadequado, assim como:

[Pythĭĕ,| Dĕliĕ,| tĕ cōlō,| prōspĭcĕ | vōtāquĕ | fĭrmă.]²⁵
mas, se as sílabas se misturarem, será o mais harmonioso possível, como em:
[āt rĕ|gĭnă gră|vĭ iām|dūdūm| sāucĭă| cūrā].²⁶

O único autor, daqueles recolhidos por Keil (1961), que destoa do conjunto e segue normas diferentes para a apresentação dos *exempla*, é T. Mauro, isso por que a sua *Ars* é composta em versos hexâmetros datílicos em sua maioria. Esse autor, em particular, constrói seu trabalho visando não somente a descrever os expedientes métricos na elaboração de poemas, ou destacando a importância da métrica para a lírica latina, mas, faz de seu próprio tratado, ao exercer o papel de versificador, um modelo de poesia (CIGNOLO, 2002, xxxiv).

Em Aftônio, os exemplos em língua estrangeira, no caso, em grego, são introduzidos como os exemplos latinos, por meio da marcação tipográfica, recuo, mudança de linha e aspas simples e da marcação robusta, principalmente com partículas demarcadoras como pronomes (dêiticos, anafóricos, relativos, enfáticos, etc...) e conjunções. Os exemplos gregos sempre estão acompanhados da indicação de seu autor, Homero em todas as ocorrências, e inseridos num contexto positivo, sobre o que se falará mais adiante.

*Nam si una syllaba brevius fuerit a legitimo hexametro heroico, dicitur
diphilium metrum, ita tamen ut ista versificatio tertium pedem spondeum
semper habeat. Hoc quoque dignum eruditibus auribus non praetermiserim
repertum in hexametro versu dactylico, cui tamen duo cola e duobus dactylis
et spondeo constabunt, quattuor pedes disyllabos, id est trochaeum iambum
pyrrichium spondeum, per ordinem semper positos inveniri, si velis alias,
quam hexametri heroici lex postulat, scandere, ut est apud Homerum*
Ζεὺς δὲ θεῶν ἀγορῆν ποιήσατο τερπικέρανος
et apud nostrum
conciliumque vocat divum pater atque hominum rex.
(VICTORINUS, 1961, 73)

Assim, se uma sílaba breve for para um legítimo hexâmetro heroico, denominar-se-á [metro] verso difícil, assim também como esta composição sempre teria um terceiro pé espondeu. Não escapariam aos ouvidos dos

²⁵ AEL, frag. 50, 1. (Trad. Ó Pítio, ó Délio, eu te cultuo: vê meus votos e assegura-os), trata-se, pois, de um verso inadequado por apresentar coincidência na delimitação entre pés e palavras.

²⁶ Verg., A., IV, 1. (Trad. Mas já a rainha fatigada por uma grave preocupação), tal verso, se comparado com o anterior, está mais bem acabado, uma vez que as rupturas dos pés não se ajustam àquelas das palavras do verso, à exceção dos últimos pés que, ao que parece, não incomodaram o gramático.

eruditos uma legítima descoberta a respeito do verso hexâmetro datílico, todavia, corresponderão a dois *colas*, dois dátilos e um espondeu, quatro metros dissílabos, isto é, um troqueu, um iambo, um pirríquio e um espondeu, que se encontram sempre posicionados nesta ordem, quando em outras circunstâncias não, como requer a regra do hexâmetro heróico, escandir, como está em Homero

[Ζεῦς δὲ θεῶν ἄγορῆν ποιῆσάτο | τερπικεῖρανος]²⁷

e, entre os nossos

[cōncīlīūm quē vō|cāt dī|vūm pātēr | ātque hōmī|nūm rēx]²⁸

Dessa forma, dentro da obra de T. Mauro, os exemplos, quando curtos, estarão inseridos no discurso gramatical versificado, destacados por aspas simples, porém muitas vezes ocupam um verso todo dos hexâmetros do gramático, nesses casos, os versos não aparecem com recuo ou centralizados, mas há a marcação tipográfica original, que é o uso de aspas simples.

[...]

- 1151 *bis decies unumque supra, nisi fallimur, ecce
dactylon efficiet talis quem dico trochaeus,
spondeum at nullum potuit dare uersibus isdem.
namque etiam duplex quae nobis una relicta est,*
1155 *principium uerbi quoniam proferre Latini
non ualet et tantum uocali[s] súbdita currit,
cum Graecum inciderit nomen quo possumus uti,
si post dactylon accedat, nil tempore duplo
officiet. Gemini poterunt quod pandere uersus:*
1160 *'pontibus instratis coniunxit litora Xerxes',
'sanguine turbatus miscebat litora Xanthus'.*
(TERENTIANUS MAURUS, 1961, 1151 – 1162)

- 1151 Mais acima, por vinte e uma vezes, se não nos enganamos,
eis que um troqueu, tal como o de que falo, comporá um dátilo,
mas ele não foi capaz de dar aos mesmos versos nenhum espondeu.
De fato, também a [consoante] dupla, aquela única que nos restou,
1155 porque não consegue alongar o início de uma palavra latina
e se precipita somente na vogal anterior,
quando aparecer uma palavra grega que podemos utilizar,
se incide após um dátilo, não atrapalhará nada
com seu tempo duplo. Dois versos poderão revelar isto:
1160 [*'pōntībŭs | ĩnstrā|tīs || cōn|jūnxīt | ĩtōrā | Xērēs'*],
[*'sānguīnē | tŭrbā|tŭs || mīs|cēbāt | ĩtōrā | Xānthŭs'*]²⁹.
(PIZANO, 2012, 33)

²⁷ Hom., Il., VIII, 2. (Trad.: Zeus grande, que os raios dispara, os eternos convoca para assembleia). HOMERO, 1962.)

²⁸ Verg., A., X, 2. (Trad.: O pai dos deuses e rei dos homens convoca o concílio)

²⁹ S. n. (Trad. Xerxes uniu as praias às pontes cobertas/'Xanto agitado pelo sangue unia as praias). T. Mauro chama a atenção, nesses dois exemplos para o quinto pé datílico dos versos, mesmo diante da consoante dupla 'x', a vogal 'a' antecedente não é alongada.

C. Marchello-Nizia e G. Petiot (1977, 84) observam que, além dos recursos tipográficos mais comuns, como os destacados acima, muitas das obras escolares utilizavam, já àquela época, jogos de cores diversificadas a fim de garantir realce, de modo a propiciar algum efeito de memorização.

No entanto, é necessário observar que os textos gramaticais produzidos na Antiguidade Clássica chegaram à posteridade, provavelmente, por meio de manuscritos medievais, assim, as notações tipográficas, em sua maioria, foram observadas nas edições mais ‘recentes’ desses textos, e, pode-se supor, não nos manuscritos. Conforme denotado há pouco, a única marcação tipográfica que se presume ‘original’ é o uso das aspas no texto de T. Mauro.

V. 2. 2 – A marcação robusta:

Esse termo designa o emprego de ferramentas estritamente linguísticas para fazer denotar o exemplo dentro do discurso gramatical. Chevillard (2007, 13) observa que essa prática surgiu de exames minuciosos de práticas da tradição manuscrita e é possível distingui-los em três categorias diferentes:

- a) termos metalinguísticos: designam o exemplo, tais como *palavra, frase, verso, exemplo*, etc., empregados de acordo com o tipo de exemplo a ser introduzido;
- b) partículas demarcadoras: uso de artigos³⁰, pronomes (dêiticos, anafóricos, relativos, enfáticos, etc...) e conjunções;
- c) construções complexas: são as construções fundamentadas nos verbos de locução acompanhados da representação de uma fonte enunciativa.³¹

Os exemplos presentes nas obras de Donato e de Carísio são introduzidos no discurso por meio da marcação robusta, partícula *ut*, quando são grafemas ou palavras isoladas ou, no caso de expressões curtas ou versos inteiros, figuram no texto entre aspas simples, situados no interior da teoria, como no excerto abaixo da *Ars Maior* de Donato em que se investiga as

³⁰ Chevillard adverte que o uso de artigos definidos, referindo-se à língua grega, ao menos no que diz respeito à obra de Apolônio Díscolo, cópula da sua pesquisa, é empregado exclusivamente como índice demarcador, quando o exemplo é constituído de apenas uma palavra e, em geral, o artigo concorda em gênero e número, não com a palavra citada, mas com o nome da parte do discurso na qual ela se enquadra. Quanto ao latim, Chevillard observa que as marcações robustas são construídas com pronomes e conjunções.

³¹ Essas construções permitem ao gramático mencionar a fonte do exemplo citado ou introduzir um grupo de locutores, a quem o gramático atribui certa maneira de dizer, de modo a atestar ao leitor que aquele dado incorporado por ele ao seu discurso foi tomado de outro, eximindo-se de qualquer responsabilidade sobre o fato linguístico ou literário.

sílabas longas, sua natureza ou os fatores que contribuem para o seu alongamento. Os exemplos utilizados por Donato são literários, extraídos de Virgílio e Ênio.

longae aut natura sunt aut positione fiunt. natura, cum aut uocalis producitur, ut a o, aut duae uocales iunguntur et diphthongon faciunt, ut ae oe au eu ei. positione, cum correpta uocalis in duas desinit consonantes, ut arma arcus, aut in unam duplicem, ut axis, aut in alteram consonantem et alteram uocalem loco consonantis positam, ut ‘at Iuno’, ‘at Venus’, aut in i’ litteram solam loco consonantis positam, quam nonnulli geminant, ut ‘aio te, Aeacida, Romanos uincere posse’.

(DONATO, 1981)

Longas ou são longas por natureza ou se tornam longas por posição:

— por natureza:

- ou quando a vogal é longa, como a, o;
- ou quando duas vogais se juntam e fazem ditongo, como ae, oe, au, eu, ei.

— por posição:

- ou quando uma vogal breve termina em duas consoantes, como arma, arcus;³²
- ou em uma consoante dupla, como axis;³³
- ou em uma consoante e uma vogal empregada como consoante, como “at Iuno”, “at Venus”;³⁴
- ou na letra i sozinha, empregada como consoante, que não poucos duplicam, como “aio te, Aeacida, Romanos uincere posse”.³⁵

(DEZOTTI, 2011, 132)

É possível perceber a marcação robusta na *Ars Grammatica* de E. Aftônio, com o emprego da palavra *exemplum* acompanhada do pronome relativo *cuius*.

[...] *Hoc genus catalecticum fit vel bacchio a brevi incipiente vel eo qui amphibrachys vocatur: nam sicut saepe diximus, novissima indifferens est. Quod genus si hexametrum sit, philicium de actoris tragoediographi nomine nuncupabitur, aptum canendis laudibus Cereris et Liberae, ut est frugiferae sacra deae, quae colitis, mystica sunt nota Iovi potenti. scanditur autem per dipodias, cuius exemplum in tetrametro catalectico o cate rerum sator, o principium deorum.*

(VICTORINUS, 1961, 86)

[...] Esse tipo de [metro coriâmbico] catalético ocorre ou por um báquio breve no início (~ – –) ou por aquele que é chamado anfibraco (~ – ~): pois assim como amiúde dissemos, a sílaba final é indiferente. Esse tipo, se fosse um hexâmetro, seria chamado filício a partir do nome do ator-tragediógrafo, afeito ao canto de louvores a Ceres e Líbero-Baco, assim como em

[frūgīfērāe | sācrā dēāe, | quāe cōlītīs, | mŷstīcā sūnt | nōtā Iōvī | pōtēntī]³⁶

³² Respectivamente: Trad.: armas, arco

³³ Trad.: eixo

³⁴ Verg. A. XII, 134 (Trad.: Mas Juno...); Verg. A. I, 411 (Trad. Mas Vênus...)

³⁵ Enn. (v. 167), (Trad.: “Afirmo que tu, Eácida, podes vencer os romanos”).

³⁶ Trad.: “Os cultos da fértil deusa, que cultuais, foram mistérios conhecidos pelo próprio Júpiter potente”.

é escandido, por outro lado, por dipodias, cujo exemplo está no tetrâmetro cataléctico

[ō cǎtē rērūm sǎtōr, ō | prīncīpīūm dēōrūm].³⁷

Há que se destacar, contudo, que esse tipo de marcação robusta, em que o gramático designa explicitamente a introdução de um exemplo, não é recorrente na obra de E. Aftônio, mas sobejam exemplos introduzidos pela conjunção *ut*:

Heroi versus vitiosi habentur qui ex solis dactylis vel qui ex solis spondeis constant, quia in talibus aut gravis tarditas aut velocitas nimia vitiosa est. Insignes autem in metris sunt aut dactylici, id est cum quinque dactyli ultimo spondeo clauduntur, ut

panditur interea domus omnipotentis Olympi

(VICTORINUS, 1961, 72)

Aqueles versos épicos do poema heroico que constam somente de dátilos ou somente de espondeus, são considerados defeituosos porque, em tais versos, ou há uma pesada lentidão, ou há uma rapidez por demais defeituosa. Por outro lado, os [versos] datílicos são os mais distintos dentre os metros, isto é, quando cinco dátilos são encerrados por um espondeu final, como:

[pāndītūr | ĩntērē|ā dōmūs | ōmnīpō|tētīs Ō|lympī:].³⁸

Tal mecanismo de introdução do exemplo no discurso, de acordo com Chevillard, incluído repetidas vezes no texto não o torna fastidioso, ao contrário, permite que teoria e exemplo sejam assimilados com maior clareza pelo leitor (CHEVILLARD, 2007, 13).

As estruturas construídas com base nos verbos de dizer, costumeiramente não introduzem exemplos, mas interlocuções com termos da métrica grega, como no exemplo abaixo, ou com algo dito anteriormente.

Heroici versus hexametri cola seu commata alia sunt, ut Graeci dicunt, ἀρχικά, alia τελικά, alia κοινά, e quis alia initiis, alia clausulis versuum conexa respondent, quas portiunculas, si necesse sit, ausim dicere initiales et finales seu novissimales, communes autem, quae et initio et fini sociatae congruunt.

(VICTORINUS, 1961, 74)

Os versos heroicos têm *cola* ou outras cesuras, como chamam os gregos ἀρχικά (inicial), ou τελικά (final), ou κοινά (ambivalente), das quais umas no início, outras no final dos versos, correspondem ao encadeamento lógico; seria necessário, por assim dizer, que as pequenas porções, iniciais e finais,

³⁷ Trad.: Ó sábio semente das coisas, o princípio dos deuses.) Os dois exemplos citados por E. Aftônio servem para a demonstração da alteração que ocorre no pé final do metro coriâmbico, nestes dois casos, o coreu final é substituído por um báquio (˘ – –).

³⁸ Verg., A., X, 1: (Trad. Abre-se nesse íterim, a mansão do onipotente Olimpo). Esse verso corresponde a um dos muitos julgamentos valorativos presentes na obra de E. Aftônio, neste o autor reconhece o defeito que causa nos versos o acúmulo de espondeus ou de dátilos, apontando como uma solução o melhor dos hexâmetros, aquele formado por cinco dátilos e um espondeu final.

ou as novas, por sua vez ambivalentes, associações que concordam no início e no fim.

V. 2. 3 – A ausência de demarcação: integracionismo

Bernard Colombat (2007, 78) analisa o integracionismo, tendência que se verifica nos textos gramaticais da Antiguidade Clássica de apagar as marcações da heterogeneidade do discurso. A tendência “ – *observable dans les plus anciens textes grammaticaux, comme dans le livre I de Quintilien – à intégrer autant que possible l'exemple dans la structure syntaxique de la phrase qui le cite (...)*”. (COLOMBAT, 2007, 78)

De acordo com Chevillard (2007, 10), o princípio é integrar nos textos latinos, tanto quanto for possível, o exemplo no discurso metalinguístico, utilizando pequenas partículas como *ut, ab, pro*, nos textos latinos, e, principalmente, o artigo definido neutro singular *to*, nos gregos. Um gramático latino ainda pode introduzir, o que é muito comum, exemplos gregos em seu texto e, também nesses casos, se verifica o integracionismo. Segundo Nicolas (2001, 500), “*Cela illustre la tendance intégrationniste du latin, dont Cicéron est un représentant extrémiste, et qui consiste à grammaticaliser et à uniformiser sous l'usage le plus grand nombre possible d'énoncés atypiques*”.

Esse fenômeno é verificado com maior intensidade nas obras pertencentes à Antiguidade Clássica; em períodos posteriores, os gramáticos tendem a adotar os outros dois tipos de demarcação – a tipográfica e a robusta – para introduzir os seus exemplos; “*même si l'on peut penser qu'ils ne disparaissent jamais tout à fait du discours des auteurs, sortes de facilités ou de raccourcis bien pratiques et presque inévitables dans le discours didactique*” (CHEVILLARD, 2007, 11-12).

A prática do integracionismo, segundo Chevillard, é cada vez menos intensa à medida que o exemplo foi-se constituindo como uma espécie de enunciado isolado, por isso lhe servem melhor as marcações que destacam a heterogeneidade do discurso, e que culminará naquela definição que, no início deste estudo, concluímos ser a mais interessante para as análises: “*ce qui définit fondamentalement l'exemple est son fonctionnement sémiotique, en l'occurrence le fait qu'il s'agisse d'une séquence autonome*” (CHEVILLARD, 2007, 12).

V. 3 – A questão da representação

A definição de exemplo com a qual se trabalha neste estudo não pode ser fundamentada na natureza dos dados linguísticos e literários, nem na forma que os exemplos podem assumir, já que ambos os aspectos são bastante variáveis e, por isso, se escolheu defini-los de acordo com o seu funcionamento semiótico, admitindo como exemplo todo objeto linguístico: fragmento da língua objeto inserido no discurso metalinguístico e portador de certa autonomia dentro do discurso.

Segundo Chevillard (2007, 19) e Colombat (2007, 73), um exemplo pode desempenhar a sua função de representação da língua de duas maneiras: mostrando dados em extensão ou em compreensão.

V. 3. 1. – Representação em extensão

Chevillard (2007, 19) define como representação em extensão as sequências autônomas propriamente ditas, em gramáticas (e congêneres) que realizam a descrição da língua por amostragem.

Bernard Colombat analisa os exemplos que constroem esse tipo de representação na obra de Prisciano e conclui tratar-se de uma representação em extensão quando, por exemplo,

Dans le domaine de la morphologie, il est donc des cas où l'on ne peut tout montrer: pour la forme la plus commune, le grammairien donne une liste d'occurrences, plus ou moins longue, et compte sur la compétence du lecteur pour continuer la liste. (COLOMBAT, 2007, 74).

No trecho da *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, E. Aftônio demonstra estar ciente de que seria impossível esgotar por meio de exemplos todas as situações propostas pela teoria, no caso, todas as combinações possíveis entre dátilos e espondeus em um hexâmetro datílico.

Quas species sub exemplis enumerare et apud nos longum et apud eruditos absurdum habeatur, quotiens et quibus in locis per alternas dactyli et spondei vices inter se obortae collocentur: quas tamen XXXII esse manifestum est. (VICTORINUS, 1961, 72)

Enumerar suas espécies por meio de exemplos tanto por nós como pelos especialistas seria considerado absurdo, quantas são as vezes e tantos são os lugares em que poderiam ser colocados tanto dátilos como espondeus em sílabas sucessivas e alternadas: é evidente, porém, haver 32 delas.

V. 3. 2 – Representação em compreensão

De acordo com Chevillard, a representação em compreensão dá-se quando “*L'exemple n'est pas un énoncé lui-même, mais se présente comme une matrice à partir de laquelle les énoncés de la classe peuvent être générés*” (2007, 19).

A respeito das *Institutiones grammaticae*, cuja maior parte é consagrada à morfologia do nome e do verbo, Bernard Colombat observa que

Priscien semble bien décidé à décrire non seulement la totalité des formes de la langue, mais la totalité des règles d'engendrement de ces formes. Dans ce cas précis, il ne s'agit pas d'une description de la langue par échantillon, mais en compréhension. Il s'agit de dire toute la langue, alors qu'à l'inverse, dans le projet des Partitiones, il s'agit de dire toute la grammaire à partir d'un échantillon. (COLOMBAT, 2007., 73)

Chevillard (2007, 20) declara haver duas maneiras de se construir a representação em compreensão:

- a) através do mecanismo semântico da comparação: é introduzido em geral por conjunções ou pronomes demonstrativos, acompanhados de verbos de locução e da indicação da fonte do exemplo propriamente dito:

En toute proposition il y a un sujet (...) et un attribut (...). Mais ces deux termes peuvent être ou simples, comme quand je dis : Dieu est bon ; ou complexes, comme quand je dis : Un habile magistrat est un homme utile à la république. Car ce que j'affirme n'est pas seulement qu'il est homme, mais qu'il est homme utile à la république. (GGR, 1676, p. 67-68, In: CHEVILLARD, 2007, 20)

- b) através de uma sequência de exemplos que comporta uma ou mais variáveis não determinadas. Segundo o autor Chevillard, “*Les traditions ont développé des stratégies différentes pour élaborer le concept de variable non instanciée. Ce rôle peut être joué par exemple par des pronoms, des noms propres (...) ou des listes*” (2007, 20), como listas de pronomes.

Ao analisar os exemplos nas *Institutiones grammaticae*, Chevillard afirma que “*Chez Apollonius, les deux types de représentation se rencontrent côte à côte et tendent à remplir des fonctions différentes et complémentaires*” (2007, 20), como os exemplos inventados e as citações de obras literárias, principalmente de Homero; a esse respeito falaremos um pouco mais adiante.

No concernente às *Artes Grammaticae*, cujo assunto principal é a descrição dos expedientes métricos, é possível observar a recorrência de listas de exemplos em extensão ou compreensão. São listas de exemplos as sequências que figuram nas obras de M. Vitorino e E. Aftônio, T. Mauro, A. Fortunaciano, C. Basso e todos os outros gramáticos metricistas que, ao descrever um verso, arrolam uma série de exemplos, acompanhados, frequentemente, por uma explicação teórica e, como se verifica em E. Aftônio, por julgamentos valorativos.

E. Aftônio, ao descrever o metro coriâmbico, cria, a partir do verso inicial do poema I, 8 de Horácio, uma lista de exemplo em compreensão, na qual subtrai do hexâmetro um pé, a fim de formar o pentâmetro e assim prossegue até chegar ao dím metro coriâmbico. A formação do pentâmetro, do tetrâmetro, do trímetro e do dím metro coriâmbicos adultera o verso horaciano, porém, com tal lista de exemplos compreensão, E. Aftônio demonstra as possibilidades de combinações, substituições e alterações desse metro. Conforme se verifica ao final, tal procedimento ainda porta uma avaliação do resultado obtido com a substituição das sílabas longas iniciais do coreu, por duas breves: o acúmulo indesejado de breves, a formação de pés tríbracos ou iâmbicos.

Igitur ut a fastigio metri ad minora decursum habeamus, erit in hoc hexametrum catalecticum, quod philicium nuncupari diximus, quodque constat ex quinque choriambis et bacchio ultimo ita,

Lydia, dic perdere cur hunc cupias. Quid retices? Quid dubitas? Quid haeres?

pentametrum autem, quo frequenter Cratinus usus est, catalecticum sic,

Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid retices maligne?

tetrametrum vero

Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid haeres?

trimetrum etiam, quod et aphrodisiacum dicitur,

Lydia, dic perdere cur hunc velis;

dimetrum quoque

Lydia dic canoro.

huic si primam longam mutaveris, id est si trochaeo retracto iambum posueris, metrum antispasticum, quod est huic contrarium, figurabis, ut

libens Lydia dic cur.

invenimus plerumque et alios choriambicos [tetrametros catalecticos] versus, in quibus omnes longae initiales choriamborum pedum syllabae in duas breves divisae ambiguum versum efficiunt. Erunt enim coniugationes de tribrachy et iambo formatae, tamquam

super agit aura mare ferens procul acatos biremis.

(VICTORINUS, 1961, 87)

Então, para que tenhamos uma evolução junto dos metros menores a partir do metro principal, essa será na direção do hexâmetro cataléctico, que dizemos ser chamado Filício e que consta de cinco coriambos e um último báquio, assim:

[Lȳdĭā, dīc | pĕrdĕrĕ cūr | hūnc cŭpĭās. | Quīd rĕtĭcēs? | Quīd dŭbĭtās? | Quīd

hāerēs?] ³⁹

ou pentâmetro, que frequentemente Crátino usou, assim cataléctico

[Lȳdīā, dīc | pērdērē cūr | hūnc cūpīās. | Quīd rētīcēs | mālīgnē?] ⁴⁰
um tetrâmetro autêntico

[Lȳdīā, dīc | pērdērē cūr | hūnc cūpīās. | Quīd hāerēs?] ⁴¹
também trímetro, que é chamado de precioso

[Lȳdīā, dīc | pērdērē cūr | hūnc vēlīs]; ⁴²
do mesmo modo um dímetro

[Lȳdīā, dīc | cānōrō.] ⁴³

se a este metro tiveres mudado a primeira longa, isto é, se, tirado um troqueu, tenhas colocado um iambo, aparecerá um metro antipástico, que é o contrário deste, como:

[lībēns Lȳdī|ā, dīc cūr] ⁴⁴

encontramos quase sempre também outros versos coriâmbicos tetrâmetros catalécticos, nos quais todas as sílabas longas iniciais dos pés coriâmbos, divididas em duas breves, fazem um verso impreciso. Porque, serão combinações que foram formadas por tríbraco e iambo, tal qual:

[sūpēr ā|gīt ā|urā mārē | fērēns | prōcūl ā|cātōs | bīrē|mīs.] ⁴⁵

V. 4 – Os tipos de exemplos

A partir da observação das várias tradições diferentes com que trabalhou, Chevillard distinguiu uma variedade imensa de tipos de exemplos e, por isso, organizou a exposição em listas às quais recorre esse trabalho a fim de exaurir os tipos de exemplos inseridos no discurso gramatical.

V. 4. 1 – Listas fechadas vs não fechadas (ou abertas)

Há dois tipos de listas de exemplos, a fechada e a não fechada, e elas estão estreitamente relacionadas à representação em extensão e representação em compreensão, abordadas há pouco.

Chevillard (2007, 24) analisa os exemplos de listas abertas e fechadas na obra de Prisciano e constata serem ambas as listas introduzidas por *ut*, que é, sem dúvida, no latim, o

³⁹ Hor., *Carm.*, I, 8, 1. Mod. (Trad.: Lídia, diz por que desejas perdê-lo. O que ocultas? Do que duvidas? O que seguras?).

⁴⁰ Hor., *Carm.*, I, 8, 1. Mod. (Trad.: Lídia, diz por que desejas perdê-lo. O que ocultas malignamente?).

⁴¹ Hor., *Carm.*, I, 8, 1. Mod. (Trad.: Lídia, diz por que desejas perdê-lo. O que seguras?).

⁴² Hor. *Carm* I, 8,1. Mod. (Trad.: Lídia, diz por que queres perdê-lo).

⁴³ Hor. *Carm* I, 8,1. Mod. (Trad.: Lídia, diz em verso canoro).

⁴⁴ Hor., *Carm.*, I, 8, 1. Mod. (Trad.: Ó Lídia bondosa, diz por quê).

⁴⁵ S. n. (Trad.: A brisa, que leva ao longe os navios birremes, age sobre o mar). Nota-se que, para demonstrar o censurado acúmulo de breves, E. Aftônio recorre a um verso que não é do poeta Horácio. Não foi possível encontrar a referência de tal verso, segundo os mecanismos de busca aplicados nessa pesquisa; assim se pode supor ou tratar-se de um verso que não sobreviveu ao tempo em seu contexto original, ou ter sido uma criação de E. Aftônio com a finalidade de demonstrar sua teoria, mas não se descarta também a hipótese de ser esse um anti-exemplo recorrente das gramáticas, embora também não se tenha encontrado tal verso, nas gramáticas relacionadas por esse estudo. A respeito dos ‘anti-exemplos’, cf. o Capítulo V. 4. 5 – Anti-exemplos

mais produtivo método para a introdução de exemplos, de acordo com o pesquisador. A partícula, porém, tem seu valor modificado diante de uma lista e de outra. *Vt*, pode ser traduzido por *assim*, para introduzir listas completas, fechadas; ou por *como*, *por exemplo*, para introduzir listas não fechadas, em que “*est marqueur de multiplicité et ne suppose pas l’exhaustivité*” (2007, 25).

No excerto abaixo, E. Aftônio introduz uma lista aberta, de exemplos em extensão, em que dois exemplos bastam para demonstrar a regra sobre o alongamento da vogal naturalmente breve diante da ocorrência da elisão e marcar a multiplicidade de empregos, nesse caso, *ut* é traduzido por *como*.

Octavo, si correpta uocalis desinit in consonantem, qua pars orationis finiatur, et sequens syllaba a uocali incipiat, ut “hoc erat” et “hic ait”.
(VICTORINUS, 1967, 36)

A oitava regra [elisão]: se uma vogal breve termina numa consoante, na qual uma parte da oração termina, e a sílaba seguinte começa por uma vogal, como em [hōc ěrăt], e [hīc, äīt].⁴⁶

V. 4. 2 – Paradigmas: conjugação e declinação

Bernard Colombat chama a atenção para as possibilidades de elenco advindas da língua latina, uma vez que se trata de uma língua flexional:

Par chance la morphologie du latin est assez régulière pour pouvoir être enfermée dans un nombre limité de paradigmes (cinq déclinaisons, cinq conjugaisons pas immédiatement reconnues) associés à une sélection de formes (nominatif + génitif pour les noms, infinitif, prétérit et supin pour les verbes), couple dont le rendement est quasiment parfait puisqu’il permet de rendre compte de la quasi totalité des formes attestées. (COLOMBAT, 2007, 72)

Os paradigmas da língua latina, de acordo com a definição de Colombat, poderiam ser considerados como listas fechadas de exemplos, conforme a descrição de lista fechada antes explicada, pois há um número finito de declinações e conjugações, no entanto, Chevillard (2007) destaca essas formas colocando-as em separado. Acredita-se que Chevillard tenha distinguido listas fechadas de paradigmas das listas fechadas de exemplos. As declinações e as conjugações do latim perfazem listas fechadas, no entanto, admitem uma infinidade de exemplos que as possa representar bem como suas possibilidades sintagmáticas:

⁴⁶ Trad., respectivamente: isto era; ele diz.

Une grammaire latine peut donc fournir sous une forme relativement réduite l'ensemble des formes morphologiquement viables. On peut alors s'étonner de la longueur des passages consacrés à la morphologie dans les grammaires latines sur une longue période, qui va des Institutiones grammaticae de Priscien aux règles en vers français de la Nouvelle Méthode latine, en passant par les règles en hexamètres latins du Doctrinale ou du Grécisme. (COLOMBAT, 2007, 72)

Note-se, no entanto, que as listas de paradigmas de conjugações e declinações, fechadas ou abertas, como as definem Colombat (2007) e Chevillard (2007), não figuram nas *Artes Grammaticae* cujo assunto descrito é a métrica, é possível encontrá-las, por exemplo, em Donato e Carísio.

Demarcar a multiplicidade ou atingir a exaustividade dos exemplos e das possibilidades da língua é, na verdade, uma escolha do gramático. De acordo com Colombat (2007, 72), “*En fait, le grammairien peut avoir le choix entre dire toute la langue et n'en donner qu'un échantillon qui permette d'en dire le maximum sous la forme la plus économique possible*”, o que vale tanto para as listas de exemplos fechadas ou não fechadas, quanto para os infinitos exemplos das listas fechadas de declinações e conjugações do latim.

V. 4. 3 – Exemplos forjados

Chevillard (2007, 25) define como exemplos forjados aquelas sequências construídas pelo próprio gramático. Existem dois tipos de exemplos forjados:

- a) sequência formal: entende-se por sequências formais aquelas que obedecem às regras do funcionamento da língua e seriam tomadas como verdadeiras dentro das possibilidades do sistema, admitindo ainda variações;
- b) sequência realista: é entendida como uma fração de um discurso tomado de um universo de discurso identificável, segundo Chevillard (2007, 25).

Enquanto a primeira sequência poderia ser produzida a qualquer instante por qualquer falante da língua, a segunda traz especificidades do discurso, ou seja, são características de um determinado grupo de falantes, não se tratando de citações que remetam a um autor específico, mas a um grupo de pessoas.

Dentro das *Artes Grammaticae* observadas por esta pesquisa, em especial na obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, pôde-se constatar a presença de sequências formais, pouco extensas, em sua maioria, constituídas por duas ou três palavras. Chamar-se-

ão de ‘sequência formal’ aquelas que, segundo os mecanismos de busca aplicados por este, não tiveram sua origem reconhecida em textos da tradição gramatical ou nas fontes literárias e que não são agramaticais, e a sua inserção no discurso gramatical será avaliada em momento oportuno.

Baratin (2011, 4) examina os exemplos nas obras dos gramáticos latinos e chama aos exemplos forjados *exempla ficta*. São, por definição, anônimos e curtos e, segundo este autor, “*La dimension pourrait être un critère de distinction: les exempla ficta sont souvent très courts, parce que limités au seul fait linguistique visé, donc le plus souvent 1 ou 2 mots, quelquefois 3*” (2011, 3), embora o próprio autor reconheça que podem existir *exempla ficta* mais extensos.

No conjunto de *exempla ficta*, Baratin incluirá aqueles exemplos que têm sua origem nos textos literários, porém foram modificados pelas mãos do gramático ao serem inseridos no discurso gramatical.

Dans le livre 17 de l’Ars de Priscien, on a ainsi pu identifier des exempla ficta, présentés comme tels, c’est-à-dire sans nom d’auteur ni d’œuvre, et qui n’appartiennent pas à des œuvres qui les rendraient identifiables, mais qui sont en fait des réécritures de citations littéraires, comme in media arma ruamus et moriamur (114.7), réécrit à partir du célèbre vers de Virgile (Én. 2,357) moriamur et in media arma ruamus (...) (BARATIN, 2011, 5)

Essas reescrituras são bastante comuns nos textos gramaticais latinos e estão sempre a serviço da teoria. O gramático, nesse ponto, assemelha-se a um cientista dos versos, submetendo-os a análises e experimentos, a fim de verificar os efeitos, alterações no aspecto semântico, no esquema métrico, na criação ou não de figuras de linguagem, etc.

Em E. Aftônio é possível encontrar inúmeros exemplos forjados a partir de versos originais consagrados da literatura latina. O gramático, com a finalidade de tornar clara a demonstração do aspecto teórico abordado, realiza operações nos versos que, não raro, resultam sequências agramaticais, porém reconhecíveis, seja por haver citado em conjunto o verso em seu aspecto original, seja por haver citado um verso famoso da lírica latina.

O excerto abaixo evidencia o caráter didático-pedagógico da obra de E. Aftônio. Trata a formação do verso pentâmetro a partir do hexâmetro datílico, segundo a qual o pentâmetro é composto por dois hemistíquios de dois pés e meio cada um, separados por uma cesura

obrigatória e leva o nome pentâmetro justamente devido ao raciocínio matemático com que é tratado o metro, dois meios pés somados equivalem a um pé inteiro, o quinto do metro.

O verso escolhido pelo gramático para exemplificar o procedimento de escansão é de Ovídio⁴⁷, o segundo verso do primeiro dístico das *Heroides*, i. e. o primeiro pentâmetro do poema e para ser ainda mais específico na descrição de sua proposta de escansão, E. Aftônio desloca a sílaba longa *-bas* para o final do verso, de maneira a enfatizar a formação do quinto pé do pentâmetro:

In scandendo autem pentametro non nulli dissentiunt. Quidam enim eum in duo dividunt cola et percussis utriusque partis binis pedibus semipedes, qui supersunt, coniungunt et ex his spondeum quintum versui adnectunt, tamquam

nil mihi rescribas attinet: ipse veni

sic

nil mihi rescri attinet: ipse venibas

(VICTORINUS, 1961, 109)

Alguns divergem, porém, acerca de como o pentâmetro deve ser escandido. Alguns, pois, o dividem em dois membros e os semipés que sobram, marcados como dois pés em cada uma das metades, juntam-nos e anexam ao verso um quinto espondeu, por eles formado, assim como

nīl mīhī | rēscrī|bās || āttīnē|t: īpsē uē|nī!⁴⁸

assim,

nīl mīhī | rēscrī| āttīnē|t īpsē uē|nībās.

Trata-se, pois, do mesmo verso, porém no segundo exemplo, a longa que ficava isolada no meio do verso configura o pé espondeico final, tal como o gramático queria demonstrar. Com o deslocamento da sílaba, o verso perde todo o seu sentido e significado, gramatical e semântico, mas, para um leitor versado nas artes gramaticais, tal procedimento é pertinente, uma vez que visa a evidenciar as teorias métricas.

Existe ainda, segundo Baratin (2011, 5), uma subespécie de exemplos, são exemplos inexatos, geralmente sem metrificação, cuja origem pode ser tanto literária quando de uso comum da língua, e sua inexatidão deve-se ao fato de o gramático fazer menção a eles de memória, mostrando-se, sobretudo, atento a um ponto específico e não à sua totalidade, e que, por isso mesmo, não se enquadraria no grupo dos *exempla ficta*. “*Ces exemples constituent*

⁴⁷ É necessário destacar que Ovídio, malgrado a sua representatividade no rol de poetas latinos, quase não figura como exemplo nas *Artes Grammaticae*. A esse respeito, leia-se ‘O mau tratamento dado a Ovídio em alguns manuais e tratados de literatura latina’, p. 13, in: BENITES, M. V. *Aracne e Palas: Uma trama de sentido: Análise Semiótica de Metamorfoses, de Ovídio (Liber VI – 01 - 145)*, Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara (Dissertação de Mestrado).

⁴⁸ Ovid. (1-2) *Haec tua Penelope lento tibi mittit, Ulixē, nil mihi rescribas attinet: ipse veni!* (Trad.: Tua Penélope envia esta [carta] a ti lento, ó Ulisses, ela ordena que tu nada respondas à musa: vens, tu, em pessoa!)

une sorte de zone grise entre les citations littéraires incontestables et les exempla ficta proprement dits, de telle façon qu'on se retrouve avec une longue séquence sans véritable solution de continuité” (2011, 5).

V. 4. 4 – Citações

Os textos técnicos gramaticais latinos utilizam os exemplos para explicar e/ou demonstrar os empregos linguísticos correspondentes às regras de funcionamento que ali são descritas e, em geral, essa é a principal função dos exemplos dentro do discurso linguístico. Colombat (2007), Chevillard (2007) e Baratin (2009; 2011) entendem por citações os exemplos extraídos de obras reconhecidamente literárias, reconhecimento atribuído já na época em que foram escritos os discursos gramaticais nos quais estão inscritos.

Baratin (2011) reconhece dois tipos de exemplos: os *exempla ficta*, cujo conceito foi explicitado há pouco, e as citações, que estabelecem com os *exempla ficta* uma relação de oposição⁴⁹.

Os estudos de Baratin permitem problematizar certas questões a respeito das citações nas obras gramaticais latinas: o autor tomará como *cópus* para sua análise a obra de Prisciano, no entanto, admite que tais observações são facilmente verificáveis em outros textos gramaticais latinos. Assim, tem-se que:

- a) as citações mantêm com o discurso que as cita um distanciamento temporal, podendo ser medido em alguns séculos, em geral;
- b) há uma grande desproporção entre o conjunto de citações de obras em verso em detrimento das obras em prosa. Os autores que se fixaram nas obras gramaticais

⁴⁹ Marc Baratin (2011) agrupa os diversos tipos de exemplos em dois grandes conjuntos: as citações e os *exempla ficta*. Ao propor tal distinção, no entanto, Baratin não menciona uma outra categoria de exemplos, não menos importante, aquela dos exemplos extraídos de obras de teor e alcance especificamente linguísticos. Optou-se, por isso, para tratar desses exemplos oriundos de textos gramaticais, por adotar neste trabalho, as metodologias e definições de Chevillard, mas também relatar as ideias de Baratin, pois ambos os trabalhos se complementam. De acordo com Baratin “*Beaucoup de ces exemples sont attribués et renvoient à des auteurs et à des œuvres censés être connus des lecteurs de ces textes grammaticaux. Ces auteurs et ces œuvres font ainsi partie d’un ensemble qui apparaît comme une sorte de patrimoine commun, et qui correspond, au moins dans ses limites, à ce qu’on appellera plus tard la littérature*” (2011, p. 1). Ao que se percebe, o pesquisador refere-se exclusivamente aos exemplos extraídos de obras literárias, obras de autores como Homero e Virgílio, reconhecidamente clássicos da literatura, mas não inclui nessa categoria os exemplos extraídos de obras não literárias, fontes de muitos exemplos e que fazem parte de uma *tradição dos exemplos*, transmitida pelas gramáticas ao longo dos séculos. Os exemplos que foram transmitidos de uma gramática a outra, construindo o que será chamado de *tradição dos exemplos*, Chevillard irá inserir na lista de exemplos *herdados*.

do século I foram Terêncio e Virgílio – e Homero – entre os poetas, e Cícero e Salústio, entre os prosadores.

A desproporção a qual Baratin (2011) alude pode ser verificada com facilidade nas *Artes Grammaticae* cuja matéria descrita é a métrica, isso porque os versos dos poetas são ali objeto de estudo e, ao mesmo tempo, cópula ilustrativo do discurso gramatical. Porém, mesmo em Carísio e Donato, cuja matéria estudada é todo o sistema linguístico latino, também é possível verificar a supremacia dos exemplos extraídos dos poetas em detrimento das citações de textos em prosa, e isso diz mais a respeito da história das *Artes Grammaticae* do que da inserção do exemplo no discurso gramatical, essa questão será retomada a diante.

Baratin (2011, 4) encontra toda sorte de citações nas obras dos gramáticos Diomedes, século IV, e Prisciano, século VI, a que toma como referência, e propõe uma classificação para as citações presentes no discurso gramatical. Há, desta forma:

- a) citações com o nome do autor em contexto positivo, em contexto negativo ou neutro;
- b) citações sem o nome do autor, mas perfeitamente identificáveis; fato que ocorre com frequência em contextos negativos;
- c) citações longas e/ou breves que variam de uma palavra⁵⁰ até uma sequência de versos.

Em E. Aftônio, e em geral nas demais *Artes* de T. Mauro, C. Basso e A. Fortunaciano, os exemplos, salvo raras exceções, não vêm acompanhados de suas referências. Há, naquela obra que constitui o cópula principal deste trabalho, uma série de notas elaboradas também em latim, pelo editor da compilação, Keil, que buscou ali evidenciar, principalmente as diferentes grafias encontradas nos manuscritos da *Ars*, mas também os muitos trechos nos quais E. Aftônio recupera preceitos da obra de T. Mauro e A. Fortunaciano e, por fim, as referências das citações, quando extraídas de contexto literário.

Mesmo assim, Keil não se atém a todas as citações, muitas permanecem em sua edição sem indicação de fonte. Assim, foi necessário fazer uma busca das fontes textuais utilizadas

⁵⁰Uma vez que Baratin divide toda sorte de exemplos em apenas duas categorias, os *exempla ficta* e as citações, aqueles exemplos constituídos de uma única letra (grafema, fonema), ou palavra isolada, enquadrar-se-ão ao grupo das citações. E é fácil que, nos exemplos constituídos por apenas uma palavra ou duas, estejam sem a indicação do nome do autor, muitas vezes são construções comuns à língua falada e haverá sempre uma grande dificuldade para se reconhecer a fonte do discurso citado.

pelos autores da *Ars*. Para tanto, contou-se com o auxílio dos programas *Musaios* e *Diogénes*, que leem bancos de dados eletrônicos de textos latinos, tal como o PHI-5.3, utilizado nessa parte da pesquisa. Vale ressaltar que, para buscar os *exempla*, bastaria digitar no campo de busca desses programas os versos ou trechos desejados, no entanto, no decorrer do levantamento, fez-se necessário ampliar bastante esse procedimento.

Tendo em vista que muitos versos aparecem adulterados na obra de M. Vitorino e E. Aftônio, conforme se demonstrou, foi necessário promover investigação muito mais ampla e detalhada: em vez de buscar o verso todo, tal como citado na *Ars Grammatica*, foi, muitas vezes, necessário decompor a sequência, de forma a buscar as palavras uma a uma ou em pares sintagmáticos, para cada um dos exemplos desse tipo. A análise dos resultados foi, então, um exercício de paciência, uma vez que, para cada grupo de palavras, os programas indicavam uma série de ocorrências, foram examinadas com minúcia, a fim de encontrar a origem exata do exemplo citado.

Todas as alternativas de busca, contudo, não foram suficientes para esgotar e encontrar a fonte da totalidade dos exemplos da *Ars* de M. Vitorino e E. Aftônio; muitos ainda se encontram sem referência, de onde se extraíram algumas hipóteses que não são mutuamente excludentes, mas, ao contrário, compõem um conjunto de valores que daria conta de explicar a falta de referências de certos *exempla*:

- a) trata-se de composições dos próprios autores, M. Vitorino e E. Aftônio, ou;
- b) trata-se de expressões da fala comum do dia-a-dia, da qual não restaram testemunhos escritos, ou;
- c) trata-se de versos de obras que não chegaram até o presente.

Na obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, as citações, conforme já se apresentou, não costumam figurar acompanhadas da menção ao autor, as exceções estão ao *Liber IIII*, onde é possível encontrar exemplos a cujas referências estão explicitadas no corpo do texto. Grande parte dos versos é de Horácio, há também versos de Catulo, Virgílio e Ovídio, dentre os poetas, e versos também citados no tratado métrico de T. Mauro, a cuja referência foi feita, em nota, por Keil (1961) e não se pôde constatar, no entanto, ao menos no que tange às citações diretas aos poetas, julgamento depreciativo do verso, em verdade, há muitas vezes apenas a descrição dos procedimentos métricos.

Baratin (2009) ainda diferencia as citações entre curtas e longas. É possível encontrar nas *Artes Grammaticae* de E. Aftônio e M. Vitorino, T. Mauro, C. Basso e A. Fotunaciano toda sorte de exemplos, desde aqueles que representam as letras (grafemas/fonemas) até estrofes inteiras e, de acordo com Bernard Colombat (2007, 76), podem ser apresentados de maneira estereotipada dentro do discurso gramatical:

{ termo gramatical – da fonética, da morfologia, da sintaxe, etc.

+ definição + exemplo introduzido por *ut* }

Nesse quadro, determinadas citações começam a fixar a sua função como exemplo, de tal maneira que, segundo Colombat, (2007, 76), algumas delas passam a ser inseridas no discurso gramatical em formas abreviadas, ou mesmo mencionando somente parte do verso, por vezes duas ou três palavras que permitam ao leitor reconhecer a citação toda e, em geral, também o seu autor.

E. Aftônio utiliza-se do formato abreviado das citações para citar apenas uma vez um único verso, o modelo ideal de hexâmetro heroico, o primeiro verso da *Eneida* de Virgílio, que será também o verso mais citado pelo gramático em toda a *Ars*

arma virumque cano T. q. p. a. o.
(VICTORINUS, 1961, 52)

[Ārmă uī|rūmqŭē cā|nō, Trō|iāē quī | prīmūs āb | ōrīs]⁵¹

As citações, como se verá adiante, têm no discurso gramatical, duas funções e, por isso, podem ser observadas por duas perspectivas distintas:

la perspective scolaire, où il s'agit de fixer les règles de la correction linguistique à partir de la lecture des textes qui forment le fondement de la culture commune, mais sans condamner pour autant ces textes s'ils contreviennent à ces règles, et la perspective philologique d'établissement des textes qui a pour objet propre les textes littéraires, mais tout en prétendant ne pas avoir de compétence sur la dimension littéraire elle-même de ces textes. (BARATIN, 2011, 4).

Para encerrar esse aspecto dos exemplos, é necessário dizer que, inserido num texto linguístico, o exemplo extraído de uma obra literária deixa de ser considerado literário:

la citation littéraire dans le texte linguistique n'appelle pas une lecture littéraire, mais une lecture métalinguistique, dans la mesure où l'attention

⁵¹ Verg., A., I, 1.

du lecteur est attirée dans la citation non sur son contenu, ni même à proprement parler sur sa forme, mais sur tel ou tel procédé linguistique qui est constitutif de cette forme. (BARATIN, 2011, 4).

Dessa forma, Colombat afirma que “*Peu importe la longueur d’ailleurs, puisque, plus que les mots cités, c’est le contexte d’énonciation qui compte*”, o contexto enunciativo é o que vai transformar a citação literária em uma representação da língua.

V. 4. 5 – Anti-exemplos

Os anti-exemplos, ou contra-exemplos, como determinaram C. Marchello-Nizia e G. Petiot (1977, 89), são parte integrante do conjunto de exemplos das obras de teor linguístico. Aparecem com indicações de sequências ‘incorretas’, ‘desaconselháveis’ ou ‘defeituosas’, e a função delas dentro do discurso ortológico é didático-pedagógica. O gramático tem o dever de estabelecer uma hierarquia entre os usos da língua:

Les grammairiens contemporains ont toujours, parmi leurs fonctions principales, celle de guider l’élève vers l’usage (social) reconnu le meilleur. Cette pratique normative est parfois explicite, soit que les auteurs la précisent dans leur préface, soit que, dans le corps de l’ouvrage, ils déconseillent telle ou telle tournure comme “négligée” ou “familiale”. (MARCHELLO-NIZIA e PETIOT, 1977, 91).

Chevillard (2007, 26) identifica pelo menos dois tipos de anti-exemplos:

- a) forjados: compostos pelo próprio autor para demonstração de sequências incorretas, desaconselháveis ou defeituosas, as quais o aluno deverá evitar;⁵²
- b) emprestados de um autor: exemplo de um defeito, como os vícios de discurso, ou exemplo agramatical resultante da alteração de um bom exemplo. Esses, em geral, são introduzidos no discurso por *si dicam...* e podem ou não estar acompanhados da identificação da falha⁵³.

Ao observar as *Institutiones grammaticae* de Prisciano, especialmente o Livro XVII, Colombat (2007, 76) faz um levantamento dos anti-exemplos ali presentes, e destaca que são

⁵² Cf. p. 45: As delimitações dos pés não devem coincidir com o final das palavras, mas, para melhor harmonia do verso, devem se misturar às palavras, cuidando somente para que a cesura do verso, em especial do hexâmetro datílico ou heroico, não rompa ao meio uma palavra; p. 49. Os versos heroicos não devem constar somente de dátilos ou espondeus, mas mesclar os pés, a melhor combinação se dá com cinco dátilos encerrados com um espondeu final. Destaca-se ainda que, a fim de citar os maus exemplos, M. Vitorino e E. Aftônio utilizam versos cujas referências não foi possível localizar pelos mecanismos de busca empregados por essa pesquisa, os bons exemplos, são sempre de Virgílio e Horácio, principalmente.

⁵³ Christ. Marchello-Nizia e G. Petiot (1977, p. 90) afirmam que muitos textos simplesmente qualificam sequências defeituosas sem identificar-lhes quais são os problemas da construção e sem corrigi-los.

introduzidos por *nemo dicit* e mais frequentemente por *nemo enim dicit*; essas estruturas são as mais recorrentes por inscreverem os exemplos dentro de um contexto argumentativo. Todos os anti-exemplos, segundo Colombat (2007, 78), “*sont indéniablement des structures inacceptables – que nous avons d’ailleurs bien de la peine à traduire –, l’objectif de l’auteur étant de manifester clairement leur invalidité*”.

Jean-Patrick Guillaume (2007, 47) traça um esboço do estatuto do anti-exemplo – chamado por ele de *mau-exemple* – dentro do discurso gramatical. As tradições gramaticais se desenvolvem, concorde o autor, a partir de um *cópus* fechado de textos fundadores e enfrentam um dilema: ao mesmo tempo em que exigem, por um lado, a definição de uma norma do bom uso da linguagem, por meio de um conjunto de regras explícitas, por outro lado, e simultaneamente, essas tradições enfrentam uma quantidade geralmente relevante de dados de legitimidade incontestável, provenientes de seus *cópus* de referência, mas que apresentam desvios em relação a essa norma, “*déviation*s qui, dans certains cas, apparaissent à première vue impossibles à distinguer des ‘fautes de grammaire’ stigmatisées par ailleurs” (GUILLAUME, 2007, 47).

As gramáticas, por sua vez, propensas a dar maior importância aos dados da língua legitimados pelo tempo e pela tradição cultural, elaboraram diferentes meios para resolver esse dilema e neutralizar os dados problemáticos, seja exercendo a sua engenhosidade para explicar o dado linguístico, seja simplesmente rejeitando os exemplos desqualificados.

D’une manière générale, les grammairiens les plus anciens – avec, toutefois, des nuances de l’un à l’autre – semblent ne pas avoir de scrupules excessifs à rejeter, explicitement ou de manière plus tacite, certaines données qui ne correspondent pas à l’idée qu’ils se font des règles. (GUILLAUME, 2001, 51)

V. 4. 6 – Exemplo herdado

Bernard Colombat lembra o estudo de A. Grondeux a respeito da história do exemplo *turba ruunt*,

introduit dans la réflexion grammaticale par Abélard, l’exemple turba ruunt est [...] rapidement pris en charge par la pensée grammaticale, au point de devenir l’exemple emblématique de la figure de construction, par opposition à prata rident [les prés rient], qui illustre la figure de locution. (GRONDEUX, 2003, 213. In. COLOMBAT, 2007, 82.)

O sucesso desse exemplo pode ser explicado por aquilo que se denomina ‘desempenho ilustrativo’, pois ele ilustra de maneira suficientemente clara e precisa o fenômeno linguístico descrito; no caso de Grondeux, trata-se de um exemplo daquilo a que chamamos hoje silepse. São exemplos assim que, justamente por seu desempenho, são transmitidos de uma gramática a outra, e, muitas vezes, o gramático o cita não por fazer menção direta ao texto, geralmente literário, de onde ele foi extraído, mas a outro texto de teor metalinguístico que utilizou o mesmo exemplo anteriormente.

A esse tipo de exemplo, os chamados de herdados, Bernard Colombat não atribui nome específico, muito menos elabora, como faz Chevillard (2007), uma lista exclusiva para eles. Ao tratar da escolha dos exemplos, Colombat (2007, 82) refere-se brevemente ao ‘*succès*’ de determinadas sequências que se tornam comuns em praticamente todas as gramáticas. Para Colombat, é justamente a incorporação de tais exemplos numa sucessão de gramáticas que determina a dimensão do sucesso deles.

Por exemplo, não é qualquer verso que se presta a servir de exemplo de hexâmetro datílico, mas nada menos do que o primeiro verso da *Eneida*, repetido trinta e duas vezes, na condição de *exemplum*, no decorrer da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, seja para denotar a longa por posição de *uirūmque* (KEIL, 1961, 29), seja para demonstrar a perfeita alocação da cesura após a longa de *canō*, correspondente ao final da palavra, mas também representa uma quebra sintática (KEIL, 1961, 37), seja ainda para dizer que o hexâmetro datílico, ou heroico, é o primeiro de todos os metros, o mais importante das nove espécies prototípicas de metros da lírica latina (KEIL, 1961, 52). Também as *Artes* de T. Mauro, A. Fortunaciano, C. Basso e M. P. Sacerdote citam o primeiro verso da *Eneida*, embora em menor número de vezes⁵⁴.

Embora significativos, os números que refletem a quantidade de vezes que o primeiro hexâmetro da *Eneida* não são conclusivos, ao menos no que tange à participação desse verso nas *Artes Grammaticae* que têm como escopo a métrica, tais como as consultadas durante a presente pesquisa. É possível dizer que exista, como afirmam Baratin (2009) e Colombat (2007), uma ‘tradição dos exemplos’ à qual os gramáticos recorrem e que norteiam a escolha dos exemplos, privilegiando uns em detrimento de outros, Virgílio em lugar de Lucrécio ou Ovídio, por exemplo. Se assim o fosse, talvez E. Aftônio tivesse mirado a obra de T. Mauro a

⁵⁴ O primeiro hemistíquio do verso inicial da *Eneida* é repedido 3 vezes na obra de T. Mauro, de A. Fortunaciano e em C. Basso e outras 5 vezes na de M. P. Sacerdote.

fim de verificar quais poetas figuram ali como bons exemplos, Virgílio e Horácio, no caso, para repetir-lhe o modelo.

De fato, uma leitura atenta aos exemplos utilizados por T. Mauro e E. Aftônio permitirá aproximar ainda mais as obras desses autores distantes temporalmente, praticamente um século. Entretanto, não seria prudente dizer que E. Aftônio escolheu Virgílio e Horácio, autores que mais figuram na obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*, por copiar aquele modelo anterior de T. Mauro, no qual Virgílio e Horácio também são os poetas mais citados, isto é, E. Aftônio não cita Virgílio e Horácio por intermédio da obra de T. Mauro, mas fazendo alusão aos poetas diretamente, pois são, por si sós, modelo da construção e elaboração poética da Antiguidade Clássica. Virgílio e Horácio alcançaram o reconhecimento por suas obras ainda em vida, dessa maneira, não figuram nas gramáticas por causa de uma suposta ‘tradição’ na escolha dos exempla, mas por merecimento.

Se a ‘tradição dos exemplos’ não se aplica às *Artes Grammaticae* quando o assunto são as citações do cânone da literatura latina, há de se admitir que, quando se trata de anti-exemplos, exemplos forjados, ou mesmo aqueles exemplos presentes durante os primeiros tópicos da descrição da língua, isto é, aqueles exemplos inseridos nos capítulos *uox, littera, syllaba*, verifica-se uma recorrência dos exemplos de uma gramática a outra, isto é, confirma-se a tradição dos exemplos, conforme definem Colombat (2007) e Baratin (2009)⁵⁵.

É Chevillard (2007, 27) quem confere aos exemplos herdados a devida importância, sobretudo do ponto de vista histórico. “*Certains exemples ne disparaissent jamais des grammaires*”. Os exemplos herdados podem ser, ao menos teoricamente, exemplos forjados, ou anti-exemplos, ou ainda citações⁵⁶: o que os caracteriza é o fato de estarem presentes em várias gramáticas de uma mesma tradição linguística, no entanto, ainda são comandados “*par le type de réalité empirique auquel correspond la langue objet décrite par la grammaire (corpus clôt ou ouvert); ils sont aussi dépendants de l’orientation de l’ouvrage qui peut être didactique, savante...*”, conforme se disse no início deste capítulo.

V. 5 – O discurso didático sobre o bom uso dos exemplos

⁵⁵ O exemplo *hoc erat alma parent* (Verg. A., II, 664) [hōc ěrāt, | ālmā pāl̄rēns, quōd | mē pēr | tēlā, pēr ĩgnīs] está presente no capítulo das sílabas em Carísio, T. Mauro (1961, v2. 375) e M. Vitorino (1961, 22), os três autores abordam a mesma ocorrência: *ērāt*, o *ē* passa a breve quando diante de *hic* ou *hoc*.

⁵⁶ As citações, de acordo com o que se definiu, não participarão dos exemplos herdados, quando inseridas em um contexto que lhes valorize os procedimentos poéticos empregados, acredita-se, nesses casos, os autores terem feito menção explícita ao verso em seu contexto original, em vez de terem recorrido à ‘tradição dos exempla’.

É possível constatar até aqui que os exemplos se multiplicam e se acumulam no discurso gramatical. Verifica-se, então, o cuidado do gramático ao escolher seus exemplos e ao inseri-los em seu discurso, colocando-os sempre a serviço da demonstração.

Existem várias maneiras de empregar o exemplo dentro do discurso gramatical, no entanto, Colombat (2007, 80) chama a atenção para algumas situações que garantiriam o bom uso dos exemplos e a eficiência dessa ferramenta de representação da língua. Segundo esse autor, é preciso cuidar para que:

- a) o exemplo não seja ruim, nem seja feito um mau uso ou uma má escolha dele;
- b) o exemplo não seja mal interpretado;
- c) o número de exemplos seja suficiente para realizar de maneira clara a demonstração da teoria exposta pelo discurso.

Colombat ainda adverte sobre, dentro do domínio linguístico, a impossibilidade de se fornecer um exemplo ser um indicador de erro na teoria.

A respeito ainda do bom uso dos exemplos no discurso gramatical para a criação de uma representação da língua-objeto, é interessante observar o que diz Jean Lallot (2007) com relação à obra de Apolônio Díscolo. Os exemplos na obra deste gramático são designados por dois vocábulos técnicos *Hupodeigma* e *Parathesis*. O primeiro é derivado do verbo *hupodeiknunai*, que poderia ser traduzido por ‘mostrar’, ‘indicar’, ‘ilustrar’; quando designado por esse termo, o exemplo é apreendido, sobretudo, em sua função ilustrativa. O segundo termo é derivado do verbo *paratithesthai*, que significa ‘apresentar a título de evidência’; quando designado por esse termo, coloca-se em primeiro plano a função argumentativa do exemplo.

Na obra de Apolônio, essas duas designações para aquilo que, em latim, é chamado somente por *exemplum* têm implicações diretas, tanto na escolha dos exemplos, quanto em sua inserção no discurso do gramático. Lallot chama a atenção para a impressionante recorrência de dois *leitmotive*: o abundante e o supérfluo.

- a) quando o número de exemplos é abundante e é necessário citar uma série, eles são designados pelo termo *parathesis*;
- b) quando a demonstração por meio de exemplos é supérflua, é possível nomeá-la *parathesis*, diante de uma situação em que é desnecessário citar exemplos, porque

o argumento é evidente; ou é possível denominá-los *hypodeigma*, diante de uma situação em que a teoria tem um alcance geral, e citar qualquer exemplo seria especificar o uso dessa teoria, violando seu propósito.

A recorrência desses dois tipos de exemplos, como se disse, merece atenção, pois, de acordo com Lallot (2007), ela esclarece sobre dois aspectos essenciais da obra de Apolônio, em geral, comuns às gramáticas antigas:

D'une part, le grammairien établit des faits et formule des règles de grande généralité – ce qui est prouvé par l'existence d'une masse (sur)abondante, sinon infinie, d'exemples potentiels de nature à les corroborer. D'autre part, l'accumulation de tels exemples est inutile (et peut être le signe d'une faiblesse théorique), dans la mesure où, pour Apollonius, la force d'une démonstration tient à sa rationalité (logos), et jamais à la quantité de données exemplaires invoquées pour l'étayer. (LALLOT, 2007, 62).

Resta agora investigar como os exemplos se organizam no discurso gramatical de acordo com as suas funções.

V. 6 – As funções dos exemplos

Os exemplos, conforme já definidos no início deste capítulo, constituem o corpus ilustrativo das gramáticas. Jean Lallot (2007), analisando a obra de Apolônio Díscolo, levantará, sem pretender ser exaustivo, a diversidade de funções que os exemplos podem desempenhar dentro do discurso gramatical.

- a) Exemplos ilustrativos: a demonstração repousa sobre a exibição de exemplos, fragmentos da língua-objeto que mostram claramente o que diz o discurso gramatical;
- b) Exemplos trabalhados em função de uma argumentação: trata-se do exemplo empregado para demonstrar a aplicação de uma regra explicitada pela teoria do discurso; destaca-se a profusão de exemplos que exercem essa função. Boa parte deles é do tipo forjado ou herdado e que, tendo sido manipulado pelo gramático, desempenha função essencial na argumentação;
- c) Uma variedade de exemplos para superar uma ideia falsa: tem-se uma multiplicação de exemplos que, longe de ser gratuita, propõe-se a buscar provas à exaustão para demonstrar o erro da doutrina;

- d) Exemplos poéticos, exceções que confirmam a regra: é o caso da licença poética cedida aos exemplos célebres de que falam Lallot (2007, 66) e, abaixo, Colombat:

si une séquence donnée a été écrite une fois par Virgile, pour peu qu'elle sorte de la norme, soit parce qu'elle appartient à un passage clé de l'ouvrage, soit parce qu'elle fait intervenir une image forte, ou une construction marginale, etc., tout grammairien doit en rendre compte (COLOMBAT, 2007, 83).

Nesses casos não é o exemplo a serviço da teoria, é a teoria que está a serviço do exemplo, e o simples fato de um exemplo pertencer a Virgílio ou Homero já lhe dá toda legitimidade;

- e) Quando a filologia resiste: Lallot nomeou *exemples gloses* (exemplos-glosa) quando, por meio da criação de um discurso metalinguístico, se cria a explicação de uma teoria. Não se trata, pois, do exemplo como uma sequência de fragmentos da língua-objeto, como vimos trabalhando, mas “*d’expliciter de manière univoque l’interprétation sémantico-syntaxique qu’on donne d’un texte ambigu*” (2007, 67);
- f) Exemplos *ad hoc* para fundar uma regra ‘profunda’. Aparecem quando o exemplo ganha legitimidade a partir da teoria que ele reflete e tem, por isso, um valor normativo.

Jean Lallot (2007, 68) conclui que, ao menos em Apolônio Díscolo, os exemplos obedecem a uma lógica argumentativa e não a uma prática de amostragem maciça. Não é possível afirmar, no entanto, essa análise de Lallot refletir a realidade da maioria dos discursos gramaticais antigos, pois, como foi dito neste capítulo, ainda são poucos os estudos que fazem dos exemplos o seu *corpus* principal. Os exemplos estão relegados a um plano inferior dos estudos linguísticos, no entanto, são matéria essencial desse tipo de discurso, então,

Peut-on parler alors d'exemples pour des structures marginales ou mal interprétées, que les grammairiens ont eu sans doute un peu de peine à trouver, mais qu'ils n'abandonnent plus, une fois qu'ils ont mis la main dessus, et qu'ils exhibent comme "preuve" de leurs théories? (COLOMBAT, 2007, 85)

VI. Conclusão

De acordo com Jean-Luc Chevillard (2007, p. 7), na Antiguidade Clássica as gramáticas serviam mais à explicação dos poetas, e destinavam-se a destacar de suas obras as passagens mais belas ou mais estranhas, para comentar e explicar, como também assevera Neves, “Particularmente importante é a explicação dos textos dos poetas (*exégesis*), em especial a exegese homérica” (2005, 112). Os textos homéricos servem, na origem da disciplina gramatical, como modelo ideal ao qual se contrapõe a linguagem corrente, contaminada por barbarismos. Ainda de acordo com Neves (2005, 112), foi a necessidade especial de divulgação do helenismo que impulsionou o desenvolvimento dos conhecimentos literários e linguísticos, através da recuperação daqueles autores cuja linguagem fosse autenticamente grega. Assim, importa à época helenística o cuidado com a preservação, tanto da herança cultural e patrimônio literário, quanto das características linguísticas da língua grega considerada ideal.

“A cultura é, acima de tudo, a memória do passado e se baseia, assim, em ensino e aprendizagem” (NEVES, 2005, 112). É função do filólogo estudar as belas e corretas expressões de poetas e oradores, enquanto ao gramático é reservada a tarefa de revisão crítica dos textos e a compreensão da obra literária

Foi tardiamente que a gramática passou a constituir um modelo de minuciosa descrição da língua latina, detendo-se sobre o terreno propriamente gramatical, compreendendo desde o estudo dos sons e da formação de palavras, até as partes do discurso, suas virtudes e vícios, de modo a orientar a correção da escrita, o que salientava seu caráter didático, tendo como finalidade o ensino da língua e a apresentação dos textos da literatura. Os responsáveis pela consolidação do modelo de gramática tradicional foram os gramáticos alexandrinos e as suas teorias gramaticais estão apresentadas nas obras de seus continuadores, Dionísio Trácio e Apolônio Díscolo (NEVES, 2005, 118).

Esse modelo de gramática proposto comportava exemplos geralmente pouco numerosos que, tornados extremamente abstratos por estarem fora de contexto, serviam às manipulações dos gramáticos gregos, depois também à dos latinos, a serviço da teoria:

L'enseignement du grammairien antique se fonde en effet sur la lecture de textes de référence jugés culturellement fondamentaux: Homère chez les Grecs, Ennius puis Virgile chez les Latins; c'est à partir de ces textes que se

fait l'apprentissage des différents éléments et catégories grammaticales qui constituent une sorte de grille d'analyse primordiale de ces textes de référence, et c'est à partir de ces éléments que va s'élaborer un enseignement de la correction linguistique, qui est le but ultime du grammairien. (BARATIN, 2011, 2)

O Humanismo validou a utilização dos *exempla* como ferramenta demonstrativa, assegurando sua posição como um lugar “de direito”, em favor da teoria do discurso gramatical, e os legitimou como dados de representação da língua, bem antes de o latim desaparecer por completo do cotidiano das gentes. É prudente, portanto, concordar com a asserção de Bernard Colombat (2007, 71), segundo a qual qualquer gramática do latim, comprometida com a qualidade do ensino da teoria e com a permanência de modelos clássicos, utiliza exemplos atestados, cuidadosamente escolhidos e catalogados, ora acompanhados das referências às passagens de onde foram extraídos, ora não.

Um fato é necessário destacar: parece não existir gramática, nem obra de linguística aplicada ou teórica, nem mesmo manuais ou tratados de métrica que sejam totalmente desprovidos de exemplos (Cf. Marchello-Nizia e Petiot, 1977, 84; Chevillard, 2007, 27; Colombat, 2007, 78-79).

O estudo do estatuto dos exemplos permite observar mais nitidamente as práticas de escolha e disposição dos exemplos dentro do discurso metalinguístico, estabelecendo claros limites entre a prática e a teoria, assevera Chevalier:

Choix dans le domaine d'abord: le grammairien peut emprunter ses exemples à ce qu'il appellera la langue courante (et reste à définir sur quelles conventions est fondé ce critère), ou les emprunter à un domaine plus explicitement codifié, langue des orateurs ou des poètes. (1976b, 236)

Além disso, já se observou aqui as *Artes Grammaticae*, segundo Bernard Colombat (2007, 71) e Curtius (1996, 78) surgirem como manuais didáticos descritivos da língua, porém, o discurso gramatical será orientado de acordo com a matéria a ser descrita. Verificou-se a distinção entre as *Artes Grammaticae* que pretendem descrever toda a matéria linguística e aquelas outras que visam a descrever apenas um aspecto da língua, porém de maneira muito mais aprofundada.

Todas as gramáticas admitem exemplos, independentemente da orientação a que sigam. No entanto, como se pôde averiguar no curso da exposição deste trabalho, cada gramática utilizará o cópuz representativo da língua a sua própria maneira, visando,

principalmente, ora a ilustrar, ora a argumentar um aspecto da teoria abordado pelo discurso gramatical.

Segundo C. Marchello-Nizia e G. Petiot (1977), Chevalier foi quem primeiro pesquisou a manipulação e utilização do material linguístico do latim em favor da criação de um *cópus* representativo da língua por meio de exemplos. Determinou, por exemplo, que o uso feito pelos gramáticos desses exemplos é diferente daquele praticado pelos linguistas. Enquanto nos gramáticos o exemplo tem valor pedagógico, demonstrativo, serve como evidência, ilustração e aplicação de uma dada regra ou teoria, os linguistas tomam o exemplo, ele mesmo, como um objeto de investigação científica, e atribuem ao exemplo, nesse caso, valor filológico (CHEVALIER, 1976b, 236), um procedimento a que se poderia considerar metalinguístico, ou, antes, metadiscursivo.

Para Chevillard (2007, 27), o exemplo terá diferente valor de acordo com a orientação da obra na qual está inscrito. Esse pesquisador trata, especificamente, do emprego dos exemplos pelos dois principais modelos de discursos metalinguísticos: o manual e o tratado.

As obras do gênero ‘manual técnico’ têm a *Téchnē grammatikē* de Dionísio da Trácia como sua maior representante e modelo primordial. Essas obras, de acordo com Chevillard (2007, 28), apresentam uma classificação concisa, caracterizada pelas sequências de definições e enumeração de classes e subclasses, dos fonemas-letras, sílabas e das partes do discurso da língua, seguidas de exemplos que desempenham, nesse caso, função demonstrativa e, por isso, enquadram-se no que Chevillard denominou ‘valor pedagógico’; são modelos do gênero ‘manual técnico’ as obras de Donato e Carísio.

As obras que se guiam segundo o modelo de Apolônio Díscolo inserem-se no gênero ‘tratado técnico’. Trata-se de textos dissertativo-argumentativos que, por sua vez, descrevem, demonstram e examinam a fundo uma questão, como a obra de Apolônio Díscolo, por exemplo, consagrada às partes do discurso, ou os tratados de métrica dos quais vimos falando. Conforme Chevillard (2007, 28), é grande a variedade de exemplos nos tratados técnicos, no entanto, independentemente da forma que assumem, os exemplos são trabalhados, nesses discursos, em favor de uma argumentação, servem às investigações científicas e, por isso, podemos reconhecer neles valor filológico, tal como o define Chevalier (1976b, 237).

São ‘tratados técnicos’ todas as *Artes Grammaticae* que descrevem os procedimentos métricos da lírica latina, tais como as de M. Vitorino e E. Aftônio, T. Mauro, C. Basso e A. Fortunaciano. Há nessas obras uma densa exposição teórica que tem por objetivo, sobretudo, esgotar todas as possibilidades de cada um dos metros latinos e, por isso, os exemplos empregados não servem apenas como demonstração da teoria, mas funcionam como elementos argumentativos que concorrem para a comprovação da mesma.

A variação das funções – ilustrar ou argumentar – ou dos valores – pedagógico ou filológico – dos exemplos, de acordo com Colombat (2007, p. 85), não ocorre somente em função da finalidade do discurso em que estão inscritos, como definem Chevalier e Chevillard, mas também dentro de um mesmo discurso. A gramática latina, para tratar da morfologia, serve-se do simples sistema de amostragem da língua, estabelecendo paradigmas que afirmam a regularidade morfológica do latim; esse é o caso da grande massa dos livros I-XVI das *Institutiones Grammaticae* de Prisciano, conforme lembra Colombat (2007,85). No entanto, no que toca à sintaxe, ainda para o mesmo autor, “*la grammaire latine n’a pas utilisé des exemples. Elle a construit des exemples (...)*” (2007, 85), e tais exemplos exigem sistematicamente do gramático explicação e argumentação.

Jean Lallot é quem vai, por fim, demonstrar a dupla face do uso dos exemplos nos discursos metalinguísticos antigos:

Les fragments de langue objet – en particulier, mais pas seulement, ceux que fabrique le grammairien – sont utilisés comme pièces du dispositif de monstration-démonstration. Ce dispositif connaissant des formes variées, l’utilisation des exemples varie elle-même largement selon le type de problème “technique” à traiter (2007, 70).

O uso dos exemplos como ferramenta para a ilustração e demonstração da língua é característico das obras gramaticais (como determina Chevalier), e do tipo ‘manual técnico’, como a *Téchnē grammatikē* de Dionísio da Trácia (definido por Chevillard), mas também está presente em discurso de gêneros diversos, em que os exemplos servem como evidência, ilustração ou aplicação de uma dada regra ou teoria, conforme o demonstrou Colombat a respeito das descrições da morfologia latina. Em todos esses casos, o exemplo tem um valor pedagógico diretamente vinculado à função da gramática de descrever o sistema linguístico, dar a ver as possibilidades da língua e à sua finalidade maior: o ensino da língua.

No que diz respeito ao valor filológico, ele é atribuído aos exemplos quando eles servem à manipulação dos linguistas e aos tratados técnicos em favor de uma argumentação, segundo definiram Chevalier (1976b, 237) e Chevillard (2007, 28); ou ainda, quando se prestam às explicações e descrições da sintaxe nas gramáticas latinas, de acordo com o que diz Colombat (2007, 85). Jean Lallot lembra ser esse valor próprio da natureza dos discursos metalinguísticos da Antiguidade: “*La grammaire alexandrine a pour finalité déclarée l’explication des textes poétiques*’. Ici, l’exubérance de l’empirie reprend ses droits et, en quelque façon, tend à dicter sa loi” (2007, 70).

Por tudo isso, a primeira conclusão a que se chega é a de que os exemplos, independentemente da forma ou da função que exerçam dentro do discurso metalinguístico, assumem valor pedagógico e/ou filológico e são condição *sine qua non* para a gramática exercer o ofício de descrição do conhecimento linguístico, particularmente na investigação da linguagem como parte dos estudos literários, terreno no qual se darão também as considerações sobre doutrinas métricas da Antiguidade.

Nos *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* é possível observar que, quando o autor expõe os elementos primordiais da língua latina, aqueles que, conforme se definiu, constituem a ‘progressão gramatical’ (BARATIN, 2009), quais sejam, *uox*, *littera*, *syllaba*, os exemplos empregados desempenham a função de ilustração, porém, à medida que a *Ars* avança para o estudo dos metros da lírica latina, os exemplos exercem função argumentativa, e estão a serviço da teoria para comprovar aquilo que o gramático trata àquele instante, sobretudo quando o conhecimento teórico transmitido vem acompanhado de juízos de valor.

Caso interessante de se notar é o fato de haver na obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* dois discursos gramaticais bastante distintos entre si. O primeiro, aquele de M. Vitorino, consiste na definição dos conceitos constituintes da progressão gramatical *uox*, *littera*, *syllaba*, e é semelhante a Donato e Carísio, nos quais os exemplos, em grande parte, desempenham papel ilustrativo. O segundo, atribuído a E. Aftônio, apresenta grande afinidade com as obras de T. Mauro, A. Fortunaciano e C. Basso, segundo as notas de Keil (1961), pretende-se tratado técnico, em que os saberes sobre a métrica latina são compilados, descritos em forma de teoria e comprovados/justificados por meio dos exemplos que desempenham função argumentativa.

A distinção da função dos exemplos nas duas partes da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri III*, aquela de M. Vitorino e aquela outra atribuída a E. Aftônio, vem fortalecer a questão da dupla autoria do texto e contribui, mesmo que indiretamente, para a confirmação de que não teria sido M. Vitorino o responsável por tal articulação entre os textos.

Com o que resta da *Ars Grammatica* original de M. Vitorino, não é possível afirmar a que tipo de trabalho o gramático se propunha: se compor uma obra que descrevesse o sistema linguístico do latim, se compor um tratado métrico. Keil (1961), ao denotar a afinidade existente entre o tratado de M. Vitorino com os de Donato e de Carísio e reconhecer também o fato de a gramática tratar sumariamente as noções de *ode*, *colon*, *comma* e *melos*, parece sugerir que o restante do trabalho de M. Vitorino caminharia em direção à análise do discurso⁵⁷ – caso este tivesse a intenção de compor um tratado métrico, ele ter-se-ia dedicado mais extensamente à elaboração de tais conceitos, aspectos preciosos para a métrica, como o faz E. Aftônio (KEIL, 1961, 40 - 68).

Por outro lado, a densa descrição dos elementos primordiais da língua latina, pouco ou nada se assemelha às sintéticas descrições de Donato e Carísio, cujas obras têm exatamente na concisão e clareza o seu ponto forte. Veja-se, por exemplo, uma comparação entre os trechos em que M. Vitorino e Donato dissertam sobre a *uox*. Lê-se em M. Vitorino:

Vox est aer ictus auditu percipibilis, quantum in ipso est.(...) Vocis formae sunt duae, articulata et confusa. Articulata est quae audita intellegitur et scribitur et ideo a praeis que explanata, a non nullis intellegibilis dicitur. (...) Huius autem species quot sunt? Duae. Quae? Nam aut musica est, quae tibiis vel tuba redditur aut quolibet organo, aut communis, qua promiscue omnes utuntur. Confusa autem est quae nihil aliud quam simplicem vocis sonum emitti, ut est equi hinnitus, anguis sibilus, plausus, stridor et cetera his similia. (...) Omne autem explanatarum || vocum initium et individua vox est littera, ex qua articulata vox existit et in quam ultimam resolvitur, unde consequens est ut de littera dicamus.
(VICTORINUS, 1961, 4)

A voz é o ar pulsado que pode ser percebido pela audição, enquanto ele estiver nela. (...) As formas (representações) do som são duas, articulada e confusa. Articulada é o (som) que é escutado, discernido, escrito e, por isso, por quase todos compreendido, por todos é chamado inteligível. (...) E também quantas são as espécies dele? Duas. Quais? De fato, ou é música, entoada pelas flautas ou trompete ou por qualquer tipo de órgão, ou [é] comum, que todos usam normalmente. Por outro lado, o confuso é de nenhuma outra espécie que não o que emite um simples ruído de som, como

⁵⁷ Cf. MARIOTTI, 1967, 50 - 62; HADOT, 1971, 61-70.

é o relinchar do cavalo, o silvar da serpente, o bater das asas, o ranger e tudo mais semelhante a esses. (...) No entanto, todo início da explanação dos sons, bem como cada som unitário é uma letra, a partir da qual um som articulado emerge e, nesta última, se resolve; deve-se seguir, daí, que falemos de letras.

Também sobre a *uox* lê-se em Donato:

Vox est aer ictus, sensibilis auditu, quantum in ipso est. Omnis uox aut articulata est aut confusa. Articulata est quae litteris comprehendere potest; confusa quae scribi non potest.
(DONATO, 1855)

Voz é ar percutido, sensível à audição enquanto ela está nele. Toda voz ou é articulada ou é confusa. Articulada é a que pode ser apreendida pelas letras; confusa é a que não pode ser escrita.
(DEZOTI, 2011)

A diferença existente entre uma descrição e outra é nítida: a *uox* é um dos preceitos fundamentais para o estudo da métrica⁵⁸ e, em M. Vitorino alcança o devido destaque por meio da descrição minuciosa. É a esse tratamento mais denso da teoria, seja ela linguística ou métrica, na qual Cignolo (2002, xxxiii) e Chevallier (1976b, 236) vão se apoiar para estabelecer a distinção entre ‘tratado’ e ‘manual’, bem como para afirmar que, em obras mais concisas como a de Donato, o discurso exerce uma função didático-pedagógica (em que o exemplo exerce função ilustrativa) e está voltado para o processo de ensino e aprendizagem escolar, ao passo que obras mais densas, como a de T. Mauro e M. Vitorino, não estabelecem vínculo com os manuais escolares, porque a teoria ali apresentada é quase inacessível aos jovens iniciantes, uma vez que o conhecimento transmitido é mais erudito (e nesse caso o exemplo desempenha função argumentativa). Assim, crê-se que M. Vitorino não tenha tido a intenção de compor um manual escolar, suas descrições e precisões teóricas assemelham-se muito mais aos tratados técnicos. À exceção dos títulos dos manuscritos (Cf. Capítulo III), que denotam a matéria métrica a ser abordada pela obra *Artis Grammaticae Libri IIII*, o próprio discurso gramatical de M. Vitorino, ao menos até a página 29 da edição de Keil (1961), nada enuncia sobre a matéria que virá adiante, se linguística, se métrica.

Para finalizar, é necessário retomar um aspecto da tipologia dos exemplos que definirá o que será chamado, aqui, *tradição dos exemplos*. Chevillard (2007), Colombat (2007) e Chevallier (1976b) reconhecem a existência de um rol de exemplos transmitidos de um discurso gramatical a outro; trata-se de determinados exemplos sempre associados a um

⁵⁸ Cf. CRUSIUS, 1951, 22.

mesmo conceito teórico estabelecido, ainda que em discursos distintos. Como visto, tais exemplos receberam de Chevallard a alcunha de *herdados*.

Colombat (2007, 84) e Chevallard (2007) afirmam que, muito provavelmente, os gramáticos latinos, principalmente os tardios, empregam determinados exemplos sem fazer menção direta ao seu autor, mas chegam até eles através de discursos metalinguísticos que já os haviam empregado anteriormente (*sc.* manuais e tratados anteriores). Seria natural afirmar a recorrência de exemplos de autores como Virgílio e Horácio, nas gramáticas latinas, uma vez que tais autores atingiram o prestígio ainda em vida. No entanto, não são apenas os exemplos chamados aqui de citações – excertos de textos literários – que são citados com frequência, ao contrário, muitos outros, sem quaisquer indicações de fonte, são transmitidos de uma gramática a outra, lado a lado com exemplos do cânone. Como explicar, então, presença recorrente de tais exemplos menores? Para o discurso linguístico, os exemplos têm igual valor – especialmente porque, como assevera Baratin (2011, 4), inserido no discurso linguístico o exemplo perde o seu valor literário – e desempenham de modo igual sua função de demonstrar/argumentar fatos linguísticos como representações da língua. De maneira que, incluído no discurso gramatical, todos os exemplos concorrem para a criação de uma representação da língua objeto e isso independe de sua origem.

Observa-se que, em uma *Ars Grammatica* cuja intenção seja descrever os procedimentos métricos, tais como os textos de M. Vitorino e E. Aftônio, os autores recorrerão invariavelmente aos poetas do cânone latino a fim de pôr à prova suas teorias aplicadas à prática poética exercida em suas gramáticas. Porém, um tratado métrico não se sustenta somente com bons exemplos e exemplos canônicos, assim, para dar a ver aquele modelo de verso menos recorrente, um procedimento métrico inadequado, uma construção irregular, alguma exceção às regras da metrficação latina, o gramático lança mão de duas ferramentas, a primeira, os exemplos forjados, i. e. elaborados pelo próprio gramático com a finalidade de demonstrar ou comprovar uma teoria e, a segunda, a citação a autores considerados, também hoje pela crítica, menores.

Para além do valor pedagógico e/ou filológico, ou da função ilustrativa e/ou argumentativa que o exemplo possa assumir e acima da distinção do caráter manual ou tratadístico do discurso gramatical, há essa outra questão não menos importante: os exemplos são transmitidos, sejam eles anti-exemplos, exemplos forjados, etc., de uma gramática a outra, perfazendo um cânone de exemplos do discurso gramatical. Porém, essa ‘tradição dos

exemplos' não se aplica às citações literárias presentes nos tratados métricos! As citações literárias inseridas naquelas *Artes Grammaticae* que buscam descrever os metros da lírica latina, não se submetem à 'tradição dos exemplos'. A razão de os *exempla* na obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* serem constituídos de versos é que o objeto dessa obra é a métrica. A razão para haver quantidade considerável de citações de Horácio e Virgílio é serem eles, incontestavelmente, dois dos maiores artistas do verso latino.

Não seria possível finalizar este capítulo de outra maneira que não citando, ainda que pela segunda vez, um trecho bastante significativo da obra de Colombat, embora já se saiba que resposta dar à sua pergunta:

Peut-on parler alors d'exemples pour des structures marginales ou mal interprétées, que les grammairiens ont eu sans doute un peu de peine à trouver, mais qu'ils n'abandonnent plus, une fois qu'ils ont mis la main dessus, et qu'ils exhibent comme 'preuve' de leurs théories? (2007, 85)

Durante muito tempo, os estudos linguísticos priorizaram investigações acerca da epistemologia e da semiologia dos discursos gramaticais, e relegaram a um segundo plano a ferramenta à qual todos os gramáticos recorrem quando desejam exibir provas para as teorias e preceitos que codificam, como assevera Colombat na passagem há pouco citada. A permanência dessa ferramenta de representação da língua, nas mais variadas tradições gramaticais de todos os tempos, é a evidência de que os exemplos estão longe de ser estruturas marginais ou mal interpretadas, ao contrário, os gramáticos desenvolveram técnicas apuradíssimas, como se procurou demonstrar, para empregar, da maneira mais eficaz, os exemplos em seus discursos; isso justifica tomá-los como objeto de investigação teórica e acadêmica, como procuraram fazer os pesquisadores J.-C. Chevalier, J.-L. Chevillard, B. Colombat, J. Lallot, J.-M. Fournier, J. P. Guillaume, M. Baratin, bem como procura também o estudo presente, de modo a representar um acréscimo, se bem que modesto, a essa empreitada.



FIGURA III

Horatius reads before Maecenas

Fyodor Andreyevitch Bronnikov. 1863

VII. Anexos

VII. 1 – Apresentação

Apresenta-se a seguir a Lista dos *Exempla* que corresponde aos quatro livros da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*. A lista é composta por todos os exemplos, a partir do conceito de *exemplum* anteriormente definido e discutido (cf. Os *exempla* no discurso gramatical, p. 45), salvo as letras isoladas na representação de fonemas, que aparecem somente no *Liber Primus*.

Optou-se por organizar os exemplos em tópicos, cada qual contendo i) o exemplo tal como ele figura na obra de Mário Vitorino; ii) a indicação da seção/página em que o exemplo se encontra na obra e iii) a referência, quando foi possível encontrá-la, em nota de rodapé.

Os exemplos na obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* são inseridos no discurso que os cita, através da ferramenta dos recursos tipográficos que marcam a heterogeneidade discursiva, visto que, em geral, os autores M. Vitorino e E. Aftônio não fazem referência à fonte de onde extraíram os exemplos citados, à exceção de alguns casos pertencentes ao *Liber Quartus*. Os recursos tipográficos (da moderna edição do texto, é claro: aquela feita por Heinrich Keil, no séc. XIX) são dois apenas: o uso de aspas, quando os exemplos estão no corpo do texto, e o destaque dos exemplos que acabam por ocupar toda uma linha, aparecendo centralizados em oposição ao corpo do texto, justificado. Para se distinguirem esses dois tipos de exemplos, as aspas daqueles que são citados em meio ao discurso do gramático foram mantidas. Deve-se destacar também que, em alguns casos, trechos dos exemplos aparecem destacados com itálico; tais realces foram conservados também na representação desses exemplos na listagem.

Quando as citações sofreram modificações executadas pelo gramático, optou-se por manter o verso tal como figura no texto; tais exemplos receberam, em nota de rodapé, a indicação (Mod.).

Aqueles exemplos cujas referências não foram localizadas, dentro dos limites impostos pela metodologia de busca já observada, receberam a indicação (S. n.), que significa *Sem nota* (Cf. o quadro de Abreviações e notações).

É possível observar a recorrência de muitos exemplos ao longo de toda a obra. Para efeito de organização e melhor investigação das ocorrências, optou-se por inseri-los na listagem, tantas vezes quantas eles aparecerem nos textos de M. Vitorino e E. Aftônio. Muitas repetições acontecem em sequência, quando os autores tratam de uma mesma teoria e a exploram por diversos ângulos, precisando reproduzir os exemplos durante as explicações; no entanto, na maioria dos casos, os autores fazem alterações nos exemplos a fim de provar ou comprovar algum conceito, por isso, é necessário que estejam também representados na listagem, sem exceção. As repetições ainda podem não estar em sequência; não é incomum um mesmo exemplo ser citado em seções distintas com finalidades distintas, daí a importância de repeti-lo, quantas vezes forem necessárias.

Se, por um lado, o exercício de investigação se tornará mais claro e evidente, por outro lado, torna a listagem ainda maior e, em decorrência, isso pode acarretar um efeito colateral indesejável: a leitura pode tornar-se um tanto enfadonha. Entretanto, isso ocorre em favor de uma maior e mais completa exaustividade da investigação proposta.

VII. 2 – Listagem: os *exempla* de Mário Vitorino

- ‘*saevus Achilles*’⁵⁹
[Sǣvūs Ā|chillēs |prōptēr Hēc|tōrēm |trāctūm]
[LI D. Litt. - p. 7]
- ‘*ad mortem si te fors*’
[Ītālī|(a) ād mōr|tēm sī | tē (fōrs | dīctā rē|fūtēt!)]
[LI D. Orthog. - p. 10]
- ‘*ad quem sic roseo*’
[ād quēm | sīc rōsē|ō Thāu|māntiās | ōrē lō|cūta ēst]
[LI D. Orthog. - p.10]
- ‘*at regina gravi*’⁶⁰
[Āt rē|gīnā grā|uī iām|dūdūm | sāucīā | cūrā]
[LI D. Orthog. - p.10]
- ‘*populo Romano*’⁶¹
[pōpūlō Rōmānō]
[LI D. Orthog. - p.12]
- ‘*qum primum*’⁶²
[qūm prīmūm]
[LI D. Orthog. - p.13]
- ‘*quum hoc facerem*’⁶³
[quūm hōc fācērēm]
[LI D. Orthog. - p.13]
- ‘*cum Gaio*’⁶⁴
[cūm Gāiō]
[LI D. Orthog. - p.13]
- ‘*cum Lucio*’⁶⁵
[cūm Lūciō]
[LI D. Orthog. - p.13]
- ‘*pictai vestis*’⁶⁶
[dīuēs | ēquūm, | dīuēs | pīctāi | uēstīs ēt | āurī]
[LI D. Orthog. - p.14]
- ‘*haud aliter muros*’⁶⁷

⁵⁹ Serv., A. 2, 29, 3.

⁶⁰ Verg., A., XII, 41/ Verg., A., IX, 5/ Verg., A., IV, 1.

⁶¹ (S.n.).

⁶² (S.n.).

⁶³ (S.n.).

⁶⁴ (S.n.).

⁶⁵ (S.n.).

⁶⁶ Verg., A., IX, 26.

⁶⁷ Verg., A., IX, 65.

[hāud āl|tēr Rūtū|lō mū|rōs ēt | cāstrā tū|ēntī]
[LI D. Orthog. - p.15]

- ‘haud equidem’⁶⁸
[hāud ēquī|dēm crē|dō, quā | sīt dī|uīnītūs | īllīs]
[LI D. Orthog. - p.15]
- ‘hau placitura refer’⁶⁹
[hāud plācī|tūrā rē|fēr. Cūm | prīmūm | crāstīnā | cāelō]
[LI D. Orthog. - p.15]
- ‘populoi Romanoi’⁷⁰
[pōpūlōī Rōmānōī]
[LI D. Orthog. - p.17]
- ‘populo Romano’⁷¹
[pōpūlō Rōmānō]
[LI D. Orthog. - p.17]
- ‘men incepto desistere victam?’⁷²
[hāc sē|cūm: ‘mē|n(e) īncēp|tō dē|sīstērē | uīctām]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘ten inquit miserande puer’⁷³
[‘tēn(e) īn|quīt ‘mīsē|rāndē pū|ēr, cūm | lāētā uē|nīrēt,]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘posquam res Asiae’⁷⁴
[Pōstquām | rēs Āsī|āe Prīā|mīqu(e) ē|uērtērē | gēntēm]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘mult ille et terris’⁷⁵
[lītōrā, mūlt(um) ī|le ēt tēr|rīs iāc|tātūs ēt | āltō]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘non equidem invideo’⁷⁶
[Nōn ēquī|d(em) īnuīdē|ō, mī|rōr māgīs: | ūndīquē | tōtīs]
[LI D. Orthog. - p.22]
- et breviter Troiae supremum audire laborem⁷⁷
[ēt brēuī|tēr Trō|īāe sū|prēm(um) āu|dīrē lā|bōrēm,]
[LI D. Orthog. - p.22]

⁶⁸ Verg., G., I, 415.

⁶⁹ Verg., A., XII, 76. 12.76.

⁷⁰ (S.n.).

⁷¹ (S.n.).

⁷² Verg., A., I, 37.

⁷³ Verg., A., XI, 42.

⁷⁴ Verg., A., III, 1.

⁷⁵ Verg., A., I, 3.

⁷⁶ Verg., Ecl., I, 11.

⁷⁷ Verg., A., II, 11.

- ‘audiendus est’⁷⁸
[āudiēndūs ēst]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘scribendus est’⁷⁹
[scrībēndūs ēst]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘mutandus est’⁸⁰
[mūtāndūs ēst]
[LI D. Orthog. - p.22]
- hic alienus ovis custos bis mulget in hora⁸¹
[hīc ālī|ēnūs ō|uīs cūs|tōs bīs | mūlgēt īn | hōrā]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘manibusque meis Mezentius hic est’⁸²
[p̄rīmītīā m̄nībūsquē mē|īs Mē|zēntīūs | hīc ēst.]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘hoc erat alma parens’⁸³
[hōc ērāt, | ālmā p̄|rēns, quōd | mē pēr | tēlā, pēr īgnīs]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘hoc Ithacus velit’⁸⁴
[hōc Īthā|cūs uēlīt | ēt māg|nō mēr|cēntūr Ā|trīdāē.]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘trinos calceos’⁸⁵
[trīnōs cālcēōs]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘trina vestimenta’⁸⁶
[trīnā vēstīmētā]
[LI D. Orthog. - p.22]
- ‘en illum’⁸⁷
[ēn īllūm]
[LI D. Orthog. - p.23]
- ‘paucis’⁸⁸
[pāucīs]

⁷⁸ (S.n.).

⁷⁹ (S.n.).

⁸⁰ (S.n.).

⁸¹ Verg., *Ecl.*, III, 5.

⁸² Verg., *A.*, XI, 16.

⁸³ Verg. *A.*, II, 664.

⁸⁴ Verg. *A.*, II, 104.

⁸⁵ (S.n.).

⁸⁶ (S.n.).

⁸⁷ (S.n.).

⁸⁸ (S.n.).

[LI D. Orthog. - p.23]

- ‘commutatis, ut ad linguam nostram pervenirent’⁸⁹
[cōmmūtātīs, ūt ād līnguām nōstrām pērvēnīrēnt]
[LI D. Orthog. - p.23]
- ‘commutatis, ut ad linguam nostram pervenirent’⁹⁰
[cōmmūtātīs, ūt ād līnguām nōstrām pērvēnīrēnt]
[LI D. Orthog. - p.23]
- ‘primus ab oris’⁹¹
[Ārmā uī|rūmqūē cā|nō, Trō|iāē quī | p̄rīmūs āb | ōrīs]
[LI D. Syll. - p.26]
- ‘Acrisioneis Danae’⁹²
[Ācrīsī|ōnē|īs Dā|nāē fūn|dāssē cō|lōnīs]
[LI D. Syll. - p.27]
- ‘hoc erat’⁹³
[hōc ērāt, | ālmā pā|rēns, quōd | mē pēr | tēlā, pēr īgnīs]
[LI D. Syll. - p.27]
- ‘te Corydon o Alexi’⁹⁴
[tē Cōrŷ|dōn, ō Ā|lēxī: trā|hīt sūā | quēmquē uō|lūptās.]
[LI D. Syll. - p.27]
- ‘insulae Ionio in magno’⁹⁵
[īnsūlae Ī|ōnīō | īn māg|nō, quās | dīrā Cē|lāēnō]
[LI D. Syll. - p.27]
- ‘Glaucō et Panopeae et Inoo Melicertae’⁹⁶
[Glāucō | ēt || Pānō|pēāē | ēt Īnō|ō || Mēlī|cērtāē.]
[LI D. Syll. - p.27]
- ‘neque Aoniae Aganippae’⁹⁷
[ūllā mō|rām fēcē|rē,|| nē|que Āōnī|ē Āgā|nīppē.]
[LI D. Syll. - p.27]
- ‘vastosque ab rupe Cyclopas’⁹⁸
[lūstrā | dōmōs|quē || trā|hō uās|tōsqu(e)_āb | rūpē Cŷ|clōpās]
[LI D. Syll. - p.27]
- ‘sese effudere quadrigae’⁹⁹

⁸⁹ L. Cin., *Gram.*, 1, 2.

⁹⁰ L. Cin., *Gram.*, 1, 2.

⁹¹ Verg., *A.*, I, 1.

⁹² Verg., *A.*, VII, 410.

⁹³ Verg., *A.*, II, 664.

⁹⁴ Verg., *Ecl.*, II, 65.

⁹⁵ Verg., *A.*, III, 211.

⁹⁶ Verg., *G.*, I, 437.

⁹⁷ Verg., *Ecl.*, X, 12.

⁹⁸ Verg., *A.*, III, 647.

[ūt cūm | cārcērī|būs || sē|se ēffū|dērē quā|drīgāe]
[LI D. Syll. - p.27]

- ‘infandi Cyclopes’¹⁰⁰
[īnfān|dī Cŷclō|pēs || ēt | āltīs | mōntībūs | ērrānt]
[LI D. Syll. - p.27]
- ‘centum quadriiugos’¹⁰¹
[cēntūm | quādriū|gōs || āgī|tāb(o) _ād | flūmīnā | cūrrūs]
[LI D. Syll. - p. 27]
- ‘hic amor, haec patria’¹⁰²
[hīc āmōr, | hāc pātrī|(a) _ēst. || Sī |tē Kār|thāgīnīs | ārcēs]
[LI D. Syll. - p. 27]
- hic vir hic est, tibi quem promitti saepius audis¹⁰³
[hīc uīr, hīc | ēst, tībī | quēm || prō|nīttī | sāpīūs | āudīs,]
[LI D. Syll. - p.28]
- ‘terga fatigamus hasta’¹⁰⁴
[tērgā fā|tīgā|mūs || hās|tā, nēc | tārdā sē|nēctūs]
[LI D. Syll. - p. 28]
- quare etiam *atque etiam*, ut dico, est communis voluptas¹⁰⁵
[quār(e) _ētī|(am) _ātque ētī|(am) _ūt || dī|c(o) _ēst cōm|mūnīs uō|lūptās.]
[LI D. Syll. - p. 28]
- ‘efflantque elatis naribus lucem’¹⁰⁶
[Sōlīs ēlquī lū|cēmqu(e) _ē|lātīs | nārībūs | ēfflānt:]
[LI D. Syll. - p. 28]
- ‘canto quae solitus’¹⁰⁷
[cāntō | quāe sōlī|tūs, || sī | quānd(o) _ār|mēntā uō|cābāt,]
[LI D. Syll. - p. 28]
- ‘moenia prima loco fatis’¹⁰⁸
[mōeniā | prīmā lō|cō || fā|tīs īn|grēssūs ī|nīquīs]
[LI D. Syll. - p. 28]
- ‘cui Iuno summissa’¹⁰⁹
[cūi Iū|nō sūm|mīssā: || 'quīd, | ō pūl|chērrīmē | cōniūnx]
[LI D. Syll. - p. 28]

⁹⁹ Verg., *G.*, I, 512.

¹⁰⁰ Verg., *A.*, III, 644.

¹⁰¹ Verg., *G.*, III, 18.

¹⁰² Verg., *A.*, IV, 347.

¹⁰³ Verg., *A.*, VI, 792.

¹⁰⁴ Verg., *A.*, IX, 610.

¹⁰⁵ Lucr., IV, 1207.

¹⁰⁶ Verg., *A.*, XII, 115.

¹⁰⁷ Verg., *Ecl.*, II, 23.

¹⁰⁸ Verg., *A.*, III, 17.

¹⁰⁹ Verg., *A.*, X, 611.

- ‘heu nimium virgo nimium’,¹¹⁰
[hēu nīmī|ūm, uīr|gō, || nīmī|ūm crū|dēlē lū|īstī]
[LI D. Syll. - p. 28]
- ‘non amo te Sabidi’,¹¹¹
[Nōn āmō | tē, Sābī|dī, || nēc | pōssūm | dīcērē | quārē:]
[LI D. Syll. - p. 28]
- ‘nunc scio, quid sit amor’,¹¹²
[nūnc sciō| quīd sīt Ā|mōr: || nū|dīs īn | cāutībūs | īllūm]
[LI D. Syll. - p. 28]
- ‘non ego Myrmidonum’,¹¹³
[nōn ěgō | Mŷrmīdō|nūm || sē|dēs Dōlō|pūmuē sū|pērbās]
[LI D. Syll. - p. 28]
- ‘ast ego quae divum’,¹¹⁴
[āst ěgō, | quāē || dīuūm | īncē|dō || rē|gīnā Iō|uīsquē]
[LI D. Syll. - p. 28]
- ‘ergo iussa parat’,¹¹⁵
[ěrgō iūssā pārāt]
[LI D. Syll. - p. 28]
- armatumque auro circumspicit Oriona¹¹⁶
[ārmā|tūmqe āu|rō || cīr|cūmspīcīt | Ōrī|ōnā.]
[LI D. Syll. - p. 29]
- cum subito adsurgens fluctu nimbosus *Orion*¹¹⁷
[cūm sū|bt(o) ādsūr|gēns || flūc|tū nīm|bōsūs Ō|rīōn]
[LI D. Syll. - p. 29]
- ‘gener adversis instructus eois’,¹¹⁸
[dēscēn|dēns,|| gēnēr | āduēr|sīs || īns|trūctūs Ě|ōīs!]
[LI D. Syll. - p. 29]
- ‘primo surgebat eoo’,¹¹⁹
[Pōstērā | iāmquē dī|ēs || prī|mō sūr|gēbāt Ě|ōō]
[LI D. Syll. - p. 29]
- ‘eoasque acies’,¹²⁰

¹¹⁰ Verg., A., XI, 841.

¹¹¹ Mart. I., 32, 1.

¹¹² Verg., *Ecl.*, VIII, 43.

¹¹³ Verg., A., II, 785.

¹¹⁴ Verg., A., I, 46.

¹¹⁵ Verg., A., IV, 503.

¹¹⁶ Verg., A., III, 517.

¹¹⁷ Verg., A., I, 535.

¹¹⁸ Verg., A., VI, 831.

¹¹⁹ Verg., A., III, 588.

¹²⁰ Verg., A., I, 489.

[Ēō|āsque ācī|ēs || ēt | nīgrī | Mēmnoñis | ārmā.]
[LI D. Syll. - p. 29]

- ante tibi euae Atlantides abscondantur¹²¹
[āntē tī|bī Ē|ō(ae)|| Ā|tlāntīdēs | ābscōn|dāntūr]
[LI D. Syll. - p. 29]
- ‘arma virumque cano’¹²²
[Ārmā uī|rūmqūē cā|nō, || Trō|iāē quī | prīmūs āb | ōrīs]
[LI D. Syll. - p. 29]
- ‘est in secessu longo locus’¹²³
[ēst īn | sēcēs|sū || lōn|gō lōcūs: | īnsūlā | pōrtūm]
[LI D. Syll. - p. 29]
- ‘Acrisioneis Danae’¹²⁴
[Ācrīsī|ōnē|īs || Dā|nāē fūn|dāssē cō|lōnīs]
[LI D. Syll. - p. 29]
- ‘nox erat’¹²⁵
[Nōx ērāt | ēt tēr|rīs || ānī|mālīā | sōmnūs hā|bēbāt:]
[Nōx ērāt | ēt tēr|rīs || ānī|mālīā | fēssā pēr | ōmnīs]
[LI D. Syll. - p. 29]
- ‘axe sub aetherio’¹²⁶
[āxē sūb | āēthērī|ō, || tūm nī|grō mīx|tā Lŷā|ēō]
[LI D. Syll. - p.30]
- ‘Mezenti ducis exuvias’¹²⁷
[Mēzēn|tī dū|c(is)|| ēxūuī|ās, tībī | māgnē trō|pāūm]
[LI D. Syll. - p. 30]
- ‘inveni germana viam’¹²⁸
[īnuē|nī, gēr|mānā, || uī|ām (grā|tārē sō|rōrī)]
[LI D. Syll. - p. 30]
- omnia vincit amor, et nos cedamus amori¹²⁹
[ōmnīā | uīncīt Ā|mōr: || ēt | nōs cē|dāmūs Ā|mōrī.]
[LI D. Syll. - p. 30]
- ‘horresco referens’¹³⁰
[(hōrrēs|cō rēfē|rēns) || īm|mēnsīs | ōrbībūs | ānguēs]
[LI D. Syll. - p. 30]

¹²¹ Verg., *G.*, I, 221.

¹²² Verg., *A.*, I, 1.

¹²³ Verg., *A.*, I, 159.

¹²⁴ Verg., *A.*, VII, 410.

¹²⁵ Verg., *A.*, III, 147; VIII, 26.

¹²⁶ Seren., 28, 549.

¹²⁷ Verg., *A.*, XI, 7.

¹²⁸ Verg., *A.*, VI, 478.

¹²⁹ Verg., *Ecl.* X, 69.

¹³⁰ Verg., *A.*, II, 204.

- ‘liminaque laurusque dei’¹³¹
[līmīnā|quē || lāu|rūsquē dē|ī, || tō|tūsquē mō|uērī]
[LI D. Syll. - p. 30]
- ‘Harpyiaequae colunt’¹³²
[Hārpyī|æquē || cō|lūnt ālī|æ, || Phīn|ēiā | pōstquām]
[LI D. Syll. - p. 30]
- ‘parietibus textum caecis iter’¹³³
[pāriētī|būs tēx|tūm || cæ|cīs ītēr | āncīpī|tēmquē]
[LI D. Syll. - p. 30]
- Glauco et Panopeae et Inoo Melicertae¹³⁴
[Glāucō | ēt Pānō|pēæ | ēt Īnō|ō Mēlī|cērtæ.]
[LI D. Syll. - p. 30]
- te Corydon, o Alexi, trahit s. q. v.¹³⁵
[tē Cōry|dōn, ō Ā|lēxī: || trā|hīt sūā | quēmquē uō|lūptās.]
[LI D. Syll. - p. 30]
- ulla moram fecere neque Aoniae Aganippae¹³⁶
[ūllā mō|rām fē|cērē, nē|qu(e) Āōnī|æ Āgā|nīppē.]
[LI D. Syll. - p. 30]
- insulae Ionio in magno, quas dira Celaeno¹³⁷
[īnsū|læ Īōnī|(o) Īn māg|nō, quās | dīrā Cē|lænō]
[LI D. Syll. - p. 30]
- immemores socii vasto Cyclopi in antro¹³⁸
[īmmē|mōrēs | sōcī | uāstō Cŷ|clōpīs īn | ānrō]
[LI D. Syll. - p. 30]
- lustra domosque traho vastosque ab rupe Cyclopi¹³⁹
[lūstrā dō|mōsquē trā|hō || uās|tōsquē āb | rūpē Cŷ|clōpās]
[LI D. Syll. - p. 30]
- omnibus hic erit unus honos, tres praemia primi¹⁴⁰
[ōmnībŷ | hīc || ěrīt | ūnŷ hō|nōs. || Trēs | prāēmīā | prīmī]
[LI D. Syll. - p. 31]
- ‘hic vir hic est’¹⁴¹

¹³¹ Verg., A., III, 91.

¹³² Verg., A., III, 212.

¹³³ Verg., A., V, 589.

¹³⁴ Verg., G., I, 437.

¹³⁵ Verg., Ecl., II, 65.

¹³⁶ Verg., Ecl., 10, 12.

¹³⁷ Verg., A., III, 211.

¹³⁸ Verg., A., III, 617.

¹³⁹ Verg., A., III, 647.

¹⁴⁰ Verg., A., V, 308.

¹⁴¹ Verg., A., VI, 792.

[hīc uīr, hīc | ēst, tībī | quēm prō|mītī | sǣpīūs | āudīs,]
[LI D. Syll. - p. 31]

- ‘hoc erat alma parens’¹⁴²
[hōc ěrāt, | ālmā pǎ|rēns, || quōd | mē pēr | tēlā, pēr | īgnīs]
[LI D. Syll. - p. 31]
- pro Iuppiter ibit¹⁴³
[flāuēn|tisque || ābs|cīssā cō|mās ||'prō | Iūppītēr ! | ībīt]
[LI D. Syll. - p. 31]
- hic, ait, et nostris illuserit¹⁴⁴
[hīc, 'āīt |'ēt nōs|trīs || īn|lūsērīt | āduēnā | rēgnīs?]
[LI D. Syll. - p. 31]
- ‘nec erat alma parens’¹⁴⁵
[hōc ěrāt, | ālmā pǎ|rēns, || quōd | mē pēr | tēlā, pēr īgnīs]
[LI D. Syll. - p. 31]
- ‘nec ait’¹⁴⁶
[nēc āīt]
[LI D. Syll. - p. 31]
- iam satis terris nivis atque dirae¹⁴⁷
[iām sǎ|tīs tēr|rīs nīvīs | ātquē | dīrāē]
[LIV A.F.Aph. - p.175]
- terruit urbem¹⁴⁸
[tērrūīt | ūrbēm]
[LIV A.F.Aph. - p.176]
- ‘iaculatus arces’¹⁴⁹
[iācūlātūs ārcēs]
[LIV A.F.Aph. - p.176]
- sic te diva potens Cypri¹⁵⁰
[sīc tē | dīvā pō|tēns Cŷ|prī]
[LIV A.F.Aph. - p.176]
- solvitur acris hiems grata vice veris et favoni¹⁵¹
[sōlvītūr ācrīs hīēms grātā vīcē vērīs ēt fāvōnī]
[LIV A.F.Aph. - p.177]

¹⁴² Verg., A., II, 664.

¹⁴³ Verg., A., IV, 590.

¹⁴⁴ Verg., A., IV, 591.

¹⁴⁵ Verg., A., II, 664 (Mod.).

¹⁴⁶ (S.n.).

¹⁴⁷ Hor., *Carm.* I, 2, 1.

¹⁴⁸ Hor., *Carm.* I, 2, 4.

¹⁴⁹ Hor., *Carm.* I. 2. 3.

¹⁵⁰ Hor., *Carm.* I. 3. 1.

¹⁵¹ Hor., *Carm.* I. 4. 1.

- ‘solvitur acris hiems grata vice’,¹⁵²
[sōlvītūr ācrīs hīēms grātā vicē]
[LIV A.F.Aph. - p.177]
- ‘veris et favoni’,¹⁵³
[vērīs ēt fāvōnī]
[LIV A.F.Aph. - p.177]
- trahuntque siccās machinae carinas¹⁵⁴
[trāhūntquē siccās māchīnāe cārīnās]
[LIV A.F.Aph. - p.177]
- trahuntque siccās machinae carinulas¹⁵⁵
[trāhūntquē siccās māchīnāe cārīnūlās]
[LIV A.F.Aph. - p.177]
- quis multa gracilis te puer in rosa
perfusus liquidis unguet odoribus
grato, Pyrra, sub antro?¹⁵⁶
[quīs mūltā grācīlīs || tē pūēr īn rōsā
pērfūsūs līquīdīs ūnguēt ōdōrībūs
grātō, Pŷrrā, sūb ānrō]
[LIV A.F.Aph. - p.177]
- ‘grato, Pyrra, sub antro’,¹⁵⁷
[grātō, Pŷrrā, sūb ānrō]
[LIV A.F.Aph. - p.177]
- scriberis Vario fortis et hostium
victor, Maeonii carminis alite,
quam rem cumque ferox navibus aut equis
miles te duce gesserit¹⁵⁸
[scrībērīs Vārīō || fōrtīs ēt hōstīūm
vīctōr, Māēōnī cārminīs ālītē,
quām rēm cūmquē fērōx || nāvībūs āut ēquīs
mīlēs tē dūcē gēssērīt]
[LIV A.F.Aph. - p.178]
- laudabunt alii claram Rhodon aut Mitylenen¹⁵⁹
[lāudābūnt ālīī clārām Rhōdōn āut Mītŷlēnēn]
[LIV A.F.Aph. - p.178]
- te maris et terrae numeroque carentis harenae,¹⁶⁰

¹⁵² Hor., *Carm.* I. 4. 1.

¹⁵³ Hor., *Carm.* I. 4. 1.

¹⁵⁴ Hor., *Carm.* I. 4. 2.

¹⁵⁵ Hor., *Carm.* I. 4. 2. (Mod.)

¹⁵⁶ Hor., *Carm.* I. 5. 1-3.

¹⁵⁷ Hor., *Carm.* I. 5. 3.

¹⁵⁸ Hor., *Carm.* I. 6. 1-4.

¹⁵⁹ Hor., *Carm.* I, 7, 1.

¹⁶⁰ Hor., *Carm.* I. 28. 1

[tē mārīs ēt tērrāe nūmērōquē cārētīs hārēnāe]
[LIV A.F.Aph. - p.178]

- aut Epheson bimarise Corinthi¹⁶¹
[āut Ēphēsōn bīmārīsvē Cōrīnthī]
[LIV A.F.Aph. - p.178]
- ‘Lydia dic per omnes’¹⁶²
[Lȳdīā dīc pēr ōmnēs]
[LIV A.F.Aph. - p.178]
- Lydia dic per omnes¹⁶³
[Lȳdīā dīc pēr ōmnēs]
[LIV A.F.Aph. - p.178]
- hoc deos vere Sybarin cur properas amando¹⁶⁴
[hōc dēōs vērē Sȳbārīn cūr prōpērās āmāndō]
[LIV A.F.Aph. - p.178]
- vides ut alta stet nive candidum¹⁶⁵
[vīdēs ūt āltā || stēt nīvē cāndīdūm]
[LIV A.F.Aph. - p.178]
- *silvae laborantes geluque*¹⁶⁶
[sīlvāe lābōrāntēs gēlūquē]
[LIV A.F.Aph. - p.178]
- flumina constiterint acuto¹⁶⁷
[flūmīnā cōnstītērīnt ācūtō]
[LIV A.F.Aph. - p.178]
- te maris et terrae numerosque carentis harenae¹⁶⁸
[tē mārīs ēt tērrāe nūmērōquē cārētīs hārēnāe]
[LIV A.F.Aph. - p.181]
- mensorem prohibent Archyta¹⁶⁹
[mēnsōrēm prōhībēnt Ārchȳtā]
[LIV A.F.Aph. - p.181]
- laudabunt alii claram Rhodon aut Mitylenen
aut Epheson bimarise Corinthi¹⁷⁰
[lāudābūnt āliī clārām Rhōdōn āut Mītȳlēnēn]

¹⁶¹ Hor., *Carm.* I. 7, 2.

¹⁶² Hor., *Carm.* I. 8. 1. (Mod.)

¹⁶³ Hor., *Carm.* I. 8. 1. (Mod.)

¹⁶⁴ Hor., *Carm.* I. 8. 2.

¹⁶⁵ Hor., *Carm.* I. 9. 1.

¹⁶⁶ Hor., *Carm.* I. 9. 3.

¹⁶⁷ Hor., *Carm.* I. 9. 4.

¹⁶⁸ Hor., *Carm.* I. 28. 1

¹⁶⁹ Hor., *Carm.* I. 28. 2.

¹⁷⁰ Hor., *Carm.* I, 7, 1-2.

āut Ēphēsōn bīmārīsvē Cōrīnthī]
[LIV A.F.Aph. - p.181]

- quid tibi vis, mulier nigris dignissima barris?
munera quid mihi quidve tabellas.¹⁷¹
[quīd tībī vīs, mūliēr nīgrīs dīgnīssīmā bārrīs?
mūnērā quīd mīhī quīdvē tābēllās]
[LIV A.F.Aph. - p.181]
- non ebur neque aureum¹⁷²
[nōn ēbūr nēq(ue) āurēūm]
[LIV A.F.Aph. - p.181]
- mea renidet in domo lacunar¹⁷³
[mēā rēnīdēt īn dōmō lācūnār]
[LIV A.F.Aph. - p.181]
- miserarum est neque amorī dare ludum neque dulci¹⁷⁴
[mīsērār(um) ēst nēqu(e) āmōrī dārē lūdūm nēquē dūlcī]
[LIV A.F.Aph. - p.182]
- diffugere nives, redeunt iam gramina campis¹⁷⁵
[dīffūgērē nīvēs, rēdēūnt iām grāmīnā cāmpīs]
[LIV A.F.Aph. - p.182]
- ibis liburnis inter alta navium¹⁷⁶
[ībīs lībūrnīs īntēr āltā nāvīūm]
[LIV A.F.Aph. - p.182]
- divi potentes, ferte lassatis opem¹⁷⁷
[dīvī pōtētēs, fērtē lāssātīs ōpēm]
[LIV A.F.Aph. - p.182]
- agite agite quid dubitatis hilares dare choros¹⁷⁸
[āgītē, | āgītē, | quīd dūbī|tātīs hī|lārēs| dārē | chōrōs]
[LIV A.F.Aph. - p.182]
- Musae Iovem laudate et hilares date choros¹⁷⁹
[Mūs(ae) Iō|vēm lāu|dāt(e) ēt hīl|ārēs |dātē |chōrōs]
[LIV A.F.Aph. - p.182]
- Peti, nihil me sicut antea iuvat
scribere versiculos amore percussum gravi¹⁸⁰

¹⁷¹ Hor., *Carm.* I, 12, 1-2

¹⁷² Hor., *Carm.* II, 18, 1.

¹⁷³ Hor., *Carm.* II, 18, 1.

¹⁷⁴ Hor., *Carm.* III, 12, 1.

¹⁷⁵ Hor., *Carm.* IV, 7, 1.

¹⁷⁶ Hor., *Ep.*, I, 1.

¹⁷⁷ ACT, *Trag.*, 241.

¹⁷⁸ (S. n.).

¹⁷⁹ (S. n.).

¹⁸⁰ Hor., *Ep.*, 11. 1-2.

[Pētī, nīhīl mē sīcūt āntēā iūvāt
scrībērē vērsīcūl(os) _āmōrē pērcūssūm grāvī]
[LIV A.F.Aph. - p.182]

- horrida tempestas caelum contraxit et imbres
nivesque deducunt Iovem nunc mare nunc silvae¹⁸¹
[hōrrīdā tēmpēstās cāelūm cōntrāxīt ēt īmbrēs
nīvēsquē dēdūcūnt Iōvēm nūnc mārē nūnc sīlūāē]
[LIV A.F.Aph. - p.183]
- scribere versiculos amore percussum gravi¹⁸²
[scrībērē vērsīcūl(os) _āmōrē pērcūssūm grāvī]
[LIV A.F.Aph. - p.183]
- altera iam teritur bellis civilibus aetas
suis et ipsa Roma viribus ruit¹⁸³
[āltērā iām tērītūr bēllīs cīvīlībūs āētās
sūīs ēt īpsā Rōmā vīrībūs rūīt]
[LIV A.F.Aph. - p.183]

A sequência de exemplos refere-se ao trecho da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* que é atribuído, conforme se demonstrou, a M. Vitorino.

Nos exemplos presentes nas primeiras 29 páginas da edição de Keil (1961), é possível observar a recorrência de versos de Virgílio. Tais exemplos, inseridos no discurso gramatical sobre a *uox*, *littera*, *orthographia* e *syllaba* têm função ilustrativa, uma vez que M. Vitorino, nessas páginas, apenas demonstra o funcionamento dos elementos primordiais da língua latina.

A maior parte dos exemplos de M. Vitorino concentram-se nas demonstrações acerca das sílabas, sua natureza breve ou longa e daí os fenômenos que podem ocorrer alterando a natureza das sílabas. Gradativamente, à medida que o estudo avança, o número de exemplos aumenta, assim é possível supor que a sequência do texto original de M. Vitorino seria a de um número cada vez maior de exemplos e também uma maior diversidade de autores.

Virgílio é o poeta mais citado, entretanto, esses exemplos não tratam de procedimentos métricos, mas, sim da demonstração de fenômenos naturais da língua. Assim, é possível dizer que, nesse caso, qualquer outro poeta ou mesmo dados da língua falada poderiam ocupar o lugar de Virgílio, isto é, Virgílio não fora citado nesses exemplos por causa do valor literário

¹⁸¹ Hor., *Ep.*. 13. 1.

¹⁸² Hor., *Ep.*. 11. 2.

¹⁸³ Hor. *Ep.* 16, 1.

de sua obra, mas, provavelmente, por seguir uma tradição denominada de ‘tradição dos exemplos’.

A segunda metade da lista de M. Vitorino corresponde aos exemplos presentes a partir da página 174 da edição de Keil (1961). A maioria dos versos citados é de Horácio, trata-se, pois, de um apêndice sobre os metros horacianos e, em geral, para a demonstração dos metros empregados pelo poeta – assumem, por isso a função ilustrativa – o gramático cita o primeiro verso dos poemas escolhidos. A escolha por Horácio não segue à ‘tradição dos exemplos’ pois, de todos os poetas que empregaram os mais variados versos da lírica latina, aquele que mais se destaca é Horácio; por este motivo o poeta é citado: por ser o melhor dentre os poetas.

A importância de Horácio para a lírica latina não foi observada apenas por M. Vitorino, mas também C. Basso, A. Fortunaciano, E. Aftônio e T. Mauro dedicaram-se a descrever os metros empregados pelo poeta, os três primeiros consagram uma seção de seus tratados à explicação dos metros horacianos, o *de metris horatianis*. Os exemplos de Horácio nessas *Artes grammaticae* exercem função ilustrativa, uma vez que figuram como demonstração da teoria explicitada pelo gramático e obedecem a um esquema em que há a descrição do metro e, em seguida, um exemplo que lhe sirva de amostra.

VII. 3 – Listagem: os *exempla* de Élio Aftônio

- ‘a virgo infelix’¹⁸⁴
[ā, uīr|go īnfē|līx,|| quāē | tē dē|mēntiā | cēpīt!]
[LI D. Syll. - p. 31]
- e terra magnum alterius spectare laborem¹⁸⁵
[ē tēr|rā || māg|num āltērī|ūs || spēc|tārē lā|bōrēm;]
[LI D. Syll. - p. 31]
- i nunc, ingratis offer te irrise periclis¹⁸⁶
[ī nūnc, | īngrā|tīs ō|fēr te, īn|rīsē, pē|rīclīs;]
[LI D. Syll. - p. 31]
- o mihi praeteritos referat si Iuppiter annos¹⁸⁷
[ō mīhī | prāētērī|tōs || rēfē|rāt sī | Iūppītēr | ānnōs,]
[LI D. Syll. - p. 31]
- uvidus hiberna venit de glande Menalcas¹⁸⁸
[ūuidūs | hībēr|nā uē|nīt || dē | glāndē Mē|nālcās.]
[LI D. Syll. - p.32]
- ‘Troiaque nunc stares’¹⁸⁹
[Trōiāquē | nūnc stā|rēt,|| Priā|mīque ārx | āltā mā|nērēs.]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.35]
- proiiecit fluvio penitusque in nubila fugit¹⁹⁰
[prōiē|cīt flūuī|ō, || pēnī|tūsque īn | nūbīlā | fūgīt.]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.35]
- ‘hoc erat’¹⁹¹
[hōc ērāt, | ālmā pā|rēns,|| quōd | mē pēr | tēlā, pēr īgnīs]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.36]
- ‘hoc ait’¹⁹²
[hīc, 'āit |'ēt nōs|trīs || īn|lūsērīt | āduēnā | rēgnīs?]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.36]
- ‘insulae Ionio in magno’¹⁹³
[īnsūlae | ōnīō | īn māg|nō, quās | dirā Cē|lānō]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.36]

¹⁸⁴ Verg., *Ecl.*, VI, 47.

¹⁸⁵ Lucr., II, 2.

¹⁸⁶ Verg., *A.*, VII, 425.

¹⁸⁷ Verg., *A.*, VIII, 560.

¹⁸⁸ Verg., *Ecl.*, X, 20.

¹⁸⁹ Verg., *A.*, II, 56.

¹⁹⁰ Verg., *A.*, XII, 256.

¹⁹¹ Verg., *A.*, II, 664.

¹⁹² Verg., *A.*, IV, 591.

¹⁹³ Verg., *A.*, III, 211.

- ‘hic ait et nostris’,¹⁹⁴
[hīc, 'āit |'ēt nōs|trīs īn|lūsērīt | āduēnā | rēgnīs?]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.36]
- ‘insulae Ionio in magno’,¹⁹⁵
[īnsūlae Ī|ōniō | īn māg|nō, quās | dīrā Cē|lānō]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.36]
- ‘vidit turicremis’,¹⁹⁶
[uīdīt, | tūrīcrē|mīs cūm | dōna īm|pōnērēt | ārīs,]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.36]
- ni palmas ponto tendens utrasque Cloanthus¹⁹⁷
[nī pāl|mās pōn|tō tēn|dēns ū|trāsquē Clō|ānthūs]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.37]
- Brontesque Steropesque et nudus membra Pyracmon¹⁹⁸
[Brōntēs|quē Stērō|pēsque ēt | nūdūs | mēmbṛā Pŷ|rāgmōn.]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.37]
- nescio quis teneros oculus mihi fascinat agnos¹⁹⁹
[nēsciō | quīs tēnērōs ōcū|lūs mīhī | fāscīnāt | āgnos.]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.37]
- ‘omnibus errantem terris’,²⁰⁰
[ōmnībūs | ērrān|tēm tēr|rīs ēt | flūctībūs | āstās.]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.37]
- ‘aut Agamemnonius scaenis’,²⁰¹
[āut Āgā|mēmnonī|ūs scāē|nīs āgī|tātūs Ō|rēstēs,]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.37]
- ‘hoc erat alma parens’,²⁰²
[hōc ērāt, | ālmā pā|rēns,|| quōd | mē pēr | tēlā, pēr īgnīs]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.37]
- ‘arma virumque cano’,²⁰³
[Ārmā uī|rūmquē cā|nō, || Trō|iāē quī | prīmūs āb | ōrīs]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.37]
- ‘Italiam fato profugus’,²⁰⁴
[Ītālī|ām fā|tō prōfū|gūs Lā|uīniāquē | uēnīt]

¹⁹⁴ Verg., A., IV, 591.

¹⁹⁵ Verg., A., III, 211.

¹⁹⁶ Verg., A., IV, 453.

¹⁹⁷ Verg., A., V, 233.

¹⁹⁸ Verg., A., VIII, 425.

¹⁹⁹ Verg., *Ecl.*, III, 103.

²⁰⁰ Verg., A., I, 756.

²⁰¹ Verg., A., IV, 471.

²⁰² Verg., A., II, 664.

²⁰³ Verg., A., I, 1.

²⁰⁴ Verg., A., I, 2.

[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.38]

- ‘fervere Leucaten’²⁰⁵
[fēruērē | Lēucā|tēn || āu|rōq(ue)_ēf|fūlgērē |flūctūs.]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.38]
- ‘reliquias Danaum’²⁰⁶
[Trōās, | rēliqū|ās || Dānā|(um)_ātque īm|mītīs Ā|chīlī,]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.38]
- rettulit Argolico fulgentia poma tyranno²⁰⁷
[rētūlīt | Ārgōlī|cō || fūl|gētīā | pōmā tỳ|rānno.]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.38]
- reddenere retro longe capita ardua ab ictu²⁰⁸
[ābdū|xērē rē|trō || lōn|gē cāpī|(a)_ārdū(a)_āb | īctū]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.38]
- ‘apparent rari nantes’²⁰⁹
[āppā|rēnt rā|rī || nān|tēs īn | gūrgītē | uāstō,]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.39]
- ‘septem subiecta trioni’²¹⁰
[tālīs Hỳ|pērbōrē|ō || Sēp|tēm sūb|iēctā trī|ōnī]
[LI D. Syllm. Nat. et Conex. - p.39]
- ‘numeros memini si v. t.’²¹¹
[āudīē|rām? Nūmē|rōs || mēmī|nī, sī | uērbā tē|nērēm]
[LI D. Rhyt. - p.41]
- armiger in Ida pede vago litora petens²¹²
[ārmīgēr | īn Ī|dā || pēdē | vāgō | lītōrā | pētēns]
[LI D. Ped. - p.49]
- res gestae regumque ducumque et tristia bella
quo scribi possent numero, monstravit Homerus²¹³
[rēs gēs|tāē rē|gūmqūē dū|cūmq(ue)_ēt | trīstīā | bēllā
quō scrī|bī pōs|sēt || nūmē|rō, mōn|strāvīt Hō|mērūs]
[LI D. Met. - p.50]
- arma virumque cano T. q. p. a. o.²¹⁴
[Ārmā uī|rūmqūē cā|nō, ||Trō|iāē quī | pīrīmūs āb | ōrīs]
[LI D. Met. - p.52]

²⁰⁵ Verg., A., VIII, 677.

²⁰⁶ Verg., A., I, 30.

²⁰⁷ Luc., 9, 367.

²⁰⁸ Verg., A., V, 428.

²⁰⁹ Verg., A., I, 118.

²¹⁰ Verg., G., III, 381.

²¹¹ Verg., Ecl., 9, 45.

²¹² AEL., Ser., 79. 1.

²¹³ Hor., Ars, 73.

²¹⁴ Verg., A., I, 1.

- alius cithara sonituque potens volucres pecudesque movere ²¹⁵
[āliūs cithārā | sōnītūquē pōtēns | vōlūcrēs pēcūdēs|quē mōvērē]
[LI D. Met. - p.52]
- beatus ille qui procul negotiis ²¹⁶
[Bēātūs īl|lē quī prōcūl | nēgōtīis]
[LI D. Met. - p.52]
- Roma, Roma, cerne quanta sit deum benignitas ²¹⁷
[Rōmā, Rōmā | cērnē quāntā | sīt dēūm bē|nīgnītas]
[LI D. Met. - p.52]
- Galli timidi semianimes tergora vertunt ²¹⁸
[Gāllī tīmīdī sēmīānīmēs tērgōrā vērtūnt.]
[LI D. Met. - p.53]
- miserarum est neque amorī dare Iudum neque dulci ²¹⁹
[Mīsērār(um)_ēst nēq(eu)_āmōrī dārē Iūdūm nēquē dūlcī mālā]
[LI D. Met. - p.53]
- Lydia dic perdere cur hunc cupias, quid retices ²²⁰
[Lydīā dīc | pērdērē cūr | hūnc cūpiās, | quīd rētīcēs]
[LI D. Met. - p.53]
- libens hoc tibi persolvo, nihil me sic iuvat ²²¹
[lībēns hōc tī|bī pērsōlvō,| nīhīl mē sīc | iūvāt]
[LI D. Met. - p.53]
- sic Tiberis inplacidus in maria labitur ²²²
[sīc Tībērīs | īnplācīdūs | īn mārīā | lābītūr]
[LI D. Met. - p.53]
- nemus ave reticuit, ager homine silet ²²³
[nēmūs āvē | rētīcūīt, | agēr hōmīnē | sīlēt]
[LI D. Met. - p.53]
- ‘arma virumque cano’ ²²⁴
[Ārmā uī|rūmqūē cā|nō,|| Trō|iāē quī | prīmūs āb | ōrīs]
[LI D. C. Metm. - p.54]
- ‘septem subiecta trione’ ²²⁵

²¹⁵ (S.n.).

²¹⁶ Hor., *Epod.*, 2, 1.

²¹⁷ AEL. *Ser.*, 65, 1.

²¹⁸ AEL., *Ser.*, 73, 1.

²¹⁹ Hor., *Carm.*, III, 12, 1.

²²⁰ Hor., *Carm.*, I, 8, 1.

²²¹ (S.n.).

²²² Bass., *Carm.*, 6, 1.

²²³ AEL. *Ser.*, 85, 1.

²²⁴ Verg., *A.*, I, 1.

²²⁵ Verg., *G.*, III, 381.

[tālīs Hÿ|pērbōrē|ō || Sēp|tēm sūb|iēctā trī|ōnī]
[LI D. Vers. - p.56]

- ‘endo sua do’²²⁶
[ēndō sūā dō]
[LI D. Vers. - p.56]
- ‘ac famul infimus esset’²²⁷
[ōsā dē|dīt tēr|ræ || prōin|d(e)_āc fāmūl | ĩnfīmūs | ēssēt]
[LI D. Vers. - p.56]
- proras detondete et *despoliate* gubernā²²⁸
[prōrās | dētōn|dēte || ēt | dēspōlī|ātē gū|bērnā]
[LI D. Vers. - p.56]
- ibis liburnis inter alta navium²²⁹
[Ībīs Lībūr|nīs ĩntēr āl|tā nāvīūm]
[LI D. Poe. - p.57]
- amice | propugnacula²³⁰
[āmīcē, prō|pūgnācūlā,]
[LI D. Poe. - p.58]
- primum huic
nervis septem est intenta fides
variique apti vocum moduli,
ad quos mundi resonat canor in
sua se vestigia volventis²³¹
[prīmūm hūic
Nērvīs sēpt(em)_ēst ĩntētā fidēs
Vārīiq(ue)_āptī vōcūm mōdūlī,
ād quōs mūndī rēsōnāt cānōr ĩn
sūā sē vēstīgīā vōlvētīs]
[LI D. Stro. et Antis. et Ep. - p.60]
- vidit et aetherio mundum torquerier axe
et septem aethernis sonitum dare vocibus orbes
nitentes aliis alios, quae maxima divis
laetitia est. at tunc longe gratissima Phoebi
dextera consimiles meditatur reddere voces²³²
[vīdīt ēt | āethērī|ō mūn|dūm tōr|quērīēr | āxē
ēt sēp|t(em)_āethēr|nīs sōnī|tūm dārē | vōcībūs | orbēs
nītēn|tēs ālī|īs ālī|ōs, quāē | mākīmā | dīvīs
lāētītī(a)_ēst. āt | tūnc lōn|gē grātīssīmā Phōebī
dēxtērā | cōnsīmī|lēs mēdī|tātūr | rēddērē vōcēs]

²²⁶ (S.n.).

²²⁷ Lucr., 3, 1035.

²²⁸ Lucil., 20, 578.

²²⁹ Hor., *Epod.*, 1, 1.

²³⁰ Hor., *Epod.*, 1, 2.

²³¹ V. Ruf. Trag. 3-7. (Mod.).

²³² Var. At. *Carm.*, 14, 1.

[LI D. Stro. et Antis. et Ep. - p.60]

- arma virumque cano, Troiae qui primus ab oris ²³³
[Ārmā uī|rūmqē cā|nō,|| Trō|iāē quī | p̄rīmūs āb | ōrīs]
[LI D. Metm. Fine sev Clav. - p.61]
- arma virumque cano, Troiae qui primus ab o ²³⁴
[Ārmā uī|rūmqē cā|nō,|| Trō|iāē quī | p̄rīmūs āb | ō]
[LI D. Metm. Fine sev Clav. - p.61]
- arma virumque cano, Troiae qui primus ab ²³⁵
[Ārmā uī|rūmqē cā|nō,|| Trō|iāē quī | p̄rīmūs āb]
[LI D. Metm. Fine sev Clav. - p.61]
- arma virumque cano, Troiae qui primus ab orisque ²³⁶
[Ārmā uī|rūmqē cā|nō, || Trō|iāē quī | p̄rīmūs āb | ōrīsquē]
[LI D. Metm. Fine sev Clav. - p.61]
- quis non adultas detrahat ramo voluptates ²³⁷
[quīs nōn ādūltās dētrāhāt rāmō vōlūptā|tēs]
[LI D. Metm. Fine sev Clav. - p.61]
- caeruli Neptune rector, Conse litorum potens ²³⁸
[Cāerūlī Nēptūnē rēctōr, Cōnsē lītōrūm pōtēns]
[LI D. Metm. Fine sev Clav. - p.61]
- amare nolo nec dolere, Clinia ²³⁹
[Āmārē nō|lō nēc dōlē|rē, Clīniā]
[LI D. Metm. Fine sev Clav. - p.62]
- caduca popli coma glauca iam per agros ²⁴⁰
[cādūcā pōplī cōmā glāucā iām pēr āgrōs]
[LI D. Metm. Fine sev Clav. - p.62]
- tunc et amoris amor venit improbus aliger Cupido ²⁴¹
[tūnc ēt āmōrīs āmōr vēnīt īmprōbūs ālīgēr Cūpīdō]
[LI D. Metm. Fine sev Clav. - p.62]
- ‘insulae Ionio in magno’ ²⁴²
[īnsūlaē ī|ōniō | īn māg|nō, quās | dīrā Cē|lāenō]
[LI D. Metm. Fine sev Clav. - p.63]
- paratus omne Caesaris periculum ²⁴³

²³³ Verg., A., I, 1.

²³⁴ Verg., A., I, 1. (Mod.).

²³⁵ Verg., A., I, 1. (Mod.).

²³⁶ Verg., A., I, 1. (Mod.).

²³⁷ (S.n.).

²³⁸ AEL. Ser., 66. 1.

²³⁹ ACT., Pal., 19.

²⁴⁰ (S.n.).

²⁴¹ (S.n.).

²⁴² Verg., A., III, 211.

[pără|tūs ōm|nē Că|sărīs | pĕrī|cŭlŭm]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.63]

- o paratus omne Caesaris periculum²⁴⁴
[ō pă|rătūs | ōmnē | Că|sărīs pĕ|rīcŭ|lŭm]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.63]
- est celer phaselus ille quem videtis²⁴⁵
[ĕst cĕ|lĕr Phă|sĕlŭs| ĩllĕ,| quĕm vĭ|dĕtīs]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.63]
- ‘arma virumque cano’²⁴⁶
[Ărmă uĭ|rŭmquĕ că|nō,|| Trŏ|iă| quī | pĕrīmŭs ăb | ōrīs]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.63]
- ‘ades arma virumque cano’²⁴⁷
[Ădĕs Ărmă uĭ|rŭmquĕ că|nō, Trŏ|iă| quī | pĕrīmŭs ăb | ōrīs]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.63]
- pro ades arma virumque cano²⁴⁸
[prŏ ădĕs | Ărmă uĭ|rŭmquĕ că|nō, Trŏ|iă| quī | pĕrīmŭs ăb | ōrīs]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.63]
- dea fecit dea belli dominatrix Phrygas²⁴⁹
[dĕă fĕcĭt dĕă bĕllī dŏmĭnătrĭx Phrŷgăs]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.64]
- cur dea fecit dea belli dominatrix Phrygas²⁵⁰
[cŭr dĕă fĕ|cĭt dĕă bĕl|lī dŏmĭnă|trĭx Phrŷgăs]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.64]
- hoc cur dea fecit dea belli dominatrix Phrygas²⁵¹
[hŏc cŭr dĕă fĕcĭt dĕă bĕllī dŏmĭnătrĭx Phrŷgăs]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.64]
- et hoc cur dea fecit dea belli dominatrix Phrygas²⁵²
[ĕt hŏc cŭr dĕ|ă fĕcĭt dĕ|ă bĕllī dŏ|mĭnătrĭx Phrŷ|găs]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.64]
- miserarum est neque amoris dare iudum neque dulci²⁵³
[Mĭsĕrăr(um) ĕst nĕq(ue) ămŏrĭ dărĕ ĩŭdŭm nĕquĕ dŭlcĭ]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.64]

²⁴³ Hor., *Epod.*, 1, 3.

²⁴⁴ Hor., *Epod.*, 1, 3.

²⁴⁵ Catul., *Carm.*, 4, 1. (Mod.).

²⁴⁶ Verg., *A.*, I, 1.

²⁴⁷ Verg., *A.*, I, 1.

²⁴⁸ Verg., *A.*, I, 1.

²⁴⁹ Maur., 2061.

²⁵⁰ Maur., 2061. (Mod.).

²⁵¹ Maur., 2061. (Mod.).

²⁵² Maur., 2061. (Mod.).

²⁵³ Hor., *Carm.*, III, 12, 1.

- quam miserarum est neque amori dare iudum neque dulci ²⁵⁴
[quām mīsērār(um) ēst nēq(ue) āmōrī dārē iūdūm nēquē dūlcī]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.64]
- o quam miserarum est neque amori dare Iudum neque dulci ²⁵⁵
[ō quām mīsērār(um) ēst nēq(ue) āmōrī dārē lūdūm nēquē dūlcī]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.64]
- et o quam miserarum est neque amori dare Iudum neque dulci ²⁵⁶
[ēt ō quām mīsērār(um) ēst nēq(ue) āmōrī dārē lūdūm nēquē dūlcī]
[LI D. Epi. id est Metm. Ampl. - p.64]
- ‘quam Iuno fertur’ ²⁵⁷
[quām Iū|nō fēr|tūr || tēr|rīs māgīs | ōmnībūs | ūnām]
[LI D. Tom. Siv. Inc. Versm. - p.65]
- quam Iuno fertur, quam Iuno fertur ²⁵⁸
[quām Iū|nō fēr|tūr || quām Iū|nō fēr|tūr]
[LI D. Tom. Siv. Inc. Versm. - p.65]
- ‘quam Iuno fertur terris’ ²⁵⁹
[quām Iū|nō fēr|tūr || tēr|rīs māgīs | ōmnībūs | ūnām]
[LI D. Tom. Siv. Inc. Versm. - p.65]
- ‘infandum regina’ ²⁶⁰
[Īnfā|ndūm, rē|gīnā, || iū|bēs rēnō|uārē dō|lōrēm]
[LI D. Tom. Siv. Inc. Versm. - p.65]
- quae pax longa remiserat, arma novare parabant ²⁶¹
[quāē pāx | lōngā rē|mīsērāt, | ārmā nō|vārē pā|rābānt]
[LI D. Tom. Siv. Inc. Versm. - p.65]
- arma virumque cano, Troiae qui primus ab oris ²⁶²
[Ārmā uī|rūmq(ue) cā|nō, || Trō|jiā quī | p̄rīmūs āb | ōrīs]
[LI D. Tom. Siv. Inc. Versm. - p.65]
- ‘hic hasta Aeneae stabat’ ²⁶³
[hīc hās|ta Ānē|āē || stā|bāt, hūc | ĩmpētūs | ĩllām]
[LI D. Con. e Coll. Voca. - p.66]
- ‘Priamique evertere gentem’ ²⁶⁴

²⁵⁴ Hor., *Carm.*, III, 12, 1. (Mod.).

²⁵⁵ Hor., *Carm.*, III, 12, 1. (Mod.).

²⁵⁶ Hor., *Carm.*, III, 12, 1. (Mod.).

²⁵⁷ Verg., *A.*, I, 15.

²⁵⁸ Verg., *A.*, I, 15.

²⁵⁹ Verg., *A.*, I, 15.

²⁶⁰ Verg., *A.*, II, 3.

²⁶¹ Maur., 1701.

²⁶² Verg., *A.*, I, 1.

²⁶³ Verg., *A.*, XII, 772.

²⁶⁴ Verg., *A.*, III, 1.

[Pōstquām | rēs Āsī|āe Priā|mīque ē|uērtērē | gēntēm]
[LI D. Con. e Coll. Voca. - p.66]

- ‘multum ille et terris iactatus et alto’ ²⁶⁵
[lītōrā, mūltum ī|le ēt || tēr|rīs iāc|tātūs ēt | āltō]
[LI D. Con. e Coll. Voca. - p.66]
- circumdat nequiquam umeris et inutile ferrum ²⁶⁶
[cīrcūm|dāt nē|quīqu(am)_ūmē|rīs ēt ī|nūtīlē | fērrūm]
[LI D. Con. e Coll. Voca.66]
- cum te flagranti deiecit fulmine Phaethon ²⁶⁷
[cūm tē | flāgrān|tī dē|iēcīt | fūlmīnē | Phāethōn]
[LI D. Con. e Coll. Voca.- p. 66]
- ‘villis onerosum atque unguibus aureis’ ²⁶⁸
[dāt Sālī|ō uī|līs || ōnē|rōs(um)_āt|q(ue)_ūnguībūs | āureīs.]
[LI D. Con. e Coll. Voca. - p.66]
- non me carminibus vincat nec Thracius Orpheus ²⁶⁹
[nōn mē | cārminī|būs || uīn|cēt nēc | Thrācīūs | Ōrphēus]
[LI D. Con. e Coll. Voca. - p.66]
- audire est operae pretium procedere recte ²⁷⁰
[āudī|re ēst ōpērāe prētīūm, prōcēdērē rēctē]
[LI D. Con. e Coll. Voca. - p.67]
- ‘quaecumque est fortuna, mea est’ ²⁷¹
[quāēcūm|q(ue)_ēst fōr|tūnā, mē|(a)_ēst; mē | uērīūs | ūnūm]
[LI D. Con. e Coll. Voca. - p.67]
- ‘fluviorum rex Eridanus’ ²⁷²
[flūuīō|rūm || rēx | Ērīdā|nūs || cām|pōsquē pēr | ōmnīs]
[LI D. Vit. Versm. - p.67]
- adicias nec te ullius violentia vincat ²⁷³
[ādīcī|ās, nēc | t(e)|| ūllī|ūs uīō|lēntīā | uīncāt]
[LI D. Vit. Versm. - p.67]
- ‘Anchisen facio certum’ ²⁷⁴
[Ānchī|sēn fācī|ō || cēr|tūm rēm|q(ue)_ōrdīnē | pāndō.]
[LI D. Vit. Versm. - p.67]

²⁶⁵ Verg., A., I, 3.

²⁶⁶ Verg., A., II, 510.

²⁶⁷ Var. At. *Carm.*, 10, 1.

²⁶⁸ Verg., A., V, 352.

²⁶⁹ Verg., *Ecl.*, IV, 55.

²⁷⁰ Hor., *Serm.*, I, 2, 37.

²⁷¹ Verg., A., XII, 694.

²⁷² Verg., *G.*, 1, 482.

²⁷³ Verg., A., XI, 354.

²⁷⁴ Verg., A., III, 179.

- ‘quam Iuno fertur’²⁷⁵
[quām Iū|nō fēr|tūr || tēr|rīs māgīs | ōmnībūs | ūnām]
[LI D. Vit. Versm. - p.67]
- ‘quis te, magne Cato, tacitum’²⁷⁶
[quīs tē, | māgnē Cā|tō, || tācī|t(um) _aut tē, | Cōssē, rē|līnquāt?]
[LI D. Vit. Versm. - p.67]
- ‘classe veho mecum’²⁷⁷
[clāssē uē|hō mē|cūm,|| fāmā | sūpēr | æthērā | nōtūs;]
[LI D. Vit. Versm. - p.67]
- attoniti Troes viso serpente pavitant²⁷⁸
[clāssē uē|hō mē|cūm,|| fāmā | sūpēr | æthērā | nōtūs]
[LI D. Vit. Versm. - p.67]
- sed iam purpureo suras include cothurno,
balteus et revocet volucres in pectore sinus,
pressaue iam gravida crepitent tibi terga pharetra,
derige odorisequos ad certa cubilia canes²⁷⁹
[sēd iām | pūrpūrē|ō || sū|rās īn|clūdē cō|thūrnō,
bāltēūs | ēt rēvō|cēt || vōlū|crēs īn | pēctōrē | sīnūs,
prēssāquē | iām grāvī|dā || crēpī|tēt tībī | tērgā phā|rētrā,
dērig(e) _ō|dōrisē|quōs || ād | cērtā | cūbīlīā | cānēs]
[LI D. Vit. Versm. - p.68]
- Pythie, Delie, te colo, prospice votaue firma.²⁸⁰
[Pŷthiē,| Dēliē,| tē || cōlō,| prōspicē | vōtāquē | fīrmā.]
[LII D.Dact. M. - p. 71]
- at regina gravi iamdudum saucia cura²⁸¹
[āt rē|gīnā grā|vī || iām|dūdūm| sāuciā| cūrā]
[LII D. Dac. M. - p. 71]
- cui non dictus Hylas puer et Latonia Delos²⁸²
[cūi nōn | dīctūs Hŷ|lās || pūēr | ēt Lā|tōniā| Dēlōs.]
[LII D. Dac. M. - p. 71]
- panditur interea domus omnipotentis Olympi²⁸³
[pāndītūr | īntērē|ā || dōmūs | ōmnīpō|tētīs Ō|lŷmpī;]
[LII D. Dac. M. - p. 72]
- cornua velatarum obvertimus antemnarum²⁸⁴

²⁷⁵ Verg., A., I, 15.

²⁷⁶ Verg., A., VI, 841.

²⁷⁷ Verg., A., I, 379.

²⁷⁸ Maur., 1930.

²⁷⁹ Maur., 1935.

²⁸⁰ AEL., Ser. 50, 1.

²⁸¹ Verg., A., IV, 1.

²⁸² Verg., G., III, 6.

²⁸³ Verg., A., X, 1.

²⁸⁴ Verg., A., III, 549.

[cōrnŭā | vēlā|tārum ōb|vērtīmŭs | āntē|mnārŭm]
[LII D. Dac. M. - p. 72]

- ‘procumbit humi bos’²⁸⁵
[‘prō|cūmbīt hŭ|mī bōs’]
[LII D. Dac. M. - p. 72]
- cornua velatarum obvertimus antemnarum²⁸⁶
[cōrnŭā | vēlā|tār(um) ōb|vērtīmŭs | āntē|mnārŭm]
[LII D. Dac. M. - p. 72]
- formosum pastor Corydon ardebat Alexin²⁸⁷
[fōrmō|sŭm pās|tōr || Cōrŷ|dōn ār|dēbāt Ā||lēxīn.]
[LII D. Dac. M. - p. 72]
- non phocae turpes, non marcentes ballenae²⁸⁸
[nōn phō|cāe tūr|pēs, || nōn | mārcēn|tēs bāl|lēnāe]
[LII D. Dac. M. - p. 72]
- ‘insulae Ionio in magno’²⁸⁹
[īnsŭlāe|ōnīō | īn māg|nō]
[LII D. Dac. M. - p. 72]
- ponite. Spes sibi quisque²⁹⁰
[pōnītē. | Spēs sībī| quīsquē]
[LII D. Dac. M. - p. 72]
- terruit urbem²⁹¹
[tērrŭīt | ūrbēm]
[LII D. Dac. M. - p. 73]
- cui non dictus Hylas puer²⁹²
[cūi nōn | dīctŭs Hŷ|lās pŭēr]
[LII D. Dac. M. - p. 73]
- nos patriae fines et dulcia²⁹³
[nōs pātrī|āe fī|nēs ēt| dŭlcīā]
[LII D. Dac. M. - p. 73]
- Phoebus me docuit iuga Pieridum sequi²⁹⁴
[Phēbŭs | mē dōcŭ|īt | iŭgā | Pīērī|dŭm sēquī]
[LII D. Dac. M. - p. 73]

²⁸⁵ Verg., A., V, 481.

²⁸⁶ Verg., A., III, 549.

²⁸⁷ Verg., *Eclo.* II, 1.

²⁸⁸ AEL, *Ser.* 52, 1.

²⁸⁹ Verg., A., III, 211.

²⁹⁰ Verg., A., XI, 308-9.

²⁹¹ Hor., *Carm.*, I, 2, 4.

²⁹² Verg., *G.*, III, 6.

²⁹³ Verg., *Ecl.*, I, 3.

²⁹⁴ (S.n.).

- Oceanum interea surgens Aurora reliquit²⁹⁵
[Ōcěǎ|num ĩntěrě|ǎ || sūr|gěns Āu|rōrǎ rě|līquīt]
[LII D. Dac. M. - p. 73]
- alma parens, genetrix divum, decus Oceano²⁹⁶
[ǎlmǎ pǎ|rěns, || gěně|trīx dī|vūm,|| dēcūs | Ōcěǎ|nō]
[LII D. Dac. M. - p. 73]
- Ζεύς δέ θεῶν ἀγορήν ποιήσατο τερπικέρανος²⁹⁷
[Zēṽς δέ θε|ῶν ἀγ|ο|ρήν || πο|ι|ή|σάτο | τερ|πι|κέ|ρα|νο|ς]
[LII D. Dac. M. - p. 73]
- conciliumque vocat divum pater atque hominum rex²⁹⁸
[cōncīlī|ūm quē vō|cāt || dī|vūm pătēr | ātque hōmī|nūm rēx]
[LII D. Dac. M. - p. 73]
- incipe maenalios mecum, mea tibia, versus²⁹⁹
[ĩncĩpě | mǎnǎlī|ōs || mē|cūm, měǎ | tībīǎ, | vērsūs]
[LII D. Dac. M. - p. 73]
- Odrysium Martem cane barbite³⁰⁰
[Ōdrýsī|ūm Mār|tēm cǎně | bǎrbītě]
[LII D. Dac. M. - p. 74]
- Odrysio lyra carmine cantat³⁰¹
[Ōdrýsī|ō lýřǎ | cǎrmĩně | cǎntāt]
[LII D. Dac. M. - p. 74]
- mensorem cohibent Archyta³⁰²
[měnsō|rēm cōhī|běnt Ār|chýřǎ]
[LII D. Dac. M. - p. 74]
- sic te diva potens Cypri, ||³⁰³
[síc tē | dīvǎ pō|těns Cý|prī]
[LII D. Dac. M. - p. 74]
- grato Pyrrha sub antro³⁰⁴
[grātō | Pýřřǎ sūb | ānrō]
[LII D. Dac. M. - p. 74]
- arma sonantia³⁰⁵
[ǎrmǎ sō|nǎntīǎ]

²⁹⁵ Verg., A., IV, 129.

²⁹⁶ (S.n.).

²⁹⁷ Hom., *Il.*, VIII, 2.

²⁹⁸ Verg., A., X, 2.

²⁹⁹ Verg., *Ecl.*, VIII, 21.

³⁰⁰ (S.n.).

³⁰¹ (S.n.).

³⁰² Hor., *Carm.*, I, 28.2.

³⁰³ Hor., *Carm.*, I, 3.1.

³⁰⁴ Hor., *Carm.* I, 5.3.

³⁰⁵ (S.n.).

[LII D. Dac. M. - p. 74]

- terruit urbem³⁰⁶
[tērrūit ūrbēm]
[LII D. Dac. M. - p. 74]
- at tuba terribilem sonitum procul aere canoro ||³⁰⁷
[āt tūbā | tērrībī|lēm || sōnī|tūm prōcūl | āerē cā|nōrō]
[LII D. Anap. M. - p. 75]
- tuba terribilem sonitum procul aere canoro³⁰⁸
[tūbā tē|rrībīlēm | sōnītūm | prōcūl ā|rē cānō|rō]
[LII D. Anap. M. - p. 75]
- alius cithara sonituque potens volucres pecudesque movere³⁰⁹
[āliūs cīthārā | sōnītūquē pōtēns | vōlūcrēs pēcūdēs|quē mōvērē]
[LII D. Anap. M. - p. 75]
- admota labris tuba terribilem sonitum dedit aere canoro³¹⁰
[ādmō|tā lā|brīs tūbā |tērrībī|lēm sōnī|tūm dēdīt| āerē cā|nōrō]
[LII D. Anap. M. - p. 75]
- celebret Phoebus cithara superos omnipotentes resonetque melos musis placitum³¹¹
[cēlēbrēt Phōē|būs cīthārā sūpē|r(os)_ōmnīpōtētēs | rēsōnētquē mē|lōs Mūsīs plācī|tūm]
[LII D. Anap. M. - p. 76]
- celebret Phoebus cithara superos omnipotentes resonetque melos
[cēlēbrēt Phōē|būs cīthārā sūpē|r(os)_ōmnīpōtētēs | rēsōnētquē mē|lōs]
[LII D. Anap. M. - p. 76]
- celebret Phoebus cithara superos³¹²
[cēlēbrēt Phōē|būs cīthārā sūpē|r(os)_ōmnīpōtētēs]
[LII D. Anap. M. - p. 76]
- celebret Phoebus cithara superos³¹³
[cēlēbrēt Phōē|būs cīthārā sūpē|rōs]
[LII D. Anap. M. - p. 76]
- super ardua fertur equis³¹⁴
[sūpēr ārdūā fēr|tūr ēquīs]
[LII D. Anap. M. - p. 76]
- lyrico resonet mea Musa potens

³⁰⁶ Hor., *Carm.*, I, 2, 4.

³⁰⁷ Verg., *A.*, IX, 503.

³⁰⁸ Verg., *A.*, IX, 503.

³⁰⁹ (S.n.).

³¹⁰ Verg., *A.*, IX, 503. (Mod.).

³¹¹ (S.n.).

³¹² (S.n.).

³¹³ (S.n.).

³¹⁴ Frag., Bob., 624, 28.

melo nova carmina pangere gestio

adsis age, deprecor, o mihi Melpomene ||³¹⁵

[l'ýricō rēsōnēt | mēā Mūsā pōtēns

mēlō nōvā cār|mīnā pāngērē gē|stīō

Ādsīs āgē, dē|prēcōr, ō mīhī Mēl|pōmēnē]

[LII D. Anap. M. - p. 76]

▪ inclyte, parva paedite patria,
nomine celebri claroque potens
pectore, Achivis classibus autor³¹⁶

[īnclýtē, | pārvā | prāēdītē | pātrīā,

nōmīnē | cēlēbrī | clārō|quē pōtēns

pēctōr(e), Ā|chīvīs | clāssībūs | āutōr]

[LII D. Anap. M. - p.77]

▪ †agite, ite, volvite, rapite, coma tractate per
aspera saxa et humum, sacandite vestem ocius³¹⁷

†āgītē, | itē, | vōlvītē, | rāpītē, | cōmā trāc|tātē| pēr

Āspērā | sāxa ēt hū|mūm, scān|dītē vēs|tem ōcīūs]

[LII D. Anap. M. - p.77]

▪ quamvis ego per montes alacer properarem³¹⁸

[quāmvīs | ěgō pēr | mōntēs | ālācēr | prōpērā|rēm]

[LII D. Anap. M. - p.77]

▪ sed quamvis ego per montes alacer properarem³¹⁹

[sēd quāmvīs ěgō | pēr mōn|tēs ālā|cēr prōpēr|rēm]

[LII D. Anap. M. - p.77]

▪ superat montes pater Idaeos nemorumque³²⁰

[sūpērāt | mōntēs | pātēr Ī|dāēōs | nēmōrūm|quē]

[LII D. Anap. M. - p.77]

▪ Pan Maenalio carmine nymphas properantes³²¹

[Pān Māē|nālīō | cārminē | nymphās | prōpērān|tēs]

[LII D. Anap. M. - p.77]

▪ rumpunt teneras uviferae comas lagei³²²

[rūmpūnt tēnērās ūvīfērāē cōmās lā|gēī]

[LII D. Anap. M. - p.78]

▪ nitet aura perpurae Veneris coma roscida, lactea cervix³²³

[nītēt ā|ūrā pēr|pūrāē | Vēnērīs | cōmā rōs|cīdā, lāc|tēā cēr|vīx]

[LII D. Anap. M. - p.78]

³¹⁵ (S.n.).

³¹⁶ Acc. *Trag.*, 521.

³¹⁷ Pac., *Trag.*, 350.

³¹⁸ (S.n.).

³¹⁹ Tib., 3, 9, 12.

³²⁰ (S.n.).

³²¹ (S.n.).

³²² (S.n.).

³²³ (S.n.).

- nemus ave reticuit, ager homine sonat³²⁴
[nēmūs āvē | rētīcūīt, | āgēr hōmī|nē sōnāt]
[LII D. Anap. M. - p.78]
- propero pede³²⁵
[prōpērō | pēdē]
[LII D. Anap. M. - p.78]
- beatus ille qui procul negotiis³²⁶
[bēā|tūs īl|lē quī | prōcūl | nēgō|tīs]
[LII Iam. M. - p.79]
- quid ais epidia? tibi facilior erit amor³²⁷
[quīd āīs ēpīdiā? tībī fācīlīōr ērīt āmōr]
[LII Iam. M. - p.79]
- divi potentes, ferte lassalis opem³²⁸
[dīvī | pōtēn|tēs, fēr|tē lās|sātīs ōpēm]
[LII Iam. M. - p.79]
- praesentium divinitas caelestium. ||³²⁹
[prāēsēn|tīūm | dīvī|nītās | cāelēs|tīūm]
[LII Iam. M. - p.79]
- mala soluta navis exit alite
ferens olentem Maevium³³⁰
[mālā | sōlū|tā nāvīs ē|xīt ā|lītē
fērēns | ōlēn|tēm Māē|vīūm]
[LII Iam. M. - p.79]
- vigoris adde concitum celer pedem³³¹
[vīgō|rīs ād|dē cōn|cītūm | cēlēr | pēdēm]
[LII Iam. M. - p.81]
- novitate ductus, non ut inscius legis³³²
[nōvī|tātē | dūctūs, | nōn ūt | īnscī|ūs lē|gīs]
[LII Iam. M. - p.81]
- beatus ille qui procul negotiis, ut prisca gens mostalium³³³
[bēā|tūs īl|lē quī | prōcūl | nēgō|tīs, | ūt prīs|cā gēns | mōrtā|līūm]
[LII Iam. M. - p.81]

³²⁴ AEL., *Ser.*, 85, 1.

³²⁵ (S.n.).

³²⁶ Hor., *Epod.*, 2, 1.

³²⁷ ACT. *Pal.*, 18. (Mod.).

³²⁸ ACT. *Trag.*, 241.

³²⁹ AEL. *Ser.*, 75, 1.

³³⁰ Hor., *Epod.*, 10, 1.

³³¹ Maur., 2183.

³³² Maur., 2403.

³³³ Hor., *Epod.*, 2, 1.

- *beatus ille qui procul negotiis, ut prisca gens*³³⁴
[bĕā|tūs īl|lē quī | prōcūl | nĕgō|tīs, | ūt prīs|cā gĕns]
[LII Iam. M. - p.81]
- *beatus ille qui procul negotiis*³³⁵
[bĕā|tūs īl|lē quī | prōcūl | nĕgō|tīs,]
[LII Iam. M. - p.81]
- *beatus ille qui procul*³³⁶
[bĕā|tūs īl|lē quī | prōcūl]
[LII Iam. M. - p.81]
- *Musae, Iovem laudate concentu bono*³³⁷
[Mūsāē, | Iōvēm | lāudā|tē cōn|cĕntū | bōnō]
[LII Iam. M. - p.81]
- *agite, agite, quid dubitatis agiles dare choros?*³³⁸
[āgītē, | āgītē, | quīd dūbī|tātīs ā|gīlēs |dārē| chōrōs?]
[LII Iam. M. - p.81]
- *beatus ille qui procul negotiis.*³³⁹
[bĕā|tūs īl|lē quī | prōcūl | nĕgō|tīs]
[LII Iam. M. - p.81]
- *carmine qui tragico vilem certavit ob hircum,
mox etiam agrestis Satyros nodavit et asper
incolumi gravitate iocum temptavit eo, quod
illecebris erat et grata novitate morandus
spectator*³⁴⁰
[cārmīnē | quī trāgī|cō vī|lēm cēr|tāvīt ōb | hīrcūm,
mōx ĕtī|am āgrēs|tīs sātý|rōs nō|dāvīt ĕt | āspĕr
īncōlū|mī grāvī|tātē iō|cūm tĕmp|tāvīt ĕ|ō, quōd
īllĕcē|brīs ĕrāt | ĕt grā|tā nōvī|tātē mō|rāndūs
spĕctā|tōr]
[LII Iam. M. - p.82]
- *Musae, iovem laudate et agiles date choros*³⁴¹
[Mūsāē, | Iōvēm | lāudā|t(e) ĕt ā|gīlēs | dātē | chōrōs]
[LII Iam. M. - p.82]
- *non labor iam,*³⁴²
[nōn lā|bōr iām]
[LII Iam. M. - p.82]

³³⁴ Hor., *Epod.*, 2, 1.

³³⁵ Hor., *Epod.*, 2, 1.

³³⁶ Hor., *Epod.*, 2, 1.

³³⁷ (S.n.).

³³⁸ ACT., *Pal.* 36.

³³⁹ Hor., *Epod.*, 2, 1.

³⁴⁰ Hor., *Ars.*, 220.

³⁴¹ (S.n.).

³⁴² (S.n.).

- nunc Iovi litemus, exoremus *omnes* supplices.³⁴³
[nūnc Iō|vī lī|tēmūs, | ēxō|rēmūs | *ōmnēs* | sūpplī|cēs]
[LII Iam. M. - p.82]
- nemore † dulcisanes cantu personat.³⁴⁴
[nēmō|rē † dūl|cīsā|nēs cān|tū pēr|sōnāt]
[LII Iam. M. - p.82]
- beatus ille qui procul negotiis forensibus
ruris sub umbra frigidi vitam quite placat³⁴⁵
[bēā|tūs īl|lē quī | prōcūl | nēgō|tīs | fōrēn|sībūs
rūrīs | sūb ūm|brā frī|gīdī | vītām | quītē | plācāt]
[LII Iam. M. - p.82]
- est celer phaselus ille quem vedetis³⁴⁶
[ēst cē|lēr phā|sēlūs | īllē | quēm vī|dētīs]
[LII D. M. Troc. - p.84]
- cerne, Crasse, poena quanta sit deum fatiganti³⁴⁷
[cērnē, | Crāssē, | poēnā | quāntā sīt | dēūm | fātī|gāntī]
[LII D. M. Troc. - p.84]
- arma qui capit † sub idem Martiumque tergum³⁴⁸
[ārmā | quī cā|pīt sūb | īdēm | Mārtī|ūmquē | tērgūm]
[LII D. M. Troc. - p.84]
- tale quale vere dulce sibilat teres donax³⁴⁹
[tālē | quālē | vērē dūl|cē sī|bīlāt | tērēs | dōnāx]
[LII D. M. Troc. - p.85]
- Iuppiter tremenda sancte tela qui regis manu³⁵⁰
[Iūppī|tēr trē|mēndā | sānctē | tēlā | quī rē|gīs mǎ|nū]
[LII D. M. Troc. - p.85]
- qualis aquila cita celeribus rapida pinnis transvolat³⁵¹
[quālīs | āquī|lā cī|tā | cēlē|rībūs | rāpī|dā pīn|nīs trāns|vōlāt]
[LII D. M. Troc. - p.85]
- Phoebe, tu lyra sonante flecte corda sorore candidisque³⁵²
[Phōebē, tū lŷ|rā sōnāntē | flēctē cōrdā | sōrōrē cān|dīdīs|quē]
[LII D. M. Troc. - p.85]
- Phoebe, tu lyra sonante flecte corda cum sorore³⁵³

³⁴³ (S.n.).

³⁴⁴ (S.n.).

³⁴⁵ Hor., *Epod.*, 2. 1.

³⁴⁶ Catul. *Carm.*, 4, 1.

³⁴⁷ AEL. *Ser.* 65, 1

³⁴⁸ Frag. Bob., 622, 3.

³⁴⁹ AEL., *Ser.*, 68, 1.

³⁵⁰ AEL., *Ser.*, 67, 1.

³⁵¹ Frag. Bob., 622, 17.

³⁵² (S.n.).

[Phōebě, tū lŷ|rā sōnāntě | flēctě cōrdā | cūm sōrōrě]
[LII D. M. Troc. - p.85]

- *Phoebe, tu lyra sonante flecte corda*³⁵⁴
[Phōebě, tū lŷ|rā sōnāntě | flēctě cōrdā]
[LII D. M. Troc. - p.85]
- *Phoebe tu lyra sonante iam mihi*³⁵⁵
[Phōebě, tū lŷ|rā sōnāntě | iām mīhī]
[LII D. M. Troc. - p.85]
- *Phoebe tu lyra sonante*³⁵⁶
[Phōebě, tū lŷ|rā sōnāntě]
[LII D. M. Troc. - p.85]
- *Bacche plaude Bacche,*³⁵⁷
[Bāchě plāudě Bāchě]
[LII D. M. Troc. - p.85]
- *uror amoris stimulo, cor quatit artus pavidos,*³⁵⁸
[ūrōr amōrīs | stīmūlō, |cōr quātīt ār|tūs pāvīdōs]
[LII D. Chor. M. - p.86]
- *apes legunt mel ex rosa, tu labio ministras.*³⁵⁹
[āpēs lēgūnt | mēl ēx rōsā, | tū lābīō | mīnīstrās]
[LII D. Chor. M. - p.86]
- *frugiferae sacra deae, quae colitis, mystica sunt nota Iovi potenti.*³⁶⁰
[frūgīfērāē | sācrā dēāē, | quāē cōlītīs, | mŷstīcā sūnt | nōtā Iōvī | pōtētī]
[LII D. Chor. M. - p.86]
- *o cate rerum sator, o principium deorum.*³⁶¹
[ō cātē rē|rūm sātōr, ō | pŕīncīpīūm | dēōrūm]
[LII D. Chor. M. - p.86]
- *o quis ad omnem
spem Cythereae.*³⁶²
[ō quīs ād ōm|nes
Spēm Cŷthērē|ae]
[LII D. Chor. M. - p.86]
- *Lydia, dic perdere cur hunc cupias. quid retices? quid dubitas? quid haeres?* ||³⁶³

³⁵³ (S.n.).

³⁵⁴ (S.n.).

³⁵⁵ (S.n.).

³⁵⁶ (S.n.).

³⁵⁷ (S.n.).

³⁵⁸ (S.n.).

³⁵⁹ (S.n.).

³⁶⁰ Bass., *Carm.*, 4, 1.

³⁶¹ Maur., 174.

³⁶² (S.n.).

³⁶³ Hor., *Carm.*, I, 8, 1.(Mod.).

[Lȳdĭă, dĭc | pĕrdĕrĕ cūr | hūnc cŭpĭās. | quĭd rĕtĭcĕs? | quĭd dŭbĭtās? | quĭd hāerēs?]
[LII D. Chor. M. – p.86]

- Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid retices maligne?³⁶⁴
[Lȳdĭă, dĭc | pĕrdĕrĕ cūr | hūnc cŭpĭās: | quĭd rĕtĭcĕs | mālĭgnĕ?]
[LII D. Chor. M. - p.86]
- Lydia, dic perdere cur hunc cupias: quid haeres?³⁶⁵
[Lȳdĭă, dĭc | pĕrdĕrĕ cūr | hūnc cŭpĭās: | quĭd hāerēs?]
[LII D. Chor. M. – p.86]
- Lydia, dic perdere cur hunc velis; |³⁶⁶
[Lȳdĭă, dĭc | pĕrdĕrĕ cūr | hūnc uĕlĭs]
[LII D. Chor. M. - p.87]
- Lydia dic canoro.³⁶⁷
[Lȳdĭă, dĭc | cānōrō]
[LII D. Chor. M. - p.87]
- libens Lydia dic cur.³⁶⁸
[lĭbĕns | Lȳdĭă dĭc | cūr]
[LII D. Chor. M. - p.87]
- super agit aura mare ferens procul acatos biremis.³⁶⁹
[sŭpĕr āgĭt | āurā mārē | fĕrĕns prōcŭl | ācātōs bĭ|rĕmĭs]
[LII D. Chor. M. - p.87]
- Lydia, dic per omnes
hoc deos vere,³⁷⁰
[Lȳdĭă, dĭc pĕr ōmnĕs
hōc dĕōs vĕrē]
[LII D. Chor. M. - p.87]
- hoc dea vere,³⁷¹
[hōc dĕōs vĕrē]
[LII D. Chor. M. - p.87]
- ‘cur properas amando’³⁷²
[cūr prōpĕrās | āmāndō]
[LII D. Chor. M. – p.87]
- da mihi poclo Veneris mixta, Thyonigena, vel Gratia quod det roseo labello³⁷³
[dā mĭhĭ pōclō Vĕnĕrĭs mĭxtā, Thŷōnĭgĕnā, vĕl Grātĭā quōd dĕt rōsĕō lābĕllō]

³⁶⁴ Hor., *Carm.*, I, 8, 1. (Mod.).

³⁶⁵ Hor. *Carm.*, I, 8, 1. (Mod.).

³⁶⁶ Hor. *Carm.*, I, 8, 1. (Mod.).

³⁶⁷ Hor. *Carm.*, I, 8, 1. (Mod.).

³⁶⁸ Hor., *Carm.*, I, 8, 1. (Mod.).

³⁶⁹ (S.n.).

³⁷⁰ Hor., *Carm.*, I, 8, 1. (Mod.).

³⁷¹ Hor., *Carm.*, I, 8, 1. (Mod.).

³⁷² Hor., *Carm.*, I, 8, 1. (Mod.).

³⁷³ (S.n.).

[LII D. M. Antis. – p.87]

- erat sus Calydonius edax et fera belua.³⁷⁴
[ērāt sūs Că|lydōnēūs | ēdāx ēt | fērā bēluā]
[LII D. M. Antis. – p.88]
- o qui praeter agis caeruleo flumine limites.³⁷⁵
[ō quī prætēr | āgīs cāerū|lēō flūmī|nē līmītēs]
[LII D. M. Antis. – p.88]
- aura purpureum per pelagus segniter ad petras;³⁷⁶
[āurā pūrpū|rēūm pēr pē|lāgūs sēgnī|tēr ād pētrās]
[LII D. M. Antis. – p.88]
- domus alta fuit, quae Danaen Acrisii tegens.³⁷⁷
[dōmūs āltā fūīt, quāē Dānāēn Ācrisīī tēgēns]
[LII D. M. Antis. - p.88]
- volant praepetes;³⁷⁸
[vōlānt prāē|pētēs]
[LII D. M. Antis. - p.88]
- choreisque cantat;³⁷⁹
[chōrēīsquē cāntāt]
[LII D. M. Antis. - p.88]
- amor te meus o pulchra puella;³⁸⁰
[āmōr tē mē|ūs ō pūlchrā | pūēllā]
[LII D. M. Antis. - p.88]
- amor sidereus cor pepulit flammigero oestro³⁸¹
[āmōr sīdē|rēūs cōr pē|pūlīt flāmmī|gērō oēstrō]
[LII D. M. Antis. - p.88]
- rogas, non amo, sic se solet Aetola sago Canthara comere.³⁸²
[rōgās, nōn ā|mō, sīc sē sō|lēt Āētōlā | sāgō Cānthā|rā cōmērē]
[LII D. M. Antis. – p.88]
- libens hoc tibi * persolvo, amare non quemquam.³⁸³
[lībēns hōc tī|bī pērsōlvō, | āmārē nōn | quēmquām]
[LII D. M. Antis. - p.89]
- † flavo crine superbit, et gaudet Aeacides iam.³⁸⁴

³⁷⁴ (S.n.).

³⁷⁵ (S.n.).

³⁷⁶ (S.n.).

³⁷⁷ (S.n.).

³⁷⁸ (S.n.).

³⁷⁹ (S.n.).

³⁸⁰ (S.n.).

³⁸¹ (S.n.).

³⁸² (S.n.).

³⁸³ (S.n.).

[flāvō crīnē | sūpērbīt, ēt | gāudēt Æā|cīdēs iām]
[LII D. M. Antis. - p.89]

- agebat volucres equos in hortis Amyntas;³⁸⁵
[āgēbāt vō|lūcrēs ēquōs | īn hōrtīs Ā|mŷntās]
[LII D. M. Antis. - p.89]
- amorum comites sunt Venus et Cupido nobis.³⁸⁶
[āmōrūm cō|mītēs sūnt Vē|nūs ēt Cūpī|dō nōbīs]
[LII D. M. Antis. - p.89]
- Phoebus comes,³⁸⁷
[Phōēbūs cōmēs]
[LII D. M. Ion. AM - p.90]
- per Leucadia;³⁸⁸
[pēr Lēucādiā]
[LII D. M. Ion. AM - p.90]
- hostem tegere est paratus,³⁸⁹
[hōstēm tēgē|re ēst pārātūs]
[LII D. M. Ion. AM - p.90]
- veris coma florens;³⁹⁰
[vērīs cōmā | flōrēns]
[LII D. M. Ion. AM - p.90]
- hostem tegere est paratus et stat ipse,³⁹¹
[hōstēm tēgē|re ēst pārātūs | ēt stāt īpsē]
[LII D. M. Ion. AM - p.90]
- lex haec fuit olim puerorum Stephano;³⁹²
[lēx hāc fūit | ōlīm pūē|rōrūm Stēphā|nō]
[LII D. M. Ion. AM - p.90]
- hostem tegere est paratus et stat ipse nudus, ||³⁹³
[hōstēm tēgē|re ēst pārātūs | ēt stāt īpsē | nūdūs]
[LII D. M. Ion. AM - p.90]
- uvas nitidis frondibus euan hederis illigat,³⁹⁴
[ūvās nīti|dīs frōndībūs | ēuhān hēdē|rīs īllīgāt]
[LII D. M. Ion. AM - p.91]

³⁸⁴ (S.n.).

³⁸⁵ (S.n.).

³⁸⁶ (S.n.).

³⁸⁷ (S.n.).

³⁸⁸ (S.n.).

³⁸⁹ Maur., 2046.

³⁹⁰ (S.n.).

³⁹¹ Maur., 2046.

³⁹² (S.n.).

³⁹³ Maur., 2046

³⁹⁴ (S.n.).

- mea Delia casta pulchra paene siderum decus,³⁹⁵
[měã Dēlī|ã cãstã pũl|chrã pãene sīdē|rũm dēcũs]
[LII D. M. Ion. AM - p. 91]
- Dictynna deum progenies, aspice quis te chorus astris.³⁹⁶
[Dīctŷnnã dē|ũm prõgēnī|ēs, ãspīcē | quīs tē chõrũs | ãstrīs]
[LII D. M. Ion. AM - p. 91]
- miserarum est neque amiri dare ludum neque dulci.³⁹⁷
[mīsērãrum ēst nēque ãmõrī | dãrē | lũdũm | nēquē | dũlcī]
[LII D. M. Ion. AM - p. 91]
- ‘o quam’³⁹⁸
[õ quãm]
[LII D. M. Ion. AM - p. 91]
- o quam miserarum est neque amori dare ludum neque dulci³⁹⁹
[õ quãm mīsērãrum ēst | nēque ã|mõrī | dãrē | lũdũm | nēquē | dũlcī]
[LII D. M. Ion. AM - p. 91]
- Galii timidi semianimes tergora vertunt;⁴⁰⁰
[Gãllī tīmī|dī sēmīã|nīmēs tērgõ|rã vēr|tũnt]
[LII D. M. Ion. AM - p. 91]
- *timidi semianimes tergora vertunt.*⁴⁰¹
[tīmīdī sē|mīãnīmēs | tērgõrã vēr|tũnt]
[LII D. M. Ion. AM - p. 91]
- o mel quod apes omnibus e floribus libant.⁴⁰²
[õ mēl quõd ã|pēs õmnībũs | ē flõ ĩbũs | lĩbãnt]
[LII D. M. Ion. AM - p. 91]
- dic nunc, age Clio, mihi dic nobile carmen.⁴⁰³
[dīc nũnc, ãgē | Clĩõ, mĩhĩ | dīc nõbĩlē | cãrmēn]
[LII D. M. Ion. AM - p. 91]
- te nunc rego, Phoebe, dulce melos,⁴⁰⁴
[tē nũnc rēgõ, | Phoēbē, dũlcē | mēlõs]
[LII D. M. Ion. AM - p. 92]
- qui nunc hilares litere deam.⁴⁰⁵

³⁹⁵ (S.n.).

³⁹⁶ (S.n.).

³⁹⁷ Hor. *Carm.*, III, 12, 1.

³⁹⁸ Hor. *Carm.*, III, 12, 1.

³⁹⁹ Hor., *Carm.*, III, 12, 1.

⁴⁰⁰ (S. n.).

⁴⁰¹ AEL., *Ser.*, 73. 1.

⁴⁰² (S. n.).

⁴⁰³ (S. n.).

⁴⁰⁴ (S. n.).

⁴⁰⁵ (S. n.).

[quī nūnc hīlā|rēs lītārē | dēām]
[LII D. M. Ion. AM - p. 92]

- genus unde Latinum, rogo genus nde Latinum.⁴⁰⁶
[gēnūs ūndē | Lātīnūm, rō|gō gēnūs ūn|dē Lātīnūm]
[LII D. M. Ion. AM - p. 92]
- dicite, rogo vos, dicite, quid ita rapitur Attis?⁴⁰⁷
[dīcītē, rōgō vōs, dīcītē, quīd itā rāpītūr Āttīs?]
[LII D. M. Ion. AM - p. 92]
- Bacche Bacche Bacche Bacche Bacche Bacche Bacche⁴⁰⁸
[Bācchē Bācchē Bācchē Bācchē Bācchē Bācchē Bācchē]
[LII D. M. Ion. AM - p. 92]
- Bacche Bromie Bacche Bromie Bacche Bromie Bacche⁴⁰⁹
[Bācchē Brōmīē Bācchē Brōmīē Bācchē Brōmīē Bācchē]
[LII D. M. Ion. AM - p. 92]
- frena capere, tela quater, saxa iacere disce.⁴¹⁰
[frēnā cāpē|rē, tēlā quā|tērē, sāx iā|cērē dīscē]
[LII D. M. Ion. AM - p. 92]
- hasta viridis armet,⁴¹¹
[hāstā vīrī|dīs ārmet]
[LII D. M. Ion. AM - p. 92]
- placidus accipe munus.⁴¹²
[plācīdūs āccīpē mūnus]
[LII D. M. Ion. AM - p. 92]
- Cybele rotabo crines.⁴¹³
[Cŷbēlē rō|tābō crīnēs]
[LII D. M. Ion. AE - p. 93]
- Paphias amor columbas⁴¹⁴
[Pāphīās ā|mōr cōlūmbās]
[LII D. M. Ion. AE - p.94]
- viret alte cumulato; |⁴¹⁵
[vīrēt āltē | cūmūlātō]
[LII D. M. Ion. AE - p.94]

⁴⁰⁶ Verg., A., I, 6.

⁴⁰⁷ Bass. *Metr.*, 6, 1.

⁴⁰⁸ (S. n.).

⁴⁰⁹ Bass. *Metr.*, 6, 10.

⁴¹⁰ (S. n.).

⁴¹¹ Bass. *Carm.* 2. 7.

⁴¹² (S. n.).

⁴¹³ AEL., *Ser.*, 74. 1

⁴¹⁴ (S.n.).

⁴¹⁵ (S.n.).

- procerum quis Cererem non colat agris;⁴¹⁶
[prōcērūm quīs | Cērērēm nōn | cōlāt āgrīs]
[LII D. M. Ion. AE – p. 94]
- modo quae prona per Haemi fugit et pascua tondet.⁴¹⁷
[mōdō quāe prō|nā pēr Hēmī | fūgīt ēt pās|cūā tōndet]
[LII D. M. Ion. AE - p.95]
- vocat Aetnae super altum caput acris choreas.⁴¹⁸
[vōcāt Āētnā | sūpēr āltūm | cāpūt ācrīs | chōrēās]
[LII D. M. Ion. AE - p.95]
- Salamina agit aequoris procellis.⁴¹⁹
[Sālāmīna ā|gīt āequōrīs | prōcēllīs]
[LII D. M. Ion. AE - p.95]
- puberes meos Sicaniae colonos.⁴²⁰ ||
[pūbērēs mē|ōs Sicānī|ā cōlōnōs]
[LII D. M. Ion. AE - p.95]
- sacer Edono Gradivo.⁴²¹
[sācēr Ēdōnō Grādīvō]
[LII D. M. Ion. AE - p.95]
- Ararin sic super altum.⁴²²
[Ārārīn sic sūpēr āltūm]
[LII D. M. Ion. AE - p.95]
- tremulos quod esse Gallis habiles putant modos,⁴²³
[trēmūlōs quōd | ēssē Gāllīs | hābīlēs pū|tānt mōdōs]
[LII D. M. Ion. AE - p.95]
- segetes meum laborem, segetes meus labor ||⁴²⁴
[sēgētēs mē|ūm lābōrēm, | sēgētēs mē|ūs lābōr]
[LII D. M. Ion. AE - p.96]
- volat agiliter sunt * .⁴²⁵
[vōlāt āgī|lītēr sūnt]
[LII D. M. Ion. AE - p.96]
- amicos vocantis;⁴²⁶
[āmīcōs vōcāntīs]

⁴¹⁶ (S.n.).

⁴¹⁷ (S.n.).

⁴¹⁸ (S.n.).

⁴¹⁹ (S.n.).

⁴²⁰ (S.n.).

⁴²¹ (S.n.).

⁴²² (S.n.).

⁴²³ Maur., 2891.

⁴²⁴ Maur., 2857.

⁴²⁵ (S.n.).

⁴²⁶ (S.n.).

[LII D. Paeon. M. - p.96]

- ut Echo sub antris canebat.⁴²⁷
[ūt Ēchō sūb | āntrīs cānē|bāt]
[LII D. Paeon. M. - p.96]
- volabat superbus per auras Cupido;⁴²⁸
[vōlābāt sū|pērbūs pēr āu|rās Cūpīdō]
[LII D. Paeon. M. - p.96]
- io quis deorum per altos Lycaei gradus me.⁴²⁹
[īō quīs dē|ōrūm pēr āl|tōs Lŷcāī | grādūs mē]
[LII D. Paeon. M. - p.96]
- acuta falce si virentis esculos.⁴³⁰
[ācūtā fāl|cē sī vīrēn|tīs ēscūlōs]
[LII D. Paeon. M. - p.97]
- vorat agite fera propra, modo retulit era cibos.⁴³¹
[vōrāt āgī|tē fērā prō|pērā, mōdō | rētūlīt ě|rā cībōs]
[LII D. Paeon. M. - p.97]
- nunc agite caelites:⁴³²
[nūnc āgītē | cāēlītēs]
[LII D. Paeon. M. - p.97]
- nunc agite nunc tripudiis mihi,⁴³³
[nūnc āgītē | nūnc trīpūdī|īs mīhī]
[LII D. Paeon. M. - p.97]
- nunc agite tota veniat manus ad hoc sacrum.⁴³⁴
[nūnc āgītē | tōtā vēnī|āt mānūs ād | hōc sācrūm]
[LII D. Paeon. M. - p.97]
- tolle, refer aeolica musigena canticula Tityro.⁴³⁵
[tōllē, rēfēr | āēōlicā | mūsīgēnā | cāntīcūlā | Tītŷrō]
[LII D. Paeon. M. - p.97]
- ver agere purpurea te Venus amoribus ipsa pollens iubet.⁴³⁶
[vēr āgērē | pūr|pūrēā | tē Vēnūs ā|mōrībūs īp|sā pōllēns iū|bēt]
[LII D. Paeon. M. - p.97]
- sic Tiberis implacidus in maria labitur ||⁴³⁷

⁴²⁷ (S.n.).

⁴²⁸ (S.n.).

⁴²⁹ (S.n.).

⁴³⁰ AEL., *Ser.*, 82, 1.

⁴³¹ (S.n.).

⁴³² (S.n.).

⁴³³ (S.n.).

⁴³⁴ (S.n.).

⁴³⁵ (S.n.).

⁴³⁶ (S.n.).

[sīc Tībērīs | īmplācīdūs | īn mārīā | lābītūr]
[LII D. Paeon. M. - p.98]

- *egregia percoluit ingenia musice.*⁴³⁸
[ēgrēgīā | pērcōlūt | īngēniā | mūsīcē]
[LII D. Paeon. M. - p.98]
- ‘modo retulit’⁴³⁹
[mōdō rētūlīt]
[LII D. Paeon. M. - p.98]
- ‘Philopolemus’⁴⁴⁰
[Phīlōpōlē|mūs]
[LII D. Paeon. M. - p.98]
- *ad euro sonorum quis Aetnae per maria.*⁴⁴¹
[ād ēurō sō|nōrūm quīs Āt|nāē pēr mārī|ā]
[LII D. Paeon. M. - p.98]
- *aureo sub toro tollit aemulas faces.*⁴⁴²
[āurēō sūb | tōrō tōllīt | āemūlās fā|cēs]
[LII D. Paeon. M. - p.98]
- *ite, o Spartaee primores, fauste nunc † parcas ducentes.*⁴⁴³
[īte, ō Spārtāē | prīmōrēs, fāus|tē nūnc pārcās | dūcētēs]
[LII D. M. Proc. - p.98]
- *tuba terribilem sonitum crepuit; **⁴⁴⁴
[āt tūbā tērrībī||lēm sōnī|tūm crēpūīt]
[LII D. M. Proc. - p.99]
- *nemus ave reticuit, ager homine sonat,*⁴⁴⁵
[nēmūs ā|vē rētīc|ūt, āgēr | hōmīnē sōnāt]
[LII D. M. Proc. - p.99]
- *perit abit avipedis animula leporis.*⁴⁴⁶
[pērīt ābīt | āvīpēdīs | ānīmūlā | lēpōrīs]
[LII D. M. Proc. - p.99]
- *id agite peragite iuvenes: ||*⁴⁴⁷
[īd āgītē | pērāgītē | iūvēnēs]
[LII D. M. Proc. - p.99]

⁴³⁷ Bass. *Carm.*, 6, 1.

⁴³⁸ Bass. *Carm.*, 5, 1.

⁴³⁹ (S.n.).

⁴⁴⁰ Personagem da comédia *Captivi* de Plauto.

⁴⁴¹ (S.n.).

⁴⁴² (S.n.).

⁴⁴³ (S.n.).

⁴⁴⁴ Verg. *A.*, IX. 503.

⁴⁴⁵ AEL. *Ser.*, 85, 1.

⁴⁴⁶ Maur., 1464.

⁴⁴⁷ Verg., *A.*, 8, 273. (Mod.).

- id agite iuvenes: ||⁴⁴⁸
[īd āgītē | iūvēnēs]
[LII D. M. Proc. - p.99]

⁴⁴⁸ Verg., A., 8, 273. (Mod.).

- Musae mi Pierides Clariusque adsistat Apollo⁴⁴⁹
[Mūsāē | mī | Pīērī|dēs Clārī|ūsq(ue) ād|sīstāt Ā|pōllō]
[LIII - p. 101]
- beatus ille qui procul messibus⁴⁵⁰
[bēātūs īl|lē quī prōcūl | mēssībūs]
[LIII - p. 101]
- instimulata choris qualis socrus excutit ulnas⁴⁵¹
[īnstīmū|lātā chō|rīs quālīs | sōcrūs | ēxcūtīt | ūlnās]
[LIII - p. 101]
- in choris stimulata qualis socrus ulnas excutit⁴⁵²
[īn chōrīs stīmūlātā quālīs sōcrūs ūlnās ēxcūtīt]
[LIII - p. 101]
- id agite peragite celeriter⁴⁵³
[īd āgītē | pērāgītē | cēlērītēr]
[LIII - p. 101]
- agite iam agite cito modo mea,⁴⁵⁴
[āgī|tē ī(am) ā|gītē | cītō | mōdō | mēā]
[LIII - p. 101]
- Albani muris Albam Longam cinxerunt⁴⁵⁵
[Ālbānī mūrīs Ālbām Lōngām cīnxērunt]
[LIII - p. 101]
- Lydia, dic precor libens, unde velis reverti⁴⁵⁶
[Lydīā, dīc | prēcōr | lībēns, | ūndē vēlīs | rēvērtī]
[LIII - p. 101]
- arboribusque comae⁴⁵⁷
[ārbōrī|būsquē cō|māē]
[LIII - p. 101]
- arboribusque comae, ut prisca gens mortalium,⁴⁵⁸
[ārbōrī|būsquē cō|māē, || ūt prīscā gēns mōrtālīūm,]
[LIII - p. 102]
- scribere versiculos amore percussum gravi⁴⁵⁹
[scrībērē vērsīcūl(os) āmōrē pērcūssūm grāvī]

⁴⁴⁹ (S. n.).

⁴⁵⁰ Hor., *Ep.* 2, 1.

⁴⁵¹ (S. n.).

⁴⁵² (S. n.).

⁴⁵³ (S. n.).

⁴⁵⁴ (S. n.).

⁴⁵⁵ (S. n.).

⁴⁵⁶ Hor., *Carm.* I. 8. 1.

⁴⁵⁷ Hor., *Carm.* IV. 7. 2.

⁴⁵⁸ Hor., *Ep.* 2. 2.

⁴⁵⁹ Hor., *Ep.* 11. 2.

[LIII - p. 102]

- ‘arma virumque cano’⁴⁶⁰
[Ārmā uī|rūmq̄ cā|nō, || Trō|iāē quī | p̄rīmūs āb | ōrīs]
[LIII - p. 102]
- ‘ades arma virumque cano’⁴⁶¹
[Ādēs Ārmā uī|rūmq̄ cā|nō, Trō|iāē quī | p̄rīmūs āb | ōrīs]
[LIII - p. 102]
- beatus ille qui vacans mente vivit integra⁴⁶²
[bēātūs ī||lē quī vācāns | mēntē vīvīt īntēgrā]
[LIII - p. 102]
- age nunc comites rabidae Cybeles vocant choros ad aras⁴⁶³
[āgē nūnc cōmītēs | rābīdāē Cŷbēlēs | vōcānt chōrōs ād ārās]
[LIII - p. 103]
- tunc et amoris amor venit improbus aliger Cupido⁴⁶⁴
[tūnc ēt āmōrīs āmōr vēnīt īmprōbūs ālīgēr Cŷpīdō]
[LIII - p. 103]
- iubar superne fulgida lucet arce caeli⁴⁶⁵
[iūbār sŷpērnē fŷlgīdā lŷcēt ārcē cāēlī]
[LIII - p. 103]
- caeruli Menoeta ponti ratisque rectitor⁴⁶⁶
[cāērŷlī Mē|nōētā pōntī | rātīsquē rēc|tītātōr]
[LIII - p. 103]
- † dicata ex fario⁴⁶⁷
[dīcāt(a)ēx fārīō]
[LIII - p. 103]
- diffugere nives, redeunt iam gramina campis;⁴⁶⁸
[dīffŷgērē nīvēs, rēdēūnt īām grāmīnā cāmpīs]
[LIII - p. 104]
- arboribusque comae;⁴⁶⁹
[ārbōrī|bŷsquē cō|māē]
[LIII - p. 104]
- Priamique evertere gentem fata iam parabant⁴⁷⁰

⁴⁶⁰ Verg., A. I, 1.

⁴⁶¹ Verg., A. I, 1.

⁴⁶² Hor., *Ep.* II, 1.

⁴⁶³ (S. n.).

⁴⁶⁴ Ovid., A. III, 11a, 20.

⁴⁶⁵ (S. n.).

⁴⁶⁶ (S. n.).

⁴⁶⁷ (S. n.).

⁴⁶⁸ Hor., *Carm.* IV, 7, 1.

⁴⁶⁹ Hor., *Carm.* IV. 7. 2.

[Priāmīqu(e)_ēvērtērē | gēntēm | fātā | iām pā|rābānt]
[LIII - p. 104]

- meat per aequor Inoa proles⁴⁷¹
[mēāt pēr æquōr Īnōā prōlēs]
[LIII Des. Num. qvae Metm. Mult. Red. - p. 105]
- amore me subegit et igneo furore⁴⁷²
[āmōrē mē sūbēgīt ēt īgnēō fūrōrē]
[LIII Des. Num. qvae Metm. Mult. Red. - p. 105]
- lactea sanguineis lilia mixta rosis⁴⁷³
[lāctēā sāngīnē|īs līlīā mīxtā rōsīs]
[LIII Des. Num. qvae Metm. Mult. Red. - p. 105]
- sed Iapygii vada ponti taciti prope litoris actas⁴⁷⁴
[sēd Iā|pŷgīī vādā | pōntī | tācītī | prōpē lī|tōrīs āc|tās]
[LIII Des. Num. qvae Metm. Mult. Red. - p. 105]
- Phoebe carminum potens, cum sorore sis favens⁴⁷⁵
[Phōēbē, cārminūm pōtēns, cūm sōrōrē sīs fāvēns]
[LIII Des. Num. qvae Metm. Mult. Red. - p. 105]
- Mars pater, haec pateris, quae nos quoque posse negamus⁴⁷⁶
[Mārs pā|tēr, hāc | pātē|rīs, quā | nōs quō|quē pōssē nē|gāmūs]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 107]
- ‘Mars pater, haec pateris’,⁴⁷⁷
[Mārs pā|tēr, hāc | pātē|rīs]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 107)]
- ‘quae nos quoque posse negamus’,⁴⁷⁸
[quā | nōs quō|quē pōssē nē|gāmūs]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 107)]
- Mars pater, haec pateris, quae quoque posse negam⁴⁷⁹
[Mārs pā|tēr, hāc | pātē|rīs, quā | quōquē pōssē nē|gām]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 107)]
- Mars pater, haec pateris, quae quoque posse negam⁴⁸⁰
[Mārs pā|tēr, hāc | pātē|rīs, quā | quōquē pōssē nē|gām]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 107)]

⁴⁷⁰ Verg., *A. III.* 1.

⁴⁷¹ (S. n.).

⁴⁷² (S. n.).

⁴⁷³ AEL. *Ser.* 62, 1.

⁴⁷⁴ (S. n.).

⁴⁷⁵ (S. n.).

⁴⁷⁶ AEL., *Ser.* 51. 1.

⁴⁷⁷ AEL., *Ser.* 51. 1.

⁴⁷⁸ AEL., *Ser.* 51. 1.

⁴⁷⁹ AEL., *Ser.* 51. 1.

⁴⁸⁰ AEL., *Ser.* 51. 1.

- barbarico postes auro spoliisque superbi⁴⁸¹
[bārbāri|cō pōs|tēs aūrō spōlī|īsqūē sū|pērbī]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 107)]
- barbarico postes aur spoliisque super⁴⁸²
[bārbāri|cō pōs|tēs aūrō spōlī|īsqūē sū|pēr]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 107)]
- ‘primus Erichthonius’
[‘p̄rīmūs Ērīchthōnīūs’]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 108)]
- bella per Emathios Musa monente cano⁴⁸³
[bēllā pēr Ēmāthīōs || Mūsā mōnēntē cānō]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 108)]
- Musa monente cano bella per Emathios⁴⁸⁴
[Mūsā mōnēntē cānō bēllā pēr Ēmāthīōs]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 108)]
- arma virumque cano, Musa mihi causas, urbs antiqua fuit⁴⁸⁵
[Ārmā uī|rūmqūē cā|nō, || Mūsā mīhī cāūsās,|| ūrbs āntīquā fūit]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 108)]
- arma virumque cano Troiae⁴⁸⁶
[Ārmā uī|rūmqūē cā|nō, || Trō|īāē quī | p̄rīmūs āb | ōrīs]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 108)]
- postquam res Asiae desine Maenalios⁴⁸⁷
[pōstquām| rēs Āsī|āē || dēsīnē Māēnālīōs]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 108)]
- postquam res Asiae desine Maenali⁴⁸⁸
[pōstquām| rēs Āsī|āē || dēsīnē Māēnālī]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 109]
- quam saevis trepident carbasa flatibus⁴⁸⁹
[quām sāvīs trēpīdēnt cārbāsā flātībūs]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 109]
- saevis trepidant carbasa flatibus⁴⁹⁰
[sāvīs trēpīdānt cārbāsā flātībūs]

⁴⁸¹ Verg., A. II. 504.

⁴⁸² Verg., A. II. 504.

⁴⁸³ Luc. I, 1.

⁴⁸⁴ Luc. I, 1.

⁴⁸⁵ Verg., A., I, 1; Verg., A. I, 8; Verg., A. I. 12.

⁴⁸⁶ Verg., A. I, 1.

⁴⁸⁷ Verg., A. III. 1; Verg., *Ecl.*, VIII. 61.

⁴⁸⁸ Verg., A. III. 1; Verg., *Ecl.* VIII. 61.

⁴⁸⁹ (S. n.).

⁴⁹⁰ (S. n.).

[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 109]

- o fortunatus desine Maenalios⁴⁹¹
[ō fōrtūnātūs dēsīnē Māēnālīōs]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 109]
- Crispe Iurgurthinae conditor historiae⁴⁹²
[Crīspē Iūr|gūrthī|nāē cōn|dītōr hīs|tōrīāē]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 109]
- Tiphys et Automedon dicor amoris ego⁴⁹³
[Tīphŷs ēt Āutōmēdōn dīcōr āmōrīs ēgō]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 109]
- et genitor divum quos terminat Oceanus⁴⁹⁴
[ēt gēnī|tōr dī|vūm quōs | tērmīnāt | Ōcēā|nūs]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 109]
- et genitor divum quos terminat Oceanusque⁴⁹⁵
[ēt gēnī|tōr dī|vūm quōs | tērmīnāt | Ōcēā|nūsquē]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 109]
- et genitor divum terminat Oceanus⁴⁹⁶
[ēt gēnī|tōr dī|vūm | tērmīnāt | Ōcēā|nūs]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 109]
- nil mihi rescribas attinet ipse veni⁴⁹⁷
[nīl mīhī | rēscrī|bās || āttīnēt|t: īpsē uē|nī]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 109]
- nil mihi rescri attinet ipse venibas⁴⁹⁸
[nīl mīhī | rēscrī| āttīnēt|t īpsē uē|nībās]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 109]
- ne tu Pieridum deseris Aoniam⁴⁹⁹
[nē tū Pīērīdūm dēsērīs Āōnīām]
[LIII Qvot ex Dact. Her. Metm. Gena. Deriv. - p. 110]
- nunc age Pierios versus dea Calliope⁵⁰⁰
[nūnc āgē Pīērīōs vērsūs dēā Cāllīōpē]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 110]
- incipe Maenalios mecum mea Melpomene⁵⁰¹

⁴⁹¹ Verg., *Ecl.* 8. 61.

⁴⁹² AEL. *Ver. C.* 16. 2.

⁴⁹³ Ovid. *Ars.* I. 8.

⁴⁹⁴ (S. n.).

⁴⁹⁵ (S. n.).

⁴⁹⁶ (S. n.).

⁴⁹⁷ Ovid. *Epist.* 1. 2.

⁴⁹⁸ Ovid. *Epist.* 1. 2.

⁴⁹⁹ (S. n.).

⁵⁰⁰ (S. n.).

[īncīpĕ | mĕānālī|ōs || mē|cūm, mĕā Mēlpōmĕnē]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 110]

- tibi namque decens lucet rosa vertice⁵⁰²
[tībī nāmquĕ dĕcĕns lūcĕt rōsā vĕrticē]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 110]
- Maro me docuit iuga Pieridum sequi⁵⁰³
[Mārō | mē dōcū|īt iūgā | Pīērī|dūm sĕquī]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 111]
- cordi laurea virginitas mihi cum foret⁵⁰⁴
[cōrdī lāurĕā vīrgīnitās mīhī cūm fōrĕt]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 111]
- at plenus venit Alpibus aëria nive⁵⁰⁵
[āt plĕ|nūs vēnīt | Ālpībūs | āērīā nīvĕ]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 111]
- alma parens genetrix divum decus Oceano⁵⁰⁶
[ālmā pā|rĕns, || gĕnĕ|trīx dī|vūm,|| dĕcūs | Ōcĕā|nō]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 111]
- alma parens genetrix divum decus Oceano lux⁵⁰⁷
[ālmā pā|rĕns, || gĕnĕ|trīx dī|vūm,|| dĕcūs | Ōcĕā|nō lūx]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 111]
- alma parens genetrix , tu decus Oceano⁵⁰⁸
[ālmā pā|rĕns, | gĕnĕ|trīx| tū dĕcūs | Ōcĕā|nō]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 111]
- ‘nil mihi rescribas’⁵⁰⁹
[nīl mīhī | rĕscri|bās]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 111]
- ‘attinet ipse veni’⁵¹⁰
[āttīnĕ|t: īpsĕ uĕ|nī]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 111]
- ‘attinet ut veniatis’⁵¹¹
[āttīnĕ|t ūt uĕnī|ātīs’]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 111]

⁵⁰¹ Verg., *Ecl.* VIII. 21; Hor., *Carm. I.* 24. 3; Horatius, *Carm. III.* 30. 16; Horatius, *Carm. IV.* 3. 1

⁵⁰² (S. n.).

⁵⁰³ (S. n.).

⁵⁰⁴ (S. n.).

⁵⁰⁵ (S. n.).

⁵⁰⁶ Verg., *A. II.* 591; Verg., *A. II.* 664; Verg., *A. X.* 252;

⁵⁰⁷ Verg., *A.*; Verg., *A. II.* 664; Verg., *A. X.* 252

⁵⁰⁸ Verg., *A. II.* 591; Verg., *A. II.* 664; Verg., *A. X.* 252

⁵⁰⁹ Ovid. *Epist.* 1, 2.

⁵¹⁰ Ovid. *Epist.* 1, 2.

⁵¹¹ Ovid. *Epist.* 1, 2. (Mod.)

- laurea Nyctelio corona⁵¹²
[lāurēā | Nŷctēlī|ō cō|rōnā]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 111]
- quadrupedante ciet pede primus aequor⁵¹³
[quādrūpē|dāntē cī|ēt pēdē | pŕīmūs æquōr]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 112]
- Romulidae pedites Arabum populis amici⁵¹⁴
[Rōmūlī|dāē pēdī|tēs Ārā|būm pōpū|līs āmīcī]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 112]
- Hispani duri desciscunt a Romanis victores⁵¹⁵
[Hīspā|nī dū|rī dēs|cīscūnt | ā Rō|mānīs | vīctōrēs]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 112]
- Tiphys et Automedon dicar amore potens⁵¹⁶
[Tīphŷs ēt | Āutōmē|dōn || dīcār ā|mōrē pō|tēns]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 112]
- Tiphys et Automedon dicar amore potens mea lux⁵¹⁷
[Tīphŷs ēt | Āutōmē|dōn dī|cār āmō|rē pōtēns| mēā lūx]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Pent. Prof. - p. 112]
- labitur hinc Helles, pontus in Oceanum⁵¹⁸
[lābī|tūr hīnc| Hēllēs, |pōntūs īn |Ōcēā|nūm]
[LIII D. Envnt. Pent. Eleg. - p. 112]
- venerunt inter, Iunia sancta polo⁵¹⁹
[vēnē|rūnt īn|tēr,|| Iūniā| sānctā pō|lō]
[LIII D. Envnt. Pent. Eleg. - p. 112]
- esse bonus si vis, cole divos, optime Pansa,
omine felici, Pansa, precare deos⁵²⁰
[ēssē bō|nūs sī |vīs, || cōlē | dīvōs,| ōptī|mē Pān|sā,
ōmīnē fēlīcī, Pānsā, pŕēcārē dēōs]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 113]
- Pansa optime, divos cole, si vis bonus esse.⁵²¹
[Pāns(a) ōp|tīmē|, dīvōs | cōlē,| sī vīs | bōnūs | ēssē.]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 113]

⁵¹² (S. n.).

⁵¹³ (S. n.).

⁵¹⁴ (S. n.).

⁵¹⁵ (S. n.).

⁵¹⁶ Ovid., *Ars.* I. 8.

⁵¹⁷ Ovid., *Ars.* I. 8.

⁵¹⁸ (S. n.).

⁵¹⁹ (S. n.).

⁵²⁰ AEL., *Ver. R.*, 89, 1.

⁵²¹ AEL., *Ver. R.*, 89, 3.

- ecce tumet vitis tua gemmis, optime Bacche⁵²²
[ĕccĕ tũ|mĕt vĭ|tĭs tũă| gĕmm(is)_ōp|tĭmĕ | Băcchĕ]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 113]
- Bacche optime, gemmis tua vitis tumet ecce.⁵²³
[Băcch(e)_ōp|tĭmĕ|, gĕmmĭs tũă| vĭtĭs |tũmĕt |ĕccĕ.]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 113]
- deos precare, Pansa, felici omine⁵²⁴
[dĕōs prĕcără, Pănsă, fĕlĭc(i)_ōmĭnĕ]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 113]
- Musa, mihi causas memora quo numine laeso⁵²⁵
[Mũsă mĭ|hĭ cău|săs mĕmō|ră quō| nũmĭnĕ| lăsō]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 113]
- ipse dedit Moeris, nascuntur plurima ponto⁵²⁶
[ĭpsĕ dĕ|dĭt Mōe|rĭs, năs|cũntũr | plũrĭmă | pōntō]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 113]
- laeso numine quo memora causas mihi, Musa,⁵²⁷
[lăsō | nũmĭnĕ | quō mĕmō|ră cău|săs mĭhĭ,| Mũsă,]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 113]
- ponto plurima nascuntur, Moeris dedit ipse⁵²⁸
[pōntō| plũrĭmă | năs|cũn|tũr, Mōe|rĭs dĕdĭt| ĭpsĕ]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 114]
- Icarium Notus ut confidens flamine tranat⁵²⁹
[Īcărĭ|ũm Nō|tũs | ũt cōn|fĭdĕns |flămĭnĕ |trănăt]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 114]
- caerula verrentes sic freta Nereides⁵³⁰
[căerũlă| vĕrrĕn|tĕs sĭc |frĕtă Nĕrĕĭdĕs]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 114]
- Nereides freta sic verrentes caerula, tranat⁵³¹
[Nĕrĕĭ|dĕs frĕtă| sĭc vĕ|rrĕntĕs| căerũ|lă, tră|năt]
[LIII D. Rec. Versib. - p. 114]
- flamine confidens ut Notus Icarium⁵³²
[flămĭnĕ | cōnfĭ|dĕns ũt |Nōtũs |Īcărĭ|ũm]

⁵²² AEL., *Ver. R.*, 91, 1.

⁵²³ AEL., *Ver. R.*, 91, 2.

⁵²⁴ AEL., *Ver. R.*, 89, 4.

⁵²⁵ Verg., *A. I.*, 8.

⁵²⁶ Verg., *Ecl.*, 8, 96.

⁵²⁷ Verg., *A. I.*, 8.

⁵²⁸ Verg., *Ecl.*, 8, 96.

⁵²⁹ (S. n.).

⁵³⁰ (S. n.).

⁵³¹ (S. n.).

⁵³² (S. n.).

[LIII D. Rec. Versib. - p. 114]

- ‘forte sub arguta consederat’⁵³³
[fōrtě sŭb| ārgŭ|tā cōn|sēdērāt | īlīcě | Dāphnīs]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 114]
- ‘ilice Daphinis’⁵³⁴
[īlīcě | Dāphnīs]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 114]
- ‘o crudelis Alexi nihil mea’⁵³⁵
[Ō crŭ|dēlīs Ā|lēxī, nīhīl mēā |cārminā| cūrās]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 115]
- ‘carmina curas’⁵³⁶
[cārminā| cūrās]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 115]
- nil desperandum Teucro duce et auspice Teucro⁵³⁷
[nīl dēs|pērān|dŭm Tēu|crō dŭc(e)_ēt | āuspīcě | Tēucrō]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 115]
- certus enim promisit Apollo⁵³⁸
[cērtŭs ě|nīm prō|mīsīt Ā|pōllō]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 115]
- ‘in medio mihi’⁵³⁹
[īn mēdī|ō mīhī]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 115]
- in medio mihi certus enim promisit Apollo⁵⁴⁰
[īn mēdī|ō mīhī | cērtŭs ě|nīm prō|mīsīt Ā|pōllō]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 115]
- pendeat ex umeris dulcis chelys
et numeros edat varios, quibus
adsonet omne virens late nemus⁵⁴¹
[pēnděāt | ěx ūmē|rīs dŭl|cīs chēlŷs
ēt nŭmē|rōs ē|dāt vārī|ōs, quībŭs
ādsōnēt | ōmně vī|rēns lātě | nēmŭs]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 115]
- at tuba terribilem sonitum procul⁵⁴²

⁵³³ Verg. *Ecl.* 7, 1.

⁵³⁴ Verg. *Ecl.* 7, 1.

⁵³⁵

⁵³⁶

⁵³⁷ Hor., *Carm.* I, 7, 27.

⁵³⁸ Hor., *Carm.* I, 7, 28.

⁵³⁹ Verg. *G.*, 3, 16.

⁵⁴⁰ Verg. *G.*, 3, 16; Hor., *Carm.* I, 7, 28.

⁵⁴¹ Pom., *S. Trag.* 8.

⁵⁴² Verg., *A.* IX, 503.

[āt tūbā | tērrībī]lēm || sōnī|tūm prōcūl |]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 116]

- primus ab oris⁵⁴³

Troius heros⁵⁴⁴

perdita flammis

Pergama linquens

exul in altum

vela resolvit⁵⁴⁵

[přīmūs āb | ōrīs

Trōiūs hērōs

pērdītā flāmmīs

Pērgāmā līnquēns

ēxūl īn āltūm

vēlā rēsōlvīt]

[LIII D. Tetra. Vers. - p. 116]

- iam satis terris nivis atque dirae⁵⁴⁶

[iām sātīs tēr|rīs nīvīs | ātquē | dīrāē]

[LIII D. Tetra. Vers. - p. 116]

- terruit urbem⁵⁴⁷

[tērrūt | ūrbēm]

[LIII D. Tetra. Vers. - p. 116]

- Damoetas et Lyctius Aegon⁵⁴⁸

[cāntā|būnt mīhī | Dāmōē|tās ēt |Lŷctiūs | Āegōn]

[LIII D. Tetra. Vers. - p. 116]

- ‘cantabunt mihi’⁵⁴⁹

[cāntā|būnt mīhī]

[LIII D. Tetra. Vers. - p. 116]

- et longo post tempore venit⁵⁵⁰

[rēspē|xīt tāmēn |ēt lōn|gō pōst | tēmpōrē | uēnīt]

[LIII D. Tetra. Vers. - p. 116]

- ‘respexit mihi’⁵⁵¹

[rēspē|xīt mīhī]

[LIII D. Tetra. Vers. - p. 116]

- laudabunt alii claram Rhodon aut Mitylenen⁵⁵²

[lāudā|būnt ālīī clā|rām Rhōdōn] āut Mītŷ|lēnēn]

⁵⁴³ Verg., A. I, 1.

⁵⁴⁴ Verg., A. IV, 451; Verg., A. VIII, 530; Verg., A. X, 584; Verg., A. X, 886; Verg., A. XII, 502.

⁵⁴⁵ Maur., 2166.

⁵⁴⁶ Hor., *Carm.* I, 2, 1.

⁵⁴⁷ Hor., *Carm.* I, 2, 1.

⁵⁴⁸ Verg., *Ecl.*, 5, 72.

⁵⁴⁹ Verg., *Ecl.*, 5, 72.

⁵⁵⁰ Verg., *Eclogae* 1, 29.

⁵⁵¹ (S. n.).

⁵⁵² Hor., *Carm.* I, 7, 1.

[LIII D. Tetra. Vers. - p. 116]

- *aut Epheson bimarise Corinthi*⁵⁵³
[āut Ęphĕ|sōn bīmā|rīsvĕ Cō|rīnthī]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 117]
- *moenia vel Baccho Thebas vel Apolline Delphos*⁵⁵⁴
[mōeniā | vĕl Bā|cchō Thĕ|bās vĕl Ā|pōllīnĕ | Dĕlphōs]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 117]
- *insignis aut Thessala Tempe*⁵⁵⁵
[īnsī|gnīs āut | Thĕssālā | Tĕmpĕ]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 117]
- *laudabunt alii claram Rhodon aut Mitylenen
si proficisceris, aut Epheson bimarise Corinthi
moenia vel Baccho Thebas vel Apolline Delphos
aspicies magis insignis aut Thessala Tempe*⁵⁵⁶
[lāudā|būnt ālī|ī clā|rām Rhōdōn| āut Mīty|lēnēn
sī prōfī|cīscērīs,| āut Ęphĕ|sōn bīmā|rīsvĕ Cō|rīnthī
mōeniā | vĕl Bā|cchō Thĕ|bās vĕl Ā|pōllīnĕ | Dĕlphōs
āspīcī|ēs māgīs | īnsī|gnīs āut | Thĕssālā | Tĕmpĕ]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 117]
- *at tuba terribilem sonitum dedit aere canoro*⁵⁵⁷
[āt tūbā | tĕrrībī|lēm || sōnī|tūm prōcūl | āērĕ cā|nōrō]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 117]
- *at tuba terribilem sonitum dedit aere sed canoro*⁵⁵⁸
[āt tūbā | tĕrrībī|lēm sōnī|tūm dĕdīt | āērĕ sĕd cā|nōrō]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 117]
- *solvitur acris hiems grata vice veris et favoni*⁵⁵⁹
[sōlvītūr ācrīs hīĕms grātā vīcĕ vĕrīs ĕt fāvōnī]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 117]
- *trahuntque siccas machinae carinas*⁵⁶⁰
[trāhūntquĕ sīccās māchīnāĕ cārīnās]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 117]
- *solvitur acris hiems grata vice veris et oni
trahuntque siccas machinae carinulas*⁵⁶¹
[sōlvītūr ācrīs hīĕms grātā vīcĕ vĕrīs ĕt ōnī
trāhūntquĕ sīccās māchīnāĕ cārīnūlās]

⁵⁵³ Hor., *Carm.* I, 7, 2.

⁵⁵⁴ Hor., *Carm.* I, 7, 3.

⁵⁵⁵ Hor., *Carm.* I, 7, 4.

⁵⁵⁶ Hor., *Carm.* I, 7, 1.

⁵⁵⁷ Verg., *A.* IX, 503.

⁵⁵⁸ Verg., *A.* IX, 503.

⁵⁵⁹ Hor., *Carm.* I, 4, 1.

⁵⁶⁰ Hor., *Carm.* I, 4, 1.

⁵⁶¹ Hor., *Carm.* I, 4, 1.

[LIII D. Tetra. Vers. - p. 117]

- solvitur acris hiems grata vice⁵⁶²
[sōlvītūr ācrīs hīēms grātā vīcē]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 118]
- trahuntque siccās machinae carinas⁵⁶³
[trāhūntquē sīccās māchīnāe cārīnās]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 118]
- ‘veris et favoni’⁵⁶⁴
[vērīs ēt fāvōnī]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 118]
- ‘machinae carinas’⁵⁶⁵
[māchīnāe cārīnās]
[LIII D. Tetra. Vers. - p. 118]
- sic te diva potens Cypri⁵⁶⁶
[sīc tē | dīvā pōtēns Cŷ|prī]
[LIII D. Phal. M. - p. 118]
- sulcos tunc retegunt comae latentes⁵⁶⁷
[sūlcōs tūnc rētēgūnt cōmāe lātētēs]
[LIII D. Phal. M. - p. 118]
- iamdudum tibi disserens probavi⁵⁶⁸
[iāmdūdūm tībī dīssērēns prōbāvī]
[LIII D. Phal. M. - p. 118]
- ‘Bacche Bacche Bacche’⁵⁶⁹
[Bācchē Bācchē Bācchē]
[LIII D. Phal. M. - p. 118]
- ‘panditur interea domus’⁵⁷⁰
[pāndītūr | īntērē|ā dōmūs]
[LIII D. Trim. Vers. - p. 119]
- ‘Omnipotentis Olympi’⁵⁷¹
[ōmnīpōtētīs Ō|lŷmpī]
[LIII D. Trim. Vers. - p. 119]
- ‘hunc lucum tibi dedico’⁵⁷²

⁵⁶² Hor., *Carm.* I, 4, 1.

⁵⁶³ Hor., *Carm.* I, 4, 1.

⁵⁶⁴ Hor., *Carm.* I, 4, 1.

⁵⁶⁵ Hor., *Carm.* I, 4, 1.

⁵⁶⁶ Hor., *Carm.* I,3, 1.

⁵⁶⁷ (S. n.).

⁵⁶⁸ Maur., 2571.

⁵⁶⁹ (S. n.).

⁵⁷⁰ Verg., *A.* X, 1

⁵⁷¹ Verg., *A.* X, 1

[Hūnc lū|cūm tībī| dēdīcō| cōnsē|crōquē, Prī|āpē]
[LIII D. Trim. Vers. - p. 119]

- ‘consecroque Priape’⁵⁷³
[cōnsē|crōquē, Prī|āpē]
[LIII D. Trim. Vers. - p. 119]
- sic te diva potens Cypri⁵⁷⁴
[sīc tē | dīvā pō|tēns Cŷ|prī]
[LIII D. Trim. Vers. - p. 119]
- mater saeva Cupidinum⁵⁷⁵
[mātēr sāvā Cŷpīdīnūm]
[LIII D. Trim. Vers. - p. 119]
- sic te diva potens Cypri, grato Pyrra sub antro⁵⁷⁶
[sīc tē | dīvā pō|tēns Cŷ|prī, grātō | Pŷrrhā sŷb | āntrō]
[LIII D. Trim. Vers. - p. 119]
- uxor pauperis Ibyci⁵⁷⁷
[ūxōr | pāupērīs | Ībŷcī]
[LIII D. Trim. Vers. - p. 119]
- cras donaberis haedo⁵⁷⁸
[crās dō|nābērīs | hāēdō]
[LIII D. Trim. Vers. - p. 119]
- uxor pauperis Ibyci, cras donaberis haedo⁵⁷⁹
[ūxōr | pāupērīs | Ībŷcī | crās dō|nābērīs | hāēdō]
[LIII D. Trim. Vers. - p. 120]
- ‘sic fatur lacrimans’⁵⁸⁰
[Sīc fā|tūr lācrī|māns, clā|ssīq(ue) ŷm|mīttīt hā|bēnās]
[LIII D. Met. quae ex Penthm. et Hephtm. tome Proprag. - p. 120]
- ‘labitur oris’⁵⁸¹
[ēt tān|d(em) Ēubō|īcīs | lābītūr | ōrīs]
[LIII D. Met. quae ex Penthm. et Hephtm. tome Proprag. - p. 120]
- postquam res Asiae, quaerere terras⁵⁸²
[pōstquām| rēs Āsī|āē, quāē|rērē | tērrās]
[LIII D. Met. quae ex Penthm. et Hephtm. tome Proprag. - p. 120]

⁵⁷² Catul. *Carm.*, 1, 1.

⁵⁷³ Catul. *Carm.*, 1, 1.

⁵⁷⁴ Hor., *Carm.* I, 3, 1.

⁵⁷⁵ Hor., *Carm.* I, 19, 1.

⁵⁷⁶ Hor., *Carm.* I, 3, 1.

⁵⁷⁷ Hor., *Carm.* III, 15, 1.

⁵⁷⁸ Hor., *Carm.* III, 13, 3.

⁵⁷⁹ Hor., *Carm.* III, 15, 1; Hor., *Carm.* III, 13, 3.

⁵⁸⁰ Verg., A. VI, 1.

⁵⁸¹ Maur., 1952.

⁵⁸² Verg., A. III, 1.

- at regina gravi saucia cura⁵⁸³
[Āt rē|gīnā grā|uī | sāuciā | cūrā]
[LIII D. Met. quae ex Penthm. et Hephtm. tome Proprag. - p. 120]
- postquam res Asiae vertere gentem⁵⁸⁴
[Pōstquām | rēs Āsī|ā ē|uērtērē | gēntēm]
[LIII D. Met. quae ex Penthm. et Hephtm. tome Proprag. - p. 120]
- carmen Pierides struunt sorores⁵⁸⁵
[cārmēn| Pīērī|dēs strū|ūnt sō|rōrēs]
[LIII D. Met. quae ex Penthm. et Hephtm. tome Proprag. - p. 121]
- iamdudum saucia cura traxerit furorem⁵⁸⁶
[iāmdūdūm sāuciā cūrā trāxērīt fūrōrēm]
[LIII D. Met. quae ex Penthm. et Hephtm. tome Proprag. - p. 121]
- et ineluctabile tempus fata iam parabant⁵⁸⁷
[ēt inē|lūctābilē tēmpūs fātā iām pārābānt]
[LIII D. Met. quae ex Penthm. et Hephtm. tome Proprag. - p. 121]
- multa quoque et bello passus⁵⁸⁸
[mūltā quōqu(e)_ēt bēllō pāssūs]
[LIII D. Met. quae ex Pnthm. et Hephtm. tome Proprag. - p. 121]
- fato profugus Lavinaque venit⁵⁸⁹
[fā|tō prōfū|gūs Lā|uīniāquē | uēnīt]
[LIII D. Met. quae ex Penthm. et Hephtm. tome Proprag. - p. 121]
- at tuba terribilem sonitum procul aere recurvo⁵⁹⁰
[āt tūbā | tērrībī|lēm || sōnī|tūm prōcūl | āērē rē|cūrvo]
[LIII D. Anapi. Meti. Gnb. qvae ex Her. Derv. - p. 121]
- tuba terribilem sonitum procul aere recurvo⁵⁹¹
[tūbā | tērrībī|lēm || sōnī|tūm prōcūl | āērē rē|cūrvo]
[LIII D. Anapi. Meti. Gnb. qvae ex Her. Derv. - p. 123]
- ‘vos o Calliope’⁵⁹²
[vōs ō Cāllīōpē]
[LIII D. Anapi. Meti. Gnb. qvae ex Her. Derv. - p. 123]
- mea tibia dicere versus⁵⁹³

⁵⁸³ Verg., A., IV, 1.

⁵⁸⁴ Verg., A. III, 1.

⁵⁸⁵ Maur., 2582.

⁵⁸⁶ Verg., A. IV, 1

⁵⁸⁷ Verg., A., II, 324

⁵⁸⁸ Verg., A. I, 5

⁵⁸⁹ Verg., A. I, 5

⁵⁹⁰ Verg., A. IX, 503. (Mod.).

⁵⁹¹ Verg., A. IX, 503.

⁵⁹² Verg., A. IX, 525.

- [měã | tĭbĭã, | dĭcĕrĕ| vĕrsūs]
[LIII D. Anapi. Meti. Gnb. qvae ex Her. Derv. - p. 123]
- vos o Calliope mea tibia dicere versus⁵⁹⁴
[vōs ō Cāllĭōpē mẽã | tĭbĭã, | dĭcĕrĕ| vĕrsūs]
[LIII D. Anapi. Meti. Gnb. qvae ex Her. Derv. - p. 123]
 - alius cithara sonituque potens volucres pecudesque movere⁵⁹⁵
[ãlĭūs cĭthārã | sŏnĭtūquĕ pŏtĕns | vŏlŭcrĕs pĕcŭdĕs|quĕ mŏvĕrĕ]
[LIII D. Anapi. Meti. Gnb. qvae ex Her. Derv. - p. 124]
 - admota labris tuba terribilem sonitum dedit aere canoro⁵⁹⁶
[ãdmŏtã| lãbrĭs | ãt tŭbã | tĕrrĭbĭ|lĕm sŏnĭ|tŭm dĕdĭt | ãrĕ cã|nŏrŏ]
[LIII D. Anapi. Meti. Gnb. qvae ex Her. Derv. - p. 125]
 - admota labris tuba terribilem sonitum dedit aere canoro⁵⁹⁷
[ãdmŏtã| lãbrĭs | ãt tŭbã | tĕrrĭbĭ|lĕm sŏnĭ|tŭm dĕdĭt | ãrĕ cã|nŏrŏ]
[LIII D. Anapi. Meti. Gnb. qvae ex Her. Derv. - p. 125]
 - at tuba terribilem sonitum dedit aere recurvo⁵⁹⁸
[ãt tŭbã | tĕrrĭbĭ|lĕm sŏnĭ|tŭm dĕdĭt | ãrĕ rĕ|cŭrvŏ]
[LIII D. Anapi. Meti. Gnb. qvae ex Her. Derv. - p. 125]
 - tuba terribilem sonitum dedit aere curvo⁵⁹⁹
[tŭbã | tĕrrĭbĭ|lĕm sŏnĭ|tŭm dĕdĭt | ãrĕ |cŭrvŏ]
[LIII D. Anapi. Meti. Gnb. qvae ex Her. Derv. - p. 125]
 - ‘arma virum’⁶⁰⁰
[Ãrmã uĭ|rŭmqŭĕ cã|nŏ, Trŏ|iã quĭ | pŕĭmŭs ãb | ōrĭs]
[LIII Chor. qvod ex Pent. Her. Man. - p. 127]
 - ‘Tityre tu’⁶⁰¹
[Tĭtŭrĕ| tŭ]
[LIII Chor. qvod ex Pent. Her. Man. - p. 127]
 - ‘nulla meo’⁶⁰²
[nŭllã mẽŏ]
[LIII Chor. qvod ex Pent. Her. Man. - p. 127]
 - ‘arma virumque cano Troiae’⁶⁰³
[Ãrmã uĭ|rŭmqŭĕ cã|nŏ, Trŏ|iã quĭ | pŕĭmŭs ãb | ōrĭs]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 128]

⁵⁹³ Maur., 1811.

⁵⁹⁴ Verg., A. IX, 525.

⁵⁹⁵(S. n.).

⁵⁹⁶ Verg., A. IX, 503.

⁵⁹⁷ Verg., A., IX, 503.

⁵⁹⁸ Verg., A. IX, 503.

⁵⁹⁹ Verg., A., IX, 503.

⁶⁰⁰ Verg., A. I, 1.

⁶⁰¹ Verg., *Ecl.*, 1, 1.

⁶⁰² Hor., *Epist.*, 2, 2, 12.

⁶⁰³ Verg., A. I, 1.

- ‘qui primus ab oris’⁶⁰⁴
[quī | prīmūs āb | ōrīs]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 128]
- ‘inde toro pater Aeneas’⁶⁰⁵
[īndē tō|rō pātēr| Āenē|ās sīc | ōrsūs āb |āltō]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 128]
- ‘sic orsus ab alto’⁶⁰⁶
[sīc | ōrsūs āb |āltō]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 128]
- qui primus ab oris *ego qui primus ab oris*⁶⁰⁷
[quī | prīmūs āb | ōrīs ě|gō quī | prīmūs āb | ōrīs]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 129]
- te nunc rogo, Phoebe, dulce melos⁶⁰⁸
[tē nūnc rēgō, | Phoēbē, dūlcē | mēlōs]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 129]
- iam Tiberis implacidus unda fluens⁶⁰⁹
[iām Tībērīs | īmplācīdūs | ūndā | flūēns]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 129]
- miserarum est neque amorī dare ludum
neque dulci mala vino lavere aut ex-
animari metuentes patruae verbera linguae⁶¹⁰
[mīsērār(um) _ēst nēqu(e) _āmōrī dārē lūdūm
nēquē dūlcī mālā vīnō| lāvērē āut ēx-
ānīmārī |mētuēn|tēs pā|trūāē| vērbērā | līnguāē]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 129]
- rarum est neque amorī dare Iudum neque dulci⁶¹¹
[mīsērār(um) _ēst nēqu(e) _āmōrī dārē lūdūm nēquē dūlcī]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 130]
- caduca popli coma glauca iam per agros⁶¹²
[cādūcā pōplī cōmā glāucā iām pēr āgrōs]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 130]
- quo caduca popli coma glauca iam per agros⁶¹³
[quō cādūcā pōplī cōmā glāucā iām pēr āgrōs]

⁶⁰⁴ Verg., A., I, 1.

⁶⁰⁵ Verg., A., II, 2.

⁶⁰⁶ Verg., A. II, 2.

⁶⁰⁷ Verg., A. I, 1.

⁶⁰⁸ (S. n.).

⁶⁰⁹ Ovid. *Met.* XI, 117.

⁶¹⁰ Hor., *Carm.*, 3, 12, 1.

⁶¹¹ Hor., *Carm.*, 3, 12, 1.

⁶¹² (S. n.).

⁶¹³ (S. n.).

[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 130]

- volat caduca popli coma glauca iam per agros⁶¹⁴
[vŏlāt cādūcā pŏplī cŏmā glāucā iām pēr āgrŏs]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 130]
- genus unde Latinum, rogo genus unde Latinum⁶¹⁵
[gĕnūs ūndĕ | Lātīnūm, rŏ|gŏ gĕnūs ūn|dĕ Lātīnūm]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 131]
- dicite, rogo vos, dicite, quid ita rapitur Attis⁶¹⁶
[dīcītĕ, rŏgŏ vŏs, dīcītĕ, quīd itā rāpītūr Āttīs]
[LIII D. Dvo. Ioni. a Dact. Hex. Gene. - p. 131]
- ibis liburnis inter alta navium⁶¹⁷
[ībīs lībūrnis īntĕr āltā nāvīūm]
[LIII D. Gnb. Metm. qvae a Iam Profl. - p. 133]
- phaselus ille quem videtis, hospites:⁶¹⁸
[Phā|sĕlūs| īllĕ,| quĕm vī|dētīs, hŏspītĕs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 134]
- adest celer phaselus ille quem videtis, hospites,⁶¹⁹
[ādĕst cĕlĕr Phā|sĕlūs| īllĕ,| quĕm vī|dētīs, hŏspītĕs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 134]
- est celer phaselus ille quem videtis, hospites,⁶²⁰
[ĕst cĕlĕr Phā|sĕlūs| īllĕ,| quĕm vī|dētīs, hŏspītĕs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 134]
- beatus ille qui procul negotiis:⁶²¹
[bĕā|tūs īl|lē quī | prŏcūl | nĕgŏ|tīīs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 134]
- Socrates beatus ille qui procul negotiis.⁶²²
[Sŏ|crātĕs |bĕā|tūs īl|lē quī | prŏcūl | nĕgŏ|tīīs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 134]
- est celer phaselus ille quem vides⁶²³
[ĕst cĕlĕr Phā|sĕlūs| īllĕ,| quĕm vī|dĕs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 136]
- adest celer phaselus ulle quem vides⁶²⁴

⁶¹⁴ (S. n.).

⁶¹⁵ Verg., *A.* 1, 6.

⁶¹⁶ Bass. *Metr.* 6, 1.

⁶¹⁷ Hor., *Ep.* 1, 1.

⁶¹⁸ Catul. *Carm.* 4, 1.

⁶¹⁹ Catul. *Carm.* 4, 1.

⁶²⁰ Catul. *Carm.* 4, 1.

⁶²¹ Hor., *Ep.* 2, 1.

⁶²² Hor., *Ep.* 2, 1.

⁶²³ Catul., *Carm.*, 4, 1.

[ādēst cēlēr Phǎ|sēlūs| īllē,| quēm vī|dēs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 136]

- beatus ille qui procul negotio⁶²⁵
[bēā|tūs īl|lē quī | prōcūl | nēgō|tīō]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 137]
- beatus ille qui procul⁶²⁶
[bēā|tūs īl|lē quī | prōcūl]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 137]
- beatus ille qui procul⁶²⁷
[bēā|tūs īl|lē quī | prōcūl]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 137]
- beatus ille qui procul Simonides⁶²⁸
[bēā|tūs īl|lē quī | prōcūl |Sīmō|nīdēs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 137]
- thalassio thalassio thalassio⁶²⁹
[thālāssīō thālāssīō thālāssīō]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 137]
- beatus ille qui procul negotio⁶³⁰
[bēā|tūs īl|lē quī | prōcūl | nēgō|tīō]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 137]
- thalassio thalassio⁶³¹
[thālāssīō thālāssīō]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 137]
- adest celer phaselus est⁶³²
[ādēst cēlēr Phǎ|sēlūs| ēst]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- Simonides *Simonides*⁶³³
[Sīmō|nīdēs Sīmō|nīdēs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- est celer phaselus est⁶³⁴
[ēst cēlēr Phǎ|sēlūs| ēst]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]

⁶²⁴ Maur., 2279.

⁶²⁵ Hor., *Ep.*, 2. 1. (Mod.)

⁶²⁶ Hor., *Ep.*, 2. 1.

⁶²⁷ Hor., *Ep.*, 2. 1

⁶²⁸ Hor., *Ep.*, 2. 1

⁶²⁹ (S. n.).

⁶³⁰ Hor., *Ep.*, 2. 1

⁶³¹ (S. n.).

⁶³² Maur., 2279.

⁶³³ Phaed., IV 23. 2

⁶³⁴ Maur., 2283

- adest celer phaselus⁶³⁵
[ādēst cēlēr Phāsēlūs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- monides Simonides,⁶³⁶
[mō|nīdēs Sīmō|nīdēs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- Simonides simoni⁶³⁷
[Sīmō|nīdēs Sīmō|nī]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- est celer phaselus est⁶³⁸
[ēst cēlēr Phāsēlūs| ēst]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- non ebur neque aureum⁶³⁹
[nōn ēbūr nēq(ue) āurēūm]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- phaselus ille quem vides Sabinus⁶⁴⁰
[Phāsēlūs| illē,| quēm vī|dēs Sā|bīnūs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- mea renidet in domo lacunar⁶⁴¹
[mēā rēnīdēt īn dōmō lācūnār]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- ‘mea reni’⁶⁴²
[mēā rēnī]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- ‘det in domo lacunar’⁶⁴³
[dēt īn dōmō lācūnār]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- adest celer phaselus⁶⁴⁴
[ādēst cēlēr Phāsēlūs]
[LIII D. Trim. Vers Iam. - p. 138]
- ‘adest celer phaselus’⁶⁴⁵

⁶³⁵ Maur., 2283.

⁶³⁶ Phaed. IV, 23. 2.

⁶³⁷ Phaed. IV, 23. 2.

⁶³⁸ Maur., 2283.

⁶³⁹ Hor., *Carm. II*, 18. 1.

⁶⁴⁰ Catul. *Carm.* 4, 1.

⁶⁴¹ Hor., *Carm. II*, 18. 2.

⁶⁴² Petron., 19, 1-2.

⁶⁴³ Hor., *Carm. II*, 18. 2.

⁶⁴⁴ Maur., 2279

⁶⁴⁵ Maur., 2279.

[ādēst cēlēr Phǎ|sēlūs]
[LIII D. Sat. Vers. - p. 139]

- ‘Memphitides puellae’⁶⁴⁶
[Mēmphītīdēs pūēllāē]
[LIII D. Sat. Vers. - p. 139]
- ‘Naevio poetae’⁶⁴⁷
[Nǎvīō pōētāē]
[LIII D. Sat. Vers. - p. 139]
- ‘Bacche plaude Bacche’⁶⁴⁸
[Bācchē plāudē Bācchē]
[LIII D. Sat. Vers. - p. 139]
- iam nunca vocet Camenas *quis* novem sorores⁶⁴⁹
[iām nūncā vōcēt Cāmēnās quīs nōvēm sōrōrēs]
[LIII D. Sat. Vers. - p. 139]

⁶⁴⁶ Petron., 19, 1

⁶⁴⁷ Caec. M. 1.

⁶⁴⁸ (S. n.)

⁶⁴⁹ Maur., 2514.

- beatus ille qui procul negotiis⁶⁵⁰
[Bēātūs īl|lē quī prōcūl | nēgōtīīs]
[LIV - p. 139]
- ut prisca gens mortalium⁶⁵¹
[| ūt prīs|cā gēns | mōrtā|līūm]
[LIV - p. 139]
- cantabunt mihi Damoetas et Lyctius Aegon⁶⁵²
[cāntā|būnt mīhī | Dāmōe|tās ēt |Lŷctīūs | Āegōn]
[LIV - p. 142]
- Damoetas et Lyctius Aegon⁶⁵³
[Dāmōe|tās ēt |Lŷctīūs | Āegōn]
[LIV - p. 142]
- o crudelis Alexi, nihil mea carmina curas,⁶⁵⁴
[Ō crū|dēlīs Ā|lēxī, nīhīl mēā |cārmīnā| cūrās]
[LIV - p. 142]
- o crudelis Alexi nihil mea⁶⁵⁵
[Ō crū|dēlīs Ā|lēxī, nīhīl mēā]
[LIV - p. 142]
- beatus ille qui procul negotiis⁶⁵⁶
[Bēātūs īl|lē quī prōcūl | nēgōtīīs]
[LIV - p. 142]
- beatus ille qui procul quiescit⁶⁵⁷
Bēātūs īl|lē quī prōcūl | quīēscīt]
[LIV - p. 142]
- tollor in montes vagus entheus repente,⁶⁵⁸
[tōllōr īn mōntēs vāgūs ēnthēūs rēpēntē]
[LIV - p. 142]
- entheus repente.⁶⁵⁹
[ēnthēūs rēpēntē]
[LIV - p. 142]
- incipe Maenalios, incipe Maenalios⁶⁶⁰

⁶⁵⁰ Hor., *Ep.* II, 1.

⁶⁵¹ Hor., *Ep.* II, 2.

⁶⁵² Verg., *Ecl.* V, 72.

⁶⁵³ Verg., *Ecl.* V, 72.

⁶⁵⁴ Verg., *Ecl.* II, 6.

⁶⁵⁵ Verg., *Ecl.* II, 6.

⁶⁵⁶ Hor., *Ep.* II, 1.

⁶⁵⁷ Hor., *Ep.* II, 1. (Mod.)

⁶⁵⁸ (S. n.).

⁶⁵⁹ (S. n.).

⁶⁶⁰ Verg., *Ecl.* 8, 21; 8, 25; 8, 28; 8, 31; 8, 36; 8, 42; 8, 46; 8, 51; 8, 57.

[[īncĭpĕ | mĕnālĭ|ōs īncĭpĕ | mĕnālĭ|ōs]
[LIV - p. 142]

- ‘solvitur acris hiems grata vice’⁶⁶¹
[sōlvītūr ācrĭs hĭēms grātā vĭcĕ]
[LIV - p. 142]
- ‘veris et favoni’⁶⁶²
[vĕrĭs ēt fāvōnĭ]
[LIV - p. 142]
- age nunc comites, ferte sacra Baccho⁶⁶³
[āgĕ nūnc cōmĭtēs fĕrtĕ sācrā Bāchō]
[LIV - p. 143]
- ‘age nunc comites’⁶⁶⁴
[āgĕ nūnc cōmĭtēs]
[LIV - p. 143]
- ‘ferre sacra Baccho’⁶⁶⁵
[fĕrtĕ sācrā Bāchō]
[LIV - p. 143]
- novum melos Lydia dic⁶⁶⁶
[nōvūm mĕlōs Lŷdĭā dĭc]
[LIV - p. 143]
- ‘novum melos’⁶⁶⁷
[nōvūm mĕlōs]
[LIV - p. 143]
- ‘Lydia dic’⁶⁶⁸
[nōvūm mĕlōs]
[LIV - p. 143]
- beatus ille qui procul, tollor in montes vagus⁶⁶⁹
[Bĕātūs īl|lē quĭ prōcūl | tōllōr īn mōntēs vāgūs]
[LIV - p. 143]
- ‘beatus ille qui procul’⁶⁷⁰
[Bĕātūs īl|lē quĭ prōcūl]
[LIV - p. 143]

⁶⁶¹ Hor., *Carm.* I. 4. 1.

⁶⁶² Hor., *Carm.* I. 4. 1

⁶⁶³ (S. n.).

⁶⁶⁴ (S. n.).

⁶⁶⁵ (S. n.).

⁶⁶⁶ Hor., *Carm.* I. 8. 1. (Mod.)

⁶⁶⁷ (S. n.).

⁶⁶⁸ Hor., *Carm.* I. 8. 1. (Mod.)

⁶⁶⁹ Hor., *Ep.* 2. 1. (Mod.).

⁶⁷⁰ Hor., *Ep.* 2. 1.

- ‘tollor in montes vagus’⁶⁷¹
[tōllōr īn mōntēs vāgūs]
[LIV - p. 143]
- beatus ille quem potens deus⁶⁷²
[Bēātūs īllē quēm pōtēns dēūs]
[LIV - p. 143]
- nunc sacra ferte ad aras⁶⁷³
[nūnc sācrā fērt(e) ād ārās]
[LIV - p. 143]
- trahuntque siccās machinae carinas⁶⁷⁴
[trāhūntquē sīccās māchīnāe cārīnās]
[LIV - p. 143]
- agite fugite quatite, Satyri⁶⁷⁵
[āgītē fūgītē quātītē, Sātŷrē]
[LIV - p. 143]
- tollor altos in montes⁶⁷⁶
[tōllōr āltōs īn mōntēs]
[LIV - p. 144]
- tollor in montes vagus, numina sic stimulant⁶⁷⁷
[tōllōr īn mōntēs vāgūs, nūmīnā sīc stīmulānt]
[LIV - p. 144]
- age nunc comites rabidae Cybeles vocant choros ad aras⁶⁷⁸
[āgē nūnc cōmītēs | rābīdāe Cŷbēlēs | vōcānt chōrōs ād ārās]
[LIV - p. 144]
- Lydia, dic precor mihi, perdere cur sodalem⁶⁷⁹
[Lŷdīā, dīc | prēcōr mīhī, pērdērē cūr sōdālēm]
[LIV - p. 144]
- Nereus ut caneret feros, grato Pyrra sub antro⁶⁸⁰
[Nērēūs ūt cānērēt | fērōs | grātō | Pŷrrhā sūb | ānrō]
[LIV - p. 145]
- age nunc comites rabidae Cybeles vocent choros ad aras⁶⁸¹

⁶⁷¹ (S. n.).

⁶⁷² Hor., *Ep.* 2, 1.

⁶⁷³ (S. n.).

⁶⁷⁴ Hor., *Carm.* I. 4, 2.

⁶⁷⁵ Este parece não ser um verso, mas sim uma série de palavras elencadas pela sua métrica – dímeter iambico dissoluto em um trímetro.

⁶⁷⁶ (S. n.).

⁶⁷⁷ (S. n.).

⁶⁷⁸ (S. n.).

⁶⁷⁹ Hor., *Carm.* I. 8. 1; Ovid. *Met.* XIII. 880.

⁶⁸⁰ Hor., *Carm.* I. 5. 3. (Mod.)

⁶⁸¹ (S. n.).

[āgĕ nūnc cōmītēs rābīdā Cŷbĕlĕs vōcĕnt chōrōs ād ārās]
[LIV - p. 146]

- age nunc comites, ferte sacra Baccho⁶⁸²
[āgĕ nūnc cōmītēs, fĕrtĕ sācrā Bāchō]
[LIV - p. 146]
- Lydia, dic precor libens, unde mala quae geris⁶⁸³
[Lŷdīā, dīc | prĕcōr | lībĕns, | ūndĕ mā|lā quāĕ| gĕrīs]
[LIV - p. 146]
- nunc agite, nunc tripudiis mihi dulce ferte carmen⁶⁸⁴
[nūnc āgītĕ, nūnc trīpūdīis mīhī dūlgĕ fĕrtĕ cārmĕn]
[LIV - p. 146]
- nunc agite tota venit Lydia nunc per omnes⁶⁸⁵
[nūnc āgītĕ tōtā vēnīt Lŷdīā nūnc pĕr ōmnĕs]
[LIV - p. 146]
- dic nunc age, Clio, mihi Pegaseum melos⁶⁸⁶
[dīc nūnc āgĕ, Clīō, mīhī Pĕgāsĕūm mĕlōs]
[LIV - p. 146]
- sic te diva potens Cyprī⁶⁸⁷
[sīc tĕ | dīvā pō|tĕns Cŷ|prī]
[LIV - p. 146]
- Maecenas atavis edite regibus⁶⁸⁸
[Mācĕnās ātāvīs ēdītĕ rĕgībūs]
[LIV - p. 147]
- tibi vetus ara caluit aborigineo sacello⁶⁸⁹
[tībī vētūs ārā cālūīt ābōrīgīnĕō sácĕllō]
[LIV - p. 147]
- perit abit avipedis animula leporis⁶⁹⁰
[pĕrīt ābīt āvīpĕdīs ānīmūlā lĕpōrīs]
[LIV - p. 147]
- cum te flagranti deiecit fulmine Phaethon⁶⁹¹
[cūm tĕ | flāgrān|tī dē|īēcīt | fūlmīnĕ | Phāĕthōn]
[LIV - p. 147]

⁶⁸² (S. n.).

⁶⁸³ Hor., *Carm.* I. 8. 1; Ovid. *Epist.* 14. 98.

⁶⁸⁴ (S. n.)

⁶⁸⁵ Hor., *Carm.* I. 8. 1 (Mod.)

⁶⁸⁶ (S. n.).

⁶⁸⁷ Hor., *Carm.* I. 3. 1.

⁶⁸⁸ Hor., *Carm.* I. 1. 1.

⁶⁸⁹ Maur., 1900.

⁶⁹⁰ Maur. 1464.

⁶⁹¹ Varr., *Carm. fr.* 10. 1.

- postquam res Asiae perit procellis⁶⁹²
[pōstquām| rēs Āsī|āē pē|rī prōcēllīs]
[LIV - p. 148]
- castae Pierides meae Camenae⁶⁹³
[cāstāē Pīērīdēs mēāē Cāmēnāē]
[LV - p. 148]
- castae Pierides, precor, adspirate canenti⁶⁹⁴
[cāstāē Pīērīdēs, prēcōr ādspīrātē cānēntī]
[LIV - p. 149]
- meae Camenae caeliturum testor genus⁶⁹⁵
[mēāē cāmēnāē cāelītūrūm tēstōr gēnūs]
[LIV - p. 149]
- carmen Pierides struunt sorores⁶⁹⁶
[cārmēn| Pīērī|dēs strū|ūnt sō|rōrēs]
[LIV - p. 149]
- struunt sorores Atticae dirum nefas⁶⁹⁷
[strū|ūnt sō|rōrēs Ātticāē dīrūm nēfās]
[LIV - p. 149]
- siccās ducite machinae carinas⁶⁹⁸
[sīccās |dūcītē|māchīnāē cārīnās]
[LIV - p. 149]
- siccās ducite iam laeto cum carmine puppes⁶⁹⁹
[sīccās |dūcītē iām lāetō cūm cārmīnē pūppēs]
[LIV - p. 149]
- ‘machinae carinas’
[māchīnāē cārīnās]
[LIV - p. 149]
- sulcos tunc retegunt comae fluentes⁷⁰⁰
[sūlcōs tūnc rētēgūnt cōmāē lātētēs]
[LIV - p. 149]
- sulcos tunc retegunt comae⁷⁰¹
[sūlcōs tūnc rētēgūnt cōmāē]
[LIV - p. 149]

⁶⁹² Verg., A. III. 1.

⁶⁹³ Bass. VI, 88.

⁶⁹⁴ Verg. A. IX. 525. (Mod.)

⁶⁹⁵ Bass. VI, 90.

⁶⁹⁶ Maur., 2582.

⁶⁹⁷ Maur., 2588.

⁶⁹⁸ Bass. VI, 94.

⁶⁹⁹ (S. n.).

⁷⁰⁰ (S. n.).

⁷⁰¹ (S. n.).

- ‘tunc retegunt’
[tūnc rētēgūnt]
[LIV - p. 150]
- iamdudum tibi disserens⁷⁰²
[[iāmdūdūm tībī dīssērēns]
[LIV - p. 150]
- ‘dum tibi dis’
[[iāmdūdūm tībī dīssērēns]
[LIV - p. 150]
- ‘tunc retegunt’
[tūnc rētēgūnt]
[LIV - p. 150]
- sulcos tunc retegunt comae⁷⁰³
[sūlcōs tūnc rētēgūnt cōmāe]
[LIV - p. 150]
- sulcos tunc retegunt ambrosiae comae⁷⁰⁴
[sūlcōs tūnc rētēgūnt āmbrosiāe cōmāe]
[LIV - p. 150]
- Maecenas atavis edite regibus⁷⁰⁵
[Māecēnās ātāvīs ēditē rēgībūs]
[LIV - p. 150]
- Maecenas atavis edite regibus o.⁷⁰⁶
[Māecēnās ātāvīs ēditē rēgībūs ō]
[LIV - p. 150]
- Tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi, quem tibi,⁷⁰⁷
[Tū nē quāēsīērīs,| scīrē nēfās,| quēm mīhī, quēm tībī]
[LIV - p. 150]
- ‘cui non dictus Hylas puer’⁷⁰⁸
[cūi nōn | dīctūs Hý|lās || pūēr]
[LIV - p. 151]
- ‘et Latonia Delos’⁷⁰⁹
[| ēt Lā|tōnīā| Dēlōs.]
[LIV - p. 151]

⁷⁰² Maur., 2571.

⁷⁰³ (S. n.).

⁷⁰⁴ (S. n.).

⁷⁰⁵ Hor., *Carm.* I. 1. 1.

⁷⁰⁶ Hor., *Carm.* I. 1. 1.

⁷⁰⁷ Hor., *Carm.* I. 11. 1.

⁷⁰⁸ Verg., *G.* III. 6.

⁷⁰⁹ Verg., *G.* III. 6.

- hunc lucum tibi dedico consecroque, Priape,⁷¹⁰
[hūnc lūcūm tībī dēdicō cōnsē|crōquē, Prī|āpē]
[LIV - p. 151]
- Nereus ut caneret fera, grato Pyrra sub antro⁷¹¹
[Nērēūs ūt cā|nērēt | fērōs |grātō | Pýrrhā sūb | ānrō]
[LIV - p. 151]
- sulcos tunc retegunt comae⁷¹²
[[sūlcōs tūnc rētēgūnt cōmāe]
[LIV - p. 151]
- iamdudum tibi disserens⁷¹³
[iāmdūdūm tībī dīssērēns]
[LIV - p. 151]
- ‘cui non dictus Hylas puer’⁷¹⁴
[cūi nōn | dīctūs Hý|lās || pŭēr]
[LIV - p. 152]
- ‘cui non dictus Hylas puer’⁷¹⁵
[cūi nōn | dīctūs Hý|lās || pŭēr]
[LIV - p. 152]
- ‘hunc lucum tibi dedico’⁷¹⁶
[hūnc lūcūm tībī dēdicō]
[LIV - p. 152]
- ‘et Latonia Delos’⁷¹⁷
[ēt Lā|tōniā| Dēlōs]
[LIV - p. 152]
- ‘consecroque Priape’⁷¹⁸
[cōnsē|crōquē, Prī|āpē]
[LIV - p. 152]
- quis multa gracilis te puer in rosa⁷¹⁹
[quīs mŭltā grācīlīs || tē pŭēr īn rōsā]
[LIV - p. 152]
- grato Pyrra sub antro,
cui flavam religas comam⁷²⁰

⁷¹⁰ Catul. *Carm. fr.* 1. 1.

⁷¹¹ Hor., *Carm.* I. 15. 4.

⁷¹² (S. n.).

⁷¹³ Maur., 2571.

⁷¹⁴ Verg., *G.* III. 6.

⁷¹⁵ Verg., *G.* III. 6.

⁷¹⁶ Catul. *Carm. fr.* 1. 1.

⁷¹⁷ Verg., *G.* III. 6.

⁷¹⁸ Catul. *Carm. fr.* 1. 1.

⁷¹⁹ Hor., *Carm.* I. 5. 1.

[grātō, Pȳrrā, sūb āntrō
Cūi flāvām rēligās cōmām]
[LIV - p. 152]

- cui flavam religas comam, grato Pyrra sub antro⁷²¹
[Cūi flāvām rēligās cōmām grātō, Pȳrrā, sūb āntrō]
[LIV - p. 152]
- hunc lucum tibi dedico consecroque Priape⁷²²
[Hūnc lū|cūm tībī| dēdicō| cōnsē|crōquē, Pri|āpē]
[LIV - p. 152]
- ‘grato Pyrra’⁷²³
[grātō, Pȳrrā, sūb āntrō]
[LIV - p. 152]
- carmen suave dedistis, o Camenae⁷²⁴
[cārmēn sūāvē dēdīstīs, ō Cāmēnāē]
[LIV - p. 153]
- ‘o Comenae’
[ō Cāmēnāē]
[LIV - p. 153]
- ‘carmen suave dedistis’
[cārmēn sūāvē dēdīstīs]
[LIV - p. 153]
- ‘infandum regina’⁷²⁵
[Īnfān|dūm, rē|gīnā]
[LIV - p. 153]
- infandum, regina, iubes renovare dolorem⁷²⁶
[Īnfān|dūm, rē|gīnā, || iū|bēs rēnō|uārē dō|lōrēm]
[LIV - p. 153]
- carmen Pierides dabunt sorores⁷²⁷
[cārmēn| Pīērī|dēs dā|būnt sō|rōrēs]
[LIV - p. 153]
- carmen lepidae Pierides dabunt sorores⁷²⁸
[cārmēn| lēpīdāe Pīērī|dēs dā|būnt sō|rōrēs]
[LIV - p. 153]

⁷²⁰ Hor., *Carm.* I. 5. 1.

⁷²¹ Hor., *Carm.* I. 5. 1.

⁷²² Catul. *Carm. fr.* 1. 1.

⁷²³ Hor., *Carm.* I. 5. 1.

⁷²⁴ Maur., 2821.

⁷²⁵ Verg., *A.* II. 3.

⁷²⁶ Verg., *A.* II. 3.

⁷²⁷ Maur., 2603.

⁷²⁸ Maur., 2844.

- iuverunt segetes meum laborem⁷²⁹
[iüvērūnt sĕgĕtĕs mĕ|ūm lābōrēm]
[LIV - p. 153]
- iuverunt mentem versus ex carmine dulci⁷³⁰
[iüvērūnt mĕntĕm vērsūs ĕx cārminĕ dūlcī]
[LIV - p. 153]
- ‘segetes meum laborem’⁷³¹
[sĕgĕtĕs mĕ|ūm lābōrēm]
[LIV - p. 153]
- ‘segetes meum laborem’⁷³²
[sĕgĕtĕs mĕ|ūm lābōrēm]
[LIV - p. 154]
- ‘o quam relevarunt’⁷³³
[ō quām rĕlĕvārūnt]
[LIV - p. 154]
- o quam relevarunt segetes meum laborem⁷³⁴
[ō quām rĕlĕvārūnt sĕgĕtĕs mĕ|ūm lābōrēm]
[LIV - p. 154]
- segetes meum laborem⁷³⁵
[sĕgĕtĕs mĕ|ūm lābōrēm]
[LIV - p. 154]
- segetes meum laborem, segetes meus labor⁷³⁶
[sĕgĕtĕs mĕ|ūm lābōrēm sĕgĕtĕs mĕ|ūm lābōrēm]
[LIV - p. 154]
- at regina gravi saucia cura⁷³⁷
[Āt rĕ|gīnā grā|uī sāuciā | cūrā]
[LIV - p. 155]
- sic fatur lacrimans mittit habenas
et tandem Euboicis labitur oris⁷³⁸
[Sīc fā|tūr lācrī|māns, mīttīt hā|bĕnās
ĕt tān|d(em) Ēubō|īcīs | lābītūr | ōrīs]
[LIV - p. 155]
- ‘iam satis terris nivis’⁷³⁹

⁷²⁹ Maur., 2857.

⁷³⁰ (S. n.).

⁷³¹ Maur., 2857.

⁷³² Maur., 2857.

⁷³³ Maur., 2871.

⁷³⁴ Maur., 2871.

⁷³⁵ Maur., 2857.

⁷³⁶ Maur., 2857.

⁷³⁷ Verg., A. IV. 1.

⁷³⁸ Verg., A. VI. 1.

[iām sā|tīs tēr|rīs nīvīs]
[LIV - p. 155]

- ‘atque dirae’,⁷⁴⁰
[ātquē | dīrāē]
[LIV - p. 156]
- iam satis terris nivis atque dirae,⁷⁴¹
[iām sā|tīs tēr|rīs nīvīs | ātquē | dīrāē]
[LIV - p. 156]
- Maecenas atavis edite regibus⁷⁴²
[Māecēnās ātāvīs ēdītē rēgībūs]
[LIV D. Mets. H. - p. 161]
- Maecenas atavis edite regi.⁷⁴³
[Māecēnās ātāvīs ēdītē rēgī]
[LIV D. Mets. H. - p. 161]
- iam satis terris nivis atque dirae
grandinis misit pater et rubente
dextera sacras iaculatus arces⁷⁴⁴
[iām sā|tīs tēr|rīs nīvīs | ātquē | dīrāē
grāndīnīs mīsīt pātēr ēt rūbēntē
dēxtērā sācrās iācūlātūs ārcēs]
[LIV D. Mets. H. - p. 161]
- terruit urbem⁷⁴⁵
[tērrūīt | ūrbēm]
[LIV D. Mets. H. - p. 161]
- arma virumque cano Troiae qui terruit urbem.⁷⁴⁶
[Ārmā uī|rūmquē cā|nō, || Trō|iāē quī tērrūīt | ūrbēm]
[LIV D. Mets. H. - p. 161]
- est celer phaselus ille quem videtis, hospites:⁷⁴⁷
[ēst cēlēr Phāsēlūs| īllē,| quēm vī|dētīs, hōspītēs]
[LIV D. Mets. H. - p. 162]
- iam satis terris dedere largum imbrem hospites.⁷⁴⁸
[iām sā|tīs tēr|rīs dēdērē lārg(um) īmbr(em) hōspītēs]
[LIV D. Mets. H. - p. 162]

⁷³⁹ Hor., *Carm.* I. 2. 1.

⁷⁴⁰ Hor., *Carm.* I. 2. 1.

⁷⁴¹ Hor., *Carm.* I. 2. 1.

⁷⁴² Hor., *Carm.* I. 1. 1.

⁷⁴³ Hor., *Carm.* I. 1. 1.

⁷⁴⁴ Hor., *Carm.* I. 2. 1.

⁷⁴⁵ Hor., *Carm.* I. 2. 4.

⁷⁴⁶ Hor., *Carm.* I. 2. 4; Verg., *A. I.* 1.

⁷⁴⁷ Maur., 2283.

⁷⁴⁸ Hor., *Carm.* I. 2. 1.

- ‘nivis atque dirae’
[nīvīs | ātquē | dīrāē]
[LIV D. Mets. H. - p. 162]
- nivis atque dirae densior nimbus fuit⁷⁴⁹
[nīvīs | ātquē | dīrāē dēnsiōr nīmbūs fūit]
[LIV D. Mets. H. - p. 162]
- nivis atque dirae iam satis terris dedit⁷⁵⁰
[nīvīs | ātquē | dīrāē iām sā|tīs tēr|rīs dēdīt]
[LIV D. Mets. H. - p. 162]
- sic te diva potens Cypri⁷⁵¹
[sīc tē | dīvā pō|tēns Cŷ|prī]
[LIV D. Mets. H. - p. 163]
- sic te diva potens Cypri ferat aere toto⁷⁵²
[sīc tē | dīvā pō|tēns Cŷ|prī fērāt āērē tōtō]
[LIV D. Mets. H. - p. 163]
- solvitur acris hiems grata vice veris et favoni.⁷⁵³
[sōlvītūr ācrīs hīēms grātā vīcē vērīs ēt fāvōnī]
[LIV D. Mets. H. - p. 163]
- solvitur acris hiems grata vice veris et oni.⁷⁵⁴
[sōlvītūr ācrīs hīēms grātā vīcē vērīs ēt ōnī]
[LIV D. Mets. H. - p. 163]
- solvitur acris hiems grata vice veris et favoni.⁷⁵⁵
[sōlvītūr ācrīs hīēms grātā vīcē vērīs ēt fāvōnī]
[LIV D. Mets. H. - p. 164]
- ‘solvitur acris hiems grata vice’⁷⁵⁶
[sōlvītūr ācrīs hīēms grātā vīcē]
[LIV D. Mets. H. - p. 164]
- ‘veris et favoni’⁷⁵⁷
[vērīs ēt fāvōnī]
[LIV D. Mets. H. - p. 164]
- ‘trahuntque siccās’⁷⁵⁸
[trāhūntquē sīccās]
[LIV D. Mets. H. - p. 164]

⁷⁴⁹ Hor., *Carm.* I. 2. 1 (Mod.).

⁷⁵⁰ Hor., *Carm.* I. 2. 1.

⁷⁵¹ Hor., *Carm.* I. 3. 1.

⁷⁵² Hor., *Carm.* I. 3. 1 (Mod.).

⁷⁵³ Hor., *Carm.* I. 4. 1.

⁷⁵⁴ Hor., *Carm.* I. 4. 1.

⁷⁵⁵ Hor., *Carm.* I. 4. 1.

⁷⁵⁶ Hor., *Carm.* I. 4. 1.

⁷⁵⁷ Hor., *Carm.* I. 4. 1.

⁷⁵⁸ Hor., *Carm.* I. 4. 2.

- ‘machinae carinas’,⁷⁵⁹
[māchīnāē cārīnās]
[LIV D. Mets. H. - p. 164]
- trahuntque siccas machinae,⁷⁶⁰
[trāhūntquē sīccās māchīnāē]
[LIV D. Mets. H. - p. 164]
- ‘trahuntque siccas [machinae],’⁷⁶¹
[trāhūntquē sīccās māchīnāē]
[LIV D. Mets. H. - p. 164]
- solvitur acris hiems grata vice veris et oni
trahunt siccas machinae carinulas⁷⁶²
[sōlvītūr ācrīs hīēms grātā vicē vēris ēt ōnī
trāhūntquē sīccās māchīnāē cārīnūlās]
[LIV D. Mets. H. - p. 164]
- quis multa gracilis te puer in rosa
perfusus liquidis urget odoribus
grato, Pyrra, sub antro?
cui flavam religas comam.⁷⁶³
[quīs mūltā grācīlīs || tē pūēr īn rōsā
pērfūsūs līquīdīs ūrgēt ōdōrībūs
grātō, Pŷrrā, sūb āntrō
Cūi flāvām rēlīgās cōmām]
[LIV D. Mets. H. - p. 164]
- cui flavam religas comam grato Pyrra sub antro⁷⁶⁴
[Cūi flāvām rēlīgās cōmām grātō, Pŷrrā, sūb āntrō]
[LIV D. Mets. H. - p. 165]
- scriberis Vario fortis et hostium
victor, Maeonii carminis alite,
quam rem cumque ferox navibus aut equis
miles te duce gesserit⁷⁶⁵
[scrībērīs Vārīō || fōrtīs ēt hōstīūm
vīctōr, Māēōnīī cārminīs ālītē,
quām rēm cūmquē fērōx || nāvībūs āut ēquīs
mīlēs tē dūcē gēssērīt]
[LIV D. Mets. H. - p. 165]
- laudabunt alii claram Rhodon aut Mitylenen;⁷⁶⁶

⁷⁵⁹Hor., *Carm.* I. 4. 2.

⁷⁶⁰Hor., *Carm.* I. 4. 2.

⁷⁶¹Hor., *Carm.* I. 4. 2.

⁷⁶²Hor., *Carm.* I. 4. 1.

⁷⁶³Hor., *Carm.* I. 5. 1.

⁷⁶⁴Hor., *Carm.* I. 5. 1.

⁷⁶⁵Hor., *Carm.* I. 6. 1.

⁷⁶⁶Hor., *Carm.* I. 7. 1.

[lāudābūnt ālīī clārām Rhōdōn āut Mītýlēnēn]
[LIV D. Mets. H. - p. 165]

- aut Epheson bimarise Corinthi,⁷⁶⁷
[āut Ēphēsōn bīmārīsvē Cōrīnthī]
[LIV D. Mets. H. - p. 165]

- Lydia, dic per omnes
hoc deos vere, Sybarin cur properas amando⁷⁶⁸
[Lýdīā dīc pēr ōmnēs
hōc dēōs vērē Sýbārīn cūr prōpērās āmāndō]
[LIV D. Mets. H. - p. 165]

- ‘hoc deos ve’
hōc dēōs vēr
[LIV D. Mets. H. - p. 166]

- hoc deos vere Sybarin cur properas amando⁷⁶⁹
[hōc dēōs vērē Sýbārīn cūr prōpērās āmāndō]
[LIV D. Mets. H. - p. 166]

- ‘hoc dea vere’
[hōc dēā vērē]
[LIV D. Mets. H. - p. 166]

- vides ut alta stet nive candidum
silvae laborantes, geluque
flumina constiterint acuto.⁷⁷⁰
[vīdēs ūt āltā || stēt nīvē cāndīdūm
sīlvāe lābōrāntēs gēlūquē
flūmīnā cōnstītērīnt ācūtō]
[LIV D. Mets. H. - p. 166]

- ‘vides ut alta’
[vīdēs ūt āltā]
[LIV D. Mets. H. - p. 166]

- ‘stet nive candidum’
[stēt nīvē cāndīdūm]
[LIV D. Mets. H. - p. 166]

- silvae laborantes geluque;⁷⁷¹
[sīlvāe lābōrāntēs gēlūquē]
[LIV D. Mets. H. - p. 166]

- silvae laborantes geluque frigido.⁷⁷²

⁷⁶⁷Hor., *Carm.* I. 7. 2.

⁷⁶⁸Hor., *Carm.* I. 8. 1.

⁷⁶⁹Hor., *Carm.* I. 8. 1.

⁷⁷⁰Hor., *Carm.* I. 9. 1.

⁷⁷¹Hor., *Carm.* I. 9. 2.

⁷⁷²Hor., *Carm.* I. 9. 2.

[sīlvā lābōrāntēs gēlūquē frīgīdō]
[LIV D. Mets. H. - p. 166]

- flumina constiterint acuto,⁷⁷³
[flūmīnā cōnstītērīnt ācūtō]
[LIV D. Mets. H. - p. 166]
- flumina constiterint et acuto,⁷⁷⁴
[flūmīnā cōnstītērīnt ācūtō]
[LIV D. Mets. H. - p. 166]
- aut Epheson bimarise Corinthi,⁷⁷⁵
[āut Ēphēsōn bīmārīsvē Cōrīnthī]
[LIV D. Mets. H. - p. 166]
- silvae laborantes geluque,⁷⁷⁶
[sīlvā lābōrāntēs gēlūquē]
[LIV D. Mets. H. - p. 167]
- flumina constiterint acuto,⁷⁷⁷
[flūmīnā cōnstītērīnt ācūtō]
[LIV D. Mets. H. - p. 167]
- iam satis terris nivis atque dirae⁷⁷⁸
[iām sā|tīs tēr|rīs nīvīs | ātquē | dīrāe]
[LIV D. Mets. H. - p. 167]
- tu ne quaesieris, scire nefas, quem mihi quem tibi.⁷⁷⁹
[Tū nē quāēsīērīs,| scīrē nēfās,| quēm mīhī, quēm tībī]
[LIV D. Mets. H. - p. 167]
- tu ne quaesieris quem mihi quem tibi⁷⁸⁰
[Tū nē quāēsīērīs, quēm mīhī, quēm tībī]
[LIV D. Mets. H. - p. 167]
- sic te diva potens Cypri,⁷⁸¹
[sīc tē | dīvā pō|tēns Cŷ|prī]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]
- Maecenas atavis edite regibus,⁷⁸²
[Māēcēnās ātāvīs ēdītē rēgībūs]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]

⁷⁷³Hor., *Carm.* I. 9. 2.

⁷⁷⁴Hor., *Carm.* I. 9. 2.

⁷⁷⁵Hor., *Carm.* I. 7. 2.

⁷⁷⁶Hor., *Carm.* I. 9. 4.

⁷⁷⁷Hor., *Carm.* I. 9. 4.

⁷⁷⁸Hor., *Carm.* I. 2. 1.

⁷⁷⁹Hor., *Carm.* I. 11. 1.

⁷⁸⁰Hor., *Carm.* I. 11. 1.

⁷⁸¹Hor., *Carm.* I. 3. 1.

⁷⁸²Hor., *Carm.* I. 1. 1.

- non ebur neque aureum.⁷⁸³
[nōn ěbūr něq(ue) āurĕūm]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]
- non ebur neque aureum⁷⁸⁴
[nōn ěbūr něq(ue) āurĕūm]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]
- da non ebur neque aureum.⁷⁸⁵
[dā nōn ěbūr něq(ue) āurĕūm]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]
- non ebur neque aurum.⁷⁸⁶
[nōn ěbūr něq(ue) āurĕūm]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]
- beatus ille qui procul, non ebur nec aureum,⁷⁸⁷
[Bĕātūs īl|lē quī prōcūl nōn ěbūr něq(ue) āurĕūm]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]
- ‘non ebur’
[nōn ěbūr]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]
- ‘nec aureum’
[něq(ue) āurĕūm]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]
- mea renidet in domo lacunar.⁷⁸⁸
[měā rĕnīdĕt īn dōmō lācūnār]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]
- ‘mea renidet in domo’
[měā rĕnīdĕt īn dōmō]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]
- trahuntque siccās machinae carinas.⁷⁸⁹
[trāhūntquĕ siccās māchīnāĕ cārīnās]
[LIV D. Mets. H. - p. 168]
- ‘mea renidet’
[měā rĕnīdĕt]
[LIV D. Mets. H. - p. 169]
- ‘in domo lacunar’

⁷⁸³ Hor., *Carm.* II. 18.

⁷⁸⁴ Hor., *Carm.* II. 18. 1.

⁷⁸⁵ Hor., *Carm.* II. 18. 1.

⁷⁸⁶ Hor., *Carm.* II. 18. 1.

⁷⁸⁷ Hor., *Carm.* II. 18. 1; Hor., *Ep.* 2. 1.

⁷⁸⁸ Hor., *Carm.* II. 18. 2.

⁷⁸⁹ Hor., *Carm.* I. 4. 2.

[Īn dōmō lācūnār]
[LIV D. Mets. H. - p. 169]

- miserarum est neque amorī dare ludum⁷⁹⁰
[mīsērār(um)_ēst nēqu(e)_āmōrī dārē lūdūm]
[LIV D. Mets. H. - p. 169]

- miserarum est neque amorī dare ludum
neque dulci mala vino lavere aut ex-
animari metuentes patruae verbera linguae.⁷⁹¹
[mīsērār(um)_ēst nēqu(e)_āmōrī dārē lūdūm
nēquē dūlcī mālā vīnō] lāvērē āut ēx-
ānīmārī |mētuēn|tēs pā|trūāē| vērbērā | līnguāē]
[LIV D. Mets. H. - p. 169]

- diffugere nives redeunt iam gramina campis.⁷⁹²
[dīffūgērē nīvēs, rēdēūnt iām grāmīnā cāmpīs]
[LIV D. Mets. H. - p. 169]

- ‘arboribusque comae’⁷⁹³
[ārbōrī|būsquē cō|māē]
[LIV D. Mets. H. - p. 169]

- ibis liburnis inter alta navium,⁷⁹⁴
[ībīs lībūrnīs īntēr āltā nāvīūm]
[LIV D. Mets. H. - p. 169]

- beatus ille qui procul negotiis,⁷⁹⁵
[bēā|tūs īl|lē quī | prōcūl | nēgō|tīīs]
[LIV D. Mets. H. - p. 169]

- amice propugnacula,⁷⁹⁶
[āmīcē, prō|pūgnācūlā,]
[LIV D. Mets. H. - p. 169]

- ut prisca gens mortalium,⁷⁹⁷
[ūt prīs|cā gēns | mōrtā|līūm]
[LIV D. Mets. H. - p. 170]

- Petti, nihil me sicut antea iuvat
scribere versiculos amore percussum gravi.⁷⁹⁸
[Pētī, nīhīl mē sīcūt āntēā iūvāt
scrībērē vērsīcūl(os)_āmōrē pērcūssūm grāvī]
[LIV D. Mets. H. - p. 170]

⁷⁹⁰ Hor., *Carm.* III. 12. 1.

⁷⁹¹ Hor., *Carm.* III. 12. 1.

⁷⁹² Hor., *Carm.* IV. 7. 1.

⁷⁹³ Hor., *Carm.* IV. 7.1.

⁷⁹⁴ Hor., *Ep.* 1. 1.

⁷⁹⁵ Hor., *Ep.* 2. 1.

⁷⁹⁶ Hor., *Ep.* 1. 2.

⁷⁹⁷ Hor., *Ep.* 2. 2.

⁷⁹⁸ Hor., *Ep.* 11. 1.

- quid tibi vis, mulier nigris dignissima barris?
munera quid mihi quidve tabellas⁷⁹⁹
[quīd tībī vīs, mūliēr nīgrīs dīgnīssīmā bārrīs?
mūnērā quīd mīhī quīdvē tābēllās]
[LIV D. Mets. H. - p. 170]

- laudabunt alii claram Rhodon aut Mitylenen,⁸⁰⁰
[lāudā|būnt ālī|ī clā|rām Rhōdōn| āut Mītý|lēnēn]
[LIV D. Mets. H. - p. 170]

- aut Epheson bimariseve Corinthi,⁸⁰¹
[āut Ēphēs|sōn bīmā|rīsvē Cō|rīnthī]
[LIV D. Mets. H. - p. 170]

- te maris et terrae numeroque carentis harenae⁸⁰²
[tē mārīs ēt tērrāe nūmērōquē cārētīs hārēnāe]
[LIV D. Mets. H. - p. 170]

- mensorem cohibent Archyta⁸⁰³
[mēnsōrēm prōhībēnt Ārchýtā]
[LIV D. Mets. H. - p. 170]

- munera cur mihi quidve tabellas perfida mittis⁸⁰⁴
[mūnērā quīd mīhī quīdvē tābēllās pērfīdā mīttīs]
[LIV D. Mets. H. - p. 170]

- horrida tempestas caelum contraxit et imbres
nivesque deducunt Iovem, nunc mare nunc siluae.⁸⁰⁵
[hōrrīdā tēmpēstās cāelūm cōntrāxīt ēt īmbrēs
nīvēsquē dēdūcūnt Iōvēm nūnc mārē nūnc sīlūāe]
[LIV D. Mets. H. - p. 170]

- scribere versiculos amore percussum gravi⁸⁰⁶
[scrībērē vērsīcūl(os) āmōrē pērcūssūm grāvī]
[LIV D. Mets. H. - p. 170]

- nivesque deducunt Iovem, nunc mare nunc siluae.⁸⁰⁷
[nīvēsquē dēdūcūnt Iōvēm nūnc mārē nūnc sīlūāe]
[LIV D. Mets. H. - p. 171]

- altera iam teritur bellis civilibus aetas,
suis et ipsa Roma viribus ruit.⁸⁰⁸

⁷⁹⁹ Hor., *Ep.* 12.1.

⁸⁰⁰ Hor., *Carm.* I. 7. 1.

⁸⁰¹ Hor., *Carm.* I. 7. 2.

⁸⁰² Hor., *Carm.* I. 28. 1.

⁸⁰³ Hor., *Carm.* I. 28. 1.

⁸⁰⁴ Hor., *Carm.* I. 28. 1.

⁸⁰⁵ Hor., *Ep.* 13. 1.

⁸⁰⁶ Hor., *Ep.* 11. 2.

⁸⁰⁷ Hor., *Ep.* 13. 2.

⁸⁰⁸ Hor., *Ep.* 16. 1.

[āltĕrā iām tĕrītūr bĕllīs cīvīlībūs āētās
sūīs ēt īpsā Rōmā vīrībūs rūīt]
[LIV D. Mets. H. - p. 171]

- iam satis terris nivis atque dirae,⁸⁰⁹
[iām sātīs tĕr|rīs nīvīs | ātquĕ | dīrāē]
[LIV D. Mets. H. - p. 171]
- trahuntque siccas machinae carinas.⁸¹⁰
[trāhūntquĕ sīccās māchīnāē cārīnās]
[LIV D. Nvm. Eor. - p. 172]
- laudabunt alii claram Rhodon aut Mitylenem.⁸¹¹
[lāudābūnt ālīī clārām Rhōdōn āut Mītýlĕnĕn]
[LIV D. Nvm. Eor. - p. 172]
- aut Ephesum bimariseve Corinthi.⁸¹²
[āut Ēphĕsōn bīmārīsvĕ Cōrīnthī]
[LIV D. Nvm. Eor. - p. 172]
- non ebur neque aureum⁸¹³
[nōn ĕbūr nĕq(ue) āurĕūm]
[LIV D. Nvm. Eor. - p. 172]
- mea renidet in domo lacunar.⁸¹⁴
[mĕā rĕnīdĕt īn dōmō lācūnār]
[LIV D. Nvm. Eor. - p. 173]
- ibis liburnis inter alta navium⁸¹⁵
[ībīs lībūrnis īntĕr āltā nāvīūm]
[LIV D. Nvm. Eor. - p. 173]
- amice propugnacula.⁸¹⁶
[āmīcĕ, prō|pūgnācūlā]
[LIV D. Nvm. Eor. - p. 173]
- Lydia dic per omnes.⁸¹⁷
[Lýdīā dīc pĕr ōmnĕs]
[LIV D. Nvm. Eor. - p. 173]
- solvitur acris hiems grata vice veris et favoni:⁸¹⁸
non ebur neque aureum
mea renidet in domo lacunar:⁸¹⁹

⁸⁰⁹ Hor., *Carm.* I. 2. 1.

⁸¹⁰ Hor., *Carm.* I. 4. 2.

⁸¹¹ Hor., *Carm.* I. 7. 1.

⁸¹² Hor., *Carm.* I. 7. 1.

⁸¹³ Hor., *Carm.* II. 18. 1.

⁸¹⁴ Hor., *Carm.* II. 18. 2.

⁸¹⁵ Hor., *Ep.* 1. 1.

⁸¹⁶ Hor., *Ep.* 1. 1.

⁸¹⁷ Hor., *Carm.* I. 8. 1.

⁸¹⁸ Hor., *Carm.* II. 4. 1.

scribere versiculos amore percussum gravi:⁸²⁰
 nivesque deducunt Iovem, nunc mare nunc siluae⁸²¹
 [sōlvītūr ācrīs hīēms grātā vicē vērīs ēt fāvōnī
 nōn ēbūr nēq(ue) āurēūm
 mēā rēnīdēt īn dōmō lācūnār
 scrībērē vērīcūl(os) āmōrē pērcūssūm grāvī
 nīvēsquē dēdūcūnt Iōvēm nūnc mārē nūnc sīlūā]
 [LIV D. Nvm. Eor. - p. 173]

A extensa lista representa aqueles exemplos presentes no trecho da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII* que é atribuído a E. Aftônio.

É possível agrupar os exemplos de diversas formas: segundo a sua dimensão, sua representatividade, segundo o tipo de exemplo ou mesmo conforme os autores citados. Porém, as duas formas que parecem mais produtivas são a) de acordo com o capítulo ou subcapítulo em que estão inseridos e b) segundo a função que exercem.

O tratado métrico de E. Aftônio tem início *in medias res* conforme já dito, em que o gramático dá início, à página 31, 13 da edição de Keil (1961), à exposição que pretende averiguar as vogais do latim, longas e breves, a sua natureza e as formas de alongamento delas. A quantidade de exemplos, nessa segunda parte do livro primeiro da *Ars* é consideravelmente pequena quando comparada aos contidos nos demais livros. O que justifica a característica observada é, provavelmente, o caráter do assunto abordado, mais teórico, no qual o gramático detém-se mais na explicação dos conceitos representantes dos capítulos *de arsi et thesi, de rhythmo, de pedibus, de metris, de uersu*, entre outros, do que nas demonstrações práticas. Grande parte dos exemplos contidos nesse primeiro livro exercem a função ilustrativa, já que o gramático busca, através dos exemplos, dar a conhecer as possibilidades da língua latina, no que concerne à metrificação, sem avaliar ou julgar os procedimentos, ainda.

Neque enim haec commutatio numero metrorum officit congruentibus sub utraque lege temporum spatiis atque momentis. Positione uero octo modis, ut supra relatam est, fiunt. Ex quibus sex uidentur aperti; de septimo etiam nunc tractemus: si correpta per se uocalis littera sequentem i habeat inter duas uocales constitutam, ut "Troiaque nunc stares". Hic enim o litterae uocali correptae infertur i littera || pro duabus consonantibus accipienda, quamquam et geminata i scribere iubeamur, ut

⁸¹⁹ Hor., *Carm.* II, 18. 1.

⁸²⁰ Hor., *Ep.* 11. 2.

⁸²¹ Hor., *Ep.* 13. 2.

proiiecit fluuiio penitusque in nubila fugit.

(VICTORINUS, 1961, 35)

E, na verdade, essa mudança na quantidade dos metros, não interfere, de acordo com qualquer uma das duas regras, nem com as durações dos tempos nem com os movimentos mais adequados. De fato, eles são produzidos pela posição, de oito maneiras diferentes, como se relatou anteriormente. Dentre essas, seis parecem evidentes; trataremos agora então da sétima: se a uma vogal, considerada breve por si mesma, tiver um “i” que lhe segue colocado entre duas vogais, como em: [Trōiāquē | nūnc stā|rēt,||]⁸²². Aqui, na verdade, coloca-se com a vogal breve “o” uma letra “i” que deve ser considerada como duas consoantes, da mesma forma quando nos mandam escrever um “i” geminado, como em:

[prōiē|cīt flūuī|ō, || pēnī|tūsque īn | nūbīlā | fūgīt.]⁸²³

Função diferente terão os versos dos demais livros da obra, no *Liber Secundus de Prototypis Speciebus Nouem*, no *Liber tertius de coniunctis inter se et mixtis metris pragmaticus* e no *Liber quartus de conexis inter se atque inconexis quae graeci AΣYNAPHTHA uocanti pragmaticus*. O gramático, ao dissertar sobre as possibilidades da métrica latina, utilizará o exemplo para argumentar ou emitir juízos de valor a respeito dos procedimentos métricos empregados pela grande variedade de poetas citados e também sobre os elaborados pelo próprio poeta em função da comprovação das teorias expostas pelo texto. Assim, E. Aftônio tece elogios aos versos de Virgílio, Horácio e Catulo e, vez por outra, critica os versos imperfeitos; a crítica, entretanto, jamais é dirigida àqueles poetas que figuram no cânon da literatura latina.

É possível averiguar a pluralidade de exemplos cuja referência é C. Basso e T. Mauro; Keil (1961), em nota, assinala bastantes passagens em que se verifica uma confluência entre esses dois autores e E. Aftônio. Entretanto, não se pode afirmar que este gramático tenha consultado as obras desses outros autores que dissertaram sobre a métrica, dado as noções imprecisas que restam para determinar a distância temporal entre eles e, daí definir quem teria citado e quem teria servido de referência.

A recorrência de exemplos entre as gramáticas de C. Basso, T. Mauro e E. Aftônio chama a atenção e de acordo com os conceitos de Baratin (2009) e Chevillard (2007) trabalhados no Capítulo ‘Os *exempla* no discurso gramatical’, seria possível explicá-las utilizando a ‘tradição dos exemplos’. Quando um exemplo desempenha satisfatoriamente a

⁸²² Verg., A., II, 56.

⁸²³ Verg., A., XII, 256.

sua função de representação da língua, e das teorias métricas estudadas pelos gramáticos, ele se propaga nas gramáticas, o seu desempenho ilustrativo (e argumentativo) lhe garante o exercício da função nas *Artes Grammaticae*.

Se não é possível averiguar qual gramático teria sido o primeiro a elaborar tais sequências de exemplos – entenda-se aqui o conceito de *exempla ficta* ou exemplos forjados – , não é difícil, no entanto, perceber o quão importante é o diálogo existente entre esses tratados técnicos que buscaram estudar a métrica na produção de poemas no seio da cultura latina, basta recorrer ao texto de cada autor para notar os inúmeros exemplos que podem ter sido transmitidos de uma gramática a outra, seguindo a ‘tradição dos exemplos’.

VII. 4 – Rol de autores e obras

O quadro abaixo e o gráfico a seguir sintetizam os autores e obras citadas nos quatro volumes da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*. Utilizou-se para elaboração as referências expostas em notas de pé da Lista de Exemplos, e a Lista de Siglas e Abreviaturas presente no início desse trabalho. Procurou-se indicar no quadro as repetições de versos entre parênteses, a fim de tornar mais fácil estabelecer uma comparação entre os versos e os poemas mais citados o que, no gráfico, aparece representado nas fatias. Dessa forma: em toda a *Ars*, o verso inaugural da Eneida, de Virgílio é repetido na forma de *exemplum* nada menos do que trinta e duas vezes, utilizou-se para indicá-lo a seguinte notação: *Verg. A. I. 1. (32x)*.

Acc.	<i>Trag.</i>	1	Acc. <i>Trag.</i> 521.
ACT.	<i>Pal.</i>	4	ACT. <i>Pal.</i> 19. ACT. <i>Pal.</i> 18. ACT. <i>Pal.</i> 36. ACT. <i>Pal.</i> 17.
	<i>Trag.</i>	4	ACT. <i>Trag.</i> 241. (2x) ACT. <i>Trag.</i> 243. (2x)
AEL.	<i>Ser.</i>	30	AEL. <i>Ser.</i> 50. 1. (9x)
			AEL. <i>Ser.</i> 62. 1.
			AEL. <i>Ser.</i> 63. 1. (3x)
			AEL. <i>Ser.</i> 65. 1. (2x)
AEL. <i>Ser.</i> 66. 1.			
AEL. <i>Ser.</i> 67. 1.			
AEL. <i>Ser.</i> 68. 1.			
AEL. <i>Ser.</i> 71. 1.			
AEL. <i>Ser.</i> 73. 1 (3x)			
AEL. <i>Ser.</i> 74. 1.			
AEL. <i>Ser.</i> 75. 1.			
AEL. <i>Ser.</i> 79. 1.			
AEL. <i>Ser.</i> 81. 1.			
AEL. <i>Ser.</i> 82. 1.			
AEL. <i>Ser.</i> 85. 1. (3x)			
	<i>Ver. C.</i>	1	AEL. <i>Ver. C.</i> 16. 2.
	<i>Ver. R.</i>	5	AEL. <i>Ver. R.</i> 89. 1. AEL. <i>Ver. R.</i> 89. 3. AEL. <i>Ver. R.</i> 89. 4. AEL. <i>Ver. R.</i> 91. 1. AEL. <i>Ver. R.</i> 91. 2.
Ann.	<i>Carm.</i>	4	Ann. <i>Carm.</i> 1. 1. Ann. <i>Carm.</i> 3. 2. Ann. <i>Carm.</i> 3. 2. Ann. <i>Carm.</i> 4. 1.
Archil.	<i>Fr.</i>	1	Archil. <i>fr.</i> 92.
Bass.	<i>Carm.</i>	10	Bass. <i>Carm.</i> 2. 7.
			Bass. <i>Carm.</i> 3. 1. (3x)
			Bass. <i>Carm.</i> 4. 1.
			Bass. <i>Carm.</i> 5. 1. (2x)
			Bass. <i>Carm.</i> 6. 1. (3x)

<i>Met.</i>	7	Bass. <i>Met.</i> 6. 1. (2x) Bass. <i>Met.</i> 6. 10. Bass. <i>Met.</i> 6. 88. Bass. <i>Met.</i> 6. 90. Bass. <i>Met.</i> 6. 94. Bass. <i>Met.</i> 6. 255.	
Frag. Bob.	3	Frag. Bob. 622. 3. Frag. Bob. 622. 17. Frag. Bob. 624. 28.	
Caec. M.	4	Caec. M. 1. (4x)	
Catul.	<i>Carm.</i>	20	Catul. <i>Carm.</i> 1. 1. (3x) Catul. <i>Carm.</i> 4. 1. (8x) Catul. <i>Carm.</i> 52. 2. (3x) Catul. <i>Carm.</i> 63. 1. (2x) Catul. <i>Carm.</i> 64. 1. (2x)
	<i>Carm. fr.</i>	6	Catul. <i>Carm. fr.</i> 1. 1. (4x) Catul. <i>Carm. fr.</i> 1. 3. Catul. <i>Carm. fr.</i> 1. 4.
Cn. Naev.	2	Cn. Naev. 1.1. Cn. Naev. 7. 1.	
Eur. Rh.	2	Eur. Rh. 211. (2x)	
Hom.	<i>Il.</i>	5	Hom. <i>Il.</i> A 249 Hom. <i>Il.</i> III. 164. Hom. <i>Il.</i> IV. 178. Hom. <i>Il.</i> VIII. 2. Hom. <i>Il.</i> XII. 208.
	<i>Od.</i>	1	Hom. <i>Od.</i> 1.
Hor.	<i>Ars</i>	2	Hor. <i>Ars.</i> 73. Hor. <i>Ars.</i> 220.
	<i>Carm.</i>	249	Hor. <i>Carm.</i> I. 1. 1. (6x) Hor. <i>Carm.</i> I. 2. 1. (12x) Hor. <i>Carm.</i> I. 2. 3. Hor. <i>Carm.</i> I. 2. 4. (5x) Hor. <i>Carm.</i> I. 2. 10. (5x) Hor. <i>Carm.</i> I. 2. 15. Hor. <i>Carm.</i> I. 2. 42. Hor. <i>Carm.</i> I. 2. 45. Hor. <i>Carm.</i> I. 3. 1. (9x) Hor. <i>Carm.</i> I. 3. 2. Hor. <i>Carm.</i> I. 4. 1. (18x) Hor. <i>Carm.</i> I. 4. 2. (9x) Hor. <i>Carm.</i> I. 4. 12. (2x) Hor. <i>Carm.</i> I. 5. 1. (6x) Hor. <i>Carm.</i> I. 5. 1-3. Hor. <i>Carm.</i> I. 5. 3. (3x) Hor. <i>Carm.</i> I. 6. 1. Hor. <i>Carm.</i> I. 6. 1-4. Hor. <i>Carm.</i> I. 7. 1. (7x) Hor. <i>Carm.</i> I. 7. 1-2. Hor. <i>Carm.</i> I. 7. 2. (6x) Hor. <i>Carm.</i> I. 7. 3. Hor. <i>Carm.</i> I. 7. 4. Hor. <i>Carm.</i> I. 7. 27. Hor. <i>Carm.</i> I. 7. 28. (2x) Hor. <i>Carm.</i> I. 8. 1. (24x) Hor. <i>Carm.</i> I. 8. 2. Hor. <i>Carm.</i> I. 9. 1. (2x)

		Hor. <i>Carm.</i> I. 9. 2. (5x)
		Hor. <i>Carm.</i> I. 9. 3.
		Hor. <i>Carm.</i> I. 9. 4 (4x)
		Hor. <i>Carm.</i> I. 10. 1.
		Hor. <i>Carm.</i> I. 11. 1 (3x)
		Hor. <i>Carm.</i> I. 12. 1.
		Hor. <i>Carm.</i> I. 12. 1-2
		Hor. <i>Carm.</i> I. 13. 1.
		Hor. <i>Carm.</i> I. 15. 4.
		Hor. <i>Carm.</i> I. 18. 1. (2x)
		Hor. <i>Carm.</i> I. 19. 1.
		Hor. <i>Carm.</i> I. 20. 1.
		Hor. <i>Carm.</i> I. 22. 17. (2x)
		Hor. <i>Carm.</i> I. 24. 3;
		Hor. <i>Carm.</i> I. 25. 17.
		Hor. <i>Carm.</i> I. 28. 1. (5x)
		Hor. <i>Carm.</i> I. 28. 2. (2x)
		Hor. <i>Carm.</i> I. 38. 3. (38x)
		Hor. <i>Carm.</i> II. 2. 3. (2x)
		Hor. <i>Carm.</i> II. 4. 1.
		Hor. <i>Carm.</i> II. 18. 1. (10x)
		Hor. <i>Carm.</i> II. 18. 2. (4x)
		Hor. <i>Carm.</i> II. 19. 21.
		Hor. <i>Carm.</i> III. 9. 1.
		Hor. <i>Carm.</i> III. 12. 1. (13x)
		Hor. <i>Carm.</i> III. 13. 3. (2x)
		Hor. <i>Carm.</i> III. 15. 1. (2x)
		Hor. <i>Carm.</i> III. 21. 11.
		Hor. <i>Carm.</i> III. 30. 16.
		Hor. <i>Carm.</i> IV. 1. 1. (2x)
		Hor. <i>Carm.</i> IV. 3. 1
		Hor. <i>Carm.</i> IV. 7. 1. (4x)
		Hor. <i>Carm.</i> IV. 7. 2.
		Hor. <i>Carm.</i> IV. 10. 1.
Ep.	53	Hor. <i>Ep.</i> 1. 1. (5x)
		Hor. <i>Ep.</i> 1. 2.
		Hor. <i>Ep.</i> 1. 4 (2x)
		Hor. <i>Ep.</i> 2. 1. (19x)
		Hor. <i>Ep.</i> 2. 2. (3x)
		Hor. <i>Ep.</i> 2. 5. (3x)
		Hor. <i>Ep.</i> 2. 12.
		Hor. <i>Ep.</i> 2. 34.
		Hor. <i>Ep.</i> 3. 1.
		Hor. <i>Ep.</i> 3. 2.
		Hor. <i>Ep.</i> 11. 1.
		Hor. <i>Ep.</i> 11. 1-2.
		Hor. <i>Ep.</i> 11. 2. (4x)
		Hor. <i>Ep.</i> 12.1.
		Hor. <i>Ep.</i> 13. 1. (2x)
		Hor. <i>Ep.</i> 13. 2. (2x)
		Hor. <i>Ep.</i> 14. 1.
		Hor. <i>Ep.</i> 15. 1.
		Hor. <i>Ep.</i> 16. 1.
		Hor. <i>Ep.</i> 16. 1.
		Hor. <i>Ep.</i> 17. 1.
Epod	13	Hor. <i>Epod.</i> 1.1.
		Hor. <i>Epod.</i> 1. 2.
		Hor. <i>Epod.</i> 1. 3. (2x)
		Hor. <i>Epod.</i> 2. 1. (8x)
		Hor. <i>Epod.</i> 10. 1.
Saec.	1	Hor. <i>Saec.</i> 1.
Ser.	3	Hor. <i>Serm.</i> I. 2. 37.
		Hor. <i>Serm.</i> I. 9. 1. (2x)

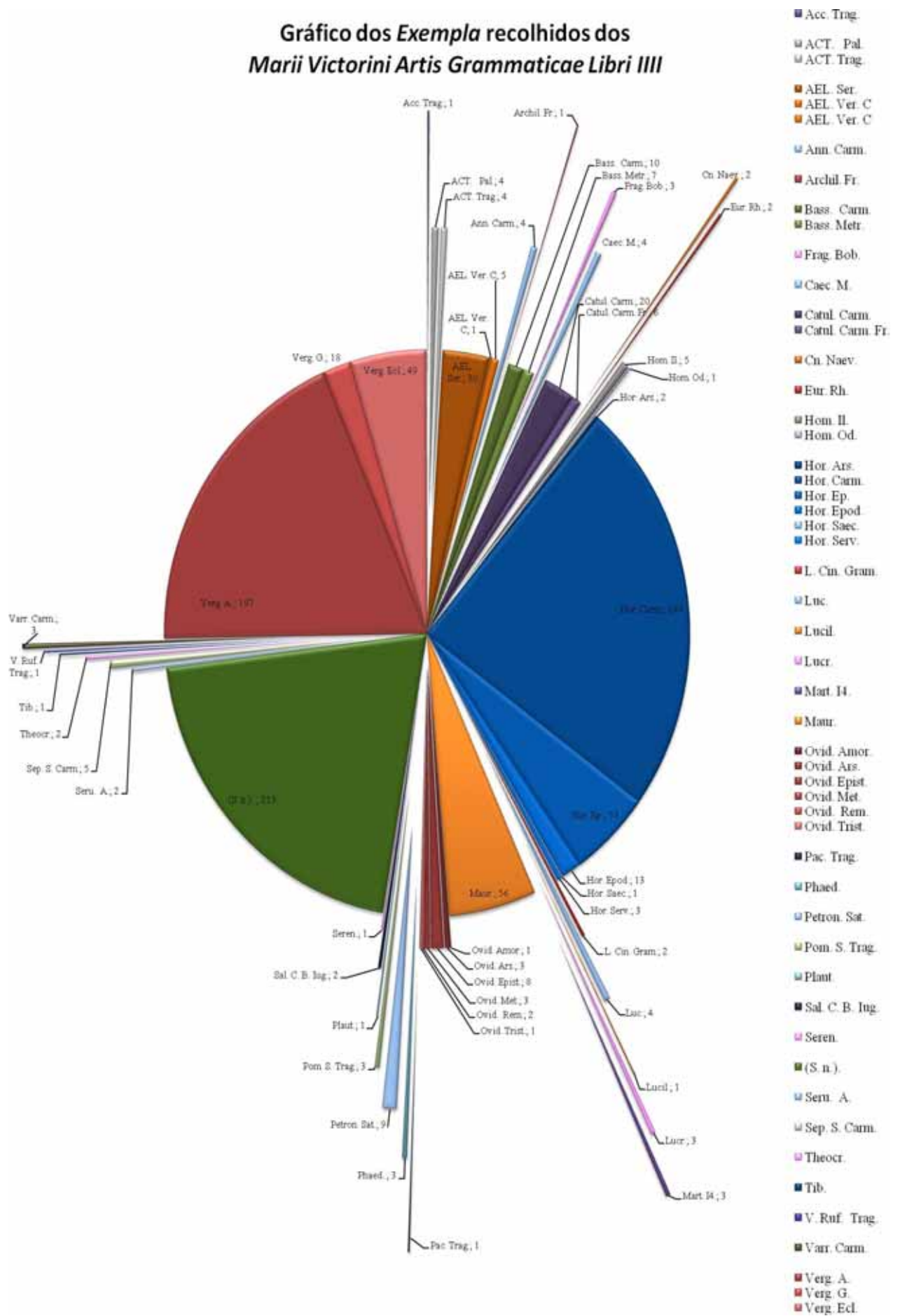
L. Cin.	<i>Gram.</i>	2	L. Cin. <i>Gram.</i> 1. 2. L. Cin. <i>Gram.</i> 1. 2.
Luc.		4	Luc. I. 1. (2x) Luc. VII. 819. Luc. IX. 367.
Lucil.		1	Lucil. 20. 578.
Lucr.		3	Lucr. II. 2. Lucr. III. 1035. Lucr. IV. 1207.
Mart. I₄.		3	Mart. I ₄ . 32. 1. Mart. I ₄ . III. 100. 1. (2x)
Maur.		56	Maur. 174. Maur. 1464. Maur. 1701. Maur. 1811. Maur. 1814. Maur. 1930. Maur. 1935. Maur. 1952. Maur. 1993. Maur. 2046. (3x) Maur. 2061. (4x) Maur. 2165. Maur. 2166. Maur. 2183. Maur. 2279. (4x) Maur. 2283. (4x) Maur. 2403. Maur. 2514. Maur. 2571. (4x) Maur. 2582. (2x) Maur. 2584. Maur. 2588. Maur. 2596. Maur. 2599. Maur. 2603. Maur. 2891. Maur. 2857. Maur. 2821. Maur. 2831. Maur. 2844. Maur. 2857. (5x) Maur. 2871. (2x) Maur. 2873. Maur. 2891. Maur. 2906. (2x)
Ovid.	<i>Amor.</i>	1	Ovid. A. III. 11a. 20.
	<i>Ars.</i>	3	Ovid. <i>Ars.</i> I. 8. (3x)
	<i>Epist.</i>	8	Ovid. <i>Epist.</i> 1. 2. (6x) Ovid. <i>Epist.</i> 14. 98. (2x)
	<i>Met.</i>	3	Ovid. <i>Met.</i> XIII. 880. (2x) Ovid. <i>Met.</i> XI. 117.
	<i>Rem.</i>	2	Ovid. <i>Rem.</i> 531. Ovid. <i>Rem.</i> 675.
	<i>Trist.</i>	1	Ovid. <i>Trist.</i> I. 2. 91.

Pac.	<i>Trag.</i>	1	Pac. <i>Trag.</i> 350.
Phaed.		3	Phaed. <i>IV</i> 23. 2 (3x)
Petron.	<i>Sat.</i>	9	Petron. <i>Sat.</i> 19. 1-2. (2x) Petron. <i>Sat.</i> 19. 1. (2x) Petron. <i>Sat.</i> 19. 4. Petron. <i>Sat.</i> 22. 4. 2. Petron. <i>Sat.</i> 20. 1. Petron. <i>Sat.</i> 20. 2. Petron. <i>Sat.</i> 20. 3.
Pom. S.	<i>Trag.</i>	3	Pom. S. <i>Trag.</i> 7. Pom. S. <i>Trag.</i> 8. (2x)
Plaut.		1	Plaut. 103.
Sal. C.	<i>B. Iug.</i>	2	Sal. C. <i>B. Iug.</i> 1. 1. 1. (2x)
Seren.		1	Seren. 28. 549.
(S. n.).		213	(213x)
Seru.	<i>A.</i>	2	Serv. <i>A.</i> II. 29. 3. Seru. <i>A.</i> XI. 664. 4.
Sep. S.	<i>Carm.</i>	5	Sep. S. <i>Carm.</i> 3. 1. (2x) Sep. S. <i>Carm.</i> 23. 4. (2x) Sep. S. <i>Carm.</i> 23. 5.
Theocr.		2	Theocr. 1.28. Theocr. 1.39.
Tib.		1	Tib. 3. 9. 12.
V. Ruf.	<i>Trag.</i>	1	V. Ruf. <i>Trag.</i> 3-7. .
Varr.	<i>Carm.</i>	3	Varr. <i>Carm.</i> 10. 1. (2x) Varr. <i>Carm.</i> 14. 1.
Verg.	<i>A.</i>	197	Verg. <i>A.</i> I. 1. (32x) Verg. <i>A.</i> I. 2. Verg. <i>A.</i> I. 3. (2x) Verg. <i>A.</i> I. 5 (3x) Verg. <i>A.</i> I. 6. (2x) Verg. <i>A.</i> I. 8. (3x) Verg. <i>A.</i> I. 12. Verg. <i>A.</i> I. 15. (4x) Verg. <i>A.</i> I. 30. Verg. <i>A.</i> I. 37. Verg. <i>A.</i> I. 46. Verg. <i>A.</i> I. 118. Verg. <i>A.</i> I. 159. Verg. <i>A.</i> I. 379. Verg. <i>A.</i> I. 489. Verg. <i>A.</i> I. 535. Verg. <i>A.</i> I. 756. Verg. <i>A.</i> II. 2. (2x) Verg. <i>A.</i> II. 3. (3x) Verg. <i>A.</i> II. 11. Verg. <i>A.</i> II. 56. Verg. <i>A.</i> II. 104. Verg. <i>A.</i> II. 204. Verg. <i>A.</i> II. 324 Verg. <i>A.</i> II. 504. (2x) Verg. <i>A.</i> II. 510.

	Verg. A. II. 591	(2x)
	Verg. A. II. 664.	(9x)
	Verg. A. II. 785.	
	Verg. A. III. 1.	(9x)
	Verg. A. III. 17.	
	Verg. A. III. 91.	
	Verg. A. III. 147	
	Verg. A. III. 211.	(5x)
	Verg. A. III. 212.	
	Verg. A. III. 517.	
	Verg. A. III. 588.	
	Verg. A. III. 617.	
	Verg. A. III. 644.	
	Verg. A. III. 647.	(2x)
	Verg. A. III. 179.	
	Verg. A. III. 549.	(2x)
	Verg. A. III. 211.	
	Verg. A. IV. 1.	(5x)
	Verg. A. IV. 129.	
	Verg. A. IV. 347.	
	Verg. A. IV. 365.	
	Verg. A. IV. 451	
	Verg. A. IV. 453.	
	Verg. A. IV. 471.	
	Verg. A. IV. 503.	
	Verg. A. IV. 558.	
	Verg. A. IV. 590.	
	Verg. A. IV. 591.	(3x)
	Verg. A. V. 233.	
	Verg. A. V. 308.	
	Verg. A. V. 352.	
	Verg. A. V. 428.	
	Verg. A. V. 481.	
	Verg. A. V. 589.	
	Verg. A. VI. 1.	(2x)
	Verg. A. VI. 451.	
	Verg. A. VI. 478.	
	Verg. A. VI. 792.	(2x)
	Verg. A. VI. 831.	
	Verg. A. VI. 841.	
	Verg. A. VII. 160.	(2x)
	Verg. A. VII. 410.	(2x)
	Verg. A. VII. 425.	
	Verg. A. VIII. 26.	
	Verg. A. VIII. 560.	
	Verg. A. VIII. 273.	(2x)
	Verg. A. VIII. 530	
	Verg. A. VIII. 425.	
	Verg. A. VIII. 677.	
	Verg. A. IX. 5	
	Verg. A. IX. 26.	
	Verg. A. IX. 65.	
	Verg. A. IX. 503.	(13x)
	Verg. A. IX. 525.	(3x)
	Verg. A. IX. 610.	
	Verg. A. X. 1	(3x)
	Verg. A. X. 2.	
	Verg. A. X. 252;	(3x)
	Verg. A. X. 291.	
	Verg. A. X. 584	
	Verg. A. X. 611.	
	Verg. A. X. 886	
	Verg. A. XI. 7.	
	Verg. A. XI. 16.	
	Verg. A. XI. 42.	
	Verg. A. XI. 308-9.	
	Verg. A. XI. 354.	

		Verg. A. XI. 841. Verg. A. XII. 41 Verg. A. XII. 76. (2x) Verg. A. XII. 115. Verg. A. XII. 256. Verg. A. XII. 694. Verg. A. XII. 502. Verg. A. XII. 772.
G.	18	Verg. G. I. 221. Verg. G. I. 415. Verg. G. I. 437. (2x) Verg. G. I. 482. Verg. G. I. 512. Verg. G. III. 16 Verg. G. III. 6. (7x) Verg. G. III. 16. Verg. G. III. 18. Verg. G. III. 381. (2x)
Ecl.	49	Verg. Ecl. I. 1. Verg. Ecl. I. 3. Verg. Ecl. I. 11. Verg. Ecl. I. 29. Verg. Ecl. I. 80. (3x) Verg. Ecl. I. 81. Verg. Ecl. II. 1. Verg. Ecl. II. 6. (2x) Verg. Ecl. II. 23. Verg. Ecl. II. 40. (2x) Verg. Ecl. II. 65. (2x) Verg. Ecl. III. 5. Verg. Ecl. III. 103. Verg. Ecl. IV. 55. Verg. Ecl. V. 72 (4x) Verg. Ecl. V. 73. Verg. Ecl. VI. 47. Verg. Ecl. VII. 1. (2x) Verg. Ecl. VIII. 21. (3x) Verg. Ecl. VIII. 25. Verg. Ecl. VIII. 28. Verg. Ecl. VIII. 31. Verg. Ecl. VIII. 36. Verg. Ecl. VIII. 42. Verg. Ecl. VIII. 43. Verg. Ecl. VIII. 46. Verg. Ecl. VIII. 51. Verg. Ecl. VIII. 57. Verg. Ecl. VIII. 61. (3x) Verg. Ecl. VIII. 96. (2x) Verg. Ecl. X. 12. (2x) Verg. Ecl. X. 20. Verg. Ecl. IX. 45. Verg. Ecl. X. 69.

Gráfico dos *Exempla* recolhidos dos *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri III*



VIII. Referências bibliográficas

VIII. 1 – Texto do córpus

VICTORINUS. *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*. In: KEIL, H. (KEILII, H). **Grammatici Latini**, vol. VI: *Scriptores Artis Metricae*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1961, 6 v.

VIII. 2 – Textos clássicos

AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). **Confissões**. Tradução J. Oliveira Santos, S. J. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Editora Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1980.

AMMIEN MARCELLIN, *Histoire*, 24. 3. éd. Paris: J. Fontaine, 1977.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. de E. de Souza. Edição bilíngue grego-português. São Paulo: Ars Poetica, 1992.

CARÍSIO. *Charisii artis grammaticae libri*. In: KEIL, H. (KEILII, H). **Grammatici Latini**: *Scriptores Artis Metricae*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1961, 6 v.

Corpus grammaticorum Latinorum. Accès aux sources grammaticales de la Latinité tardive: recherche, parcours textuels et bibliographie. Endereço eletrônico: <http://htl2.linguist.jussieu.fr:8080/CGL/text.jsp>.

DONATO. *Donati ars maior*. In: KEIL, H. (ed.). *Grammatici Latini*, IV, 367-402. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

HOMERO. **Iliade**. Edição, estabelecimento do texto e tradução de Paul Mazon. 6. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

HOMERO. **Iliada**. Trad. Carlos Alberto Nunes, São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.

HORÁCIO. **Arte poética**. Introdução, tradução e comentários de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Inquérito. 2ª ed., 1984.

HORÁCIO, **Odes e Epodos/ Horácio**; tradução e nota Bento Prado de Almeida Ferraz; introdução Antônio Medina Rodrigues; organização Anna Lia Amaral de Almeida Prado. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIII. 3 – Referências do corpúsculo ilustrativo da obra *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*

Todas as obras citadas a seguir foram consultadas no banco de dados PHI 5. CD-ROM contendo compilação de textos latinos disponibilizados na Internet: DUMONT, D. J., SMITH, R. M. **PHI 5**. CD-ROM contendo compilação de textos latinos disponibilizados na Internet. Palisades-CA-EUA, 1992-1995.

ACCIUS, L. *Tragoediae uel Scaenicae Romanorum Poesis Fragmenta*. Vol. 1, ed. O. Ribbeck, 1897.

ANONYMI Comici et Tragici. *Palliatae Poetarum Incertorum uel Scaenicae Romanorum Poesis Fragmenta*. Vol. 2, ed. O. Ribbeck, 1898.

ANONYMI Epici et Lyrici. *Serioris aetatis versus uel Fragmenta Poetarum Latinorum Epicorum et Lyricorum praeter Ennium et Lucilium*. Ed. W. Morel, 1927.

ANONYMI Epici et Lyrici. *Versus aevi Catulliani uel Fragmenta Poetarum Latinorum Epicorum et Lyricorum praeter Ennium et Lucilium*. Ed. W. Morel, 1927.

BASSUS, C. Caesius. *Carmen uel Fragmenta Poetarum Latinorum Epicorum et Lyricorum praeter Ennium et Lucilium*, ed. W. Morel, 1927.

BASSUS, C. Caesius. *De Metris, fragmenta uel Grammaticae Romanae Fragmenta Aetatis Caesariae*. Vol. 1, ed. A. Mazzarino, 1955.

CATULLUS, C. Valerius. *Carmina uel Catullus*, ed. G. P. Goold, 1983.

CINCIUS, L. *Grammatica uel Grammaticae Romanae Fragmenta*, ed. G. Funaioli, 1907.

ANONYMI Epici et Lyrici. *Versus reciproci uel Fragmenta Poetarum Latinorum Epicorum et Lyricorum praeter Ennium et Lucilium*. Ed. W. Morel, 1927.

FRAGMENTA BOBIENSIA. *De Versibus uel Grammatici Latini ex Recensione Henrici Keilii*. Vol. 6, ed. H. Keil, 1874.

HONORATUS, M. Servius. *In Vergilii Aeneidos Libros uel Servii Grammatici Qui Feruntur in Vergilii Carmina Commentarii*. Vols. 1–2, ed. G. Thilo, 1878–1884.

HORATIUS, Q. Flaccus. *Carmina uel Q. Horati Flacci Opera*. Ed. F. Klingner, 1959.

HORATIUS, Q. Flaccus. *Epodi uel Q. Horati Flacci Opera*. Ed. F. Klingner, 1959.

LUCANUS, M. Annaeus. *Bellum Civile uel M. Annaei Lucani Belli Civilis Libri Decem*. Ed. A. E. Housman, 1927.

LUCILIUS, C. *Saturae, fragmenta uel C. Lucilii Carminum Reliquiae*. Vol. 1, ed. F. Marx, 1904.

LUCRETIUS, T. *De Rerum Natura uel De Rerum Natura Libri Sex*, ed. J. Martin, 1969.

MARTIALIS, M. Valerius. *Epigrammata uel M. Valerii Martialis Epigrammaton Libri*, ed. W. Heraeus; J. Borovskij.

METELLUS, Caecilius. *Versus in Naevium uel Fragmenta Poetarum Latinorum Epicorum et Lyricorum praeter Ennium et Lucilium*, ed. W. Morel, 1927).

NAEVIUS, Cn. *Bellum Punicum uel Fragmenta Poetarum Latinorum Epicorum et Lyricorum praeter Ennium et Lucilium*, ed. W. Morel, 1927

OVIDIUS, P. Naso. *Amores uel Ovid in Six Volumes*. Vol. 1, ed. G. Showerman; G. P. Goold, 1977.

OVIDIUS, P. Naso. *Ars Amatoria uel Ovid in Six Volumes*. Vol. 2, ed. J. H. Mozley; G. P. Goold, 1979.

OVIDIUS, P. Naso. *Epistulae (vel Heroides) uel Ovid in Six Volumes*. Vol. 1, ed. G. Showerman; G. P. Goold, 1977.

OVIDIUS, P. Naso. *Fasti uel P. Ovidi Nasonis Fastorum Libri Sex*, ed. E. H. Alton; D. E. W. Wormell; E. Courtney, 1978.

- PETRONIUS. *Satyrica, fragmenta. uel Petronius: Satyrica*, ed. K. Müller; W. Ehlers, 1983.
- PLAUTUS, T. Maccius. *Miles Gloriosus uel Plauti Comoediae*. Vol. 2, ed. F. Leo, 1896.
- RUFUS, L. Varius. *Tragoediae uel Scaenicae Romanorum Poesis Fragmenta*. Vol. 1, ed. O. Ribbeck, 1897.
- SERENUS, Q. *Liber Medicinalis uel Quinti Sereni Liber Medicinalis*, ed. F. Vollmer, 1916.
- TIBULLUS, A. *Carmina Tibulliana uel Albii Tibulli Aliorumque Carminum Libri Tres*. ed. F. W. Lenz; G. K. Galinsky, 1971.
- VARRO, P. Terentius. *Carmina uel Fragmenta Poetarum Latinorum Epicorum et Lyricorum praeter Ennium et Lucilium*, ed. W. Morel, 1927.
- VERGILIUS, P. Maro. *Aeneis uel P. Vergili Maronis Opera*. Ed. R. A. B. Mynors, 1972.
- VERGILIUS, P. Maro. *Eclogae uel P. Vergili Maronis Opera*. Ed. R. A. B. Mynors, 1972.
- VERGILIUS, P. Maro. *Georgica uel P. Vergili Maronis Opera*. Ed. R. A. B. Mynors, 1972.

VIII. 4 – Textos modernos

- AUROUX, S. (Org.) **Histoire des idées linguistiques**. Liège: Pierre Mardaga, 1989.
- AUROUX, S. La question du statut des exemples. In _____. **La raison, le langage et les normes**. Paris, Presses Universitaires de France, 1998, p. 185 – 197.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade enunciativa**. Cadernos de estudos linguísticos, 19. Campinas: IEL, 1990.
- BALTES, M. **Marius Victorinus. Zur Philosophie in seinen theologischen Schriften**. Beiträge zur Altertumskunde 174. München-Leipzig: K.G. Saur, 2002.
- BARATIN, M. La constitution de la grammaire et de la dialectique. In: AUROUX, S. (dir) **Histoire des idées linguistiques (1)**. Liège-Bruxelles: Mardaga, 1989, p. 186-206.

BARATIN, M. Sur la structure des grammaires antiques. In: DE CLERQ, J.; DESMET, P. [edit.] **Florilegium historiographiae linguisticae** – Études d’historiographie de la linguistique et de grammaire comparée à la mémoire de Maurice Leroy. Peeters: Louvain-la-Neuve, 1994.

BARATIN, M. La littérarité comme performance de textes techniques: les *Artes grammaticae* antiques. In: **XVIII Congresso Nacional de Estudos Clássicos**, 2011. Rio de Janeiro, 2011 (Conferência de encerramento).

BRUCE, F. F. *Marius Victorinus and His Works*. **The Evangelical Quarterly** 18, 1946, 132-153. Disponível em: http://www.earlychurch.org.uk/pdf/victorinus_bruce.pdf. Acesso em 20 ago. 2010.

CARLAN, C. U. A política de Constantino e a formação do Império Romano do Oriente. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 16, n. 30, p. 61-75, dez. 2009. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/18926/11027>. Acesso em 16 Jul. 2012.

CHEVALIER, J.-C. Exemples, théorie, tradition. In: CHEVALIER, J.-C.; GROSS, M. (ed.) **Méthodes en grammaire française**, Paris, Klincksieck, 1976a, p. 201-207.

CHEVALIER, J. -C. Le jeu des exemples dans la théorie grammaticale. Étude historique. In: _____. **Grammaire transformationnelle: syntaxe et lexique**, Lille, Presses Universitaires de Lille, 1976b, p. 233-263.

CHEVILLARD, J.-L. Le rôle de l'exemple dans l'argumentation: le cas de la littérature tamoule savante. **Langages**, v. 2, n. 166, p. 32-46, 2007. Disponível em: www.cairn.info/revue-langages-2007-2-page-32.htm. Acesso em: 01 jul. 2012.

CHEVILLARD, J.-L. et al. L'exemple dans quelques traditions grammaticales (formes, fonctionnement, types). **Langages**, v. 2, n. 166, p. 5-31, 2007. Disponível em: www.cairn.info/revue-langages-2007-2-page-5.htm. Acesso em: 01 jul. 2012.

CIGNOLO, C. **Terentiani Mauri de litteris, de syllabis, de metris**. A cura de Chiara Cignolo. Hildesheim/Zürich/New York: Georg Olms Verlag, 2002.

COLOMBAT, B. L'autorité de l'exemple face au renouvellement des stratégies explicatives dans la syntaxe latine de l'accord. **La Licorne**, 19 [La constitution du document en histoire des sciences du langage], Poitiers, p. 135-154, 1991.

COLOMBAT, B. La construction, la manipulation de l'exemple et ses effets sur la description dans la tradition grammaticale latine. **Langages**, v. 2, n. 166, p. 71-85, 2007. Disponível em: <www.cairn.info/revue-langages-2007-2-page-71.htm>. Acesso em: 2 jul. 2012.

Corpus grammaticorum Latinorum. Accès aux sources grammaticales de la Latinité tardive: recherche, parcours textuels et bibliographie. Endereço eletrônico: <http://htl2.linguist.jussieu.fr:8080/CGL/text.jsp>.

CRUSIUS, F. **Iniciación en la métrica latina**. Versión y adaptación de Á. Roda. Prólogo de J. Echave-Sustaeta. Barcelona: Bosch, 1951.

CURTIUS, E. R.. Literatura e educação. In _____. **Literatura europeia e idade média latina**. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec/EdUSP, 1996, p. 71-98.

DEZOTTI, L. C., **Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 2011 (dissertação de mestrado – programa de Pós-graduação em Letras Clássicas).

FOURNIER, J.-M. Présentation générale. **Langages**, v. 2, n. 166, p. 3-4, 2007. Disponível em: <www.cairn.info/revue-langages-2007-2-page-3.htm>. Acesso em: 01, jul. 2012.

FOURNIER, J.-M. Constitution des faits/validation des données dans les grammaires de la tradition française. **Langages**, v. 2, n. 166, p. 86-99, 2007. Disponível em: <www.cairn.info/revue-langages-2007-2-page-86.htm>. Acesso em: 01, jul. 2012.

FUNARI, P. P. A. **Grécia e Roma: vida pública e vida privada**. Cultura, pensamento e mitologia, amor e sexualidade. 2nd ed. São Paulo: Contexto, 2002.

FUNARI, P. P.; CARLAN, C. U. *Romanos e Germânicos: Lutas, Guerras, Rivalidades na Antiguidade Tardia*. **Barthair** 7 (1), 2007: 17-24. Disponível em: <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/issue/view/88>. Acesso em 01 jul. 2012.

GAFFIOT, F. **Dictionnaire illustré latin-français**. Paris: Hachette, 1934.

GARCEA, A; GIAVATTO, A. *Les citations d'auteurs grecs chez Priscien : un premier état de la question*. São Paulo: **Letras Clássicas**, 11, 2007 [2012], 71-89.

GUILLAUME, J. -P. Que faire des 'mauvais exemples'? **Langages**, v. 2, n. 166, p. 47-57, 2007. Disponível em: <www.cairn.info/revue-langages-2007-2-page-47.htm>. Acesso em: 02, jul. 2012.

HADOT, P. **Marius Victorinus: Recherches sur sa vie et ses oeuvres**. Paris: Etudes augustinienes, 1971.

LALLOT, J. 'Dis-moi comment tu traites les exemples, je te dirai quel grammairien tu es.' Application à Apollonius Dyscole (Syntaxe). **Langages**, v. 2, n. 166, p. 58-70, 2007. Disponível em: <www.cairn.info/revue-langages-2007-2-page-58.htm>. Acesso em: 02, jul. 2012.

LAW, V. La grammaire latine durant le haut moyen âge. In: AUROUX, S. (org.). **Histoire des idées linguistiques**. Mardaga, 1992.

LAW, V. **The history of linguistics in Europe from Plato to 1600**. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

LIDDELL, H.G. & SCOTT, R. A. **Greek-English Lexicon**. Oxford: Oxford University Press, 1968.

LUQUE MORENO, J. Métrica y gramática. In: DANGEL, J. **Le poète architecte. Arts métriques et Art poétique latins**. Paris: Éditions Peeters, 2001

LUQUE MORENO, J. Hexámetros especiales. **Revista de Estudios Latinos (RELat)** 5, 2005, 117-145.

MARCHELLO-NIZIA, C.; PETIOT, G. Les exemples dans le discours grammatical. **Langages**, n. 45, p. 84-111, 1977.

MARIOTTI, Italo. **Marii Victorini Ars Grammatica**. Introduzione, texto critico e commento a cura di Italo Mariotti. Firenze: Felice Le Monier, 1967.

NEVES, M. H. M. **A vertente grega da gramática tradicional**. São Paulo: Hucitec, 2005.

NICOLAS, C. Syntaxe de la mention : l'exemple de Cicéron. In. Colloque international de linguistique latine, n 10, 1999, Sèvres – Paris. **De lingua Latina novae quaestiones...** Louvain – Paris, Peeters (Bibliothèque d'Études Classiques 22), 2001, p. 497-509. Disponível em: <<http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/32/74/20/PDF/syntaxemention.pdf>> Acesso em: 05. jul. 2012.

PIZANO, M. **Sílabas métricas em Terenciano Mauro, *De Syllabis, 997-1299***. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade de Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

TEIXEIRA, F. D. **Os Fragmenta de Césio Basso**: leitura crítica e tradução anotada. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras- UNESP- FLCAR, 2005 (dissertação de mestrado-programa de Estudos Literários).

TRAVIS, A. H. Marius Victorinus: A Biographical Note. **The Harvard Theological Review**, v. 36, No. 1, p. 83-90, 1943. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1507972>>. Acesso em 20 set. 2007.